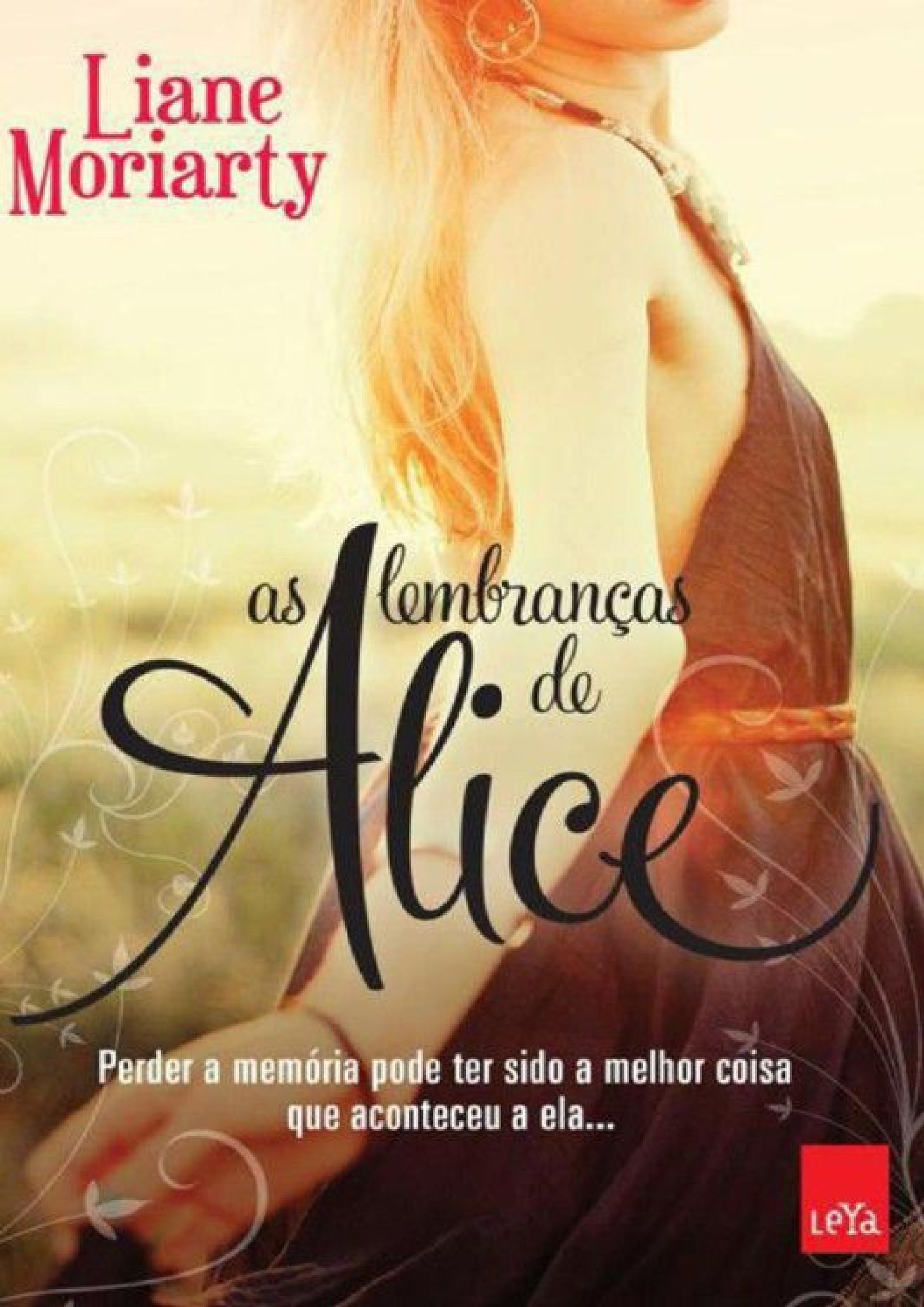




Liane
Moriarty

as lembranças
de
Alice

Perder a memória pode ter sido a melhor coisa
que aconteceu a ela...

leYa



LIANE MORIARTY

(1966)

As Lembranças de Alice

Título original inglês

WHAT ALICE FORGOT

(2010)

Tradução

ALICE KLESCK

LEYA, São Paulo

Ficha Técnica

Copyright © 2009, Liane Moriarty

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Editora assistente: Ana Carolina Gasonato

Produção editorial: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Preparação de textos: Eliane Usui

Revisão de textos: Andrea Bruno

Capa: Ideias com Peso/Luís Alegre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moriarty, Liane

As lembranças de Alice/Liane Moriarty; tradução de Alice Klesck. — São Paulo: Leya, 2013.

ISBN 9788580448191

Título Original: What Alice Forgot

1. Literatura australiana 2. Romance I. Título II. Klesck, Alice

13-0374 CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura australiana

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTOS EDITORES LTDA

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP — Brasil

www.leya.com.br

Para Adam

Capítulo 1

Ela estava boiando, de braços abertos, com a água batendo em seu corpo, sentindo o cheiro de sal e coco. Tinha um gosto agradável na boca, de café da manhã... *Bacon* e café, talvez *croissants*.

Ela ergueu o queixo e o sol da manhã refletia tão intensamente na água que foi preciso apertar os olhos para enxergar os pés à sua frente. As unhas dos pés estavam pintadas cada uma de uma cor.

Vermelho. Dourado. Roxo. Gozado. O esmalte não tinha sido passado direito, estava borrado.

Alguém boiava ao seu lado. Alguém de quem ela gostava muito, que a fazia rir, e que estava com as unhas dos pés pintadas do mesmo jeito. A outra pessoa balançou os dedos dos pés multicoloridos para ela, de um jeito amistoso, o que a deixou contente. Em algum lugar distante, uma voz masculina gritou:

— Marco?

E um coro de vozes de crianças respondeu:

— Polo!

O homem gritou novamente:

— Marco, Marco, Marco?

E as vozes responderam:

— Polo, Polo, Polo!

Uma criança riu; uma risadinha gostosa, como um som de borbulhas de sabão. Uma voz disse, baixinho e insistentemente, em seu ouvido:

— Alice? — e ela inclinou a cabeça para trás, deixando que a água fresca deslizesse tranquilamente sobre seu rosto.

Pequenos pontos de luz dançavam sobre seus olhos.

Teria sido um sonho ou uma lembrança?

— Eu não sei! — disse uma voz assustada. — Não vi acontecer!

Não precisa ficar aborrecida.

O sonho, ou a lembrança, o que quer que fosse, se dissolveu e sumiu como um reflexo na água, e fragmentos de pensamentos começaram a passar por sua cabeça, como se ela estivesse despertando de um longo e profundo sono, numa manhã de domingo.

Requeijão é considerado um queijo macio?

Não é um queijo duro.

Não é...

... nada duro.

Então, logicamente, você não acharia...

... algo.

Algo lógico.

Alfazema é adorável.

Logicamente adorável.

Preciso desbastar a alfazema!

Sinto o cheiro da alfazema.

Não, não posso.

Sim, posso.

Foi quando ela percebeu, pela primeira vez, a dor em sua cabeça. De um lado doía muito, como se alguém a tivesse atingido com um martelo.

Seus pensamentos se aguçaram. De onde vinha essa dor na cabeça? Ninguém a alertara quanto à dor de cabeça. Ela tinha uma lista completa de sintomas peculiares para se preparar: azia, um gosto de alumínio na boca, tontura, fadiga extrema — mas nada sobre uma dor que martelava a lateral de sua cabeça. Isso realmente deveria ter sido mencionado, pois era terrivelmente doloroso. É claro que, se ela não conseguia lidar com essa *dor de cabeça* banal, bem, então...

O cheiro de alfazema parecia ir e vir, como a brisa suave.

Ela se deixou boiar novamente.

A melhor coisa seria adormecer e voltar àquele sonho adorável, com água e unhas multicoloridas.

Na verdade, será que alguém havia mencionado as dores de cabeça e ela esquecera? Sim, alguém falou! Pelo amor de Deus, dores de cabeça! Das bravas. Que ótimo!

Tanta coisa para lembrar. Nada de queijos cremosos, nem salmão defumado, nem sushi, por causa do risco daquela doença que ela jamais soube que existia. Listeriose. Algo relacionado com bactérias. Prejudica o bebê. Por isso, nada de comer sobras. Uma mordida de uma coxa de galinha poderia matar o bebê. Responsabilidades brutais de ser mãe.

Por enquanto, ela voltaria a dormir. Era a melhor coisa.

Listeriose.

Glicínia.

A glicínia sobre a cerca vai ficar linda se um dia florescer.

Listeriose, glicínia.

Rá. Palavras engraçadas.

Ela sorriu, mas sua cabeça doía muito. Ela estava tentando ser corajosa.

— Alice, você consegue me ouvir?

O cheiro de alfazema ficou mais forte novamente. Meio adocicado e enjoativo.

Requeijão é queijo cremoso. Não é cremoso demais, nem duro demais, mas no ponto. Como a cama do bebê urso.

— Suas pálpebras estão se movendo, como se ela estivesse sonhando.

Não adiantava. Ela não conseguia voltar a dormir, mesmo se sentindo exausta, como se pudesse dormir eternamente. Será que todas as mulheres grávidas andam por aí com uma dor de cabeça dessas? Será que a ideia é deixá-las fortalecidas para as dores do parto? Quando levantasse, ela daria uma olhada num dos livros de bebê.

Ela sempre se esquecia de como a dor chateia. Cruel. Magoa. Você só quer que pare, por favor, agora mesmo. Peridural é a melhor forma. Uma peridural para minha cabeça, por favor. Obrigada.

— Alice, tente abrir os olhos.

Requeijão ainda é considerado *queijo*? Não se coloca uma porção de requeijão numa queijeira.

Queijo talvez não signifique queijo, no contexto de requeijão. Ela não perguntou ao médico a respeito disso, para não passar vergonha.

— Ai, mancada da Alice.

Ela não conseguia se sentir confortável. O colchão dava uma sensação de concreto frio. Se ela chegasse para o lado, poderia cutucar Nick devagarzinho, com o pé, até que ele se virasse, sonolento, e a puxasse para junto dele, num abraço aconchegante. Ele era sua bolsa de água quente humana.

Onde estava Nick? Já teria levantado? Talvez estivesse preparando uma xícara de chá para ela.

— Não tente se mexer, Alice. Apenas fique quieta e abra os olhos, meu bem.

Elisabeth conhece requeijão. Ela faria sua pose de irmã mais velha e falaria com precisão. A mamãe não teria a menor ideia. Ficaria apavorada. Diria: “Oh, querida, não! Tenho certeza de que eu comia requeijão quando estava grávida de vocês duas! Ninguém sabia nada disso, naquela época”.

Ela falaria sem parar e ficaria preocupada que Alice tivesse acidentalmente infringido uma regra.

Mamãe acreditava em regras. Na verdade, Alice também. Frannie não saberia, mas pesquisaria, toda prosa, usando seu novo computador, da mesma forma como fizera uma vez, ao ajudar Alice e Elisabeth a encontrarem uma informação para um projeto escolar, em sua Enciclopédia Britânica.

Sua cabeça realmente doía.

Era possível imaginar que isso fosse apenas uma fração minúscula da dor de parto. Portanto, que ótimo.

Mas ela não se lembrava de ter *comido* requeijão algum.

— Alice? *Alice!*

Ela nem gostava de requeijão.

— Alguém chamou uma ambulância?

Lá estava o cheiro de alfazema novamente.

Uma vez, quando estava desafivelando os cintos de segurança, Nick disse (respondendo a algum comentário que ela fizera, em busca de um elogio), com as mãos na maçaneta do carro: — Não seja ridícula, sua boba, você sabe que eu sou totalmente abobalhado por você.

Ela abriu a porta do carro e sentiu o sol nas pernas e o cheiro da alfazema que ela havia plantado junto da porta da frente.

Totalmente abobalhado.

Foi um momento de alegria com aroma de alfazema, depois de fazer compras no supermercado.

— Já está chegando, eu liguei para a emergência! Essa foi a primeira vez em minha vida que eu liguei para a emergência! Fiquei constrangido. Quase disquei 911, como um americano. Cheguei a apertar o nove. Essa é a prova de que ando vendo muita televisão.

— Espero que não seja, tipo, sério. Quero dizer, eu não poderia, tipo, ser processada, ou algo assim, não é? Não acho que minha coreografia tenha sido tão difícil, foi?

— Acho que a última pirueta foi um pouco além da conta, quando você já está tonta,

depois do reverso e dos chutes duplos.

— Esta é uma turma avançada! As pessoas reclamam se você faz tudo fácil demais. Eu dou opções.

Leciono em níveis diferentes. Meu Deus, sempre recebo reclamações, independentemente do que eu faça.

Isso que ela estava ouvindo seria uma conversa de rádio? Ela detestava conversa de rádio. Os ouvintes que ligam são rabugentos e têm a voz anasalada. Estão sempre horrorizados com alguma coisa. Uma vez, Alice disse que jamais ficaria horrorizada com nada. Elisabeth disse que isso era aterrorizante.

Ela continuou de olhos fechados e disse, em voz alta:

— Você está com o rádio ligado, Nick? Porque eu acho que estou com dor de cabeça. — Sua voz saiu num tom petulante, que não era algo habitual dela, mas, afinal, ela estava *grávida* e sua cabeça doía e ela estava com frio e não se sentia... bem.

Seria enjoo matinal?

Seria de manhã?

Oh, *Alice*.

— *Alice*, consegue me ouvir? Você consegue me ouvir, *Alice*?

Uvinha, consegue me ouvir? Você consegue me ouvir, *Uvinha*?

Todas as noites, antes de dormirem, Nick falava com o bebê através do rolo de papel higiênico, vazio, que encostava à barriga de Alice. Ele tinha ouvido essa ideia num programa de rádio.

Disseram que o bebê aprenderia a reconhecer a voz do pai, tanto quanto a da mãe.

— *Alô!* — ele chamava. — Pode me ouvir, *Uvinha*? Aqui é seu pai falando! — Eles haviam lido que, a essa altura, o bebê era do tamanho de uma uvinha. Por isso eles o chamavam assim. Eles eram pais bem legais, mas só em particular. Nada de palhaçada em público.

A *Uvinha* disse: “Tudo bem, pai, só um pouquinho entediado, mas tudo bem”. Aparentemente, ele gostaria que a mãe parasse de ingerir essa porcaria de verdura e comesse uma pizza, só pra variar.

“Chega dessa comida de coelho!” — exigiu ele.

Aparentemente, a *Uvinha* era um menino. Ele simplesmente parecia ter uma personalidade masculina. O malandrinho. Ambos concordavam nisso.

Alice ficava recostada, olhando o alto da cabeça de Nick. Havia alguns fios grisalhos brilhando.

Ela não sabia se ele sabia disso, então não mencionou. Ele tinha trinta e dois anos. Os fios grisalhos a deixaram com os olhos lacrimejantes. Todos esses hormônios enlouquecidos pela gravidez.

Alice nunca falava com o bebê em voz alta. Ela falava com ele em sua própria cabeça, timidamente, quando estava no banho (não muito quente — tantas regras). *E aí, bebê?*, ela pensava consigo mesma, depois ficava tão maravilhada com aquilo que espalmava a água como uma criança pensando no Natal. Em breve faria trinta anos, com uma hipoteca assustadora, e um marido e um bebê a caminho, mas ela não se sentia diferente de quando tinha quinze anos.

Exceto pelo fato de que, aos quinze, não havia momentos de alegria depois das idas ao supermercado. Ela ainda não tinha conhecido Nick. Ela ainda teria seu coração

partido algumas vezes, antes que ele aparecesse e o grudasse com uma supercola, usando palavras como “abobalhado”.

— Alice, você está bem? Por favor, abra os olhos.

Era uma voz de mulher. Alta e estridente demais para ser ignorada. Aquilo a arrancou da inconsciência e não a deixaria ir.

Era uma voz que dava uma sensação de comichão irritante, como meia-calça apertada demais.

Essa pessoa não fazia parte de seu quarto.

Ela virou a cabeça para o lado.

— *Ai!*

Ela abriu os olhos.

Surgiu uma imagem embaçada e irreconhecível de cores e formas. Não dava para ver o armário ao lado da cama para procurar os óculos. Seus olhos deviam estar piorando.

Ela piscou repetidamente, depois, como a imagem de um telescópio, tudo foi focando. Ela estava olhando para os joelhos de alguém. Que engraçado.

Joelhos brancos e ossudos.

Ela ergueu ligeiramente o queixo.

— *Aí está você!*

Era a pessoa mais improvável de todas, Jane Turner, do trabalho, ajoelhada ao seu lado. Seu rosto estava vermelho, e ela tinha mechas de cabelo suadas coladas à testa. Seus olhos pareciam cansados.

Ela tinha um pescoço mole e atarracado que Alice nunca havia notado antes. Vestia uma camiseta com imensas marcas de suor e *short*, e seus braços eram finos e brancos, com sardas escuras. Alice nunca antes vira tanto do corpo de Jane. Era constrangedor. Pobre Jane.

— *Listeriose, glicínia* — disse Alice, para fazer graça.

— Você está delirando — disse Jane. — Não tente sentar.

— Hum — disse Alice. — Não tente se sentar. — Ela tinha a sensação de que não estava na cama.

Parecia estar deitada no chão frio. Estaria bêbada? Teria esquecido que estava grávida e se *embebedou a ponto de delirar*?

Seu obstetra era um homem urbano que usava gravata-borboleta e tinha um rosto redondo, desconcertantemente parecido com o de um dos ex-namorados de Alice. Ele disse não ter restrições quanto a algo do tipo “um aperitivo, seguido de uma taça de vinho, no jantar”. Alice achou que aperitivo fosse o nome específico de um drinque. (“*Ai, Alice*”, disse Elisabeth.) Nick explicou que aperitivo era um drinque que se tomava antes de jantar. Nick vinha de uma família que tomava aperitivos. Alice vinha de uma família com uma garrafa empoeirada de Baileys aguardando, esperançosa, no fundo do armário, atrás de pacotes de espaguete. Apesar do que o obstetra dissera, ela só bebera meia taça de champanhe, depois de fazer o teste de gravidez, e se sentiu culpada, embora todos dissessem que não havia problema.

— Onde estou? — perguntou Alice, aterrorizada pela resposta. Estaria em alguma boate? Como poderia explicar a Nick que havia esquecido que estava grávida?

— Você está na academia — disse Jane. — Você caiu e apagou. Quase me matou do coração, embora eu até tenha ficado contente por ter uma desculpa para parar.

Na academia? Alice não frequentava academias. Ela acordara *bêbada*, numa *academia*?

— Você perdeu o equilíbrio — disse uma voz alegre e aguda. — Mas que tombo! Deixou-nos chocados, sua tolinha! Já chamamos uma ambulância, então, não se preocupe, já temos ajuda profissional a caminho!

Ajoelhada ao lado de Jane, havia uma garota morena e magrinha, com um rabo de cavalo louro oxigenado, *short* de *lycra* brilhante e uma camiseta vermelha com os dizeres LOUCA POR *STEP*. Alice sentiu uma antipatia instantânea por ela. Ela não gostava de ser chamada de tolinha. Isso ofendeu sua dignidade. Segundo sua irmã Elisabeth, um dos defeitos de Alice era a tendência de se levar a sério demais.

— Eu desmaiei? — perguntou Alice, esperançosa. Mulheres grávidas desmaiam. Ela nunca desmaiara na vida, embora tivesse passado boa parte da quarta série praticando, na esperança de que fosse uma daquelas sortudas que desmaiavam durante a missa e tinham de ser carregadas pelos braços musculosos do Sr. Gillespie, professor de Educação Física.

— É que estou *grávida* — disse ela. É bom que ela saiba a quem está chamando de tolinha.

O queixo de Jane caiu.

— Jesus, Alice, não brinca!

A garota Louca por *Step* apertou os lábios, como se tivesse flagrado Alice numa travessura.

— Oh, querida, eu perguntei, no começo da aula, se alguém estava grávida. Você não deveria ter ficado envergonhada. Eu teria sugerido mudanças.

A cabeça de Alice latejava. Nada do que ninguém dizia fazia sentido.

— Grávida — disse Jane. — A essa altura, que desastre.

— Não é, não. — Alice colocou a mão protetora sobre a barriga para que a Uvinha não ouvisse e ficasse ofendida. A situação financeira deles não era da conta de Jane. As pessoas deviam ficar encantadas quando você anuncia uma gravidez.

— Quero dizer, o que você vai *fazer*? — perguntou Jane.

Pelo amor de Deus!

— Fazer? O que você quer dizer com o que vou fazer? Terei um bebê. — Ela fungou. — Você está com cheiro de alfazema. Eu sabia que havia sentido o cheiro de alfazema. — Seu olfato estava mais aguçado pela gravidez.

— É meu desodorante. — Jane realmente não parecia ela mesma. Seus olhos estavam estranhos. Era bem visível. Talvez ela precisasse começar a usar algum tipo de creme para os olhos.

— Você está bem, Jane?

Jane fungou.

— Estou bem. Preocupe-se com você, mulher. Você é quem está grávida e apagou.

O bebê! Ela estava sendo egoísta pensando na cabeça dolorida, quando deveria estar se preocupando com a pobre da Uvinha. Que tipo de mãe ela seria?

Ela disse:

— Espero não ter prejudicado o bebê, quando caí.

— Ah, os bebês são bem resistentes, eu não me preocuparia com isso.

Era a voz de outra mulher. Pela primeira vez, Alice olhou para cima e percebeu a

aglomeração que a cercava, de rostos vermelhos de mulheres de meia-idade, com roupas esportivas. Algumas se inclinavam à frente, encarando-a com aquele interesse ávido de quem olha um acidente, enquanto outras estavam com as mãos nos quadris, conversando, como se estivessem numa festa. Elas pareciam estar numa sala comprida, iluminada por luzes fluorescentes. Ela podia ouvir uma musiquinha a distância, sons de metal tilintando e uma súbita explosão de riso masculino.

— Mas você não deveria estar fazendo exercícios de grande impacto, se está grávida — disse outra mulher.

— Mas eu não faço exercício *algum* — disse Alice. — Eu deveria me exercitar mais.

— Minha filha, você não poderia fazer mais exercícios, nem se tentasse — disse Jane.

— Não sei do que você está falando. — Ela olhou em volta, para os rostos estranhos que a cercavam.

Isso tudo era tão... tolo. — Não sei onde estou.

— Ela provavelmente teve um traumatismo — disse alguém, nervosamente. — Quando alguém tem um traumatismo, fica confuso e desorientado.

— Ah, ouçam a doutora!

— Acabo de fazer um curso de primeiros socorros na escola. Lembro exatamente dessa frase.

Confuso e desorientado. É preciso ter cautela com a compressão cerebral. Isso é muito perigoso.

A garota Louca por *Step* parecia assustada e afagava o braço de Alice.

— Oh, meu bem. TALVEZ VOCÊ TENHA UM PEQUENO TRAUMATISMO.

— Sim, mas acho que isso não a deixa surda — disse Jane, sucintamente. Ela baixou o tom de voz e inclinou a cabeça na direção de Alice. — Tudo bem, você está na academia, está fazendo sua aula de *step* de sexta-feira, aquela para a qual você tenta me arrastar há tempos, lembra? Na verdade, não consegue ver o atrativo, mas, de qualquer forma, foi uma queda incrível e você bateu a cabeça, só isso. Você vai ficar bem. Mais importante, por que não me disse que estava grávida?

— O que é uma aula de *step* de sexta-feira? — perguntou Alice.

— Ah, isso é ruim — disse Jane, nervosa.

— A ambulância chegou! — alguém disse.

A garota Louca por *Step* ficou até desengonçada de tanto alívio. Ela levantou e enxotou a mulherada como uma dona de casa que sacode a vassoura. — Certo, pessoal, vamos abrir espaço, está bem?

Jane continuou ajoelhada no chão, ao lado de Alice, afagando seu ombro, distraidamente. Depois parou.

— Minha nossa. Por que você é quem leva a melhor?

Alice virou a cabeça e viu dois homens bonitos de macacão azul, vindo na direção delas, carregando o equipamento de primeiros socorros. Constrangida, ela tentou sentar.

— Fique onde está, querida — gritou o mais alto.

— Ele é a cara do George Clooney — cochichou Jane, em seu ouvido. E era mesmo. Alice não pôde evitar se sentir mais alegre. Ela parecia ter acordado num episódio de *Plantão Médico*.

— Olá — disse o George Clooney, agachado ao lado delas, com as mãos grandes

penduradas entre os joelhos. — Qual é o seu nome?

— Jane — disse Jane. — Ah, o nome dela é Alice.

— Qual é o seu nome todo, Alice? — George gentilmente pegou o punho de Alice e pressionou dois dedos, para sentir a pulsação.

— Alice Mary Love.

— Teve uma queda e tanto, não foi, Alice?

— Aparentemente, tive. Não me lembro. — Alice se sentiu chorosa e especial, como geralmente se sentia quando conversava com qualquer profissional da área de saúde, até um químico. Ela culpava a mãe por fazer tanto estardalhaço, quando ficava doente na infância. Ela e Elisabeth eram terrivelmente hipocondríacas.

— Sabe onde está? — perguntou George.

— Na verdade, não — disse Alice. — Aparentemente, estou numa *academia*.

— Ela caiu durante a aula de *step*. — Jane arrumou a alça do sutiã embaixo da camiseta. — Eu vi acontecer. Ela caiu para trás e esborrachou a cabeça no chão. Ficou inconsciente por uns dez minutos.

A garota Louca por *Step* reapareceu, sacudindo o rabo de cavalo, e Alice olhou suas longas pernas lisas e a barriga sequinha. Parecia uma barriga falsa.

— Acho que ela perdeu a concentração por um minuto — a garota Louca por *Step* disse ao George Clooney, num tom confidencial, de um profissional falando com outro. — Eu realmente não recomendo esse tipo de aula para mulheres grávidas. E perguntei se alguém estava grávida.

— De quantas semanas você está, Alice? — perguntou George.

Alice ia responder e, para sua surpresa, teve um branco.

— Treze — disse ela, depois de um segundo. — Quero dizer, catorze. Catorze semanas. — Eles fizeram a ultrassonografia de doze semanas pelo menos duas semanas atrás. A Uvinha deu um pulinho engraçado, como um passo de dança de discoteca, como se alguém a tivesse cutucado nas costas.

Depois, Nick e Alice ficavam tentando imitar o movimento para as pessoas. Todos foram educados e disseram que aquilo era impressionante.

Ela colocou a mão na barriga novamente e, pela primeira vez, notou o que estava vestindo. Tênis e meias brancas. *Short* preto e uma camiseta amarela com a foto de um dinossauro com um balão saindo da boca, dizendo: *VIVA O ROCK*. Viva o *rock*?

— De onde vieram essas roupas? — ela perguntou a Jane, em tom acusador. — Não são minhas.

Jane ergueu a sobrancelha, expressiva, olhando para George.

— Tem um dinossauro na minha blusa — disse Alice, admirada.

— Que dia da semana é hoje, Alice? — perguntou George.

— Sexta-feira — respondeu Alice. Ela estava trapaceando, porque Jane dissera que elas estavam fazendo a aula de “*step* de sexta”. O que quer que isso fosse.

— Lembra-se do que comeu no café da manhã? — George gentilmente examinava a lateral de sua cabeça, enquanto falava. O outro paramédico prendeu a tira do aparelho de pressão na parte de cima do braço e começou a bombear o ar.

— Manteiga de amendoim com torrada?

Era isso que ela geralmente comia no café. Pareceu um palpite seguro.

— Ele na verdade não *sabe* o que você comeu no café da manhã — disse Jane. —

Ele está tentando ver se você *lembra* o que comeu.

O aparelho de pressão apertou o braço de Alice.

George se sentou de cócoras e disse:

— Alice, diga-me o nome de nosso ilustre primeiro-ministro.

— John Howard — respondeu Alice, obedientemente. Ela torcia para que não houvesse mais perguntas sobre política. Não era seu forte. Ela não poderia estar mais consternada.

Jane fez um som estranho, de deboche e alegria.

— Ah. Mas ele ainda é o primeiro-ministro, não é? — Alice ficou mortificada. As pessoas caçoariam dela durante muitos anos. Ai, *Alice*, você não conhece o primeiro-ministro! Será que ela tinha perdido uma eleição? — Mas eu tenho certeza de que ele é o primeiro-ministro.

— E em que ano estamos? — George não parecia muito preocupado.

— Em 1998 — Alice respondeu, prontamente. Ela se sentiu confiante ao responder. O bebê nasceria no ano seguinte, em 1999.

Jane colocou a mão sobre a boca. George ia falar, mas Jane o interrompeu. Ela pousou a mão sobre o ombro de Alice e a encarou, fixamente. Seus olhos estavam arregalados de nervosismo. Havia bolinhas de rímel nas pontas dos cílios. A combinação do cheiro do desodorante de alfazema com o hálito de alho era de matar.

— Quantos anos você tem, Alice?

— Tenho vinte e nove, *Jane* — Alice estava irritada pelo tom dramático de Jane. Aonde estaria querendo chegar? — A mesma idade que você.

Jane se sentou, encostou e olhou para George Clooney, triunfante.

Ela disse:

— Acabo de receber um convite para seu aniversário de quarenta anos.

E esse foi o dia em que Alice Mary Love foi para a academia e, num descuido, perdeu uma década de sua vida.

Capítulo 2

Jane disse que claro que poderia ir com ela ao hospital, mas precisava estar no tribunal às duas horas.

— Para que você vai ao tribunal? — perguntou Alice, que estava perfeitamente feliz por Jane não ir ao hospital. Ela já havia tido o suficiente de Jane por um dia. Um convite para seu aniversário de quarenta anos. O que ela quis dizer com isso, exatamente?

Jane sorriu de forma estranha e não respondeu à pergunta de Alice sobre o tribunal.

— Vou ligar para que alguém esteja no hospital esperando por você.

— Alguém, não. — Alice olhava os paramédicos preparando a maca para ela. Parecia meio frágil. — Nick.

— Sim, *claro*, vou ligar para *Nick* — Jane disse as palavras cuidadosamente, como se estivesse fazendo um teatrinho infantil.

— Na verdade, tenho certeza de que posso andar — Alice disse a George Clooney. Ela nunca gostara da ideia de ser erguida por outras pessoas, nem mesmo Nick, que era

bem forte. Preocupava-se com seu peso. E se os paramédicos bufassem e fizessem careta quando erguessem a maca, como os carregadores de mudança? — Eu me sinto bem. É só minha cabeça.

— Você tem um traumatismo bem sério — disse George. — Não dá pra brincar com lesões na cabeça.

— Agora vamos, nossa parte predileta do trabalho é carregar mulheres atraentes em macas — disse o outro paramédico. — Não nos prive disso.

— É, não os prive, Alice — disse Jane. — Seu cérebro está danificado. Você acha que tem vinte e nove anos.

O que isso queria dizer, exatamente?

Alice se recostou e deixou que os dois homens eficientemente a erguessem para colocá-la na maca.

Conforme sua cabeça pendeu para o lado, a dor a deixou tonta.

— Ah, ali está sua bolsa. — Jane pegou uma mochila no canto da sala e a colocou ao lado de Alice.

— Isso não é meu — disse Alice.

— É, sim.

Alice ficou encarando a mochila vermelha de lona. Havia uma fileira de três dinossauros brilhantes, iguais ao que ela tinha na blusa. Ela ficou pensando se iria vomitar.

Os dois paramédicos ergueram a maca. Não pareciam ter problemas para carregá-la. Ela imaginou que erguer gente de todos os tamanhos fazia parte do trabalho deles.

— Trabalho! — disse Alice, subitamente em pânico. — É melhor você ligar para o trabalho, para mim. Por que não estamos no trabalho, se é sexta-feira?

— Bem, eu realmente não sei! Por que nós não estamos no trabalho? — repetiu Jane, naquela voz de teatrinho, novamente. — Mas não se preocupe com isso, vou ligar para o “Nick”, depois ligo para o “trabalho”. Então, imagino que, em relação ao trabalho, você se refira a ABR Bricks?

— Sim, Jane, é isso — disse Alice, cuidadosamente. Elas trabalhavam na ABR havia três anos. Será que a pobre garota tinha algum tipo de doença mental?

Alice disse:

— É melhor que você avise a Sue que eu não vou hoje.

— Sue — repetiu Jane, lentamente. — Imagino que você esteja se referindo a Sue Mason.

— Sim, Jane. Sue Mason. Decididamente pirou.

Sue Mason era chefe delas. Era uma chata com pontualidade, atestados médicos e roupa inapropriada para o trabalho. Alice mal podia esperar pelo início de sua licença-maternidade para sair de lá.

Alice viu Jane observando os paramédicos se distanciarem com ela. Ela estava beliscando os lábios com o indicador e o polegar, fazendo uma cara de peixe.

— Melhore logo! — gritou a garota Louca por *Step*, da frente da sala, com a voz amplificada por um microfone preso à cabeça. Conforme a maca chegou à porta, houve uma explosão de som.

Alice olhou para trás e viu a garota Louca por *Step* subindo e descendo de uma plataforma plástica. As mulheres que haviam se aglomerado ao redor de Alice seguiam

seus movimentos, em suas próprias plataformas. — Vamos, SENHORAS! Quero ver o básico, agora uma flexão e, agora, vamos BOTAR PRA QUEBRAR ! As mulheres entraram no passo e giravam laços imaginários ao redor das cabeças.

Nossa senhora. Ela tinha de se lembrar de todos os momentos desse dia maluco pra contar a Nick.

Teria de encenar essa coisa do Botar pra Quebrar para ele. Ele acharia hilário. Sim, esse dia tinha sido uma comédia.

(Exceto, é claro, pelo fato de ser ligeiramente aterrorizante, porque que diabos ela estava fazendo numa academia com Jane Turner se comportando como uma doida?) Eles passaram pelas portas de vidro e entraram numa sala enorme, tão grande como um supermercado. Nada era familiar para Alice.

Havia fileiras de máquinas com uma aparência complicada sendo usadas por homens e mulheres que pareciam estar se esforçando para erguer, puxar ou empurrar coisas pesadas demais para eles. O

lugar dava uma sensação muda, de biblioteca. Ninguém parou o que estava fazendo, à medida que a maca passava. Somente os olhos acompanhavam, com um interesse vago e impessoal, como se ela fosse um acontecimento no noticiário da televisão.

— Alice!

Um homem desceu de uma esteira, tirando os fones de ouvido, pendurando-os nos ombros.

— O que aconteceu com você?

Seu rosto — vermelho vivo e molhado de suor — não significava nada para ela. Alice o encarava, procurando algo educado para dizer. Era surreal puxar papo com um estranho, estando deitada numa maca. Ela estava num daqueles sonhos em que aparecia de pijama numa festa.

— Um galo e tanto no coco — George Clooney respondeu por ela, sem qualquer entonação médica.

— Ah, não! — O homem passou uma toalha na testa. — Era só o que faltava, com o grande dia chegando!

Alice tentou fazer uma cara triste por causa do grande dia. Talvez ele fosse um dos colegas de Nick e isso tivesse que ver com alguma festa do trabalho sobre a qual ela deveria saber?

— Bem, isso irá ensiná-la a deixar de ser uma viciada em academia, hein, Alice?

— Hã — disse Alice. Ela não tinha certeza do que estava tentando dizer, mas foi isso que saiu: “hã”.

Conforme os paramédicos continuaram andando, o homem subiu de novo na esteira e começou a correr, gritando para ela:

— Cuide-se, Alice! Vou mandar a Maggie te ligar! — Ele levou o polegar e o indicador até o ouvido.

Alice fechou os olhos. Sua barriga roncou.

— Está tudo bem aí, Alice? — perguntou George Clooney.

Alice abriu os olhos.

— Estou um pouquinho enjoada — disse ela.

— Tudo bem. É de se esperar.

Eles pararam na frente de um elevador.

— Eu realmente não sei onde estou — ela lembrou a George. Achou que valia a pena mencionar novamente.

— Não se preocupe com isso agora — disse George.

As portas do elevador se abriram e uma mulher de cabelos curtos e lisos saiu. — Alice! Você está bem? O que aconteceu? — Ela tinha um sotaque forte. — Mas que coincidência! Eu estava justamente *pensando* em você! Ia te telefonar sobre o... ah... o pequeno incidente na escola. Chloe me falou disso, pobrezinha de você! Oh, querida, isso é só o que faltava! Com a noite de amanhã, e o grande dia chegando!

Enquanto ela continuava a falar, os paramédicos manobraram a maca para dentro do elevador e apertaram o botão do térreo. As portas se fecharam ao mesmo tempo que a mulher fingia segurar um telefone junto do ouvido, do mesmo jeito que fizera o cara da esteira, enquanto uma voz gritou: — É a *Alice Love* que acabo de ver naquela maca?

— Você conhece muita gente — George disse.

— Não — disse Alice. — Realmente, não.

Ela pensou em Jane dizendo: “Na verdade, eu acabo de receber um convite para seu aniversário de quarenta anos”.

Ela virou a cabeça e vomitou nos belos sapatos pretos engraxados de George Clooney.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges Estava quase no fim da hora do almoço quando recebi a ligação. Eu só tinha cinco minutos antes de voltar a falar e deveria estar no banheiro, verificando se não tinha comida entre os dentes. Ela disse: — Elisabeth? Oi, é a Jane, e estou com um problema — como se houvesse somente uma Jane no mundo inteiro (você pensaria que alguém com o nome de *Jane* tivesse o hábito de dizer seu sobrenome), e eu pensei *Jane, Jane, Jane, com um problema*, e me dei conta de que era Jane Turner.

A Jane de Alice.

Ela disse que Alice tinha caído na academia, durante a aula de *step*.

E lá estava eu, com 143 pessoas sentadas em suas mesas, servindo-se de chá gelado, comendo suas mentas, olhando ansiosamente para o palco, com canetas a postos, tendo cada uma delas pago dois mil, novecentos e cinquenta dólares para me ver falar, ou dois mil e novecentos dólares, se ligaram no horário da promoção. Esse é o preço que as pessoas me pagam para ensiná-las a escrever uma campanha de mala direta bem-sucedida. Eu sei! O maldito mundo comercial é totalmente alienígena para o senhor, não é, Dr. Hodges? Eu pude notar que o senhor estava apenas educadamente assentindo quando tentei explicar meu trabalho. Tenho certeza de que jamais lhe ocorreu que aquelas cartas e brochuras que o senhor recebe pelo correio, na verdade, são escritas por gente de verdade.

Gente como eu. Aposto que tem um adesivo escrito NADA DE PROPAGANDA em sua caixa de correio.

Não se preocupe. Não levarei a mal.

De qualquer forma, não era o momento mais apropriado para sair correndo e ver minha irmã, porque ela tivera um acidente na academia (alguns de nós temos empregos; alguns de nós não temos tempo para academia no meio do dia). Principalmente pelo fato de que eu ainda não estava falando com ela, depois do incidente do bolinho de banana. Sei que nós conversamos muito sobre tentar olhar suas ações sob uma “perspectiva mais

racional”, mas ainda não estou falando com ela. (É claro que ela na verdade não *sabe* que não estou falando com ela, mas permita-me essa satisfação infantil.) Eu disse a Jane (um tanto irritada, e bancando a importante, eu admito): — É sério? — Por algum motivo, nem me ocorreu que pudesse realmente ser sério.

Jane disse:

— Ela acha que estamos em 1998 e que tem vinte e nove anos, e que ainda trabalhamos juntas, na ABR Bricks, portanto certamente é muito esquisito.

Depois ela disse:

— Ah, e eu imagino que você saiba que ela está grávida, não é?

Fico profundamente envergonhada por minha reação. Tudo o que posso dizer, Dr. Hodges, é que foi como um espirro involuntário e incontrolável.

Foi uma sensação de ódio trêmulo que subia do estômago para a cabeça; então, eu disse: — Sinto muito, Jane, preciso ir — e desliguei.

George Clooney foi bem legal quanto aos sapatos. Alice ficou horrorizada e tentou descer da maca

para, de alguma forma, ajudar a limpar os sapatos — como se pudesse simplesmente encontrar um lenço de papel em algum lugar, talvez naquela mochila de lona esquisita –, mas os dois paramédicos foram rigorosos e insistiram para que ela ficasse quieta.

Seu estômago parecia melhor quando prenderam seu cinto de segurança na traseira da ambulância.

Os revestimentos brancos ao seu redor eram calmantes; tudo parecia esterilizado.

O trajeto até o hospital foi bem sereno, como se tivessem ido de táxi. Até onde Alice podia notar, eles não estavam com a sirene aos berros, pelas ruas, nem piscando as luzes para que os outros carros saíssem do caminho.

— Então, imagino que eu não esteja morrendo, né? — ela perguntou a George. O outro cara estava dirigindo e George Clooney estava na traseira, com Alice. Ela percebeu que ele tinha sobrelhas grossas. Nick também tinha sobrelhas bem cheias. Numa noite, já tarde, Alice tentou tirar a sobrelha dele, mas ele gritou tão alto que ela ficou preocupada que a Sra. Bergen, na casa ao lado, fizesse sua ronda habitual e chamasse a polícia.

— Você logo estará de volta à academia — respondeu George.

— Eu não frequento academia — disse Alice. — Não acredito em academias.

— Estou com você — George sorriu e a afagou no braço.

Pela janela da ambulância, ela observava pedaços de *outdoors* e prédios e partes do céu passando atrás da cabeça de George.

Tudo bem, tudo isso era uma tolice. Era apenas o “galo no coco” que estava deixando tudo estranho. Isso era simplesmente uma versão mais longa e intensa daquela sensação de sonho que você tem, quando acorda nas férias e não sabe direito onde está. Não havia necessidade de entrar em pânico. Isso era *interessante*! Ela só precisava ter foco.

— Que horas são? — ela perguntou a George, em tom determinado.

— Quase hora do almoço — disse ele, dando uma olhada no relógio.

Certo. Hora do almoço. Hora do almoço, numa sexta-feira.

Ela disse:

— Por que antes você perguntou o que eu comi no café da manhã?

— É uma daquelas perguntas comuns que fazemos às pessoas com lesões na cabeça.

Estamos tentando averiguar seu estado mental.

Então, provavelmente se ela conseguisse se lembrar do que tinha comido no café, todo o restante estaria em ordem.

Café. Essa manhã. Ora, vamos. Ela tinha de conseguir lembrar.

A *ideia* do café da manhã num dia de semana estava clara em sua mente. Eram duas torradas saltando da torradeira e uma chaleira borbulhante, e a luz matinal batendo no chão da cozinha, iluminando a mancha marrom no piso, que dava a impressão de que poderia ser removida usando detergente, mas certamente não podia. Era olhar para o relógio que a mãe de Nick dera de presente para a nova casa, com a esperança fervorosa de que pudesse ser mais cedo do que ela imaginara (era sempre mais tarde). Era o ruído falhado do programa matinal da rádio ABC — vozes preocupadas e intensas falando sobre as questões do mundo. Nick ouvia e às vezes dizia coisas como “você só pode estar brincando”, e Alice deixava que as vozes falassem, tentando fingir que ainda estava dormindo.

Ela e Nick não eram pessoas matinais. Gostavam disso um no outro, tendo ambos passado por relacionamentos com pessoas insuportavelmente alegres de manhã. Eles falavam frases curtas, como se fosse um jogo, exagerando na rabugice, e às vezes nem era, estava tudo bem, pois sabiam que voltariam a ser os mesmos à noite, após o trabalho.

Ela tentou pensar em alguma lembrança *específica* do café da manhã.

Houve aquela manhã fria, quando eles estavam na metade da pintura da cozinha. Chovia muito e o cheiro forte de tinta coçava suas narinas, enquanto eles silenciosamente comiam torradas com manteiga de amendoim, sentados no chão, porque todos os móveis estavam cobertos para proteger dos respingos. Alice ainda estava de camisola, mas colocara um casaquinho por cima e estava com os antigos meiões de futebol de Nick, puxados até os joelhos. Nick estava barbeado e vestido, exceto pela gravata. Na noite anterior, ele mencionara uma apresentação realmente assustadora e importante que teria de dar ao Careca Desprezível, o Escrotão-Mor e o Grande Kahuna, tudo ao mesmo tempo.

Alice, que tinha horror em falar em público, sentiu seu próprio estômago contrair de compaixão.

Naquela manhã, Nick deu um gole em seu chá, pousou a caneca, abriu a boca para dar uma mordida na torrada e a deixou cair em sua camisa azul listrada preferida. A torrada ficou colada bem na frente. Os olhares se cruzaram em choque mútuo. Nick lentamente desgrudou a torrada, revelando um retângulo gorduroso de manteiga de amendoim. E disse, no tom de um homem que havia sido alvejado fatalmente:

— Essa era minha única camisa limpa. — E então ele pegou a torrada e a grudou na própria testa.

Alice disse:

— Não é, não. Levei a roupa pra lavar enquanto você estava jogando *squash* ontem à noite. — Eles ainda não tinham máquina de lavar e levavam a roupa para a lavanderia,

no fim da rua.

Nick tirou a torrada amassada da testa e disse:

— Não brinca.

E ela disse:

— Levei. — E ele engatinhou em meio às latas de tinta e segurou o rosto dela com as duas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso e demorado, com gosto de manteiga de amendoim.

Mas esse não tinha sido o café da manhã de hoje. Isso foi meses antes, ou semanas atrás, algo assim. A cozinha já estava pronta. E quando aconteceu aquilo, ela não estava grávida. Ela ainda bebia café.

Houve vários cafés da manhã seguidos, quando eles estavam numa onda saudável e comiam iogurte com frutas. Quando foi isso? A onda saudável não durou muito, embora eles estivessem muito empolgados, no início.

Houve cafés da manhã em que Nick estava longe, a trabalho. Então, ela comia sua torrada sozinha, na cama, deleitando-se com a dor da falta que ele fazia, como se ele fosse um soldado ou um marinheiro. É como gostar de estar com fome, quando você sabe que terá um grande jantar.

Houve aquele café da manhã, quando eles brigaram — caras horríveis, olhos faiscantes, portas batendo — porque não tinha leite. Isso não foi tão legal. Aquele café decididamente não havia sido nessa manhã. Ela lembrava a forma como haviam perdoado um ao outro, naquela noite, enquanto assistiam à irmã caçula de Nick representando um pequeno papel numa peça ridiculamente longa, que nenhum deles conseguiu entender.

— A propósito, eu te perdoo — Nick se aproximou e cochichou no ouvido dela, e ela cochichou de volta:

— Desculpe, mas *eu* é que te perdoo — e uma mulher sentada à frente se virou e fez “Psiu! Vocês dois!”, como uma professora zangada, e eles começaram a rir tanto que acabaram tendo de sair do teatro, esbarrando nos joelhos alheios e depois ficando terrivelmente encrencados com a irmã de Nick.

Houve um café da manhã quando ela leu, rabugenta, os possíveis nomes de bebê, de um livro, enquanto ele, também rabugento, dizia sim ou não. Aquilo foi legal, pois os dois decididamente fingiam o mau humor naquela manhã.

— Não posso acreditar que nos deixam dar um *nome* a uma pessoa — Nick dissera. — Dá a sensação de que isso é algo que somente o Monarca do Reino deve ter capacidade de fazer.

— Ou a Rainha do Reino — disse Alice.

— Ah, jamais deixariam que uma *mulher* desse o nome a uma pessoa — disse Nick. — Obviamente.

Isso teria acontecido nesta manhã? Não. Isso foi... outro dia. Não nesta manhã.

Ela não fazia a menor ideia do que havia comido nesta manhã.

E confessou a George Clooney:

— Eu apenas disse que comi torrada com manteiga de amendoim porque é o que geralmente como no café. Na verdade, não consigo me lembrar de nada do café.

— Tudo bem, Alice — respondeu ele. — Acho que também não consigo lembrar o que comi no café.

Então, muito menos avaliar o estado mental dela! Será que George realmente sabia o que estava fazendo?

— Talvez você também esteja com um traumatismo — disse Alice. George riu respeitosamente. Ele parecia estar perdendo o interesse por ela. Talvez ele estivesse torcendo para que seu próximo paciente fosse mais interessante. Provavelmente gostava de usar aqueles aparelhos de ressuscitação cardíaca. Alice bem que gostaria, se fosse paramédica.

Num domingo, quando Nick estava de ressaca e ela estava tentando convencê-lo a ir à praia com ela, e ele estava deitado no sofá, de olhos fechados, ignorando-a, ela disse: — Ah, não, ele está perdendo o sinal! — E esfregou uma espátula na outra, antes de pressioná-las sobre seu peito, gritando: — Para trás! — Nick gentilmente deu um espasmo realista, bem na hora. Ele continuou sem se mexer, até que ela gritou: — Ele não está respirando! Vamos entubá-lo, *Agora!* — E tentou enfiar um canudo em sua garganta.

A ambulância parou num sinal de trânsito e Alice se mexeu um pouquinho. Tudo parecia errado em relação a seu corpo. Havia um cansaço esmagador que ia até os ossos, mas, ao mesmo tempo, uma energia pulsante a fazia querer levantar e alcançar algo. Só podia ser a gravidez. Todo mundo diz que seu corpo parece não ser mais seu.

Ela abaixou o queixo para ver novamente as roupas estranhas e úmidas que vestia. Não parecia algo que ela escolheria. Ela nunca usava amarelo, nem camiseta desse tipo. Uma sensação de pânico surgiu novamente, e ela voltou a olhar para o teto da ambulância.

O problema era que ela também não conseguia lembrar o que havia comido no jantar, na noite anterior.

Nada. Nem de longe.

Teria sido seu atum com feijão? Ou o cordeiro ao molho *curry* de Nick? Ela não fazia ideia.

É claro que durante a semana os dias pareciam se emendar. Ela tentaria lembrar o que havia feito no fim de semana anterior.

Um emaranhado de lembranças de vários fins de semana inundou sua cabeça como um cesto de roupas revirado. Sentada na grama do parque, lendo o jornal. Piqueniques. Andando ao redor de jardins, discutindo sobre plantas. Cuidando da casa. Sempre, sempre, cuidando da casa. Filmes.

Jantares. Café com Elisabeth. Sexo matinal de domingo, seguido por uma soneca, seguida por *croissants* da padaria vietnamita. Aniversários de amigos. Um casamento ocasional. Viagens. Coisas com a família de Nick.

De alguma forma, ela sabia que nenhuma dessas coisas havia acontecido no último fim de semana.

Não sabia dizer quando aconteceram. Há pouco tempo ou muito tempo atrás. Simplesmente haviam acontecido.

O problema era que ela não conseguia se conectar ao “hoje” ou ao “ontem”, ou mesmo à “semana passada”. Ela estava flutuando pelo calendário, como um balão fujão.

Surgiu em sua cabeça a imagem de um céu cinzento cheio de punhados de balões cor-de-rosa amarrados com fitas brancas, como se fossem buquês. Os buquês de balões estavam sendo arremessados violentamente por um vento bravio, e ela sentiu uma

pontada de tristeza.

A sensação desapareceu como uma onda de náusea.

Minha nossa. O que significa tudo isso?

Ela queria Nick. Ele saberia consertar tudo. Ele lhe diria exatamente o que eles haviam comido no jantar, na noite anterior, e o que fizeram no fim de semana.

Torcia para que ele estivesse esperando por ela no hospital. Ele talvez já tivesse lhe comprado flores. Provavelmente já. Ela torcia para que não, pois isso seria extravagante demais.

Na verdade, é claro que ela queria. Ela tinha andado de *ambulância*. Até que merecia flores.

Outra imagem surgiu em sua cabeça. Dessa vez, foi a de um imenso arranjo de rosas vermelhas, com chuveiros, no vaso de cristal que a prima de Nick lhes dera de presente de casamento. Por que ela estava imaginando isso? Nick nunca lhe dava rosas. Ele sabia que ela só gostava de rosas no jardim. Rosas do florista não têm cheiro e, por algum motivo, sempre fazem Alice se lembrar de *serial killers*.

A ambulância parou, e George logo ficou de pé, agachando-se para não bater a cabeça.

— Chegamos, Alice. Como está se sentindo? Você parece ter ficado pensando profundamente.

Ele puxou a alavanca para abrir a porta traseira da ambulância e os raios de sol inundaram o ambiente, fazendo-a piscar.

— Eu nem perguntei seu nome — disse Alice.

— Kevin — respondeu George, num tom de pedido de desculpas, como se soubesse que seria um desapontamento.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges A verdade é que às vezes meu trabalho me dá uma certa empolgação, Dr. Hodges, fico constrangida em admitir. Não uma superempolgação, mas certamente é uma onda de adrenalina. Quando as luzes diminuem e o público fica em silêncio, e sou apenas eu, lá no palco, e Layla me dá aquele sinal seríssimo de ok, como se nós estivéssemos prestes a lançar um foguete da NASA. O refletor é como um raio de sol em meu rosto, e tudo o que ouço é o tilintar de copos de água e uma ou duas tosses ocasionais, contidas e respeitadas. Gosto daquele cheiro limpo das salas de conferência dos hotéis, do ar-condicionado frio. Clareia minhas ideias. E quando eu falo, o microfone suaviza minha voz, dando um tom de autoridade.

Mas, por outro lado, em outras vezes entro no palco e sinto como se houvesse um imenso peso atrás do meu pescoço, fazendo minha cabeça cair à frente, deixando-me corcunda como uma velha encarquilhada. Dá vontade de colocar a boca junto do microfone e dizer: “Qual é o sentido de tudo isso, senhoras e senhores? Vocês parecem gente boa o suficiente, então me ajudem: qual é o sentido disso?”.

Na verdade, eu sei qual é o sentido.

O sentido é que eles estão pagando minha hipoteca. Cada um deles está dando uma contribuição para nossas compras de supermercado e nossa conta de luz e nossa água e nosso cartão de crédito.

Estão generosamente contribuindo para as seringas e as roupas hospitalares disformes, e aquele último anestesista com os olhos caídos, que segurou minha mão e disse: — Agora durma, querida.

De qualquer forma, estou desviando do assunto. O senhor quer que eu desvie. Quer que eu escreva e escreva sobre o que quer que venha à minha cabeça. Fico imaginando se o senhor me acha tediosa.

Sempre parece gentilmente interessado, mas deve haver dias em que eu chego ao consultório toda carente, ansiosa para lhe contar os detalhes patéticos de minha vida, e o senhor anseia por colocar os cotovelos na mesa e apoiar o queixo sobre as mãos e dizer: — Qual é o sentido de tudo isso, Elisabeth?

Então, o senhor se lembra de que o sentido é que estou pagando o seu cartão de crédito, sua hipoteca, suas contas de supermercado... E assim o mundo gira.

Outro dia, o senhor mencionou que a sensação de insensatez é um sinal de depressão, porém, veja, eu não tenho depressão porque enxergo o sentido. O sentido é o dinheiro.

Depois que desliguei na cara da Jane, o telefone tocou novamente, logo depois (provavelmente era ela, pensando que a ligação tivesse caído) e eu desliguei, com ele tocando. Um homem que passava disse:

— Às vezes é fácil imaginar como estaríamos melhor sem essas malditas coisas!

E eu disse:

— Malditas! (Eu nunca havia dito isso na minha vida. E saiu da minha cabeça de uma forma tão bizarra. Gostei. Talvez eu diga em nossa próxima sessão para ver se o senhor pisca.) E ele disse: — A propósito, parabéns. Já estive em vários *workshops* desse tipo e nunca ouvi alguém falar tantas coisas sensatas.

Ele estava me paquerando. Às vezes acontece. Só podem ser o microfone e as luzes radiantes. É

engraçado porque eu sempre acho que deve ser óbvio para qualquer homem que toda a minha sexualidade foi sugada de mim. Eu me sinto um pedaço de fruta seca. Sim, é isso. SOU UM DAMASCO

SECO, Dr. Hodges. Não um daqueles macios e suculentos, mas um damasco duro, murcho, sem gosto e seco, de doer o maxilar.

Respirei fundo, algumas vezes, inalando o frio do ar-condicionado e preendi novamente o microfone em meu *blazer*. Eu estava num frenesi tão grande para voltar ao palco que chegava a tremer. Sinto que posso ter ficado meio enlouquecida, temporariamente, nessa tarde, Dr. Hodges. Podemos discutir isso em nossa próxima sessão.

Ou talvez a insanidade temporária seja uma desculpa para um comportamento indesculpável.

Talvez eu esteja envergonhada demais para lhe dizer que alguém me ligou para contar que minha única irmã tivera um acidente e eu desliguei na cara da pessoa. Eu me arrumei para você. Eu quero me fazer soar avariada para que o senhor sinta que há algo útil que possa fazer, mas, ao mesmo tempo, quero que o senhor pense que sou uma boa pessoa, Dr. Hodges. Uma pessoa boa e avariada.

Subi naquele palco como se fosse uma estrela do *rock* e comecei a falar sobre “visualizar seu prospecto” e toquei fogo. Eu os fiz rir. Levei-os a competir uns com os outros, gritando as respostas para mim, e o tempo todo em que estávamos visualizando os prospectos, eu visualizava minha irmã caçula.

Eu estava pensando: lesões na cabeça podem ser bem sérias.

E pensei: Nick está longe, e isso realmente não é responsabilidade de Jane.

E finalmente pensei: Alice estava grávida de Madison em 1998.

Capítulo 3

Nick não estava esperando no hospital com flores para Alice. Ninguém a esperava, o que a fez sentir-se heroica.

Seus dois paramédicos desapareceram, como se jamais tivessem existido. Ela nem se lembrava de vê-los se despedindo, portanto, não teve como agradecer.

O movimento do hospital fervilhava, era intercalado por instantes de espera solitária, numa maca, dentro de uma sala que parecia uma caixa branca, encarando o teto.

Uma médica apareceu e acendeu uma caneta-lanterna em seus olhos e pediu que ela seguisse seus dedos, de um lado para o outro. Uma enfermeira com olhos verdes impressionantes, combinando com o uniforme hospitalar, estava ao pé da maca, com uma prancheta, perguntando sobre seu plano de saúde, alergias e o parente mais próximo. Alice elogiou seus olhos verdes e a enfermeira disse que eram lentes de contato e Alice disse “Ah” e se sentiu enganada.

Um saco de gelo foi aplicado naquilo que a enfermeira descreveu como um “ovo de avestruz”, atrás da cabeça de Alice, e lhe deram duas cápsulas e um copinho plástico, para a dor, mas Alice explicou que a dor não estava tão ruim e que ela não queria tomar nada, por estar grávida.

As pessoas ficavam fazendo perguntas, falando alto demais, como se ela estivesse dormindo, embora ela olhasse para elas, diretamente. Ela se lembrava de ter caído? Lembrava-se do trajeto de ambulância? Sabia o dia da semana? Sabia a data?

— Noventa e oito? — Uma médica com ar angustiado a olhava, através de seus óculos de moldura plástica vermelha. — Está bem certa disso?

— Sim — disse Alice. — Eu sei que estamos em 1998 porque meu bebê vai nascer em 8 de agosto de 1999. Oito do oito, noventa e nove. Fácil de lembrar.

— Porque, na verdade, estamos em 2008 — disse a médica.

— Bem, isso não é possível — explicou Alice, da forma mais educada que conseguiu. Talvez essa médica fosse uma daquelas pessoas brilhantes que eram inúteis com coisas normais, como datas.

— E por que não é possível?

— Porque ainda não chegamos ao novo milênio — disse Alice, espertamente. — Aparentemente, toda a energia será desligada por causa de um *bug* de computador.

Ela se sentiu orgulhosa por saber desse fato; era algo atual.

— Acho que pode estar confusa. Não se lembra do novo milênio? Todos aqueles fogos de artifício na Harbour Bridge?

— Não — disse Alice. — Não me lembro dos fogos. — Por favor, pare com isso, ela queria dizer. Não tem graça, e eu só estou sendo corajosa quanto à dor de cabeça. Realmente está doendo.

Ela se lembrava de Nick dizendo, numa noite:

— Você já se deu conta de que na noite do novo milênio nós teremos um bebê de quatro meses? — Ele estava segurando uma marreta com as duas mãos, porque estava

prestes a derrubar uma parede.

Alice havia baixado a câmera que segurava para fotografar a demolição da parede.

— Isso é verdade — disse ela, impressionada e aterrorizada diante da ideia. Um bebê de quatro meses: uma pessoa em miniatura, criada por eles, pertencendo a eles, separada deles.

— É, acho que vamos precisar de uma babá para o pentelinho — disse Nick, com uma casualidade esmerada.

Depois, ele girou a marreta alegremente, e Alice clicou a câmera, diante de uma chuva de fragmentos de gesso cor-de-rosa, que caiu por cima deles.

— Talvez eu deva fazer uma ultrassonografia para checar se o bebê está bem, depois da queda — disse Alice, firmemente, para a médica. É assim que Elisabeth se comportaria numa situação como essa. Sempre que precisava ser assertiva, Alice pensava: *O que Elisabeth faria?*

— Está de quantas semanas? — perguntou a médica.

— Catorze — disse Alice, mas novamente havia um vácuo estranho em sua mente, como se ela não tivesse certeza absoluta de que isso estivesse correto. — Poderia pelo menos checar o batimento cardíaco? — disse Alice, com sua voz de Elisabeth.

— Hummm — a médica empurrou os óculos sobre o nariz.

A lembrança de uma voz de mulher, com um ligeiro sotaque americano, veio à cabeça de Alice.

— *Lamento, mas não há batimento cardíaco.*

Ela se lembrava disso com tanta clareza. A pequena pausa depois de “lamento”.

— *Lamento, mas não há batimento cardíaco.*

Quem era essa? Quem disse isso? Teria realmente acontecido? Lágrimas minaram dos olhos de Alice, e ela pensou novamente naqueles buquês de balões cor-de-rosa, arremessados pelo vento, no céu acinzentado. Será que ela tinha visto aqueles balões em algum filme? Num filme profundamente triste? Ela sentiu outra onda de sentimento forte surgindo em seu peito. Foi como aconteceu na ambulância. Um sentimento de pesar e ódio. Ela se imaginava soluçando, chorando, cravando as unhas na própria carne (e ela nunca se comportou assim, em toda a sua vida). E no instante em que achou que a sensação a dominaria, ela desapareceu completamente. Foi a coisa mais estranha.

— Quantos filhos tem? — perguntou a médica. Ela havia puxado a camiseta de Alice e baixado o *short* para apalpar seu abdome.

Alice piscou para afastar as lágrimas.

— Nenhum. Esta é minha primeira gravidez.

A médica parou e olhou para ela.

— Para mim, isso se parece muito com uma marca de cesariana.

Alice ergueu desajeitadamente a cabeça e viu que a médica estava apontando para uma marca bem-feita, no formato de uma unha, na parte inferior de sua barriga. Ela estreitou os olhos e viu uma linha arroxeadada e clara, pouco abaixo da linha dos pelos pubianos.

— Não sei o que é isso — disse Alice, mortificada. Ela pensou na expressão solene, no rosto da mãe, quando costumava dizer a Elisabeth e a ela: “Vocês nunca devem mostrar suas partes íntimas a ninguém”. Nick morreu de rir da primeira vez que ouviu isso. Por que ele não teria notado aquela cicatriz esquisita? Ele passara tempo suficiente

examinando suas partes íntimas.

— Seu útero não parece estar aumentado para quatorze semanas — comentou a médica.

Alice olhava a barriga, vendo que de fato parecia lisa. Lisa como a de uma pessoa magra, o que seria um bônus inesperado, exceto pelo fato de que ela estava esperando um bebê. Nick começava a rir, todo contente, sempre que ela usava algo que mostrasse sua barriguinha.

— Tem certeza de que já está com todo esse tempo? — perguntou a médica.

Alice olhou a barriga lisa — muito lisa! — e não disse nada. Ela estava totalmente confusa, com medo e morta de vergonha. E lhe ocorreu que seus seios — que haviam se tornado tão pesados e sensíveis — tinham voltado à sua humilde forma. Ela não se sentia grávida. Certamente não se sentia em seu estado normal, mas não se sentia grávida.

(O que era a cicatriz? Ela pensou naquelas histórias de gente que droga os outros para remover e vender seus órgãos. Teria ela ido à academia, ficado bêbada e alguém se aproveitara da oportunidade para tirar seus órgãos?)

— Talvez eu não esteja de catorze semanas — ela disse à médica. — Talvez eu tenha me enganado.

Não consigo pensar em nada direito. Meu marido estará aqui em breve. Ele explicará tudo.

— Bem, apenas relaxe e tente não se preocupar agora. — A médica gentilmente endireitou as roupas de Alice. — Primeiro, nós vamos fazer uma tomografia computadorizada e ver se você tem algo sério, mas eu acho que em breve as coisas voltarão ao normal. Lembra-se do nome de seu obstetra? Eu poderia dar uma ligada e verificar de quanto tempo você está. Não quero aborrecê-la por não conseguirmos ouvir o batimento cardíaco, pois você não está grávida tempo o suficiente para isso.

— *Lamento, mas não há batimento cardíaco.*

Era uma lembrança tão clara. Dava a impressão de que realmente tinha acontecido.

Alice disse:

— Dr. Sam Chapple. Ele fica em Chatswood.

— Está bem. Não se preocupe. É perfeitamente normal se sentir confusa, após uma lesão na cabeça.

A médica sorriu com simpatia e deixou o quarto. Alice a observou saindo, depois levantou a camiseta novamente para olhar a barriga. Além de estar mais lisa, sua barriga tinha algumas marcas nas laterais. Estrias. Admirada, ela passou as pontas dos dedos sobre as marcas. Essa era mesmo a sua barriga?

Uma marca de cesariana, dissera a médica. (A menos que ela tivesse se enganado, é claro; talvez não fosse nada de marca de cesariana, talvez fosse simplesmente uma... cicatriz. De algum tipo.) Mas, se ela estivesse certa, isso significaria que algum médico (seu próprio médico, o Dr.

Chapple?) teria aberto sua pele com um bisturi e erguido um bebê ensanguentado de sua barriga, e ela não se lembrava de nada disso.

Será que uma batida na cabeça realmente poderia apagar da lembrança um acontecimento tão significativo? Isso não seria ligeiramente *excessivo*?

Ela pensou nas vezes em que estivera assistindo a um filme com Nick e, no meio, pegava no sono, com a cabeça em seu colo. Ela detestava isso, porque quando acordava,

com a boca babada, via que as personagens do filme haviam seguido com suas vidas e o casal que se detestava agora estava dividindo um guarda-chuva, embaixo da Torre Eiffel.

— Você teve seu bebê — ela tentava dizer a si mesma. — Lembra?

Isso era absurdo. Ela certamente não daria um peteleco na cabeça e diria: “Ah, o *bebê*, é claro, eu tive o bebê! Como é que isso me fugiu?”.

Como ela poderia ter se esquecido de seu bebê crescendo e chutando e virando dentro dela? Se já tivesse tido o bebê, isso significava que já teria passado pelas aulas de pré-natal com Nick.

Significava que ela teria comprado suas roupas de gravidez. Que eles já teriam pintado o quartinho do bebê. Significava que eles já teriam saído para comprar um berço, um carrinho, fraldas e uma mesa para trocá-lo.

Significava que *havia* um bebê.

Ela se sentou, com as mãos sobre a barriga.

Então, onde estava ele? Quem estaria cuidando dele? Quem o estaria alimentando?

Isso era bem maior que uma confusão comum que resultava em “Ai, *Alice*” . Isso era gigantesco.

Era aterrorizante.

Pelo amor de Deus, onde estava Nick? Na verdade, ela só daria uma pequena bronca quando ele finalmente aparecesse, mesmo que ele tivesse uma boa desculpa.

A enfermeira de olhos verdes voltou ao quarto e disse:

— Como está se sentindo?

— Bem, obrigada — disse Alice, automaticamente.

— Lembra-se de por que está aqui e do que lhe aconteceu?

Essas perguntas repetidas eram provavelmente para verificar seu estado mental.

Alice pensou em gritar: — NA VERDADE, PERDI COMPLETAMENTE A CABEÇA !, mas ela não queria deixar a enfermeira constrangida. Comportamentos malucos deixam os outros constrangidos.

Em vez disso, ela perguntou à enfermeira:

— Pode me dizer em que ano estamos? — ela perguntou rápido, caso a médica de óculos voltasse e a pegasse verificando os fatos à sua revelia.

— Em 2008.

— É mesmo 2008?

— É mesmo, dia 2 de maio de 2008. O Dia das Mães é no fim de semana que vem! Dia das Mães! Seria o primeiro Dia das Mães de Alice.

Exceto por ser 2008, não tinha nada de primeiro Dia das Mães.

Se estávamos em 2008, a Uvinha já teria nove anos de idade. Ela não tinha mais nada de uvinha.

Teria passado de uvinha para pêssego, para uma bola de tênis, uma de basquete, até ser... um bebê.

Alice sentiu uma vontade inapropriada de soltar uma gargalhada.

Seu bebê tinha nove anos de idade.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges Para o horror de Layla, eu parei no meio da “Visualização do Prospecto” e mudei para “Olimpíadas da Ideia”. Tenho certeza de que o senhor ficará fascinado em ouvir, Dr. Hodges, que essa é a parte em que fiz todo mundo olhar embaixo das mesas e encontrar o “Produto Misterioso”.

Todos ficam muito empolgados com isso e mergulham embaixo das mesas. É impressionante como pessoas tão diferentes surgem com piadas *exatamente* iguais. Isso reforça a sensação que tenho de que os anos estão passando e nada está mudando. Eu sou o exemplo perfeito de que “pressa não leva a lugar algum”.

Bom, o programa *Grey’s Anatomy* começa em dez minutos. Essa redação no diário não pode afetar meu banquete televisivo noturno. Não me interessa o que meu marido, o Ben, diga. Sem os efeitos narcóticos da televisão eu realmente poderia ter enlouquecido há muito tempo.

Enquanto todos os meus alunos escreviam ideias no papel para seus Produtos Misteriosos, eu tentei ligar de volta para Jane. Só que obviamente Jane havia desligado *seu* telefone, então eu disse “foda-se” alto e vi Layla dando um sorrisinho contido. Eu a ofendera mudando a programação, como se isso não tivesse importância, sendo que a programação é a sua vida.

Expliquei a ela que minha irmã sofrera um acidente e eu não sabia em que hospital ela estava, e precisava de alguém para ir buscar seus filhos na escola. Layla disse: — Tudo bem, mas quando você vai terminar o segmento da “Visualização do Prospecto”? (Imagino que esse tipo de dedicação num empregado seja algo bom, mas não será ligeiramente patológico, Dr.

Hodges? Qual é a sua opinião de especialista?)

Em seguida, liguei para minha mãe e também fui atendida por sua secretária eletrônica. Ah, os tempos antes de minha mãe ter uma vida. Parece que foi ontem e eu teria ligado primeiro para Frannie. Ela era sempre tão calma numa crise. Mas Frannie resolveu parar de dirigir quando se mudou para a vila de aposentados. (Estranhamente, isso ainda me aborrece. Ela era uma ótima motorista.) Liguei para o colégio e me deixaram na espera, ouvindo uma mensagem sobre valores familiares. Liguei para a academia de Alice para descobrir se eles sabiam a qual hospital ela havia sido levada e fiquei na espera, ouvindo uma mensagem sobre nutrição consciente.

Finalmente, liguei para Ben.

Ele atendeu depois do primeiro toque, me ouviu tagarelar e disse: — Vou cuidar disso.

Capítulo 4

Aparentemente, a tomografia de Alice não teve nada de mais, o que a deixou se sentindo constrangida por sua mediocridade. Isso a fez lembrar de seus boletins escolares, com todos os boxes assinalados “satisfatório”, e os comentários como “Aluna quieta. Precisa contribuir mais na classe”. Eles podiam escrever de uma vez “Tão tediosa que nem sabemos quem ela é”. Os boletins de Elisabeth tinham alguns boxes marcados “Excelente” e outros “Abaixo da média”, e comentários como “Pode ser ligeiramente turbulenta”. Alice ansiava por ser ligeiramente turbulenta, mas nem imaginava por onde começar.

— Estamos preocupados com sua perda de memória, então vamos mantê-la aqui, esta noite, sob observação — disse a médica dos óculos vermelhos de plástico.

— Ah, está bem, obrigada. — Alice alisou os cabelos, constrangida, imaginando uma fileira de médicos e enfermeiras com pranchetas, sentados ao seu lado, observando seu sono. (Ela às vezes ronca.)

A médica abraçou sua prancheta junto ao peito e olhou para ela animada, como se quisesse conversar.

Ai, Deus! Alice tentou buscar algum assunto interessante para puxar conversa e finalmente disse: — Então, ligou para meu obstetra? O Dr. Chapple? É claro que talvez não tenha tido a chance... — Ela não queria que a médica dissesse, zangada: “Desculpe, eu estava ocupada, salvando a vida de outra pessoa”.

A médica pareceu pensativa.

— Na verdade, liguei. Parece que Sam Chapple se aposentou, três anos atrás. A secretária me disse que ele comprou uma pequena ilha, o que é bem radical.

— Ele comprou uma ilha — repetiu Alice. O fato de ouvir a médica usando termos como “bem radical” perturbou Alice. Isso a fazia soar jovem e surpresa demais. Nada deveria ser uma surpresa para um médico. Foi a mesma coisa com o George Clooney na ambulância. Esses profissionais da medicina parecem tão impressionantes e depois nos decepcionam, passando a ser gente comum, do cotidiano. De qualquer forma, tudo parecia muito improvável para Alice. As pessoas não compram *ilhas*.

— Você provavelmente ajudou a pagar por essa ilha, hein? — disse a médica, alegremente.

Alice não podia acreditar que o Dr. Chapple não estava mais sentado em sua enorme cadeira de couro, anotando cuidadosamente as respostas para suas delicadas perguntas, com sua bela caligrafia, em cartões brancos. Em vez disso, ele estava deitado numa rede, tomando um drinque decorado por um pequeno guarda-chuva de papel. Será que ainda estaria usando sua gravata-borboleta? Ela o imaginou vestindo somente um calção e uma gravata-borboleta, como um *stripper*. Memorizou essa imagem para contar a Nick. (Onde *estava* esse garoto?) É claro que, se realmente fosse 2008, então dez anos teriam se passado e era de se esperar que muita coisa tivesse mudado na vida do Dr. Chapple e, mais importante, em sua própria vida — além do fato de que ela JÁ TERIA TIDO SEU BEBÊ.

Muitas, muitas coisas teriam acontecido ao longo dos últimos dez anos.

Um milhão de coisas. Um bilhão de coisas. Um trilhão de coisas!

Seria fascinante se não fosse tão aterrorizante. Ela realmente precisava resolver esse... *problema*, de uma vez por todas. Pra já! Como Frannie diria. Será que Frannie ainda estaria viva em 2008?

Avós morrem. É de se esperar. Você nem tem o direito de ficar aborrecido por causa disso. Por favor, não deixe que Frannie tenha morrido. Por favor, não deixe que ninguém tenha morrido. “Não vai morrer mais ninguém em nossa família”, Elisabeth prometeu quando elas eram crianças. “Porque não seria justo.” Alice acreditara em cada palavra que Elisabeth dissera.

Talvez Elisabeth tivesse morrido? Ou Nick? Ou mamãe? Ou o bebê? (“*Lamento, mas não há batimento cardíaco.*”)

Pela primeira vez em muitos anos, Alice teve aquela sensação que costumava ter, quando era pequena, depois que o pai morreu, de que mais alguém que ela amava estava prestes a morrer. Ela queria juntar todos aqueles que amava e guardá-los, em segurança,

embaixo de sua cama, junto com suas bonecas favoritas. Às vezes, o estresse ficava tão esmagador que ela se esquecia de respirar e Elisabeth tinha de trazer um saco de papel para ela respirar dentro.

— Posso precisar de um saco — Alice disse à médica.

— Um saco?

Ridículo. Ela não era uma criança para ter falta de ar ao pensar na morte das pessoas.

— Eu tinha um saco, uma mochila — disse ela à médica. — Uma mochila vermelha, com adesivos.

Sabe o que aconteceu com ela?

A médica pareceu vagamente irritada pela pergunta burocrática, mas depois disse: — Ah, sim. Aqui. Você a quer? — Ela pegou a mochila estranha, numa prateleira, na lateral da sala, e Alice a olhou, apreensiva.

— Não. Sim, sim, por favor.

A médica a entregou e disse:

— Bem, apenas descanse e alguém logo virá para levá-la à enfermaria. Lamento por haver tanta espera. Hospitais são assim. — Ela deu um afago maternal no ombro de Alice e rapidamente deixou o quarto, subitamente apressada, como se tivesse lembrado de outro paciente que estava esperando.

Alice passou os dedos sobre os três adesivos brilhantes de dinossauros, na aba da mochila. Cada um deles tinha um balão de fala dizendo *DINOSSAUROS É QUE MANDAM!* ou *DINOSSAUROS DETONAM!* Ela olhou abaixo, para o adesivo em sua camiseta, e o arrancou. Eles combinavam. Depois colou de volta na camiseta (sentiu que deveria, por algum motivo) e esperou por um sentimento ou lembrança.

Será que isso pertencia à Uvinha? Sua mente fugiu da ideia como um animal assustado. Ela não queria saber. Não *queria* um bebê já crescido. Queria seu futuro bebezinho de volta.

Isso não podia estar acontecendo com ela. *Mas está, então, componha-se, Alice.* Ela começou a abrir a mochila e suas unhas chamaram a atenção. Ergueu as mãos à frente. As unhas estavam lindamente modeladas e compridas, e pintadas com uma cor bege bem clara. Normalmente, elas estavam malfeitas e quebradas e cheias de terra, por conta da jardinagem, da pintura ou de qualquer trabalho de reforma que eles estivessem fazendo na época. A única outra ocasião em que estiveram com essa aparência foi em seu casamento, quando ela foi à manicure. Ela passara a lua de mel inteira abanando as mãos para Nick, dizendo:

— Olhe, sou uma *dama*.

Fora isso, suas mãos ainda pareciam suas mãos. Na verdade, estavam bonitas. Sem joias, mas ela só colocava seus anéis quando ia a algum lugar especial, o que não era o caso da academia, porque, de outro modo, eles enganchavam nas coisas, principalmente se ela estivesse trabalhando na casa.

Ela ergueu a mão esquerda e viu que havia uma leve marca branca que não estava ali antes, deixada pela aliança. Aquilo causou uma sensação de desconexão, como sentira ao ver as marcas de estrias na barriga. Sua mente achava que tudo continuava igual, mas seu corpo estava lhe dizendo que o tempo havia seguido em frente, sem ela.

Tempo. Ela colocou as mãos no rosto. Se supostamente estava mandando convites para sua festa de quarenta anos, se estava com... trinta e nove — ela engasgou

mentalmente e puxou o ar ao pensar —, então seu rosto deveria estar diferente. Mais velho. Havia um espelho sobre uma bacia no canto da frente da sala. Ela podia ver o reflexo de seus pés, com as meias brancas curtas; uma das agitadas enfermeiras havia tirado seus tênis estranhos (umas coisas volumosas e borrachudas) e os colocara no chão, ao lado da cama. Alice podia simplesmente pular da cama e caminhar para se olhar.

Sair da cama provavelmente seria contra as regras rigorosas do hospital. Ela tinha uma lesão na cabeça. Ela poderia desmaiar e bater a cabeça novamente. Ninguém lhe dissera para não sair da cama, mas eles provavelmente acharam que isso era óbvio.

Ela devia olhar no espelho. Mas não queria ver. Ela não queria saber. Não queria que isso fosse real. De qualquer forma, agora estava *ocupada* demais. Precisava olhar as coisas da mochila. Ela rapidamente abriu as fivelas e enfiou a mão lá dentro, como se fosse um saco de rifa. E puxou... uma toalha.

Uma simples toalha de banho, limpa e azul. Alice a olhou e não sentiu nada além de constrangimento. Ela estava fuçando as coisas particulares de outra pessoa. Jane Turner obviamente havia pegado a mochila de outra pessoa, insistindo que fosse sua, sem realmente olhar. Isso era a cara da Jane. Tão mandona e impaciente.

Bem.

Alice examinou suas unhas feitas outra vez. Ela enfiou a mão na mochila novamente e puxou um saco plástico dobrado. Era da Country Road. Uuuu, caro. Ela o esvaziou no colo.

Roupa de mulher. Calcinha. Um vestido vermelho. Um casaquinho de malha com um único botão de madeira. Botas beges, até o joelho. Uma caixinha de joias.

A roupa de baixo era creme, de renda e cetim. A roupa íntima de Alice geralmente era irreverente e desbotada: alegres cavaleiros-marinhos na calcinha e sutiãs roxos de algodão com fecho na frente.

Ela segurou o vestido à sua frente e viu que era bonito. Um *design* simples, num tecido sedoso com pequenas flores claras. O tom claro do casaquinho combinava exatamente com o tom das flores do vestido.

Ela olhou a etiqueta do vestido. Tamanho quarenta. Pequeno demais para ela. Não podia ser seu.

Dobrou as roupas e abriu a caixinha de joias, erguendo um colar de ouro fininho com uma grande pedra de topázio. A pedra era grande demais para seu gosto, mas ela a colocou sobre o vestido e admitiu que fazia uma combinação excelente. Boa escolha, de quem quer que seja.

A outra joia era o bracelete de ouro de Alice, da Tiffany.

Alice disse:

— Imagine, encontrar você aqui. — Ela pegou o bracelete e o colocou sobre o pulso, e se sentiu confortada, como se Nick finalmente tivesse chegado.

Ele lhe comprara esse bracelete depois de descobrirem que ela estava grávida da Uvinha. Não deveria ter gastado tanto, pois eles estavam passando pelo que Nick chamava de “Estresse Fiscal Severo”, devido ao fato de que cada coisa que faziam na casa acabava custando mais do que haviam planejado, mas Nick disse que podia entrar na coluna de “Despesas Extraordinárias” (seja lá o que isso significa), porque ter um bebê era extraordinário.

A Uvinha fora concebida numa noite de quarta-feira, o que realmente não parecia

uma noite muito empolgante para um acontecimento desses, e o sexo nem tinha sido tão apaixonado ou romântico.

Eles apenas estavam ali, sem fazer muita coisa além de assistir à TV, e Nick bocejou e disse: — Devíamos pintar o corredor.

E Alice disse:

— Ah, em vez disso, vamos fazer sexo.

E Nick bocejou novamente e disse:

— Hummmm. Está bem.

Então, eles descobriram que não havia preservativos na cômoda, ao lado da cama, mas a ação já estava em curso e nenhum dos dois quis se dar ao trabalho de levantar e encontrar um, no banheiro; além disso, era *quarta-feira* e foi só *uma vez* e, bem, eles eram casados. Tinham permissão para engravidar, portanto, não era provável. No dia seguinte, Alice descobriu que havia um preservativo no fundo da gaveta, se tivesse esticado os dedos mais um pouquinho, mas era tarde demais. A Uvinha já tinha começado a fazer o que era preciso para se tornar uma pessoa.

No dia seguinte, depois de fazerem o teste de gravidez pela oitava vez (caso as sete primeiras estivessem erradas), Nick veio para casa, do trabalho, e lhe entregara uma caixinha embrulhada para presente, com um cartão que dizia “*Para a mãe do meu filho*” e dentro estava o bracelete.

Para ser honesta, ela adorava aquele bracelete, até mais do que seu anel de noivado.

É claro que, para ser *realmente* honesta, ela não amava nem um pouco o anel de noivado. Ela meio que o odiava.

Nem uma única pessoa no mundo inteiro sabia disso. Era seu único segredo verdadeiro, por isso era uma pena que não fosse mais interessante. O anel era uma antiguidade que pertencera à avó de Nick. Alice não conheceu a vovó Love, que aparentemente fora temível, mas adorável (ela parecia ser horrenda). As quatro irmãs de Nick, a quem ele chamava de “As Excêntricas”, por conta de suas tendências, eram loucas por aquele anel, e houve muitas afirmações amargas quando a vovó Love deixou o anel para Nick, em seu testamento. Uma ou outra das Excêntricas estava sempre agarrando a mão esquerda de Alice e resmungando:

— Simplesmente não se *consegue* mais joias assim!

Alice o achava horrível. Tinha uma esmeralda imensa no meio de uma incrustação de diamantes, fazendo parecer uma flor. Por alguma razão, ele a fazia lembrar de um hibisco, e ela nunca fora fã de hibiscos, mas o que ela sabia, já que todas as garotas do mundo pareciam achar o anel *divino*, era que ele valia *uma pequena fortuna*.

E esse era o outro problema. O anel era a joia mais valiosa que Alice já possuía, e Alice perdia as coisas. Constantemente. Ela estava sempre rastreando os próprios passos, esvaziando cestos de lixo e ligando para estações de trem, restaurantes e supermercados, para ver se haviam encontrado sua bolsa, seus óculos de sol ou seu guarda-chuva.

— Ai, *não* — disse Elisabeth, quando soube que o anel de Alice era uma peça tradicional e insubstituível da herança da família. — Você simplesmente terá de, sei lá, arranjar um jeito de prendê-

lo cirurgicamente a seu dedo.

Na maioria das vezes, exceto por eventos especiais, ou se fosse ver as Excêntricas, Alice simplesmente não usava o anel. Ela usava apenas sua aliança de ouro, ou nada. Ela

nunca fora uma pessoa de usar joias.

No entanto, adorava o bracelete de ouro da Tiffany. Ao contrário do anel, ele parecia representar todas as coisas maravilhosas que haviam acontecido ao longo dos últimos anos — Nick, o bebê, a casa.

Agora, ela prendia o bracelete ao redor do pulso, recostava a cabeça de volta no travesseiro branco do hospital e segurava a mochila junto à barriga. Ocorreu-lhe que provavelmente havia um milhão de braceletes exatamente iguais, e esse poderia facilmente pertencer a outra pessoa — ela não havia reconhecido mais nada na mochila —, mas de alguma forma, sabia que era seu.

Ela estava começando a ficar zangada consigo mesma. *Ora, vamos! Lembre-se! Por que você é sempre tão imbecil? Por que esse tipo de coisa sempre acontece com VOCÊ?*

Furiosa, ela novamente enfiou a mão na mochila e tirou uma bolsa preta. Era uma bolsa luxuosa, de mão, um retângulo preto de couro. Alice a virou de um lado para o outro, nas mãos. *Gucci*, dizia, em pequenas letras discretas. Nossa. Ela abriu a bolsa, e a primeira coisa que viu foi seu próprio rosto, encarando de volta, numa carteira de motorista.

Seu próprio rosto. Seu próprio nome. Seu próprio endereço.

Bem, ali estava uma prova de que a mochila lhe pertencia.

A foto era tipicamente embaçada, mas ela podia ver que estava vestindo uma blusa branca e algo que parecia um colar comprido de miçangas pretas. Colar comprido de miçangas? Ela se tornara uma pessoa que usava miçangas? Seus cabelos estavam curtos, pouco acima dos ombros e pareciam tingidos de louro. Ela tinha cortado os cabelos! Nick uma vez a fizera prometer nunca cortar os cabelos. Alice achou aquilo muito romântico, embora Elisabeth tivesse feito ruídos de vômito, quando ela contou:

— Você não pode prometer ficar com um penteado de catorze anos quando estiver com quarenta.

Quando estiver com quarenta.

Ah.

Alice colocou a mão de volta na cabeça. Estivera ligeiramente consciente de que seus cabelos estavam puxados para trás, num rabo de cavalo; não percebera que, na verdade, estava mais para rabicho. Ela puxou o elástico e passou os dedos pelos cabelos. Estavam ainda mais curtos do que na foto da carteira de habilitação. Ela se perguntava se Nick gostou. Em um minuto, ela teria de ser corajosa para se encarar no espelho.

É claro que ainda estava bem ocupada no momento. Sem pressa.

Colocou a habilitação de volta e começou a mexer na carteira. Havia vários cartões de crédito com seu nome impresso, incluindo um American Express Gold. O Amex Gold não era só para o tipo de gente que anda de BMW? Cartão da biblioteca. Cartão da seguradora. Cartão do plano de saúde.

Um cartão de visita comum, de um tal *Michael Boyle, Fisioterapeuta*. O endereço era de Melbourne. Ela olhou atrás e viu um recado escrito à mão.

Alice,

Estamos todos acomodados e indo bem. Sempre penso em você e em momentos mais felizes. Ligue qualquer hora.

Beijos

M.

Ela soltou o cartão no colo. O que esse Michael Boyle quis dizer ao se referir a “momentos mais felizes”? Ela não queria ter tido momentos mais felizes com um fisioterapeuta de Melbourne. Ele parecia horrendo. Ela imaginou um tipo já meio careca, barrigudo, com mãos macias e lábios molhados.

Onde diabos estava Nick?

Talvez Jane tivesse se esquecido de ligar para ele. Ela estava tão estranha na academia. Alice deveria ligar para ele diretamente e explicar o quanto isso era sério e que precisava muito que ele deixasse o trabalho imediatamente. Por que ela não tinha pensado nisso antes? Subitamente, ela ficou desesperada para arranjar um telefone e ouvir a voz adorável de Nick. Teve uma sensação estranha, como se fizesse séculos que não falava com ele.

Ela olhou agitada ao redor da salinha e, obviamente, não havia telefone. Não havia nada ali, exceto a pia, um espelho e um aviso de como lavar suas mãos corretamente.

Um telefone celular! Era disso que ela precisava. Fazia pouco tempo que ela tinha arranjado seu primeiro aparelho. Era velho e pertencera ao pai de Nick, mas funcionava bem, exceto por estar preso com um elástico. Algo lhe dizia que ela provavelmente teria um telefone mais caro agora e, quando abriu o zíper do bolso da frente da mochila, viu que estava certa: havia um telefone fino e prateado, bem ali, como se ela soubesse que ele estaria ali. (Será que sabia? Não tinha como saber se sabia...)

Também havia uma agenda de couro, que Alice abriu rapidamente, só para confirmar que era, de fato, 2008, notando, nauseada, que sua caligrafia preenchia as páginas. No alto de cada página dizia 2008, em letras pretas que não deixavam dúvida: 2008, 2008, 2008. Ela parou de folhear as páginas e pegou o telefone brilhante, respirando rápido, como se houvesse uma imensa barra de ferro em seu peito.

Será que ela pelo menos saberia mexer nesse telefone estranho? Não levava jeito para aparelhos novos, mas seus dedos elegantes de unhas feitas pareciam saber o que fazer, apertando os botões prateados em ambos os lados do telefone, e então, ele se abriu. Ela digitou o número da linha direta de Nick e segurou o aparelho junto do ouvido. Chamou. *Por favor, atenda, por favor, atenda.* Ela sentia que ia explodir em lágrimas de alívio ao ouvir a voz dele.

— Alô, departamento de vendas!

A voz era de uma jovem bem-humorada. Alguém ao fundo estava se matando de rir.

Alice disse:

— Nick se encontra? Nick Love?

Houve uma ligeira pausa. Quando a garota voltou a falar, ela soou como se tivesse levado uma bronca. O riso ao fundo subitamente parou.

— Lamento, ligou para o ramal errado, mas posso transferi-la para a secretária do Sr. Love, se desejar.

Alice parou, distraída pelo fato de que Nick tinha uma secretária. Que chique.

A garota continuou, como se Alice tivesse falado com ela:

— O Sr. Love está em Portugal nesta semana, mas sua secretária seria a melhor pessoa para ajudá-la.

Portugal! Ela disse:

— O que ele está fazendo em Portugal?

— Acho que é um tipo de conferência internacional — disse a garota, incerta. —

Mas, se me permite transferi-la...

Portugal é uma secretária. Ele só pode ter sido promovido. Eles precisavam tomar champanhe!

Alice disse (astuciosamente!):

— É... pode me dizer qual é o atual cargo do Sr. Love na empresa?

— Ele é nosso gerente geral — disse a garota, num tom como se todos no mundo soubessem.

Pelo amor de Deus.

Nick tinha o cargo do Escrotão-Mor.

Houvera mais que uma promoção. Esse era um salto gigantesco na escada corporativa. Alice ficou cheia de orgulho, diante da ideia de Nick andando pelo escritório e dizendo às pessoas o que fazer.

Será que não ririam dele?

— Agora vou transferi-la para a secretária dele — disse a garota, firmemente.

Depois, o telefone fez um barulho e chamou novamente.

Outra voz de mulher atendeu, educadamente:

— Escritório do Sr. Love, aqui é Annabelle, posso ajudar?

— Ah — disse Alice. — Aqui é a esposa de Nick, é... a Sra. Love. Eu estava tentando localizá-lo, mas, hummmm....

A voz da mulher assumiu um tom de punhalada:

— Olá, Alice. Como vai?

— Bem, na verdade...

— Como sabe, Nick não estará em Sydney até domingo de manhã. Obviamente, se for algo que absolutamente não pode esperar, eu posso tentar passar um recado para ele, mas eu realmente preferiria não perturbá-lo. A agenda dele está caótica.

Por que essa mulher estava sendo tão má? Obviamente a conhecia. O que Alice poderia ter feito para que ela a detestasse tanto?

— Então, pode ou não esperar, Alice?

Ela não estava imaginando aquilo; era um ódio real que ela estava ouvindo. A dor na cabeça de Alice piorou. Ela queria dizer: “Ei, moça, estou no hospital. Cheguei aqui de *ambulância*!”.

— Gostaria que você não deixasse as pessoas pisarem em você — Elisabeth sempre lhe dizia. Às vezes, muito tempo depois de Alice ter se esquecido do incidente, Elisabeth diria: — Fiquei acordada a noite inteira pensando no que aquela mulher no laboratório disse para você.

Não posso acreditar que você *engoliu aquilo*. Você não tem determinação!

Alice se jogava no chão, toda desengonçada, para demonstrar sua falta de determinação, e Elisabeth diria:

— Ai, pelo amor de Deus!

O problema era que Alice precisava de mais alerta quando se tratava de ser assertiva. Esse tipo de situação era algo inesperado demais. Ela precisava de horas para pensar nas coisas. As pessoas estavam sendo sórdidas ou ela estava sendo apenas sensível? E se naquela manhã elas tivessem descoberto que estavam com uma doença terminal e tinham o direito de estar com mau humor?

Ela estava prestes a resmungar algo suplicante e patético para a secretária de Nick,

quando, contra sua vontade, seu corpo começou uma sequência de ações desconhecidas. Suas costas se endireitaram.

Seu queixo se ergueu. Os músculos de sua barriga se contraíram. Ela falou e não reconheceu a própria voz. Saiu azeda e decididamente esnobe.

— Não, não pode esperar — disse ela. — É urgente. Houve um *acidente*. Por favor, peça ao Nick para me telefonar, assim que possível.

Alice não poderia ter ficado mais surpresa se tivesse dado uma cambalhota tripla para trás.

A mulher suspirou:

— Certo, Alice, verei o que posso fazer. — Seu desprezo ainda era palpável.

— Eu agradeço.

Alice desligou e disse:

— Vaca. Piranha. Vagabunda. — Ela cuspiu as palavras pelo canto da boca, como se fossem balas envenenadas.

Depois engoliu. Esta, agora, foi ainda mais surpreendente: ela parecia uma garota tatuada que até gostava de cair no pau, de vez em quando.

O celular tocou em sua mão, fazendo-a pular.

Só pode ser Nick, pensou ela, tomada de alívio. Mais uma vez, seus dedos sabiam o que fazer. Ela apertou o botão com o símbolo verde e disse: — Nick?

Uma voz de criança disse, simultaneamente: — Mãe?

Capítulo 5

Grandes reflexões de uma bisavó!

Estou me sentindo um pouquinho irritada hoje. Espero que me perdoem por “desabafar”, como dizem os jovens. (Na verdade, não suporto essa palavra, mas a linguagem é contagiante!)

Como muitos de vocês sabem, eu sou presidente do Comitê Social aqui, em Tranquillity Wood. Durante os últimos meses, organizamos uma Noite de Talento da Família. Será na próxima quarta-feira. Os membros das nossas famílias — filhos, netos e assim por diante — irão atuar em inúmeras apresentações. Vai ser uma noite divertida! Bem, sem dúvida, algumas apresentações serão torturantes, mas isso ao menos vai poder distrair nossas mentes da artrite.

Hoje tivemos o comparecimento de um novo residente no Comitê Social. Sempre fico feliz em ouvir ideias novas, então fiquei encantada em dar as boas-vindas ao “Cavalheiro X”. (Acho que ninguém em Tranquillity Wood lê meu *blog* — a maioria dos meus queridos idosos não tem a menor noção de internet –, mas devo ser cuidadosa quanto a mencionar nomes.)

O Cavalheiro X veio cheio de sugestões.

Servíamos chá, café, sanduíches e bolinhos, na Noite de Talento da Família. O Cavalheiro X começou a falar e sugeriu que montássemos um bar de coquetéis. Disse que, numa ocasião, passou um ano servindo como *barman*, numa ilha caribenha, e que ele podia fazer um coquetel que “com certeza me deixaria tinindo”. Não estou brincando. É desse jeito que ele fala.

Depois ele disse que conhecia uma garota que não era exatamente da família, mas perguntou se mesmo assim ela poderia se apresentar.

Eu disse que sim, é claro. Ele disse que isso era maravilhoso, pois ela fazia um número muito divertido, dançando ao redor de um mastro.

Todos os homens se mataram de rir. Não é engraçado, gente! Isso é discriminação com o sexo oposto. É vulgar. Havia até algumas mulheres rindo. Rita estava rindo que nem doida. Bom, ela tem demência, mas mesmo assim.

Foi a coisa mais estranha do mundo. Senti o desejo mais constrangedor e absurdo de cair em prantos. No mesmo instante, voltei à minha primeira sala de aulas, assim que saí da faculdade de Pedagogia. (Se você não leu a seção **Sobre Mim**, eu passei vinte anos lecionando Matemática. Dez anos como subdiretora e dez anos como diretora. Dei minha vida ao sistema educacional.) Em minha turma havia um garoto chamado Frank Neary. Ainda consigo me lembrar de seu rosto astuto. Garoto esperto, mas impossível de se controlar. Sempre fazendo piadas. Fazendo os outros garotos rirem. Aquilo me fazia sentir tão sem graça e tonta. Como uma tia velha e solteirona.

É claro que sempre havia um Frank Neary em cada turma, e eu logo aprendi a dar um chega pra lá neles. Mas naquele primeiro ano, quando eu era jovem e inexperiente, Frank me fazia sentir muito sem graça. Foi assim que me senti hoje.

No entanto, eu tenho um senso de humor e tanto, pessoal! Gosto de uma boa piada, é

sério! Mas *pole dancing*? Nenhum de vocês está rindo, está?

Bem, a reunião seguinte do Comitê Social foi um tanto **controversa**, quando mencionei minha última postagem. (Todos vocês certamente tiveram muito que dizer sobre aquela questão! Parece que aticei os ânimos!) Tive a impressão de que o Cavalheiro X não me apoiaria nesse assunto em particular,

FURO DE NOTÍCIA!

Oh, céus, estou toda alvoroçada. Acabo de ser interrompida por um telefonema de minha “filha” **Barb**, com a notícia inquietante de que minha “neta” **Alice** teve uma queda terrível na academia que frequenta (com regularidade demais, para o meu gosto) e está no hospital.

Estou ainda mais aflita, pois ultimamente Alice tem passado por **momentos difíceis**, e isso é a última coisa de que ela precisa.

Aparentemente, Alice está sofrendo de perda de memória, em consequência de sua lesão na cabeça, e acredita que estamos em 1998.

Minha nossa. Tenho certeza de que ela logo terá a memória de volta, mas isso é uma grande apreensão e certamente coloca minhas preocupações sob outra perspectiva. Vou concluir esta nota e lhes darei notícias assim que souber mais.

COMENTÁRIOS

Beryl disse...

Estou com você, Frannie! Diga ao terrível X que ele não é bem-vindo no Comitê Social! E mandamos todo o nosso amor e preces para Alice.

O Cara de Brisbane disse...

Sei que eu talvez seja o único homem comentando neste *blog*, portanto sei que todas vocês poderão gritar comigo, mas preciso fazer uma pergunta: o que há de errado em ter um bar de coquetéis no baile da família? Isso me parece incrível. Estou do lado do X!

(E, desculpe, Frannie, mas estou rindo. Dê uma folga ao sujeito. Ele estava apenas tentando levantar o astral.)

DorisdeDallas disse...

Talvez você deva convidar o Cavalheiro X para um drinque e esclarecer as coisas com ele, não? Use sua astúcia feminina! Você poderia fazer aquela quiche de queijo e cebolas que mencionou numa nota anterior! P.S.: Por que você coloca aspas nas palavras “filha”

e neta”?

Vovó Maravilha disse...

Pobre de você e pobre da Alice. Quando vem coisa ruim, é uma atrás da outra. Mantenha-nos informados.

Lady Jane disse...

Diga a Alice que eu uma vez desmaiei na seção de iogurte do Woolies e, quando voltei a mim, eles me perguntaram meu nome e eu dei meu nome de solteira! Sou casada há 43 anos! A mente funciona de um jeito engraçado.

Frank Neary disse...

Olá, Srta. Jeffrey. Eu estava navegando no Google, pesquisando meu nome, e me deparei com a sua nota. Lamento por ter sido tão metido a esperto, mas guardo

lembranças afetuosas de nossas aulas de Matemática. Acho que eu até tinha uma queda pela senhorita.

Fiz Engenharia e tenho certeza de que minha carreira bem-sucedida foi graças ao seu trabalho duro.

MadMabel disse...

Só recentemente descobri seu *blog*. Parabéns! Que leitura divertida! Também sou bisavó, do outro lado do mundo (Indiana, EUA!) e estou pensando em começar meu próprio *blog*. Uma pergunta: como sua família se sente quanto a escrever sobre eles? Acho que minha família pode se sentir meio esquisita com disso.

AB44 disse...

Era mesmo Frank Neary, seu antigo aluno, comentando? Mas que incrível! É um poder e tanto que tem essa internet!



— Mãe? — disse a criança, novamente, inquieta. Alice não sabia dizer se era menino ou menina. Era simplesmente uma voz comum de uma criança. Ofegante, apressada, ligeiramente fanhosa. Do tipo adorável. Ela quase nunca falava com crianças ao telefone, exceto um papo ocasional, numa festa de aniversário, com um dos sobrinhos ou sobrinhas de Nick, e sempre ficava pasma pela doçura de suas vozes. Eles pareciam bem maiores, assustadores e sujos, em carne e osso.

Sua mão estava suando. Ela segurou o telefone com firmeza, passou a língua pelos lábios e disse com voz rouca:

— Alô?

— Mãe, Sou *eu*! — A voz da criança borbulhava pelo telefone, como se ele ou ela estivesse gritando diretamente em seu ouvido.

— Por que achou que era o papai? Ele está te ligando de Portugal? Ah! Se você falar com ele, pode, por favor, dizer que o nome daquele *game* de Xbox que eu quero é *Lost Planet, Extreme Condition*, está bem? Entendeu? Porque eu acho que dei o nome errado pra ele. Certo, mãe, é bem importante, então, talvez você precise escrever. Quer que eu fale devagar? *Lost. Planet. Extreme. Condition*. De qualquer forma, onde você está? Nós temos aula de natação e você *sabe* que eu detesto chegar atrasado, porque sobro com a porcaria da prancha de remo. Ah! Lá está o tio Ben! Ele vai nos levar pra natação hoje! Certo, legal! Por que não nos disse? OI, TIO BEN! Certo, tenho de ir. Até mais, mãe.

Houve um som áspero, um baque e sons de crianças gritando ao longe. Uma voz de homem disse: — E aí, campeão? — E desligou.

Alice soltou o telefone no colo e olhou direto à frente, pela porta aberta, na direção do corredor do hospital. Alguém passou rapidamente, com uma touca verde na cabeça, gritando: “Dá um tempo!”.

Em algum lugar, a distância, um recém-nascido chorou.

Será que ela acabara de ter uma *conversa* com a Uvinha?

Ela nem sabia o nome do bebê. Eles ainda estavam discutindo os nomes. Nick queria Tom — um “nome bom e honesto para um homem” — e Alice queria Ethan — um nome *sexy* e bem-sucedido. Ou, se a Uvinha os surpreendesse, sendo uma menina, Alice

queria Madeline e Nick queria Addison — porque meninas aparentemente não precisam de “nomes bons e honestos”.

Alice pensou: *“Eu não posso ser mãe de uma criança e não saber seu nome. Isso é simplesmente impossível. Está além de qualquer possibilidade”*.

Talvez tivesse sido engano! A criança mencionou um tio Ben. Não havia nenhum Ben na família de Alice. Ela não conhecia um único Ben. Nem tinha certeza se já havia conhecido algum Ben. Puxou pela cabeça e tudo de que se lembrou foi de um enorme vendedor barbudo de letreiros em neon que ela um dia conheceu, quando estava ajudando Dora, irmã mais velha de Nick (provavelmente a mais excêntrica das Excêntricas), em sua loja de Artes Paranormais, e, na verdade, seu nome poderia facilmente ser Bill ou Brad.

O problema era que a criança havia perguntado “Por que achou que era o papai?” quando ela disse Nick. E ele também sabia que Nick estava em Portugal.

Estava além de qualquer possibilidade, mas, por outro lado, parecia bem conclusivo.

Ela fechou os olhos rapidamente e os abriu de novo, tentando visualizar um filho com quase dez anos de idade. Que altura ele teria? De que cor seriam seus olhos? E os cabelos?

Parte dela queria gritar de pavor da situação e parte dela queria morrer de rir, por ser tão ridículo.

Uma piada impossível. Uma história hilária que ela contaria durante anos: “Aí, eu ligo para o Nick e uma mulher me diz que ele está em Portugal! E eu penso: *Portugal?*”.

Ela pegou o telefone, cuidadosamente, como se fosse um dispositivo explosivo, e pensou em ligar para outra pessoa: Elisabeth? Mãe? Frannie?

Não. Ela não queria mais vozes estranhas lhe dizendo coisas indesejáveis sobre pessoas que amava.

Seu corpo parecia fraco e pesado. Não faria nada. Nada mesmo. Alguma coisa acabaria acontecendo; alguém viria. Os médicos consertariam sua cabeça e tudo ficaria bem. Ela começou a enfiar as coisas de volta na mochila. Quando pegou a agenda de couro, uma fotografia caiu.

Era uma foto de três crianças em uniforme escolar. Foi obviamente posada, pois elas estavam sentadas em fila, num degrau, com os cotovelos sobre os joelhos, e o rosto nas mãos. Havia duas meninas e um menino.

O menino estava no meio. Tinha cabelos louros descabelados, orelhas meio de abano e um nariz empinado. Estava com a cabeça inclinada para um dos lados e mostrava os dentes cerrados, numa careta grotesca que Alice sabia ser um sorriso. Sabia disso porque ela já tinha visto pelo menos uma centena de fotos de sua irmã fazendo uma cara idêntica.

— Por que eu faço isso? — Elisabeth diria, triste, ao ver a foto.

À direita do garoto havia uma menina que parecia mais velha. Ela tinha um olhar impassível, um rosto longo e cabelos lisos e castanhos, num rabo de cavalo que caía sobre um dos ombros. Ela estava curvada para a frente, de uma forma que claramente dizia: “Eu não quero sentar nesta posição ridícula”. Seus lábios estavam comprimidos numa linha reta, e ela olhava à direita da câmera. Tinha um machucado feio no joelho ossudo, e seus dois sapatos estavam com os cadarços desamarrados.

Não havia nada de familiar quanto a ela.

À esquerda do menino, havia uma garotinha de cachinhos louros presos em marias-chiquinhas. Ela sorria extasiada, com covinhas em suas bochechas de querubim. Havia algo grudado dos dois lados da gola de seu uniforme; Alice segurou a foto mais de perto. Eram adesivos brilhantes de dinossauros, exatamente iguais aos da camiseta de Alice.

Ela olhou atrás da foto e viu que havia uma etiqueta colada, escrita à máquina, que dizia:

Crianças (da esquerda para a direita): Olivia Love (Jardim 2), Tom Love (4a série), Madison Love (5a série).

Mãe: Alice Love

Número de cópias pedidas: 4

Alice virou a foto de volta e olhou novamente para as três crianças.

Nunca os vi em toda minha vida.

Havia um zunido distante em seus ouvidos. Ela sentia sua respiração ofegante, seu peito inflando e murchando rapidamente, como se ela estivesse numa grande altitude. “Nossa, mas que *engraçado*!

Estou vendo esta foto, certo? De três crianças. São meus próprios filhos! E *eu nem sequer os reconheço*! Hilário!”

Outra enfermeira, que Alice ainda não tinha visto, entrou no quarto e olhou para ela rapidamente, depois pegou a prancheta no pé da cama.

— Lamento por fazê-la esperar. Já me garantiram que só levará mais alguns minutos para termos uma cama livre para a senhora. Como está se sentindo?

Alice colocou as pontas trêmulas dos dedos sobre a testa.

— O problema é que, na verdade, eu não me lembro dos últimos dez anos de minha vida. — Havia um tom de histeria em sua voz.

— Acho que vamos tentar providenciar uma boa xícara de chá e alguns sanduíches.

— A enfermeira olhou a foto no colo de Alice e disse: — Seus filhos?

— Aparentemente — disse Alice, dando um risinho que se transformou em choro, e o gosto das lágrimas em sua boca parecia tão familiar, e a ideia lhe veio à cabeça, *Pare! Estou cansada, cansada de chorar*, mas o que isso queria dizer, se ela não chorava desde que era pequena, nem conseguia parar, mesmo que quisesse?

Capítulo 6

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

No intervalo para o chá da tarde, liguei para o celular de Ben, e ele disse — acima de um ruído que mais parecia de vinte garotos, não de três — que fora buscar as crianças na escola e agora estava dirigindo rumo à aula de natação. Ele disse ter sido informado que não era possível perder nenhuma aula de natação, pois Olivia acabara de se tornar um crocodilo, ou um ornitorrinco, ou algo assim, e eu ouvi a gargalhada de Olivia, conforme ela gritava: “UM GOLFINHO, seu bobão!”. Eu também ouvia Tom, que devia estar na frente, ao lado de Ben, dizendo, monotonamente: — Agora você está cinco quilômetros ACIMA da velocidade permitida, agora você está quatro quilômetros ACIMA da velocidade permitida; agora você está dois quilômetros ABAIXO da velocidade permitida.

Ben parecia estressado, mas feliz. Mais feliz do que eu o via em semanas. Pegar as crianças e levá-las até a natação não é algo que Alice normalmente nos pede (confia), e eu sabia que Ben provavelmente estava alegre pela responsabilidade. Imaginei as pessoas olhando, nos sinais de trânsito, vendo um pai comum (talvez um pouquinho maior e mais desajeitado que a maioria), com três crianças.

Se eu pensar demais sobre isso, vai doer muito, então não o farei.

Ben me disse que Tom acabara de falar com Alice pelo celular e, segundo Tom, ela não dissera nada a respeito de ter caído na academia e parecia a mãe de sempre, exceto, talvez, por estar dez ou quinze por cento mais rabugenta do que o habitual. Eu acho que atualmente ele está aprendendo porcentagens na escola.

Estranhamente, eu mesma nem tinha pensado em ligar para o celular de Alice. Então, imediatamente disquei o número.

Quando ela atendeu, parecia tão estranha que eu nem reconheci sua voz e achei que uma enfermeira tivesse atendido o telefone. Eu disse:

— Ah, desculpe, eu só estava tentando falar com Alice Love — e então percebi que era Alice e ela estava aos prantos.

— Oh, Libby, graças a Deus é você!

Ela parecia horrível, realmente histérica, tagarelando sobre uma foto e adesivos de dinossauros e um vestido vermelho que não tinha como caber nela, mas era muito bonito, e sobre o fato de estar totalmente bêbada numa academia e por que Nick estava em Portugal e agora ela não sabia se estava grávida ou não, e ela pensou que fosse 1998, mas todos dizem que é 2008. Aquilo me deu medo. Nem consigo me lembrar da última vez em que vi ou ouvi Alice chorar (ou me chamar de Libby); embora ela tenha tido motivos de sobra para chorar no último ano, não chora na minha frente. De uns tempos para cá, existe um tom educado e contido em todas as nossas conversas, e nós duas ficamos fazendo essas vozes ponderadas.

Na verdade, foi até uma sensação boa ouvir Alice chorar. Pareceu real. Faz muito tempo que ela não precisava de mim, e isso era uma parte tão importante de minha identidade, sendo a irmã mais velha que a protegia do mundo. (Eu deveria economizar

meu dinheiro e analisar a mim mesma, Dr. Hodges.)

Então, eu disse a ela que não se preocupasse, que eu estava indo direto para lá, e nós consertaríamos tudo, e voltei imediatamente ao palco e disse que houve uma emergência familiar e precisava partir, mas que Layla, minha assistente muito competente, assumiria em meu lugar, e quando olhei para Layla, para ver sua reação, ela estava cor-de-rosa e radiante, como se de repente tivesse caído a ficha. Então, estava tudo certo.

Claro que o hospital só podia ser o Royal North Shore.

Sempre tenho a sensação de ter engolido algo imenso quando entro de carro naquele estacionamento. O troço que pareço ter engolido tem o formato de uma âncora e desce pela minha garganta, abrindo em meu estômago.

Outra coisa: o céu sempre parece enorme, como uma imensa concha vazia. Por que será? Sempre preciso olhar para cima enquanto estou entrando de carro, ou talvez esteja relacionado com a minha sensação de pequenez e inutilidade, ou possivelmente seja apenas a simples geografia, pelo amor de Deus, a estrada sobe, antes de descer e desembocar no estacionamento.

Estou aqui por causa da Alice, lembrei a mim mesma ao sair do carro.

Mas para todos os lados que olhava, eu via antigas versões de Ben e eu. Nós assombramos o lugar.

Se algum dia o senhor for lá, Dr. Hodges, fique de olho para nos ver. Lá estaremos, arrastando-nos pela entrada, de volta ao estacionamento, num dia ensolarado e gélido, eu, vestindo aquela saia *hippie* feia, que continuo usando, porque não precisa passar, e segurando a mão de Ben, deixando que ele me guie, olhando para o chão e entoando meu mantra: “Não pense nisso. Não pense nisso.

Não pense nisso”. O senhor nos verá em pé, junto do balcão da recepção, preenchendo formulários, e Ben estará logo atrás de mim, afagando a parte de baixo das minhas costas em pequenos círculos, e eu sinto que os círculos, de alguma forma, me mantêm inspirando e expirando, como um exaustor. Lá estamos nós, espremidos, no fundo do elevador, com uma família empolgada, com os braços transbordando de flores, e balões escritos *É menina!* Nós dois estamos de braços cruzados, exatamente do mesmo jeito, como se tentássemos evitar que a alegria nos ferisse.

Na outra semana, o senhor me disse que isso não me limita, mas limita, *sim*, Dr. Hodges, simplesmente limita.

Não pense nisso.

Enquanto eu andava pelos corredores que faziam eco (*toc, toc, toc*, dos meus saltos, e o *cheiro*, bem, o senhor provavelmente conhece aquele cheiro horrível de batatas cozidas, Dr. Hodges, a forma como invade suas narinas com lembranças de todas as outras visitas a hospitais), ignorei os fantasmas malvestidos do passado e me concentrei em Alice, imaginando se ela ainda estaria achando que era 1998 e, se fosse o caso, como seria. A única coisa que eu tinha para comparar foi a vez em que eu era adolescente e fiquei terrivelmente bêbada numa festa de vinte e um anos, levantei e fiz um longo discurso, propondo um brinde amoroso ao rapaz aniversariante, a quem tinha acabado de conhecer naquela noite. No dia seguinte, não me lembrava de coisa alguma, nada, vestígio algum.

Aparentemente, utilizei a palavra “exiguidade” em meu discurso, e isso me perturbou, pois nem sóbria eu já havia usado essa palavra, nem tinha certeza absoluta de

seu significado. Eu nunca mais fiquei bêbada daquele jeito. Sou muito controladora para ver outras pessoas se matando de rir, enquanto descrevem as minhas próprias ações.

Se eu não pude suportar perder duas horas de minha memória, como seria perder dez anos?

Enquanto procurava o número da enfermaria de Alice, subitamente me lembrei da mamãe, de Frannie e de mim, cheias de empolgação, exatamente como a família do elevador, praticamente correndo pelos corredores de outro hospital, procurando pelo quarto de Alice, quando Madison nasceu. Nós por acaso vimos Nick, a distância, caminhando à nossa frente, e todas gritamos “Nick!”, e ele se virou e, enquanto esperava que o alcançássemos, correu em círculos, no mesmo lugar, e deu dois socos no ar, como Rocky, e Frannie disse, em voz alta, toda contente — “Ele é uma figura!” — e, à época, eu estava namorando um urbanista paternal e naquela hora decidi que era o momento de terminar com ele, pois Frannie jamais o chamaria de figura.

Se Alice realmente havia perdido a memória dos últimos dez anos, pensei, então ela não se lembraria daquele dia, nem de Madison, quando bebê. Ela não se lembraria de que nós dividimos uma caixa de chocolates Quality Street, enquanto o pediatra veio ver Madison. Ele a virou e segurou na palma da mão, com muita destreza, como quem gira uma bola de basquete, e Alice e Nick gritaram, juntos, “Cuidado!”, e todos nós rimos, e o pediatra sorriu e disse: — Sua filha é nota dez. — Todos nós aplaudimos e saudamos Madison pela sua primeira boa nota, enquanto ele a embrulhava de novo, com um cobertorzinho branco, parecendo um belo pacotinho de peixe com batatas fritas, e cerimoniosamente a apresentava a Alice.

Eu estava justamente pensando na enormidade de todas as coisas que haviam acontecido com Alice nos últimos dez anos, quando encontrei o número de sua enfermaria e, ao dar uma olhada pela porta, eu a vi no primeiro cubículo com a cortina aberta, encostada nos travesseiros, olhando direto para a frente, com as mãos no colo. Ela estava sem cor. Vestida com uma roupa branca de hospital, deitada sobre um travesseiro branco, com uma bandagem branca ao redor de sua cabeça e mesmo seu rosto estava totalmente branco. Era estranho vê-la tão imóvel. Alice tem movimentos rápidos, precisos.

Está sempre mandando mensagens de texto pelo celular, sacudindo as chaves do carro, pegando uma das crianças pelo cotovelo e dizendo algo duro em seus ouvidos. Está sempre tamborilando as pontas dos dedos, ocupadíssima.

(Há dez anos ela não era nada assim. Ela e Nick dormiam até meio-dia todos os domingos. “Como é que eles vão arranjar tempo para reformar aquela casa imensa?!”, dizíamos eu, a mamãe e Frannie, como três tias velhas.)

Ela não me viu logo de cara e, conforme caminhei até ela, seus olhos piscaram e pareceram muito grandes e azuis em seu rosto pálido. Porém, mais importante, ela estava me olhando de um jeito diferente, mas familiar, que eu não sei como descrever, exceto pelo fato de uma ideia estranha que me veio à cabeça. *Você voltou.*

Quer saber a primeira coisa que ela me disse, Dr. Hodges?

Ela disse:

— Oh, Libby, o que *aconteceu* com você?

Eu lhe disse, isso me limita.

Ou talvez fossem apenas as rugas.



Alice finalmente havia sido transferida a uma enfermaria e lhe deram uma roupa de hospital e um controle remoto para a televisão, e uma cômoda branca com gavetas. Uma senhora empurrando um carrinho trouxe-lhe uma xícara de chá fraco e quatro pequenos triângulos de sanduíches de presunto com queijo. A enfermeira estava certa; o chá e os sanduíches fizeram-na sentir-se melhor, exceto pelo fato de não alterarem em nada o imenso vazio que ela tinha na memória.

Quando ela ouviu a voz de Elisabeth no celular, foi exatamente como cada uma das vezes em que ela ligou para casa, durante aquela desastrosa viagem pela Europa, quando ela tinha dezenove anos e estava tentando fingir ter uma personalidade diferente: uma personalidade aventureira, extrovertida; o tipo de pessoa que *adora* conhecer catedrais e ruínas o dia inteiro, sozinha, e conversar com garotos bêbados de Brisbane, em albergues da juventude, à noite, quando na verdade ela estava com saudades de casa, solitária e frequentemente entediada, e não entendia nada dos horários dos trens. O som da voz de Elisabeth, alto e claro, num telefone público estranho, do outro lado do mundo, fez os joelhos de Alice dobrarem de alívio, e ela encostou a testa junto do vidro e pensou: *É isso mesmo, sou uma pessoa de verdade.*

— Minha irmã está vindo, agora mesmo — ela disse à enfermeira, quando desligou, como se estivesse apresentando as credenciais de uma pessoa apropriada, que tem uma família, uma família que ela reconhecia.

No entanto, quando Elisabeth caminhou em direção à sua cama, ela não a reconheceu. Imaginou que essa mulher de conjunto bege, óculos e cabelos até os ombros podia ser a administradora do hospital, vindo para fazer algo administrativo, mas, depois, alguma coisa na postura ereta da mulher, algo essencialmente Elisabeth, a delatou.

Foi um choque, porque parecia que Elisabeth ganhara peso da noite para o dia. Ela sempre tivera um corpo forte, ágil, atlético, por remar, correr e qualquer outra coisa que estava sempre fazendo.

Agora ela não estava gorda, mas decididamente maior, mais flácida e com seios maiores. Era uma versão mais rechonchuda dela, como se alguém a tivesse inflado, como um brinquedo aquático de plástico. Ela não vai gostar disso, pensou Alice. Elisabeth sempre fora moralista quanto à comida que engorda, recusando-se a aceitar uma torta Pavlova, como se fosse *crack* ou cocaína. Uma vez, quando Nick, Alice e Elisabeth viajaram juntos, num fim de semana, Elisabeth passou horas à mesa do café da manhã, estudando as informações nutricionais numa embalagem de iogurte, alertando aos dois: “Vocês precisam ser *muito* cuidadosos com iogurte”. Depois dessa, toda vez que Nick e Alice comiam iogurte, sempre gritavam: “Cuidado!”.

À medida que ela se aproximou e a luz clara acima da cama iluminou seu rosto, Alice viu rugas finas ao redor dos lábios de Elisabeth e também nas laterais dos dois olhos, por trás dos óculos elegantes. Elisabeth tinha grandes olhos azuis, com cílios escuros, como Alice, herdados do pai; olhos que atraíam elogios, mas agora pareciam menores e mais claros, como se a cor tivesse desbotado.

Havia algo machucado e desgastado naqueles olhos desbotados, como se ela tivesse

sido brutalmente derrotada numa luta que esperava vencer.

Alice sentiu uma onda de preocupação; só podia ter acontecido algo terrível.

Mas quando ela perguntou, Elisabeth disse:

— O que quer dizer com o que aconteceu *comigo*? — tão animada, que Alice ficou em dúvida.

Elisabeth puxou uma cadeira de plástico e se sentou. Alice deu uma olhada em sua saia repuxando de forma feia, na barriga, e rapidamente desviou o olhar. Aquilo a fez querer chorar.

Elisabeth disse:

— É você que está no hospital. A pergunta é: “o que aconteceu com *você*?”.

Alice se sentiu entrando no papel daquela Alice irreprimível e impotente.

— É completamente bizarro. É como um sonho. Aparentemente, eu caí na academia. Eu, numa academia! Eu sei! Segundo a Jane Turner, eu estava fazendo algo chamado “aula de *step* da sexta-feira” — agora ela podia agir como uma tola, pois Elisabeth estava ali para ser sensata.

Elisabeth a encarava com concentração, tão séria e amedrontada que Alice sentiu seu sorriso tolo se esvair.

Ela esticou a mão para pegar a foto que deixou sobre a cômoda, ao lado da cama, e a entregou a Elisabeth, perguntando, numa voz baixa e educada:

— Esses são meus... — Ela se sentiu mais tola do que já se sentira em toda a sua vida. — São meus filhos?

Elisabeth pegou a foto, deu uma olhada e algo complicado passou por seu rosto, um tremor quase imperceptível, depois sumiu. Ela sorriu cuidadosamente e disse: — Sim, Alice.

Alice respirou trêmula e fechou os olhos.

— Eu nunca os vi.

Ela ouviu Elisabeth respirar fundo também.

— É passageiro. Tenho certeza. Você provavelmente precisa apenas descansar, relaxar e...

— Como eles são? — Alice abriu os olhos. — Essas crianças? São... legais?

Elisabeth disse, numa voz mais forte: — São maravilhosos, Alice.

Alice disse: — Sou uma boa mãe? Cuido deles direito? O que dou para eles comerem? São tão grandes!

— Seus filhos são sua vida, Alice — disse Elisabeth. — Logo você mesma se lembrará deles. Tudo vai voltar. Apenas...

— Acho que eu poderia cozinhar umas linguças pra eles — disse Alice, animando-se com a ideia. — Crianças adoram linguça.

Elisabeth ficou olhando.

— Você jamais daria linguça para eles.

— Achei que eu estivesse grávida — disse Alice. — Mas fizeram um exame de sangue e me disseram que decididamente não estou. Não me sinto grávida, mas não consigo acreditar que não esteja. Não consigo.

— Não. Bem, eu acho que você não está grávida...

— *Três* filhos! — disse Alice. — Nós só íamos ter dois.

— Olivia foi um acidente — disse Elisabeth, rígida, como se reprovasse.

— Nada disso parece real — disse Alice. — Eu sou como Alice no País das Maravilhas. Lembra o quanto eu detestava aquele livro? Porque nada fazia sentido. Você também não gostava. Gostávamos de coisas que faziam sentido.

— Eu posso imaginar que deve ser *realmente* estranho, mas não vai durar muito, a qualquer minuto tudo vai voltar. Você deve ter batido a cabeça de forma bem... severa.

— Sim. Muito severa. — Alice pegou a foto novamente. — Então, esta garotinha. Ela é a mais velha, então deve ser meu primeiro bebê, certo? Então, tivemos uma menina?

— Sim, tiveram.

— Achávamos que seria um menino.

— Lembro disso.

— E o parto! Tive três partos? Como foi meu parto? Estou tão nervosa por isso, quero dizer, *estava*...

— Acho que foi tudo bem calmo com Madison, mas houve complicações com Olivia. — Elisabeth se remexeu na cadeira de plástico. — Olhe, Alice, eu acho que devo tentar falar com um de seus médicos. Estou achando isso muito difícil. É estranho. É realmente... assustador.

Alice buscou o braço de Elisabeth em pânico. Ela não suportaria ficar sozinha novamente.

— Não, não, não vá embora. Logo alguém virá. Eles vêm toda hora para me ver. Ei, Libby, eu liguei para o Nick, no trabalho, e eles me disseram que ele estava em Portugal! Portugal! O que ele está fazendo lá? Deixei um recado com uma secretária horrível. Mas me impus para ela. Você ficaria orgulhosa de mim! Mostrei que tenho determinação. Minha determinação foi como *aço*.

— Bom pra você — disse Elisabeth. Ela pareceu como se tivesse comido algo de que não gostou.

— Mas ele ainda não me ligou de volta — suspirou Alice.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Foi só quando ela começou a falar sobre Nick estar em Portugal que o óbvio bateu e pareceu ainda mais chocante do que quando ela me perguntou se as crianças eram *legais*.

Ela realmente se esquecera de tudo.

Até de Gina.

Capítulo 7

— Então, você *realmente* não se lembra de nada, de coisa alguma, desde 1998? — Elisabeth se mexeu na cadeira de plástico, aproximando-se da cama de Alice, e se inclinou para a frente, como se fosse hora de ir direto ao assunto. — Nada mesmo?

— Bem, eu tenho tido alguns fragmentos engraçados de coisas que passam pela minha cabeça — disse Alice. — Mas nada faz sentido.

— Certo, então, conte-me a respeito — Elisabeth a incentivou. Agora, seu rosto

estava mais perto de Alice, e as rugas nos cantos da boca pareciam ainda mais profundas do que Alice pensara. Nossa!

Involuntariamente, Alice pressionou as pontas dos dedos na própria pele; ela ainda não havia se olhado no espelho.

Ela disse:

— Bem, quando acordei, eu estava tendo um sonho, eu não conseguia definir se era um sonho ou se algo real havia acontecido. Eu estava nadando e era uma linda manhã de verão, e minhas unhas dos pés estavam todas pintadas com cores diferentes. Havia mais alguém comigo e as unhas dos pés da pessoa estavam pintadas da mesma forma. Ei, talvez a outra pessoa fosse você, não? Aposto que era você!

Elisabeth disse:

— Não, isso não me diz nada. Que mais?

Alice pensou nos buquês de balões cor-de-rosa voando pelo céu cinzento, mas não queria contar a Elisabeth sobre a imensa onda de dor que a invadia e ela não estava tão ansiosa para saber o que significava.

Em vez disso, ela disse:

— Lembro-me de uma moça americana dizendo: “Lamento, mas não há batimento cardíaco”.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Admito que achei estranhamente comovedor que, de todas as lembranças importantes para virem à tona na mente de Alice, aquela tenha sido a primeira.

Alice sempre foi boa em imitar sotaques, e ela fez a voz da mulher perfeitamente. O tom e o ritmo eram exatamente como eu me lembrava e, por um instante, eu estava de volta àquele quarto sombrio, tentando entender. Não pensava nisso havia tanto tempo.

Imagine, Dr. Hodges, se eu pudesse viajar de volta no tempo, até aquele dia, e sussurrar em meu ouvido: “Isso é só o começo, querida”. Então, eu jogaria a cabeça para trás e daria uma gargalhada de bruxa demente.

Na verdade, o senhor não gosta muito quando eu falo com esse humor negro e amargo, não é?

Percebi que o senhor sorri educadamente e meio que triste, como se eu estivesse fazendo papel de tola, e o senhor sabe exatamente o porquê, como se eu fosse uma adolescente que não tem controle sobre suas próprias emoções constrangedoras.

De qualquer forma, eu não queria falar sobre a mulher americana com Alice. Obviamente.

Principalmente com *Alice*. Também não quero falar especificamente com o senhor. Nem pensar a respeito. Nem escrever sobre isso. Apenas aconteceu. Como todo o restante.



Elisabeth alisou o cobertor branco ao lado da perna de Alice, com a mão espalmada. Seu rosto pareceu se enrijecer. Ela disse:

— Desculpe, isso também não me diz nada. Nada.

Por que ela soou tão zangada? Alice se sentiu como se tivesse feito algo errado, mas não conseguia descobrir o quê. Ela se sentia estupidamente desconcertada, como uma criança tentando descobrir algo grandioso e importante que os adultos não queriam lhe contar.

Elisabeth cruzou com o olhar de Alice e deu um meio sorriso, rapidamente desviando a cabeça.

Uma mulher carregando flores entrou na enfermaria, olhou esperançosa para Alice e Elisabeth, piscou desdenhosamente e passou direto pelo cubículo cortinado delas, seguindo até o outro. Elas escutaram uma voz dando um gritinho:

— Eu estava pensando em você!

— Eu deveria ter trazido flores — murmurou Elisabeth.

Alice disse, subitamente:

— Você é casada!

— Perdão?

Alice pegou a mão esquerda de Elisabeth.

— Você tem um anel de noivado! É lindo. É exatamente o tipo de anel que eu teria, se tivesse escolhido o meu. Não que eu não adore o anel da vovó Love, é claro.

Elisabeth disse, secamente:

— Você odeia e despreza o anel da vovó Love, Alice.

— Ah. Eu te contei isso? Não me lembro de ter contado.

— Anos atrás, acho que você talvez tivesse bebido demais, por isso não entendo por que... bem, deixa pra lá.

Alice disse:

— Bem, você vai me deixar em suspense? Com quem se casou? Foi o urbanista bonitinho?

— *Dean*? Não, não casei com Dean e só saí com ele por cinco minutos. E ele morreu. Num acidente de mergulho. Trágico. De qualquer forma, eu me casei com Ben. Não se lembra de Ben? Nesse momento, ele está cuidando dos seus filhos.

— Ah, isso é legal da parte dele, é ótimo — disse Alice, baixinho, e voltou a se sentir enjoada, porque uma boa mãe supostamente teria imediatamente verificado quem estava cuidando de seus filhos. O problema era que ainda parecia ilógico que eles existissem.

Ela pressionou uma das mãos sobre a barriga lisa, onde não havia mais um bebê, e lutou contra a sensação de vertigem. Caso se permitisse pensar demais sobre isso, ela poderia começar a gritar, sem conseguir parar.

— Ben — disse Alice, focando em Elisabeth. — Então, você se casou com alguém chamado Ben. — Ela se lembrou de ouvir aquela criança fanhosa dizer “tio Ben” ao telefone. De alguma forma, era pior quando todas as coisas se encaixavam, como se tudo no mundo fizesse sentido, menos Alice.

Ela disse: — Que engraçado! Antes, eu estava pensando que o único Ben que conhecia era um cara grandão, *designer* de letreiros de neon, que uma vez conheci na loja da irmã de Nick. Sempre me lembrei daquele cara porque ele era tão grande, lento e silencioso, era como um urso que tinha se transformado em homem.

Elisabeth explodiu numa gargalhada, e o som de seu riso (era um riso generoso que

vinha do fundo da garganta e sempre fazia Alice querer repetir a coisa engraçada) e a forma como ela jogava a cabeça para trás a fizeram parecer ela mesma outra vez.

— Não entendi — Alice sorriu, querendo saber.

— Foi com esse Ben que eu me casei. Eu o conheci no dia da abertura da loja de Dora. Estamos casados há oito anos.

— É mesmo? — Elisabeth se casou com aquele homem-urso imenso, *designer* de placas de neon?

Ela geralmente gostava dos tipos executivos terrivelmente perspicazes e bem-sucedidos que faziam Alice se sentir uma imbecil. — Mas ele não tinha uma *barba*?

Elisabeth certamente não teria se casado com alguém que tivesse barba.

Elisabeth se sacudia de tanto rir. — Hum-hum, e ainda tem.

— E ele ainda desenha placas em neon?

— Sim, placas lindas. A minha favorita é a do Rob's Ribs and Rumps, em Killara. Ficou em segundo lugar no concurso de placas em neon do ano passado.

Alice a olhou diretamente, mas ela parecia estar falando muito sério.

Ela disse:

— Então, ele é meu cunhado. Portanto, acho que o conheço. E o conheço bem. Nick se dá bem com ele? Nós todos saímos juntos?

Elisabeth parou e Alice não conseguiu identificar a expressão em seu rosto. Depois ela disse: — Anos atrás, antes de Ben e eu nos casarmos, Madison estava aprendendo a andar e você estava grávida de Tom, nós arranjamos juntos uma casa, na baía Jervis, na Páscoa. Ficava em Hyams Beach, sabe, a areia mais branca do mundo, e o clima estava perfeito, e Madison era tão linda, estávamos todos apaixonados por ela. Ficamos jogando uns jogos bobos de cartas e, numa noite, Nick e Ben ficaram bêbados e dançaram música dos anos 1980. Ben *nunca* dança. Eles estavam tão bobos! Nós rolávamos de tanto rir e acordamos Madison, e ela saiu da cama e dançou com eles, de pijama. Na verdade, aquelas férias foram muito especiais. Eu fico tão nostálgica. Não penso nisso há séculos.

— Não me lembro de nada — disse Alice. Parecia tão cruel que ela não conseguisse se lembrar de férias tão maravilhosas, como se outra Alice tivesse vivido aquela vida em seu lugar.

O tom de Elisabeth mudou bruscamente.

— É incrível que você não se lembre de Ben. — Havia algo quase agressivo em sua voz. Ela estava olhando diretamente para Alice, como se a desafiasse a dizer algo. — Você o viu ainda ontem. Ele foi até sua casa para ajudar com o carro. Você fez os bolinhos de banana preferidos dele. Vocês bateram um papo e *tanto*.

— Então —, disse Alice, nervosa —, agora temos um carro?

— Hum-hum. Sim, vocês têm, Alice.

— E eu faço bolinhos de banana?

O rosto de Elisabeth se abrandou.

— Com pouca gordura. E bastante fibra. Mas surpreendentemente deliciosos.

A mente de Alice estava febril, passando de uma direção para outra, até que ela se sentiu tonta, passando daquelas crianças estranhas sentadas enfileiradas para bolinhos de banana, para um carro (ela não gostava de carros, ela gostava de ônibus, de barca, e também não era a melhor das motoristas), para Elisabeth se casando com um *designer* de placas em neon chamado Ben.

Ela se deparou com um pensamento que a magoou.

— Ei! Você deve ter se casado sem mim! — Alice adorava casamentos. Ela jamais se esqueceria de um.

Elisabeth disse:

— Alice, você foi minha madrinha, e a Madison foi a dama de honra. Vocês usaram vestidos iguais, da cor da orquídea de Singapura. Você fez um discurso engraçado, e você e Nick deram um espetáculo, dançando ao som de “Come on Eileen”. Vocês nos deram um liquidificador.

— Ah. — A frustração brotava dentro dela. — Mas eu simplesmente não consigo me lembrar de *nada* disso. Nem parece familiar! — Ela enfiou os dedos nos buracos do cobertor sobre suas pernas e fez um montinho com as duas mãos, num movimento tolo e infantil. — Há tanta... coisa!

— Ei, ei. — Elisabeth afagou seu ombro com um ligeiro excesso de vigor, como se ela fosse uma boxeadora e olhasse em volta em busca de ajuda. — Você tem de me deixar encontrar um médico para falar sobre isso.

Ela era de resolver problemas, a Elisabeth. Sempre queria encontrar uma solução para você.

Houve uma explosão de riso feminino no cubículo ao lado.

— Você *não* fez isso!

— *Fiz!*

Alice e Elisabeth ergueram as sobrancelhas, num mútuo desagrado silencioso, e Alice foi tomada por uma afeição tranquilizadora de irmã.

Ela soltou o cobertor e conseguiu colocar as mãos de volta no colo.

— Por favor, não vá. Uma enfermeira logo virá me ver e você pode conversar com ela. Apenas fique aqui e continue conversando comigo. Acho que isso vai me curar.

Elisabeth deu uma olhada no relógio e disse:

— Não sei, não — mas sentou de volta na cadeira.

Alice se acomodou nos travesseiros atrás dela para ficar mais confortável. Ela pensou em fazer mais perguntas sobre as crianças da foto. (*Três!* O número era impossível e tão difícil de lidar.) Mas era tão surreal que chegava a parecer tolice, como um filme tão artificial que você fica se remexendo na poltrona, tentando não cair na gargalhada. Era melhor perguntar sobre a vida de Elisabeth.

Elisabeth estava de cabeça baixa, coçando algo invisível em seu pulso. Alice olhou novamente para as rugas que pareciam puxar a boca da irmã para baixo, num tipo de sorriso triste. Seria apenas da idade? (Será que sua própria boca também ficara caída assim? Ela logo veria. Em breve.) Mas era mais que isso; havia um tipo de tristeza profunda nela. Será que ela não estava feliz, casada com o homem-urso barbudo? (Seria possível amar um homem de barba? Criançice. É claro que era possível. Mesmo que fosse uma barba muito *cerrada*.) Enquanto Alice observava, a garganta de Elisabeth se movia, como se ela engolisse, convulsivamente.

— Em que você está pensando? — perguntou Alice.

Elisabeth olhou para cima.

— Não sei, nada. — Ela engoliu um bocejo. — Desculpe. Não é porque estou entediada. Só estou cansada. Só dormi algumas horas na noite passada.

— Ah — disse Alice. Ela não precisava de explicação. Ela e Elisabeth sofreram

terríveis crises de insônia ao longo de suas vidas. Herdaram isso da mãe. Depois que o pai morreu, Alice e Elisabeth frequentemente ficavam acordadas a noite inteira, com a mãe, sentadas de camisola, enfileiradas no sofá, assistindo a vídeos e tomando chocolate quente, e depois dormiam o dia todo, enquanto o sol entrava pela casa adormecida e silenciosa.

— Como tem andado a minha insônia ultimamente? — perguntou Alice.

— Na verdade, eu não sei. Não sei se você ainda tem.

— Você não sabe? — Alice ficou perplexa. Elas sempre se mantiveram informadas sobre as batalhas contra a insônia. — Mas nós não nos... falamos?

— É claro que nos falamos, mas acho que às vezes você está muito ocupada, com as crianças e tudo, então nossas conversas são meio apressadas.

— Ocupada — repetiu Alice. Ela não estava gostando nada daquilo. Sempre teve uma ligeira desconfiança de gente ocupada, o tipo de pessoa que descrevia a si mesmo como “*Enlouquecida!*” e “*A mil por hora!*”. Qual é a pressa? Por que não desaceleravam? Estavam tão ocupados fazendo exatamente o quê?

— Bem — disse ela, e se sentiu estranha. Tinha a impressão de que as coisas não estavam muito bem entre ela e Elisabeth. Às vezes, parecia haver uma cortesia amistosa, como se elas fossem boas amigas que não se viam mais com tanta frequência.

Ela perguntaria a Nick a respeito disso. Essa era uma das melhores coisas dele: ele adorava falar sobre as pessoas, estudá-las e desvendá-las. Ele se interessava pela complexidade dos relacionamentos. Também adorava Elisabeth, e quando caçoava ou reclamava dela (porque ela às vezes podia ser profundamente irritante), ele fazia isso de um jeito irmão, de uma forma que Alice não sentia necessidade de defendê-la.

Alice olhou para o conjunto creme bem talhado de Elisabeth (os guarda-roupas de ambas pareciam ter progredido, em 2008) e disse:

— Você ainda trabalha naquele lugar, do catálogo? O *The Treasure Chest*?

Elisabeth tinha um emprego em que escrevia textos para um catálogo mensal gigantesco, de pedidos postais, chamado *The Treasure Chest*. Ela precisava encontrar coisas persuasivas para dizer sobre centenas e centenas de produtos que variavam de brilho labial de banana a panelas para fazer ovos *pochés* instantâneos, passando por rádios à prova d’água que tocam no chuveiro. Ela ganhava muita coisa para distribuir, o que era legal, e todo mês, quando o catálogo saía, todos da família liam suas frases prediletas para Elisabeth. Frannie guardava todas as edições do *The Treasure Chest* orgulhosamente à vista, e fazia suas amigas lerem quando iam visitá-la.

— Ah, isso parece há tanto tempo — disse Elisabeth. Ela olhou para Alice e sacudiu ligeiramente a cabeça, como se nunca tivesse visto nada assim. — Você é como uma viajante no tempo, de verdade.

— Então, imagino que você não trabalhe mais lá. — Alice se sentia irritadiça. Isso ficaria cansativo se todos a olhassem admirados toda vez que ela fizesse uma simples pergunta. Quanto poderia ter mudado em dez anos? Parecia que tudo.

— Agora o *The Treasure Chest* é um *website* — disse Elisabeth. — E eu deixei de trabalhar lá seis anos atrás. Trabalhei para uma agência durante quatro anos, e dois anos atrás eu comecei a fazer uns seminários de como escrever mala direta, ou folhetos de propaganda, como a maioria das pessoas chama. Estão indo muito bem, na verdade, até que fazem sucesso, por mais estranho que possa parecer. De qualquer maneira, isso paga

as contas. Eu estava dando um seminário hoje, quando recebi a ligação de Jane falando de você.

— Então, você tem seu próprio negócio?

— Sim.

— Nossa! Que legal. Você é uma história de sucesso. Eu sempre soube que você seria uma história de sucesso. Posso ir junto e te assistir?

— Vir junto e assistir? Assistir a *mim*? — Elisabeth fungou.

— Ah, imagino que eu já tenha feito isso, não?

Elisabeth disse:

— Não, Alice, você nunca demonstrou o menor interesse em ir a um dos meus seminários. — A voz dela tinha aquele tom afiado novamente.

— Ah — disse Alice, confusa. — Isso parece... bem, por que será?

Elisabeth suspirou:

— Você é realmente ocupada, Alice. Só isso.

Lá estava aquela palavra “ocupada” novamente.

— E eu também creio que você ache a minha escolha de carreira um pouco... cafona.

— Cafona? Eu disse isso? Eu disse isso de você? Eu jamais diria isso! — Alice estava horrorizada.

Tornara-se uma pessoa sórdida que julgava as pessoas pela sua escolha profissional? Sempre se orgulhara de Elisabeth. Ela era a inteligente, a que ia chegar longe, enquanto Alice ficava no lugar, sem correr riscos.

Elisabeth disse:

— Não, não, você nunca disse isso. Você provavelmente nem pensou. Apenas esqueça que eu disse isso.

Talvez, pensou Alice, receosa, a outra Alice, que estivera vivendo minha vida pelos últimos dez anos, não fosse muito legal.

Alice disse:

— Bem, e quanto a mim? Qual é o meu trabalho?

Alice havia trabalhado como assistente administrativa no escritório da ABR. Não adorava nem odiava, era apenas um emprego. Ela não estava especificamente interessada numa carreira.

— Você é uma deusa doméstica. É como uma das donas de casa dos anos 1950. — Elisabeth uma vez dissera, quando Alice admitiu que acabara de passar um dia alegre cuidando do jardim, fazendo novas cortinas para a cozinha e assando um bolo de chocolate para Nick.

— Você não trabalha. — Elisabeth lançou um olhar impenetrável.

— Ora, parece bom! — disse Alice, feliz.

— Mas você é muito ocupada. — Qual é o problema com essa palavra? — Você faz um monte de coisas na escola.

— Escola? Que escola?

— A escola das crianças.

Ah! Eles. Os três pequenos estranhos assustadores.

— Frannie — disse Alice, subitamente. — E quanto a Frannie? Ela não... ficou doente ou nada assim, não é? — Ela nem quis pensar na palavra “morreu”.

— Ela está ótima — disse Elisabeth. — A todo vapor.

O celular prateado em cima do armário, ao lado da cama, ganhou vida.

— Deve ser o Nick, finalmente! — Alice pulou para pegar o telefone.

Elisabeth ficou de pé na hora.

— Deixe-me falar com ele primeiro!

— Sem chance! — Alice segurou o telefone longe dela. — Por quê? — Sem esperar por uma resposta, ela apertou o botão verde e segurou o telefone junto do ouvido.

— Alô?

— Oi, sim, sou eu. — Era o Nick; Alice sentiu a alegria de alívio fluindo em suas veias, como um trago de conhaque.

Ele disse:

— O que houve? É uma das crianças? — Sua voz estava mais profunda, mais áspera do que o habitual, como se ele estivesse gripado.

Então, Nick também sabia sobre “as crianças”. Todos sabiam sobre as crianças.

Elisabeth estava ciscando de um lado para o outro, abanando os braços, gesticulando para pegar o telefone. Alice mostrou a língua para ela.

— Não, sou eu — disse Alice. Havia tanta coisa para contar, ela nem sabia por onde começar. — Eu caí na academia, com a Jane Turner, e bati a cabeça. Fiquei inconsciente. Eles tiveram de chamar uma ambulância, ah... e eu vomitei no elevador, nos sapatos de um cara, que vergonha! E espera até eu te contar das mulheres fazendo o negócio do Botar pra Quebrar! Tão engraçado. Ei, você está em Portugal, eu não acredito que esteja em Portugal, como é aí?

Havia tanta coisa para contar, ela se sentia como se não o visse havia anos. Quando ele voltasse de Portugal, eles sairiam para jantar, iriam ao restaurante mexicano de que gostavam e ficariam falando, falando, falando. Tomariam *margaritas*; ela podia beber de novo, afinal, não estava grávida. Ah, ela queria taaanto estar naquele restaurante com ele, neste momento, sentada naquela mesa do cantinho, com ele fazendo carinho na palma de sua mão.

Houve um silêncio do outro lado da linha. Ele devia estar em choque.

— Mas eu estou *bem*! — Alice o tranquilizou. — Não é sério. Ficarei bem! Eu me sinto bem!

Ele disse:

— Então, por que porra precisou que eu te ligasse?

Alice sentiu sua cabeça dar um tranco para trás, como se tivesse sido atingida. Nick nunca, jamais falara com ela daquele jeito, nem mesmo quando eles brigavam. Era para ele consertar o pesadelo, não para piorá-lo.

— Nick? — Havia um tremor na voz dela. Ela ficaria tão zangada com ele depois, por causa disso; estava *extremamente* magoada. — Qual é o problema?

— Isso é alguma estratégia? Porque eu não estou sacando e, para ser franco, não tenho tempo para isso. Você não quer mudar o que foi combinado para o fim de semana, quer? Isso tudo é por causa disso? Ou, pelo amor de Deus, não tem nada que ver com o Natal novamente, tem?

— Por que você está falando comigo assim? — disse Alice. Seu coração estava disparado. Isso era mais aterrorizante do que qualquer coisa que lhe acontecera hoje. — O que foi que eu fiz?

— Ah, pelo amor de Deus, eu não tenho tempo para essa porra desse joguinho agora! Ele estava aos berros. Estava gritando com ela, e ela estava no *hospital*.

— Páprica — sussurrou Alice. — Você tem de lavar sua boca com páprica, Nick. Elisabeth se levantou.

— Me dá aqui — ordenou ela.

Ela tirou o telefone dos dedos trêmulos de Alice, colocou no ouvido e apertou o dedo no outro ouvido. Virou de costas e baixou a cabeça.

— Nick, é Elisabeth. Na verdade, isso é bem sério. Ela teve uma lesão grave na cabeça e perdeu a memória. Esqueceu tudo desde 1998. Entende o que estou dizendo? *Tudo*.

Alice deixou a cabeça recostar sobre o travesseiro e respirou ofegante. O que isso queria dizer?

Elisabeth parou, ouvindo, franzindo a testa.

— Sim, sim, eu entendo, mas ela não se lembra de nada disso.

Outra pausa.

— Estão com Ben. Ele os levou para a aula de natação, e eu acho que ficaremos com eles esta noite, depois...

Pausa.

— Sim, está bem, depois sua mãe pode ir buscá-los, exatamente como a programação habitual, e eu tenho certeza de que até domingo à noite Alice estará bem e tudo voltará ao normal. — Pausa. — Não, ainda não falei com o médico, mas falarei, em breve. — Pausa. — Certo. Está bem. Quer que eu coloque Alice de volta na linha?

Alice esticou a mão para pegar o telefone — certamente, agora Nick seria ele mesmo —, mas Elisabeth disse:

— Ah. Certo. Bem, tchau, Nick.

Ela desligou.

Alice disse:

— Ele não quis falar comigo? Ele realmente não quis falar comigo? — Ela sentia a dor das punhaladas no corpo inteiro, como um dedo de bruxa a furá-la cruelmente.

Elisabeth fechou o telefone e pôs a mão sobre o braço de Alice. Ela disse, baixinho: — Em breve, você se lembrará. Está tudo bem. Só que você e Nick não estão mais juntos.

Alice teve a sensação de que tudo ao redor mergulhava num ponto, no movimento dos lábios de Elisabeth. Ela focou nos lábios. Batom framboesa com um contorno mais escuro. Elisabeth devia usar delineador labial. Imagine só. Ela devia *delinear os lábios*.

O que ela estava dizendo? Ela não podia estar dizendo...

— O quê? — perguntou Alice.

Elisabeth disse, novamente:

— Vocês estão se divorciando.

Ora, imagine só.

Capítulo 8

Alice tomou meia taça de champanhe com suas madrinhas, enquanto elas estavam fazendo a maquiagem, outra metade na limusine, três taças e meia na recepção (incluindo morangos) e outra taça sentada com Nick, na cama *king-size* do hotel, naquela noite.

Então, ela estava meio alta, mas tudo bem, porque ela era a noiva e era o dia de seu casamento, e todos disseram que ela estava linda, portanto, essa era uma linda e romântica bebedeira que provavelmente não acabaria em ressaca.

— Você amou, de paixão, o meu vestido de noiva? — ela perguntou a Nick, pela terceira vez, enquanto passava a mão pelo tecido encorpado e lustroso. O pano chamava-se Cetim Sedoso Marfim-Duquesa, e tocá-lo dava a mesma sensação de satisfação de quando ela era pequena e costumava passar o dedo no forro cor-de-rosa de *plush* de sua caixinha de música, exceto que isso era ainda melhor, pois naquela época ela queria realmente estar *dentro* da caixinha de música, rolando pelo cetim cor-de-rosa. — Adoro meu vestido de noiva. Parece um pouco com um sorvete dourado mágico, não parece? Não dá vontade de *comer*?

— Eu até encararia — disse Nick. — Mas comi muito bolo. Três pedaços. Que bolo incrível. Todo mundo vai falar do bolo do nosso casamento por muitos anos. Bolo de casamento é geralmente sem graça, mas que bolo, o nosso! Estou orgulhoso do nosso bolo. Não fiz o bolo, mas estou orgulhoso dele. Que bolão!

Aparentemente, Nick também tinha bebido um bocado de champanhe.

Alice pousou a taça na mesinha de cabeceira e recostou num chumaço do tecido volumoso. Nick deslizou ao seu lado. Ele havia tirado a gravata e desabotoado a camisa branca. Estava com um sombreado leve da barba nascendo e os olhos ligeiramente vermelhos, mas seus cabelos ainda estavam perfeitos, com uma onda na risca. Alice tocou e recuou a mão. — Parece palha!

— Foram as irmãs — explicou Nick. — Munidas de gel. — Ele acariciou os cabelos dela e disse: — Mas que bela textura sintética você arranjou aí, esposa.

— Laquê. Muito laquê, marido.

— É mesmo, esposa?

— É, sim, marido.

— Que interessante, esposa.

— Vamos falar assim para sempre, marido?

— Sem chance, esposa.

Eles olharam para o teto, sem dizer nada.

— E o discurso da Ella? — disse Alice.

— Acho que tinha a intenção de ser comovente.

— Ah.

— E quanto ao vestido da tia Whatsie?

— Imagino que devia ser, hummm... elegante.

— Ah.

Eles riram baixinho.

Alice virou de lado e disse:

— Imagine... — e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela sempre ficava emotiva quando bebia muito champanhe. — Imagine se nós nunca tivéssemos nos conhecido.

— Foi o destino — disse Nick. — Então, teríamos nos conhecido no dia seguinte.

— Mas eu não acredito em destino! — resmungou Alice, deleitando-se com a sensação deliciosa das lágrimas quentes escorrendo por suas bochechas; aquelas camadas triplas de rímel escorreriam pelo seu rosto todo. Realmente parecia assustador que só por acaso ela e Nick haviam se conhecido.

Poderia facilmente não ter acontecido e, então, ela teria tido uma existência triste e pela metade, como uma criatura da mata, que nunca vê a luz do sol, sem jamais *saber* o quanto poderia amar e ser amada. Elisabeth uma vez disse, muito seriamente, que o homem certo não a completava, que precisava achar a felicidade em si mesma, e Alice assentiu, concordando enquanto pensava consigo mesma: “Ah, mas ele completa, sim”.

— Se nós nunca tivéssemos nos conhecido — continuou Alice —, então hoje seria como qualquer outro dia, e agora nós estaríamos assistindo à televisão, em casas separadas, e eu estaria de *calças de moletom* e... e... não estaríamos partindo para nossa lua de mel, amanhã. — O terror do que poderia ter sido a arrebatou. — Nós estaríamos indo para o trabalho. *Trabalho!*

— Venha aqui, minha querida e inebriada esposa. — Nick puxou Alice para si, e ela ficou com a cabeça repousando em seu peito, sentindo seu cheiro de colônia pós-barba; estava bem mais forte do que o habitual, ele provavelmente tinha colocado mais naquela manhã, e a ideia de pensar nele fazendo isso era tão insuportavelmente terna que a fez chorar ainda mais. — Ele disse: — O mais importante é que, espere, esse é um ponto muito importante e inteligente. Está pronta?

— Sim.

— Nós nos conhecemos.

— Sim — concordou Alice. — Nós nos conhecemos.

— Então, deu tudo certo.

— Isso é verdade — Alice fungou. — Deu tudo certo.

— Deu tudo certo.

Depois os dois caíram em um sono profundo e exausto, com o vestido de Cetim Sedoso Marfim-Duquesa de Alice todo enroscado ao redor deles e um único confete vermelho colado no rosto de Nick, que deixaria uma marquinha vermelha durante os três primeiros dias da lua de mel.



— Nós só podemos ter tido uma discussão grave — Alice disse a Elisabeth. — Não estamos nos divorciando de verdade. Jamais nos divorciaríamos.

Aquela palavra — *divórcio* — era tão horrível; seus lábios se apertaram como os de um peixe, na segunda sílaba. *Di-vór-cio*. Não. Eles, não. Eles, nunca.

Os pais de Nick haviam se divorciado quando ele era criança. Ele se lembrava de tudo. Toda vez que eles ouviam que um casal ia se divorciar — mesmo que fosse um casal desprezível, de celebridades —, Nick sempre dizia com tristeza, como uma avó irlandesa: “Ah, é uma pena”. Ele acreditava no casamento. Sentia que as pessoas desistiam dos relacionamentos com muita facilidade.

Uma vez, ele disse a Alice que, se um dia eles passassem por problemas no casamento, ele moveria o céu e a terra para consertar as coisas. Alice não pôde levar a

sério, pois o céu e a terra não precisariam ser movidos; qualquer problema no relacionamento deles sempre poderia ser consertado com algumas horas em cômodos separados, um abraço no corredor, a entrega sorrateira de um chocolate por baixo do braço, ou até um carinhoso cutucão na costela que significava “vamos parar de brigar agora?”.

Divórcio causava fobia em Nick. Era sua única fobia! Se isso fosse verdade, então ele estaria devastado, arrasado. O que ele mais temia tinha acontecido. Ela ficou de coração partido por ele.

— Nós tivemos uma discussão realmente séria sobre alguma coisa? — Alice perguntou a Elisabeth.

Ela esclareceria as coisas, colocaria um fim nisso.

— Acho que não foi só uma discussão, acho que provavelmente foram várias coisinhas. Mas, para ser honesta, você não me falou muito a respeito disso. Só me ligou no dia seguinte, depois que Nick saiu de casa e disse...

— Ele *saiu* de casa? Ele realmente foi embora de casa?

Aquilo era espantoso; ela tentava visualizar como isso poderia ter acontecido, imaginando Nick jogando coisas numa mala, batendo a porta atrás de si, com um táxi amarelo esperando lá fora — sim, porque teria de ser amarelo, como um táxi americano, porque isso não podia ser real, isso era uma cena de filme com uma trilha sonora de destroçar o coração. Isso não era sua vida.

— Alice, você já está separada há seis meses, mas, sabe, depois que recuperar a memória, verá que está tudo bem, porque você estava bem com isso. É isso que você quer. Eu te perguntei na semana passada. Eu disse: “Você tem certeza de que é isso que você quer?”, e você disse: “Certeza absoluta.

Este casamento já estava morto e enterrado fazia tempo”.

Papo furado. Isso não podia ser verdade. Tinha de ser uma invenção. Alice tentou não demonstrar a fúria na voz.

— Você só está inventando isso para fazer com que eu me sinta melhor, não está? Eu jamais diria isso. “Morto e enterrado”! Isso nem mesmo soa como eu! Eu não falo assim. Por favor, não invente coisas. Isso já é bem difícil.

— Ah, *Alice* — disse Elisabeth, triste. — Eu juro, é só sua lesão na cabeça, é apenas... Oh, olá!

Uma enfermeira que Alice ainda não havia visto antes puxou a cortina do cubículo e Elisabeth a cumprimentou com um alívio óbvio.

— Como está se sentindo? — Mais uma vez, a enfermeira inflou o aparelho de pressão ao redor do braço de Alice.

— Estou bem — disse Alice, resignada. Agora ela já sabia a rotina. Pressão. Pupilas. Perguntas.

— Sua pressão arterial subiu desde a última vez — comentou a enfermeira, fazendo uma anotação no prontuário.

Meu marido acaba de gritar comigo, como se eu fosse seu pior inimigo. Meu adorável Nick.

Meu Nick. Quero contar a ele a respeito disso, porque ele ficaria muito zangado se soubesse que alguém falou comigo daquele jeito. Ele é a primeira pessoa a quem quero contar, quando alguém me aborrece; piso fundo no acelerador, desesperada para

chegar em casa, voltando do trabalho, só para contar a ele, e no instante em que eu disser, no momento em que seu rosto se acender de fúria por minha causa, tudo ficará melhor, estará tudo consertado.

Nick, você não vai acreditar no modo como aquele homem falou comigo. Vai querer dar um soco no nariz dele quando ouvir. Exceto pelo fato tão estranho de que foi você, Nick, você era o homem.

— Ela teve alguns choques — disse Elisabeth.

— Nós realmente precisamos que você tente relaxar. — A enfermeira se aproximou e fez algo rápido com os dedos para puxar as pálpebras de Alice, enquanto iluminava suas pupilas com uma minilanterna. O perfume da enfermeira a fez lembrar de algo, alguém, mas a sensação desapareceu assim que a enfermeira se mexeu. Será que de agora em diante a sua vida seria assim? Esse permanente e irritante caso de *déjà-vu*, como uma urticária coçando?

— Agora só vou fazer algumas perguntas chatas novamente, tudo bem? Qual é o seu nome?

— Alice Mary Love.

— E onde está você, o que está fazendo aqui?

— Estou no Hospital Royal North Shore porque bati minha cabeça na academia.

— E que dia é hoje?

— É sexta-feira, 2 de maio... de 2008.

— Bom, excelente! — A enfermeira se virou para Elisabeth, esperando que ela estivesse impressionada. — Estamos apenas verificando se seu raciocínio cognitivo não foi afetado pela lesão.

Elisabeth piscou irritada.

— Sim. Certo, ótimo, mas ela ainda acha que é 1998.

Dedo-duro, pensou Alice.

— Não acho, não — disse ela. — Eu sei que é 2008. Acabei de dizer isso.

— Mas ela ainda não se lembra de nada *desde* 1998. Ou quase nada. Ela não se lembra dos seus filhos. Não se lembra do rompimento de seu casamento.

Rompimento de seu casamento. Seu casamento era algo que podia ser repartido, como uma pizza.

Alice fechou os olhos e pensou no rosto de Nick, amassado de dormir, deitado no travesseiro ao lado, numa manhã de domingo. Às vezes, de manhã, ele ficava com os cabelos espetados para o alto, bem no meio da cabeça.

— Você está com um penteado *punk* — disse Alice, na primeira vez que ela observou o fenômeno.

— É claro — disse ele. — É domingo. Dia de penteado *punk*.

Mesmo com os olhos fechados, ele sabia quando ela estava acordada, deitada ali, olhando para ele, esperançosa, pensando numa xícara de chá na cama.

— Não — ele diria, antes mesmo que ela pedisse. — Nem pense nisso, mulher. — Mas ele sempre se levantava e ia buscar para ela.

Alice daria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, para estar deitada na cama agora, com Nick, esperando por uma xícara de chá. Será que ele enjoou de fazer chá para ela? Seria isso? Ela não teria lhe dado o devido valor? Quem ela pensava ser? Alguma princesa, deitada na cama, esperando o chá ser servido, sem sequer escovar os dentes?

Ela não era bonita o bastante para se dar bem com esse tipo de comportamento. Tinha de pular da cama antes que ele acordasse, arrumar os cabelos e se maquiar, fazer panquecas com morangos para ele, vestindo uma camisola longa rendada. Pelo amor de Deus, é assim que se mantém vivo um casamento; como se não houvesse aconselhamento suficiente em todas as revistas femininas que ela já lera. Era conhecimento básico! Ela se sentia como se tivesse sido terrivelmente negligente — desatenta!, desleixada! — com o presente mais precioso, mais maravilhoso que já havia recebido.

Alice podia ouvir Elisabeth murmurando aflita para a enfermeira, perguntando se podia ver o médico, querendo saber que exames tinham sido feitos.

— Como sabem se ela não tem algum tipo de *coágulo* no cérebro? — A voz de Elisabeth se elevou num tom ligeiramente histérico e Alice sorriu consigo mesma. A rainha do drama.

(Porém, será que poderia haver um coágulo? Uma coisa agourenta e sombria circulando velozmente por sua cabeça, como um morcego maligno? Sim, eles realmente deveriam pesquisar isso.)

Talvez Nick tenha ficado entediado com ela. Seria isso? Uma vez, quando estava no ensino médio, ela entreouviu uma garota dizendo:

— Ah, Alice, ela é razoável, mas é o tipo de pessoa que é um *zero à esquerda*.

Um zero à esquerda. A garota disse isso casualmente, sem malícia, como se fosse um fato. E, aos catorze anos, Alice gelou com a confirmação daquilo em que sempre acreditou. Sim, claro que ela era tediosa, era de matar de tédio! Os outros tinham personalidades muito mais substanciais. Naquele mesmo ano, um garoto, num salão de boliche, chegou pertinho, com seu hálito de Coca-Cola, e disse: — Você tem cara de porco. — E isso apenas confirmou algo de que ela sempre havia suspeitado: sua mãe estava errada quando disse que seu nariz era tão bonitinho quanto um botão; não era um nariz, era um *focinho*.

(O garoto tinha um rosto magrinho, de olhos miúdos, parecia um rato. Só quando ela estava com vinte e cinco anos lhe ocorreu que poderia tê-lo insultado, fazendo uma comparação com um animal, mas a regra de sua vida era que meninos é que decidiam quais garotas eram bonitas, independentemente do quanto eles próprios fossem horrendos.) Talvez Nick estivesse trazendo uma xícara de chá, numa manhã, e subitamente o véu se ergueu de seus olhos e ele pensou: *Ei, espere um segundo: como fui acabar casado com essa garota preguiçosa, com sua personalidade tediosa, de zero à esquerda, e sua cara de porco?*

Oh, Deus, será que todas essas inseguranças terríveis estariam tão frescas e próximas à superfície?

Agora ela já estava crescendo; tinha vinte e nove anos! Havia pouco ela vinha caminhando para casa, voltando do cabeleireiro, sentindo-se linda, e uma porção de garotas adolescentes passou por ela, dando risinhos estridentes, e isso a fez mandar uma mensagem de volta no tempo, a si mesma, com catorze anos: “Não se preocupe, tudo dá certo. Você arranja uma personalidade, um emprego, descobre o que fazer com seus cabelos e arruma um garoto que a ache bonita”. Ela se sentira tão *composta*, como se a ansiedade adolescente e os relacionamentos antes de Nick tivessem feito parte de um plano perfeitamente aceitável, que conduzia a este momento, quando ela teria vinte e nove anos e tudo finalmente estaria como deveria estar.

Trinta e nove. Não vinte e nove. Ela tinha trinta e nove anos. E aquele dia com as adolescentes teria sido há dez anos.

Elisabeth voltou e se sentou novamente ao lado de Alice.

— Ela vai tentar conseguir que o médico passe outra vez por aqui. Aparentemente, isso é uma tarefa e tanto, porque você está sob observação agora e o médico é “extremamente ocupado”, mas ela vai “ver o que pode fazer”. Portanto, acho que nossa chance provavelmente é zero.

Alice disse:

— Por favor, diga que não é verdade. Sobre Nick.

— Ai, Alice.

— Porque eu o amo. Eu o amo, no sentido exato. Eu o amo muito.

— Você o amou, sim.

— Não, eu *amo*. Neste momento. Sei que ainda amo.

Elisabeth deu um estalo com a boca, expressando compaixão, e ergueu as mãos num tipo de gesto impotente.

— Quando você recuperar sua memória...

— Mas éramos tão felizes! — interrompeu Alice, freneticamente, tentando fazer com que Elisabeth entendesse. — Nem é possível ser mais feliz. — As lágrimas escorriam por seu rosto e faziam cócegas ao entrar em suas orelhas. — O que aconteceu? Ele se apaixonou por outra pessoa? É isso?

Certamente, não. Isso era impossível. O amor de Nick por Alice era um fato. *Um fato*. Você pode tomar um fato como algo certo. Uma vez, um amigo estava provocando Nick por ir com Alice a um musical (embora, na verdade, ele até gostasse de musicais).

— Dá até pra ver o selo de propriedade em sua testa — disse o amigo dele, e Nick sacudiu os ombros. — Parceiro, o que posso fazer? Eu a amo mais do que o oxigênio.

Claro que ele tinha bebido muita cerveja, mas ele disse isso dentro de um *bar*, quando estava tentando bancar o machão. Ele a amava mais que o oxigênio.

E então? O garoto não precisava mais de oxigênio?

Elisabeth pousou as costas da mão sobre a testa de Alice e afagou seus cabelos.

— Até onde eu sei, ele não conheceu ninguém, e você está certa, vocês eram felizes juntos e tinham um relacionamento maravilhoso, especial. Eu me lembro. Mas as coisas mudam. As pessoas mudam.

Isso acontece. É a vida. O fato de vocês estarem se divorciando não muda o fato de que tiveram todos aqueles momentos especiais. E eu juro que, depois que você recuperar sua memória, ficará bem com isso.

— Não. — Alice fechou os olhos. — Não, não vou. Não quero ficar bem com isso.

Enquanto Elisabeth continuava a afagar sua testa, Alice se lembrou de sua infância, quando ela foi deixada em casa, depois de uma festa de aniversário, de onde tinha saído vencedora na brincadeira “o mestre mandou”. Ela estava carregando um balão e um cesto feito de papelão brilhante, cheio de pirulitos. Elisabeth a esperava na porta da frente e ordenou: — Venha comigo.

Alice seguiu atrás dela, pronta para qualquer jogo que Elisabeth tivesse organizado e pronta para compartilhar seus pirulitos — mas não as dentaduras de goma, ela as adorava —, e, assim que elas passaram pela sala de estar, segurando o balão, ela percebeu que havia uma porção de estranhos ao redor de sua mãe, que estava sentada no sofá, com

a cabeça recostada, num ângulo esquisito (estranho, mas talvez ela estivesse com dor de cabeça). Alice não a chamou porque não queria ter de falar com toda aquela gente grande desconhecida, e seguiu Elisabeth pelo corredor, até o quarto, onde Elisabeth disse:

— Preciso lhe dizer algo que vai fazê-la se sentir muito mal, então acho que você deve colocar seu pijama e deitar na cama, e ficar pronta, para não doer muito.

Alice não disse “O quê? O que é? Diga logo!”, porque ela tinha seis anos e nada ruim nunca lhe acontecera e, além do mais, ela sempre fazia o que Elisabeth dizia. Então, ela ficou perfeitamente feliz em colocar seu pijama, enquanto Elisabeth foi pegar uma bolsa de água quente e a pôs dentro do forro do travesseiro, para não queimar. Ela também trouxe uma colher de mel, o Vick VapoRub, meia aspirina e meio copo de água. Sua mãe fazia todas essas coisas quando elas estavam doentes, e Alice adorava ficar doente. Depois que Elisabeth a colocara na cama e esfregara Vick em seu peito, ela começou a afagar seus cabelos, do mesmo jeito que a mãe delas fazia quando uma das duas tinha dor de barriga, e Alice ficava de olhos fechados, desfrutando a parte boa de estar doente, sem realmente se sentir doente. Então, Elisabeth disse:

— Agora eu vou lhe contar uma coisa ruim. Vai lhe causar uma sensação ruim, de surpresa; então, prepare-se, está bem? Você pode chupar o dedo, se quiser.

Alice abriu os olhos e franziu a testa porque não chupava mais o dedo, exceto quando tinha um dia muito ruim e, mesmo assim, era só a pontinha, não era o dedo inteiro. Depois, Elisabeth disse: — O papai morreu.

Alice não se lembrava do que aconteceu em seguida, nem mesmo como se sentiu ao ouvir aquelas palavras. Tudo de que ela se lembrava era como Elisabeth tentara, com tanto afinho, protegê-la da “sensação ruim, de surpresa”. Ela já era adulta quando lhe ocorreu com um sobressalto de surpresa que, naquele dia, Elisabeth também era apenas uma menininha. Ela ligou para Elisabeth para falar disso, para agradecer-lhe, e o mais engraçado era que Elisabeth tinha um conjunto totalmente diferente de lembranças da morte do pai, e nem se lembrava de ter colocado Alice na cama.

É claro que também houve a vez em que Elisabeth jogou uma tesoura de unha que ficou espetada atrás do pescoço de Alice. Mesmo assim...

Agora Alice abriu os olhos e disse a Elisabeth:

— Você é uma irmã mais velha tão boa.

Elisabeth afastou a mão e disse, secamente:

— Não, não sou.

Por alguns segundos, nenhuma das duas disse nada, e, então, Alice disse: — Você está feliz, Libby? Porque você parece... — Desesperadamente infeliz, era o que ela queria dizer.

— Estou bem.

Elisabeth parecia estar pensando em coisas a dizer, depois as descartava. “Apenas seja você mesma!”, Alice queria berrar.

Finalmente, Elisabeth disse:

— Acho que nossas vidas não saíram exatamente como imaginávamos quando tínhamos trinta anos.

Uma voz as interrompeu:

— Finalmente! Eu achei vocês. Achei que nunca ia encontrá-las!

Havia uma mulher ao pé da cama, com o rosto momentaneamente escondido atrás de um buquê de tulipas que segurava, cerimoniosamente.

Ela baixou as tulipas e revelou seu rosto. Alice piscou várias vezes.

Capítulo 9

— Mãe? — disse Alice.

Era a mãe de Alice, ao pé de sua cama, mas essa era uma Barb Jones incrivelmente diferente daquela que Alice conhecia.

Para começar (e havia muitos lugares por onde começar), seus cabelos já não eram mais curtos e castanhos, o tipo de penteado humilde semelhante ao de freira que ela usara desde sempre. Em vez disso, estava num tom de mogno forte, passando dos ombros, com duas mechas puxadas para trás, dos dois lados do rosto (ressaltando suas orelhas de um jeito engraçado) e presas no alto com uma flor tropical de seda. Sua mãe, que não se assumia, que passava despercebida, que normalmente só usava um batom rosa e discreto da Avon, estava agora com uma maquiagem que podia ser descrita como teatral. Seus lábios tinham o mesmo tom mogno dos cabelos, as pálpebras estavam pintadas de roxo, as bochechas, carregadas com uma base grossa e escura demais, e seria aquilo — com certeza não — ... *cílios postiços*? Ela estava com uma blusa frente única de lantejoulas, presa com um largo cinto de couro e uma saia vermelha. Alice ergueu o queixo e viu que o traje era arrematado por sandálias de tiras, de salto alto.

Sua mãe disse:

— Você está bem, querida? Eu sempre disse que aquelas aulas de *step* forçavam muito as suas juntas e agora olhe o que aconteceu.

— Você vai a uma festa de traje fino? — perguntou Alice, subitamente inspirada. Isso explicaria tudo, mesmo assim seria impressionante.

— Ah, não, bobinha, nós estávamos fazendo uma demonstração na escola quando Elisabeth deixou o recado, e eu vim direto, sem parar para me trocar. Até ficam me encarando, de vez em quando, mas agora já estou acostumada! De qualquer forma, chega desse papo. Conte-me o que aconteceu e o que os médicos estão dizendo. Você está branca como um fantasma. — Sua mãe se sentou na lateral da cama e afagou sua perna. Pulseiras cintilantes escorregavam para cima e para baixo em seu braço. A mamãe estava *bronzada*? Estava com um *decote*?

— Uma demonstração de quê? — perguntou Alice. Ela não conseguia tirar os olhos dessa criatura exótica. Era sua mãe, mas não era. Ao contrário de Elisabeth, ela não tinha novas rugas. Na verdade, aquela grossa camada de maquiagem deixava seu rosto liso, e ela até parecia mais jovem.

Elisabeth disse:

— Alice perdeu uma grande porção de sua memória, mãe. Ela não se lembra de nada desde 1998.

— Oh — disse Barb. — Não estou gostando nem um pouco disso. Eu *sabia* que ela estava pálida demais. Você deve ter tido um traumatismo, eu imagino. Não durma! Você tem de ficar acordada depois de um traumatismo. O que quer que faça, Alice, querida,

você não pode pegar no sono!

— Isso é um mito — disse Elisabeth. — Não se aconselha mais isso.

— Bem, na verdade não sei, porque acho que li na *Seleções*, bem recentemente, sobre um menininho, um menino chamado Andy, e ele bateu a cabeça andando pelo mato numa daquelas bicicletinhas, exatamente o que aconteceu com o neto de Sandra, e estou lhe dizendo, eu não deixaria o Tom andar naquilo, Alice, embora aposte que o diabinho adoraria, porque é terrivelmente perigoso, mesmo que você esteja de capacete, o que o menininho, esse Andy, não estava usando, acho que era Andy, talvez fosse Arnie, embora esse seja um nome antigo, fora de moda, e não se veja muito hoje em dia...

— Mãe? — Alice interrompeu, sabendo que não havia um jeito de sair do labirinto Andy/Arnie. Sua mãe sempre fora uma tagarela patológica, embora, normalmente, quando em público, como agora, costumasse baixar o tom de voz, numa deferência irritante aos que estavam em volta, então você tinha de ficar falando: “Fale *mais alto*, mãe!”. Se aparecesse alguém que ela não conhecesse intimamente, por ao menos vinte anos, sua tagarelice parava instantaneamente, no meio da frase, como se fosse um rádio sendo desligado, e ela baixava a cabeça, evitava olhar e dava um sorriso enfurecidamente humilde. Era tão tímida que, quando Alice e Elisabeth estavam no colégio, ela ficava literalmente doente dos nervos antes da reunião de pais e mestres, e voltava para casa branca e trêmula de exaustão, mal conseguindo se lembrar de qualquer coisa que os professores haviam dito, como se o sentido fosse apenas comparecer, e não ouvir, o que sempre deixava Elisabeth fora de si, porque ela queria saber todas as coisas boas que os professores haviam falado a seu respeito. (Alice não ligava porque sabia que a maioria dos professores provavelmente nem sabia de sua existência, pois ela sofria da mesma timidez. Era como se tivesse herdado uma falta de aceitação social, algo como um eczema.)

Agora, a mãe de Alice estava falando num volume normal (na realidade, um pouquinho mais alto do que o necessário) e não estava lançando olhares ao redor para verificar se algum estranho importante estava prestes a aparecer. E também parecia ter arranjado uma nova maneira de posicionar a cabeça, com o queixo espetado para cima e o pescoço empinado, como um pavão. Isso fez Alice se lembrar de alguém, alguém que ela certamente não esquecera, alguém que conhecia perfeitamente, embora não conseguisse se lembrar da pessoa.

— Mas ainda não compreendo por que você está vestida assim, mãe — disse Alice.

— Você está... incrível.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Eu estava pensando comigo mesma: “Por favor, não mencione o nome de Roger, mãe”. Ela não vai suportar outro choque. Seu cérebro pode explodir.

— Bem, como eu disse, querida, Roger e eu estávamos fazendo uma demonstração de salsa, na escola, quando Elisabeth deixou o recado. Eu fiquei tão chocada quando ouvi...

— Você disse aula de salsa?

— Você não pode ter esquecido nossa aula de salsa! Vou lhe dizer o porquê. Porque

você descreveu nossa última performance como inesquecível. Foi na última quarta-feira à noite! Tivemos a Olivia na pista conosco, mas claro que não conseguimos convencer Madison e Tom a tentar, nem você, e Roger ficou um tanto decepcionado, mas eu tentei explicar...

— Roger? — disse Alice. — Quem é Roger?

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

A quem eu estava querendo enganar? Até parece que ela passa mais de cinco minutos sem mencionar o nome de Roger.



— Sim, Roger, é claro. Ora, você não pode ter se esquecido do *Roger*. Pode? — Sua mãe parecia amedrontada e disse a Elisabeth: — Isso é bem sério, não é? Eu sabia que ela estava pálida demais.

Ela está literalmente sem cor.

Alice tentava pensar em outros nomes que se parecessem com Roger. Rod? Robert? Sua mãe tinha o hábito de dizer os nomes das pessoas ligeiramente errado, então Jamie passava a ser Johnny, Susan se tornava Susannah, e assim por diante.

— O único Roger que eu conheço é o pai de Nick — disse Alice, dando uma risadinha, porque o pai de Nick era um pouco hilário.

Sua mãe a encarou. Ela parecia uma boneca, com aqueles cílios postiços pretos espetados.

— Bem, esse é o Roger do qual estou falando, querida. Meu marido, Roger.

— Seu *marido*?

— Ai, me dê forças — suspirou Elisabeth.

Alice se virou para ela:

— A mamãe casou com o *Roger*?

— Receio que sim.

— Mas... Roger? Mesmo?

— Hum-hum. Mesmo.

E aí estava outro casamento ao qual a outra Alice tinha ido em seu lugar, mas esse era um casamento que Alice nem podia imaginar.

Sua mãe sempre se recusara a pensar na possibilidade de *namorar* outros homens. — Ah, estou velha demais para isso —, ela dizia. — Você precisa ser jovem e bonita para namorar! Além disso, só se tem um amor na vida, e esse foi o seu pai. Como é que algum homem poderia se igualar a ele? — E

embora Elisabeth e Alice sempre tentassem convencê-la de que ela ainda era jovem e atraente, e que o pai jamais esperaria que ela ficasse de luto eternamente, Alice secretamente se orgulhava da devoção da mãe. Era bonito e comovente, embora também fosse irritante, pois isso significava que Alice e Elisabeth eram responsáveis por toda a sua vida social.

Portanto, certo, tudo bem, ela havia superado o temor de namorar (e provavelmente

era isso, em vez da devoção eterna), mas, com tanta gente, casar com o pai de Nick?

— Mas por quê? — disse Alice, impotente. — Por que você se casaria com Roger?

Ela pensou, isso mesmo, era *Roger* quem tinha o jeito de pavão de empinar a cabeça.

Barb arregalou os olhos e apertou os lábios, timidamente, com uma expressão tão bizarra e incomum que Alice teve de desviar os olhos, pois foi como se ela tivesse flagrado a mãe fazendo algo perverso.

Ela disse: — Eu me apaixonei loucamente por ele, você se lembra, é claro que lembra. Tudo começou no batizado de Madison, quando Roger mencionou que estava pensando em fazer aulas de salsa, e se eu estava interessada, e ele nem me deu chance de dizer não; ele simplesmente pareceu ter a impressão de que eu iria junto, e eu não quis decepcioná-lo, parecia grosseria. Embora eu estivesse nervosa, cheguei a pensar em marcar um horário para ver o Dr. Holden e pedir uma receita de algo para os nervos, e vocês ficaram tão ranzinzas com isso, como se eu fosse me tornar uma viciada em drogas, ou algo assim, pelo amor de Deus, eu só estava pensando num remedinho, um Valium, que aparentemente só dá uma adorável sensação de flutuação, mas eu não consegui a consulta, o que é bem típico, é claro, com aquela nova recepcionista esnobe. Eu me pergunto o que aconteceu com aquela adorável Kathy...

— Há quanto tempo está casada? — Alice interrompeu. O terror de não saber os fatos de sua própria vida voltou a dominá-la. Era como um daqueles brinquedos em parques de diversão, que te jogam para a esquerda, depois para a direita, depois viram o mundo todo de cabeça para baixo, dando vislumbres desconhecidos de coisas conhecidas. Alice detestava brinquedos de parques de diversão.

— Bem, vai fazer cinco anos. Você se lembra do casamento, Alice, claro que lembra. Madison foi a dama de honra. Ela estava adorável naquele vestido amarelo, ela fica muito bem de amarelo, e nem todo mundo fica. Eu comprei uma blusa amarela para ela, de Natal, mas se ela vai usar ou não, é outra questão...

— Mãe — disse Elisabeth, tensa. — Alice não se lembra nem de *Madison*. A última coisa de que ela se lembra é de estar grávida dela.

— Ela não se lembra de Madison — repetiu Barbara, baixinho. Ela respirou fundo e entoou uma voz nervosa e alegre, como se quisesse tirar Alice de toda essa tolice. — Bem, eu posso entender que você queira esquecer Madison, neste momento *específico*, a pequena rabugenta, embora eu tenha certeza de que ela logo sairá dessa fase, mas é claro que você se lembra de Tom e da querida Olivia, não? Bem, não posso acreditar que eu esteja fazendo essa pergunta. É claro que lembra. Não se pode esquecer dos próprios filhos! Isso seria... impensável.

Houve um tremor de medo na voz dela, que Alice achou estranhamente reconfortante. Sim, Mãe, isso é assustador. Sim, isso é impensável.

— Mãe — disse Elisabeth, novamente. — Por favor, tente colocar isso em sua cabeça. Ela não se lembra de *nada* desde 1998.

— Nada?

— Tenho certeza de que é apenas passageiro.

— Ah, sim, claro. Passageiro.

Sua mãe caiu em silêncio e passou a ponta da unha ao redor dos lábios fortemente pintados de batom.

Alice experimentou este novo fato em sua mente: *Minha mãe casada com o pai do*

meu marido.

Era um fato tão inesquecível quanto *Eu tenho três filhos e Meu marido, quem eu adoro, foi embora de nossa casa*, mas ela de alguma forma esquecera.

Nada disso poderia ser verdade. Só podia ser tudo uma piada gigantesca. Tinha de ser um sonho incrivelmente realista. Uma alucinação vívida. Um pesadelo que prosseguia.

Roger! O que poderia ter se apossado de sua meiga e cautelosa mãe, para “se apaixonar loucamente” (a mamãe nunca dizia coisas extravagantes como “loucamente apaixonada”) por alguém como Roger? Roger, com sua colônia de barba extremamente forte, sua voz de anunciante de rádio e seu hábito de falar inglês arcaico, dizendo coisas como “creio eu”? Roger, que depois de alguns drinques nas festas de família prendia Alice num canto e despejava um monólogo sobre si mesmo e sua eterna fascinação pelas facetas intrigantes de sua própria personalidade.

— Sou uma pessoa atlética? Sim, decididamente. Sou um intelectual? Certo, talvez não, no sentido mais estrito da palavra Ph.D. Mas, colocando de outra forma, sou uma pessoa *inteligente*? A resposta teria de ser sim, eu tenho um Ph.D. da Universidade da Vida Real, Alice. E você pode perguntar, sou uma pessoa espiritual? Creio eu que a resposta tenha de ser sim, certamente.

Alice ficava concordando, impotente, sem respirar fundo, para não enjoar com o cheiro da colônia pós-barba, até que Nick aparecesse dizendo:

— Creio eu que a dama precisa de um drinque, pai.

E quanto a Nick? O que ele acharia desse desfecho? Ele tinha um relacionamento tão estranho e frágil com o pai. Imitava-o pelas costas, impiedosamente, e havia algo próximo do ódio em sua voz, quando ele falava do modo com que Roger tratara sua mãe durante o divórcio, mas ao mesmo tempo naquela época Alice notou que, sempre que ele estava na companhia de Roger, sua voz ficava mais profunda, seus ombros mais imponentes, e ele frequentemente mencionava algum negócio que havia fechado no trabalho, ou alguma outra realização da qual Alice nem tinha conhecimento, como se, no fundo, ele ainda quisesse a aprovação do pai, mesmo que negasse fervorosamente, quase zangado.

Alice não conseguia imaginar sua reação diante dessa notícia. E isso não significava que ela e Nick eram parentes? Ele era seu meio-irmão! Seu primeiro pensamento foi que ela e Nick teriam morrido de rir disso, tendo transformado a coisa num jogo bobo, fazendo afirmações indecentes de incesto, e teriam fingido ser Greg e Marcia Brady. Mas talvez não tivesse sido nada engraçado.

Talvez ele tivesse ficado zangado pela mãe, embora sua mãe parecesse tratar o ex-marido como um tio distante.

E quanto às Excêntricas? Oh, Deus, as Excêntricas. As irmãs malucas de Nick agora eram suas meias-irmãs. Não havia a menor chance de que elas tivessem reagido calmamente a essa notícia; elas não reagiam calmamente a nada — desmaiavam, caíam em prantos, paravam de falar umas com as outras, ofendiam-se com os comentários mais inócuos. Sempre havia ao menos uma irmã no meio de uma crise. Alice nunca se dera conta de que a vida em família podia ser tão dramática, até conhecer a família de Nick, com todas aquelas irmãs, cunhados, namorados, tias e primos, às dúzias. Em comparação, sua minifamília, tão silenciosa e polida, parecia enfadonha.

Alice disse:

— É por isso que eu e Nick estamos...? Ele está aborrecido porque o pai dele casou com a mamãe?

— É claro que não! — Sua mãe ganhou nova energia. — Esse divórcio é um terrível mistério para todos nós, mas certamente não tem nada que ver com Roger e eu! Roger ficaria arrasado ao ouvir que você chegou a pensar em uma coisa dessas. É claro que Roger tem suas próprias teorias sobre o divórcio...

Elisabeth interrompeu:

— A mamãe e o Roger ficaram juntos anos atrás. Você e Nick não acharam a menor graça, à época, e as Excêntricas obviamente ficaram totalmente histéricas, mas depois a poeira baixou e ninguém mais pensou a respeito. Eu juro, Alice, todas essas coisas que parecem tão chocantes realmente não são tão chocantes assim. Quando você recobrar sua memória, vai rir de si mesma.

Alice não queria voltar a ser alguém que achava não haver nada chocante no fato de que ela e Nick estavam se divorciando; ela não conseguia acreditar na forma casual como sua mãe havia se referido ao “divórcio”, como se isso fosse algo sólido e real, como se fosse um *objeto*.

— Bem, na verdade, eu não vou mais me divorciar — disse Alice. — Não tem mais divórcio.

— Oh! — Sua mãe enlaçou as mãos, como se fosse para uma prece. — Oh, mas isso é maravilhoso...

Elisabeth disse:

— Mãe, você tem de prometer não dizer nem uma palavra a Roger, ou a ninguém mais. Ela não sabe o que está dizendo.

— Sei, sim — disse Alice. Ela se sentia meio bêbada. — Pode dizer ao mundo inteiro, mãe. Diga a Roger. Diga às Excêntricas. Diga aos nossos três filhos. Não há divórcio. Nick e eu vamos resolver o que tiver de ser resolvido.

— Maravilha! — gritou Barb. — Estou tão feliz!

— Você não vai achar isso maravilhoso quando recuperar sua memória — disse Elisabeth. — Você tem procedimentos legais em andamento. Jane Turner terá um ataque do coração se você começar a fazer isso.

— Jane Turner? — disse Alice. — O que Jane Turner tem a ver com a história?

— Jane é sua advogada — disse Elisabeth.

— Advogada? Ela não é advogada. — Uma lembrança surgiu na cabeça de Alice, de um cara perdendo uma discussão com Jane, no trabalho, e dizendo — Você deveria ser advogada — e Jane dissera — Sim, tenho absoluta consciência disso.

— Ela se formou em Direito, alguns anos atrás, e agora é especialista em divórcios — disse Elisabeth. — Ela está te ajudando... a se divorciar de Nick.

Mas que ridículo, que imbecilidade, aquela tal de Jane Turner ajudando-a a se “divorciar de Nick”. “Um pouquinho da Jane rende muito”, Nick disse, uma vez, e Alice concordava. Como é que a Jane podia ter algo a ver com a vida deles?

— Você e Nick estão no meio de uma batalha de custódia — disse Elisabeth. — É realmente sério.

Batalha de custódia. Soava como batalha pela paródia. Alice imaginou ela e Nick inventando letras para músicas famosas, rindo e discutindo quem rimava melhor. E

pensar em como se divertiam...

Presumivelmente, uma batalha de custódia não era algo tão divertido.

— Bem, isso também acabou — anunciou Alice. (Por que motivo ela ia querer a guarda de três crianças que nem conhecia?! Ela queria Nick.) — Não precisamos de uma batalha de custódia porque não vamos nos divorciar e ponto final.

— Eba! — disse a mãe. — Estou tão contente que você tenha perdido a memória. Esse acidente vai acabar sendo uma bênção disfarçada.

— Bem, só há um probleminha com tudo isso, não é? — disse Elisabeth.

— O quê?

— Nick ainda tem memória.

Capítulo 10

— Nick? — disse Alice.

— Desculpe, meu bem, sou só eu, novamente — disse a enfermeira.

Eles vinham despertá-la de hora em hora, para fazer o controle, iluminando suas pupilas e fazendo as mesmas perguntas, repetidamente.

— Alice Mary Love. Hospital Royal North Shore. Machuquei a cabeça — murmurou Alice.

A enfermeira deu uma risada.

— Muito bem. Desculpe por isso. Agora volte a dormir.

Alice dormiu e sonhou com enfermeiras a acordando.

— Acorde! Está na hora de sua aula de salsa! — disse a enfermeira com um chapéu enorme que, na verdade, era um profiterole.

— Sonhei que nós íamos nos divorciar — Alice disse a Nick. — E tínhamos três filhos, e a mamãe tinha casado com seu pai, e Elisabeth estava tão triste.

— Por que *porra* eu ligaria? — disse Nick. Alice sugou o ar pela boca e começou a chupar o dedo.

Nick tirou uma bolinha de confete vermelho do pescoço e mostrou a ela. Ele disse: — Brincadeira!

— Nick? — disse Alice.

— Eu não te amo mais porque você chupa o dedo.

— Mas eu não chupo! — Alice estava quase morta de vergonha.

— Qual é o seu nome? — gritou a enfermeira, mas esta era outra, que não podia ser real, porque ela estava flutuando no ar, segurando buquês de balões cor-de-rosa. Alice a ignorou.

— Eu, novamente — disse uma enfermeira.

— Nick? — disse Alice. — Estou com dor de cabeça. Uma dor de cabeça tão ruim.

— Não, não é o Nick. É Sarah.

— Você não é uma enfermeira real. É outra enfermeira do sonho.

— Na verdade, eu sou real. Pode abrir os olhos e me dizer seu nome?

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Oi, sou eu de novo, Dr. Hodges. São três e meia da madrugada, e dormir parece algo impossível e tolo, que só outras pessoas fazem. Acordei pensando em Alice e na forma como ela me disse: “Você é uma irmã mais velha tão boa”.

Não sou. Nem um pouco.

Ainda nos preocupamos uma com a outra, é claro que sim. Não é isso. Jamais esquecemos os aniversários uma da outra. Na verdade, há um tipo estranho de competição silenciosa para ver quem vai dar o melhor presente, a cada ano, como se nós estivéssemos aos empurrões para ver quem tem o papel de irmã mais generosa e zelosa. Nós nos vemos até que regularmente. Ainda rimos. Somos iguais a milhões de irmãs. Portanto, nem sei direito do que estou falando. É que simplesmente não é mais igual a

quando éramos jovens. Mas isso é apenas a vida, não é, Dr. Hodges? Relacionamentos não permanecem iguais. Não há *tempo*. Pergunte a Alice! Ela se converteu ao papel de mãe ocupada do North Shore, como se isso fosse uma religião.

Talvez se eu tivesse sido mais atenta? Talvez fosse minha responsabilidade, como irmã mais velha, de nos manter nos trilhos.

Mas a única forma que consegui passar pelos últimos sete anos foi me embrulhando como um pacote, com um laço cada vez mais apertado. Está tão apertado que, se eu estiver falando de qualquer coisa (exceto como escrever uma campanha perfeita de mala direta), vou me sentir como se houvesse algo obstruindo minha garganta, como se minha boca não abrisse o suficiente para uma conversa apropriada.

O problema é o ódio. Está permanentemente em fogo brando, mesmo quando não estou consciente disso. Se me machuco inesperadamente ou derrubo uma tigela de mirtilo no chão da cozinha ele transborda, como se fosse leite fervendo. O senhor deveria ter ouvido os gritos primitivos de fúria, ao bater a testa num armário aberto, outro dia, quando estava esvaziando a lava-louças de louça.

Sentei no chão da cozinha, encostada na geladeira e chorei por vinte minutos. Isso é bem constrangedor.

Antes de Nick e Alice se separarem, às vezes eu sentia palavras imperdoáveis na ponta da minha língua, quando falava com Alice, palavras como: “Você acha que o mundo gira ao seu redor e de sua familiazinha perfeita e acha que estresse é tentar a coordenação perfeita de cores de almofadas do seu sofá novo, de dez mil dólares?”.

E tenho vontade de riscar essas coisas, porque elas são sórdidas e nem sequer são verdadeiras.

Não acho nada disso, mas eu poderia ter dito, ainda poderia dizer, e, se o fizesse, essas palavras ficariam em nossas memórias para sempre. Então, era mais seguro não dizer nada e fingir, e ela sabia que eu estava fingindo e ela fingia também, e acabamos esquecendo como é ser verdadeira uma com a outra.

Por isso foi chocante quando ela me ligou para dizer que Nick tinha saído de casa. Eu não fazia a menor ideia de que eles estavam passando por problemas. Era a evidência irrefutável de que nós já não compartilhávamos segredos. Eu deveria saber o que estava se passando em sua vida. Ela deveria estar me pedindo um conselho de irmã. Mas não o fez. Então, eu a decepcionei, tanto quanto ela a mim.

E foi por isso que, quando eu soube da notícia a respeito de Gina, não sabia o que seria certo fazer.

Deveria ligar para Alice? Deveria ir até lá de carro? Deveria ligar e perguntar primeiro? Eu não conseguia pensar no que Alice gostaria. Eu estava preocupada com a etiqueta correta, como se ela fosse alguém que não conhecesse bem. Pelo amor de Deus, É CLARO que eu deveria ter ido direto até lá. O que havia de errado comigo para chegar a pensar a respeito?

Quando saímos do hospital, a mamãe disse, num tom acanhado, que não tinha nada que ver com ela:

— Acho que ela também não se lembra de nada a respeito de Gina, não é?

E eu disse: — Acho que não. — Nenhuma de nós sabia o que dizer quanto a isso.

Como se acha o fio da meada que deu início a tudo, para rastrear o emaranhado de ligações telefônicas, festas natalinas e infantis, voltando ao início, quando éramos apenas

Alice e Libby Jones? O senhor sabe, Dr. Hodges?

De qualquer forma... talvez eu deva tentar dormir.

Não. Não consigo nem fingir um bocejo.

Amanhã vou ao hospital pegar Alice e levá-la para casa. Eles esperam dar alta por volta de dez horas. Ela simplesmente parece dar como certo o fato de que eu deva ir buscá-la. Se estivesse em seu estado normal, faria questão de não contar comigo. Só aceita favores de outras mães da escola, pois elas podem ser pagas com logísticas complicadas, em dias de jogos das crianças.

Fico imaginando se ela terá a memória de volta amanhã. E me pergunto se ficará envergonhada pelas coisas que disse esta tarde, principalmente sobre Nick. Aquela era a antiga Alice? Era a nova?

Ou simplesmente uma Alice que bateu a cabeça? Lá no fundo, será que ela está arrasada por causa do divórcio? Seria aquilo um vislumbre do que ela está realmente sentindo? Eu não sei. Simplesmente não sei.

A médica com quem falei parece confiante de que ela terá a memória de volta até amanhã de manhã. Ela foi uma das médicas mais legais que já conheci, em muitos anos de contato com médicos.

Ela realmente me olhava nos olhos e esperava que eu terminasse, antes de falar. Mas dava para notar que estava apenas focada no fato de que a tomografia de Alice não tenha apresentado sinais do que ela chama de “sangramento intracranial”. Ela piscou um pouquinho quando eu disse que Alice não se lembra da existência de seus três filhos, mas disse que as pessoas podem ter uma imensa variedade de reações ao traumatismo e que o descanso é a melhor coisa. Disse que, à medida que a lesão na cabeça melhorar, sua memória voltará. Ela parecia estar dando a entender que eles já haviam ido além da conta, em relação a um caso de traumatismo leve, ao mantê-la internada por uma noite.

Eu me senti estranhamente culpada ao deixar Alice no hospital. Ela parece tão mais jovem. Foi isso que aparentemente não consegui transmitir à médica. Não é só o fato de Alice parecer confusa. É

como se eu estivesse *literalmente* conversando com uma Alice de vinte e nove anos. Até seu jeito de falar está diferente. Está mais lento e meigo e menos precavido. Ela está apenas falando o que lhe vem à cabeça.

— Eu tive uma festa de aniversário de trinta anos? — ela me perguntou, antes de irmos embora, e eu não conseguia me lembrar, por nada deste mundo. Mas depois, no carro, a caminho de casa, lembrei que eles fizeram um churrasco. Alice estava com um barrigão de grávida e eles estavam bem no meio da reforma. Havia escadas e latas de tinta, e buracos nas paredes. Eu me lembro de estar na cozinha, ajudando Alice e Nick a colocar as velas no bolo, quando Alice disse: — Acho que o bebê está com soluço. — Nick pôs a mão em sua barriga e depois pegou minha mão e a pôs também, para que eu sentisse os pequenos espasmos. Eu tenho uma lembrança tão clara de seus rostos virados para mim, os olhos radiantes, repletos de empolgação e maravilhados por tudo. Os dois tinham respingos de tinta azul nas sobrancelhas, por causa da pintura do quarto do bebê. Eram adoráveis. Meu casal favorito.

Eu ficava secretamente observando Nick, enquanto ele ouvia Alice contar uma história; aquele olhar meigo e orgulhoso no rosto, a forma como ele ria mais alto que todo mundo, quando ela dizia algo engraçado, típico de Alice. Ele a entendia, do mesmo

jeito que nós, ou até mais. Ele a deixava mais confiante, mais engraçada, esperta. Trazia à tona todas as coisas que já estavam lá e a deixava ser inteiramente ela mesma, então ela parecia brilhar com essa luz interior. Ele a amava tanto que a fazia parecer mais adorável.

(Será que Ben me ama assim? Sim. Não. Eu não sei. Talvez, no começo. Todo esse negócio de amor radiante já não parece mais relevante. Isso é para gente mais jovem, mais magra, mais feliz e, além disso, na verdade não é possível que um damasco seco seja radiante.) Sinto falta da antiga dupla Nick e Alice. Quando penso neles na cozinha, colocando velas num bolo, é como lembrar de gente que conheci e se mudou para outro país, sem manter contato.



Às quatro e meia da manhã, Alice acordou com uma ideia clara na cabeça: *Nem perguntei a Elisabeth quantos filhos ela tem.*

Como ela podia desconhecer a resposta para essa pergunta? Porém, mais importante, como poderia ter se esquecido de *perguntar*, já que não sabia? Ela era uma pessoa egoísta e egocêntrica. Não era de admirar que Nick quisesse se divorciar dela. Não era de surpreender que Elisabeth não a olhasse mais da mesma forma.

Pela manhã, ligaria para a mãe para checar com ela, depois fingiria que, claro, não tinha esquecido da existência dos filhos de Elisabeth (só dos seus) e diria: — Oh, a propósito, como vai o miudinho?

Exceto pelo fato de não ter certeza de que o telefone da mãe ainda continuava o mesmo. Ela nem sabia onde a mãe morava. Será que ela havia se mudado para o apartamento bege e cromado de Roger, em Potts Point? Ou teria Roger se mudado para a casa da mãe, com seus badulaques e suas plantas? Qualquer possibilidade parecia ridícula.

A garota no cubículo ao lado estava roncando. Parecia um som fino e agudo de mosquito. Alice se virou de bruços e mergulhou o rosto com força no travesseiro, como se estivesse tentando se sufocar.

Ela pensou: *Esta é a pior coisa que já me aconteceu.*

Mas, na verdade, ela nem podia ter certeza disso.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Depois que deixamos o hospital, eu e a mamãe fomos até a casa de Alice para encontrarmos Ben e as crianças. Todo mundo comeu pizza no jantar. (Graças a Deus Roger tinha uma reunião no Rotary; eu não estava com humor para Roger. Não consigo pensar em ninguém que esteja com humor para Roger, exceto a mamãe e, supostamente, Roger, é claro.) Não contamos às crianças que Alice tinha perdido a memória. Apenas dissemos que ela tinha batido a cabeça na academia, mas ficaria bem.

Olivia enlaçou as mãos e disse: — A mamãe querida! Isso é uma absoluta tragédia!

E eu pude ver as costas de Ben sacudindo pelo riso contido, de pé, junto à gaveta de talheres.

Madison franziu o lábio e disse, em tom de desprezo:

— Então, o papai sabe disso? — Depois saiu pisando forte, rumo ao quarto, como se já soubesse a resposta.

Tom esperou até que Olivia estivesse ocupada na mesa da cozinha, com suas canetinhas, fazendo um enorme cartão desejando melhoras a Alice, para silenciosamente me pegar pela mão e levar até a sala de estar. Ele me sentou, olhou diretamente nos meus olhos e disse: — Está certo, me diga a verdade. A mamãe está com um tumor no cérebro? — Antes que eu pudesse responder, ele disse: — Não minta! Eu sou um detector humano de mentiras! Se seus olhos virarem para cima e para a direita, vai significar que você está mentindo. — Eu precisei fazer um esforço sobre-humano para não olhar naquela direção.

Foi uma noite divertida. Não sei por quê. Uma noite divertida à custa da pobre Alice.

Oh, um bocejo. Um bocejo precioso e a calhar! Agora preciso ir, Dr. Hodges. Pode ser sono.



Quando o céu começava a clarear do lado de fora do hospital, Alice mergulhou num sono profundo,

estranho e fragmentado. Sonhou com Nick sentado numa longa mesa de pinho, que ela nunca vira. Ele balançou a cabeça, pegou uma caneca de café e disse:

— É sempre Gina, não é? Gina, Gina, Gina. — Ele bebeu da caneca de café e Alice sentiu puro descontentamento. Ela deu as costas para ele para limpar vigorosamente uma mancha de gordura seca no balcão de granito.

Dormindo, Alice se remexeu com tanta violência que a cama se moveu.

Ela sonhou que estava numa pequena sala escura e Elisabeth estava deitada ao seu lado, olhando com uma cara assustada e dizendo:

— O que ela quer dizer com “não há batimento cardíaco”?

Ela sonhou com um imenso rolo de macarrão. Precisava empurrá-lo morro acima, com milhares de pessoas olhando. Era importante que ela fizesse parecer fácil.

— Bom dia, dorminhoca! — disse a enfermeira. Sua voz alegre foi como vidro quebrando.

Alice deu um pulo, ofegante, como se estivesse prendendo a respiração.

Capítulo 11

Grandes reflexões de uma bisavó!

Hoje eu acordei com o galo cantando! Não consigo dormir desde as cinco da manhã e acabei pensando em levantar e escrever.

Muito obrigada por todos os seus *e-mails* preocupados. Boas notícias quanto à **lesão de Alice**. Barb me ligou ontem à noite garantindo que ela ficará bem. Fizeram algo chamado TC (tomografia computadorizada, acho que é algo parecido com raios X, porém mais avançado) e tudo pareceu normal. Barb disse que eles a mantiveram no hospital por uma noite, mas pretendiam liberá-la esta manhã. O

estranho é que ontem à noite Alice ainda não se lembrava de nada desde 1998. Ela achava que ainda estava com o marido, Nick, e agora Barb está comemorando, pois acha que Alice e Nick irão se reconciliar, o que me parece improvável. Barb se tornou muito otimista desde que começou a fazer aula de salsa.

A perda de memória de Alice me faz lembrar de minha querida amiga Ellen, que recentemente foi diagnosticada com *demência*. Outro dia, estávamos batendo um papo, ao telefone, e ela parecia perfeitamente lúcida. Disse que andou ocupada assando um bolo de aniversário de bailarina, para sua sobrinha-neta e, subitamente, disse que não estava mais ouvindo o cortador de grama, portanto Ernie já devia ter terminado e ela precisava se apressar para fazer seu jantar. Bem, Ernie morreu em 1987. Aquilo me deu medo. Eu a lembrei que Ernie havia falecido, e ela chorou como se estivesse ouvindo isso pela primeira vez. Eu me senti terrível, mas não queria que ela passasse as duas horas seguintes descascando batatas para Ernie. (Uma vez, eu o vi comer *dezessete* batatas assadas, sem piscar. Homem guloso.)

Ainda bem que Alice é jovem demais para demência! E tenho certeza de que ela estará novinha em folha hoje, quando eu for vê-la.

Preciso comprar um presentinho. Gostaria de saber a coisa certa a comprar. É difícil. Sempre tenho a impressão de que não escolho mais os presentes certos. Era tão fácil quando elas eram crianças. Eu adorava ver o encanto em seus rostos. Agora receio que estejam apenas sendo educadas. Alguma sugestão?

Creio que tenha sido Doris de Dallas que me perguntou o motivo por eu chamar Barb de “minha filha” e Alice de “minha neta”. Bem, a razão é que elas não são minhas familiares biológicas. Morei na casa ao lado durante muitos anos. Para ser honesta, se o marido de Barb não tivesse morrido quando as meninas eram pequenas, eu provavelmente não seria mais que uma conhecida. No entanto, Barb teve dificuldades quando ele morreu. Ela não tinha nenhum outro parente, então eu me apresentei e me tornei uma avó “honorária”. Como nunca me casei e não tenho sobrinhos ou sobrinhas, para mim foi uma bênção. Agora eu tenho “*três lindos bisnetos*” e que alegria eles são!

Mas vamos em frente com outras questões!

Em meu último comentário, eu já estava na metade do caminho, contando sobre a reunião do Comitê Social. Depois que todo mundo parou de rir que nem bobo do *pole*

dancing, o assunto seguinte da agenda foi a viagem de ônibus que organizei. Deverá ser um dia divertido. Vamos ouvir uma palestra de especialistas (um médico, um advogado etc.), que vão debater o tema da eutanásia e depois paramos para almoçar num parque. Bem, não é de surpreender que o Cavaleiro X esconda a cabeça na areia quando se trata de escolher como morrer. “A vida é para ser vivida!”, palpitou ele. — Aproveite o dia! — e outros clichês do tipo. Ele obviamente nunca viu um ente amado sofrendo, como eu vi, ao perder minha querida mãe para o câncer, trinta anos atrás. Expliquei da forma mais simples que pude (pois ele obviamente não é um homem educado) que eu queria escolher como e quando quero deixar esta vida. Isso tem que ver com dignidade. Com o controle. Creio que eu tenha falado com um bocado de eloquência. O Cavaleiro X ficou me olhando por alguns instantes e eu achei que isso talvez tivesse entrado em sua cabeça dura. Então, ele disse: “Em vez disso, por que não vamos todos saltar de paraquedas?”, e Harry Palisi, aquele bobão, ergue a mão e diz: “Estou dentro!” (É bom frisar que Harry está numa cadeira de rodas.) Em seguida, a reunião se desintegrou.

Desde então, as pessoas vêm desistindo da minha excursão intitulada “A escolha é sua” e estão se inscrevendo para uma excursão que o Cavaleiro X está organizando *simultaneamente*. Ele a intitulou “Vamos viver!”. Não tenho certeza do lugar para onde vão. Há uma conversa sobre um passeio a um *pub*, corrida de carros e mergulho com *snorkel* em Coogee Beach.

Ainda tenho um número respeitável de pessoas para minha excursão, mas detesto dizer que a maioria não é a melhor das companhias.

São tipos rabugentos e cabeçudos. Do tipo que vai ficar reclamando do café no parque. Até mesmo a Shirley, minha amiga mais próxima da vila, perguntou se eu me importaria se ela fosse à excursão de X. Estou muito chateada. Não foi uma grosseria de X (estou tirando o “cavaleiro”) programar sua excursão para o mesmo período?

Isso me faz sentir como se fosse eu a rabugenta e cabeçuda. E por que estou questionando minha personalidade a esta altura da vida?

Estou velha demais para isso. Agora é tarde demais para mudar! No entanto, eu me pego secretamente sentindo-me insegura, como aconteceu há quarenta anos.

Deixe-me contar algo que nunca disse a ninguém. Em 1975, quando eu era professora de Matemática, outras professoras organizaram um passeio à praia. Só eu não fui convidada! Descobri por acaso, quando cheguei de repente e vi algumas delas vendo as fotos do passeio. Minha nossa, fiquei tão magoada. Ainda posso sentir.

Ora! Mas que tolice! Vou sair para dar uma volta.

Ah, quase me esqueci. Duvido muito que aquele tenha sido meu antigo aluno, o Frank Neary. Ouvi dizer que ele foi morto no Vietnã.

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse...

Obrigada por explicar sobre sua “filha” e “neta”, e tudo o mais. Você as vê bastante? Conte-nos mais! Acho que não precisa de aspas.

Parece-me que você é uma ótima bisavó! Ah, e você aceitou meu conselho e convidou o X para um drinque? Acho que esse é o segredo. Faça amizade com ele! Vocês podem ter mais em comum do que você imagina.

Beryl disse...

Quando eu tinha dez anos, minha turma inteira foi convidada para a festa de aniversário de Mary Murray, menos eu. Isso foi há sessenta anos e eu ainda penso nisso. Por que não fui convidada? O que foi que eu fiz? Então, entendo como você se sente, Frannie. Estou com Doris — acho que você precisa fazer amizade com o X. Como é mesmo que se diz? Você precisa manter seus amigos por perto, e os inimigos mais perto ainda, não é? Ah, que tal um talco para Alice? Minhas netas parecem gostar.

O Cara de Brisbane disse...

Claro que acredito em eutanásia, nas circunstâncias certas, mas eu não quero ficar falando disso. Talvez seja assim que X se sinta. Ou talvez ele não goste de pensar sobre a morte. Deixe o cara fazer seu passeio ao *pub*!

Frank Neary disse...

Nada disso. Estou vivinho da silva, Srta. Jeffrey! Ei, conte-me, por que a senhorita nunca se casou? Era muito bonita naquela época.

Achei que alguém a teria fígado. (Aposto que foi por isso que aquelas outras professoras não a convidaram para o passeio na praia. A senhorita era decididamente a mais bonita. Elas não queriam vê-la em seu biquíni pequenininho de bolinha amarelinha!)

MadMabel disse...

Fiquei surpresa e repugnada ao ler seu comentário. Suicídio é um pecado mortal. Não existe área neutra nisso. Confie na sabedoria do Senhor. Receio que não voltarei a este *blog*.

Vovó Maravilha disse...

Fico muito feliz em saber que Alice está bem melhor. Ignore o X. Eu mesma não acredito em eutanásia (com bons cuidados paliativos realmente não deve ser necessário), mas é direito de Frannie abordar o assunto. Ninguém a está forçando a ler este *blog*, MadMabel!

Aliás, alguém mais acha que Frank Neary está ficando inconveniente? Talvez você precise de umas boas palmadas, rapazinho!



Certo! Hora de se mexer. Um belo banho quente. Roupas. Cabelos. Maquiagem.

A última enfermeira havia partido e uma voz autoritária na cabeça de Alice dizia o que fazer.

Cansada demais, respondia Alice, brava. Seus olhos estavam ressecados e ardendo. Acabo de ter a pior noite de minha vida. E provavelmente também devo esperar e pedir ajuda a uma enfermeira.

Conversa fiada! Você se sentirá mais desperta depois que tomar um banho de chuveiro. Sempre se sente!

Sinto?

Sim! E está na hora de se olhar no espelho, pelo amor de Deus. Você só tem trinta e nove anos, não oitenta e nove. Não pode ser tão ruim, não é?

E a toalha? Não sei que toalha usar. Talvez haja procedimentos.

Você está cheirando a suor, Alice. Da aula de ginástica. Precisa tomar um banho.

Alice se sentou. Ela não suportava a ideia de ter qualquer tipo de odor corporal. Era a humilhação máxima. Ficava horrorizada, mesmo quando Nick mencionava casualmente que ela estava com hálito de alho, um dia após terem comido um jantar carregado no tempero. Colocava a mão na boca e corria para escovar os dentes, depois passava o resto do dia mastigando chiclete. Nick ficava impressionado com o estardalhaço. Ele não dava a mínima se estivesse cheirando mal. Depois de um dia inteiro de trabalho na casa, ele alegremente fungava as axilas feito um macaco e anunciava “Tô fedendo!” como se fosse uma grande realização.

Talvez Nick estivesse se divorciando dela porque ela passou a ter um péssimo hálito.

Ela colocou a mão no calombo da cabeça. A dor ainda estava ali, mas decididamente havia melhorado, estava mais para uma lembrança da dor do dia anterior.

Mas ela não se lembrava daquelas crianças e não se lembrava de Nick indo embora de casa.

Deslizou os pés descalços sobre o chão frio e olhou ao seu redor. As tulipas que a mãe lhe dera eram bulbos dourados contrastando com o branco da parede do hospital. Ela tentou imaginar sua mãe dançando salsa com Roger, os quadris balançando, unidos. Até que podia imaginar o quadril de Roger balançando, mas o de sua mãe? Ela ficou fascinada e repugnada com a ideia. Mal podia esperar para falar com Nick sobre isso.

Ora.

Ela se lembrou da voz dele ao telefone, ontem, carregada de ódio. Tinha de ser por causa de algo mais além de mau hálito. Se essa tivesse sido a razão, sua voz teria sido compassiva e constrangida.

Mesmo com a lembrança daquela ligação (da forma como ele a xingou!), ainda parecia impossível que Nick não fosse aparecer a qualquer minuto, sem fôlego e todo desarrumado, pedindo desculpas pelo mal-entendido, abraçando-a junto ao peito. Ela não conseguia se sentir propriamente aborrecida com essa conversa de divórcio, porque era muita bobagem. Esse era o *Nick*! Seu Nick. Assim que ela o visse novamente, ficaria tudo bem.

A mochila com os adesivos de dinossauro estava em cima do armário, ao lado da cama. Ela pensou naquele belo vestido vermelho. Talvez conseguisse se espremer para entrar nele.

Segurou a mochila embaixo de um dos braços e o avental hospitalar na parte de trás, para não revelar sua calcinha, mas nem havia necessidade. As cortinas ao redor do cubículo da outra garota estavam fechadas e ela continuava com seu ronco de mosquito.

Talvez Alice tivesse envelhecido e seu ronco tivesse piorado e por isso Nick tinha ido embora.

Ela podia arranjar uma daquelas coisas pavorosas de colocar na boca. Isso era fácil de resolver.

Volte para casa, Nick.

Ela estava tão cansada que parecia estar se movendo em concreto molhado.

Acho que devo voltar para a cama.

Não se atreva a voltar para a cama. Vai fazê-los se atrasar para o colégio novamente e será um faldatório sem fim.

O queixo de Alice se ergueu de surpresa. De onde veio isso? Ela pensou na foto das

três crianças de uniforme escolar. Só podia ser responsabilidade sua levá-los para o colégio todos os dias.

Talvez, somente talvez, houvesse uma minúscula lembrança de passos no corredor, portas batendo, o carro buzinando, uma criança choramingando, uma sensação perfurante no centro de sua testa. Mas ao tentar se agarrar à lembrança, ela desapareceu, como se ela a tivesse inventado.

Dava a impressão de que ela estava olhando para a frente, mas apenas à sua direita e esquerda estavam dez anos de lembranças; se ela ao menos encontrasse um jeito de virar a cabeça e encará-las.

Ela entrou no banheirinho que dividia com a garota roncadora, trancou a porta e acendeu a luz fluorescente. Piscou diante da claridade envolvente. Na noite anterior, ela conseguira usar o toalete e lavar as mãos sem olhar seu reflexo no espelho acima da pia. Isso acabou. Hoje era o dia da ação.

Ela desamarrou os laços do pescoço e das costas, deixou o robe cair no chão e foi até a frente do espelho.

Ela conseguiu se ver da cintura para cima.

Magrinha, pensou ela, apertando as pontas dos dedos na curva da cintura, depois os deslizava para cima e para baixo, sobre as costelas. Dava realmente para ver as costelas. Você é uma garota magrinha. Sua barriga estava rija e lisa, como a da garota da academia. Como aconteceu isso?

É claro, ela sempre dissera que entraria em forma e perderia peso, sem tomar atitude. Era algo que você deveria dizer para as amigas, em intervalos regulares, para demonstrar que é uma mulher apropriada: “Oh, Deus, estou tão gorda!”. Quando ela saía com Richard, o namorado antes de Nick, ele dizia “Puxa para cima!”, quando a via vestir as calças *jeans* e passá-las pelas coxas, e aquela ligeira insatisfação com seu corpo às vezes se transformava em aversão a si mesma, e ela passava fome por um dia, antes de comer um pacote de biscoito de chocolate no jantar. Mas depois ela conheceu Nick, que dizia que ela era bonita, e sempre que a tocava era como se, na verdade, seu toque a tornasse tão bonita como ele achava que ela era. Então, por que ela se negaria um segundo pedaço de bolo de chocolate, ou uma taça de champanhe, se Nick estava com a faca na mão ou a garrafa em posição, sorrindo, diabolicamente, e dizendo “Só se vive uma vez”, como se todo dia fosse uma festa. Nick tinha uma queda por doce, como se fosse um garotinho, e apreciava uma boa comida, um bom vinho e um bom clima. Comer e beber com Nick, num dia ensolarado, era como fazer sexo. Ele a fazia se sentir como uma gata feliz e bem alimentada: rechonchuda, macia e ronronando de satisfação sensual.

Alice não conseguia decidir se gostava ou não da nova barriga lisa. Por um lado, havia a sensação clara de orgulho, como descobrir uma nova habilidade. Olhe o que eu fiz! Estou com uma barriga de modelo! Por outro lado, a sensação de ossos rijos sob a pele dava uma ligeira repugnância, como se sua carne tivesse sido arrancada.

O que será que Nick achava deste novo corpo magro? Talvez ele não ligasse. *Então, por que porra você me ligou?*

Ela notou que seus seios estavam bem menores, não tão empinados. Na verdade, estavam horríveis, caídos na direção da barriga, como meias. Ela os segurou nas mãos e os deixou cair novamente. Ai, droga. Ela não gostou nada daquilo. Sentia falta de seus belos, arredondados, alegres e balançantes seios.

Será que o fato de amamentar três crianças teria dado nisso? E isso estaria perfeitamente bem, se ela tivesse as lembranças nostálgicas das noites que passou sentada numa cadeira de balanço, até tarde, de cabeça baixa, com um bebê nos braços, mas não tinha. Ela estivera na expectativa de amamentar. Isso era para acontecer no futuro, não no passado.

Certo, esqueça os seios. O rosto. Era hora do rosto.

Ela deu um passo para mais perto do espelho e segurou a respiração.

Em princípio, foi um alívio, pois ainda era seu rosto de Alice, olhando de volta, com cara de boba.

Ela não estava terrivelmente deformada. Não tinha nascido nenhum chifre. Na verdade, ela gostou um bocado de seu rosto mais magro. Parecia ter mais definição e fazia seus olhos parecerem maiores.

Ela tinha sobancelhas perfeitamente moldadas e os cílios escuros. Parecia não ter mais tantas sardas. Sua pele estava macia e limpa, embora houvesse leves riscos engraçados, ao redor da boca e dos olhos. Seria de quando ela caiu? Ela chegou mais perto para examiná-los.

Ah.

Não eram riscos. Eram rugas, exatamente iguais às de Elisabeth, talvez piores que as de Elisabeth.

Havia dois profundos sulcos entre os olhos. Quando ela parava de franzir o rosto, eles não sumiam.

Havia pontos rosados embaixo de seus olhos, e Alice se lembrou do olhar de Jane, no dia anterior, achando que havia algo errado com os olhos dela. Não havia nada de errado com Jane, ela só estava dez anos mais velha.

Ela passou a ponta do dedo em cima das linhas finas que pareciam ranhuras ao redor da boca e dos olhos, como se pudesse apagá-las. Parecia que não deviam estar ali. Obrigada, mas creio que não, não para mim, isso não pertence ao meu rosto.

Ela desistiu e recuou do espelho novamente, para que não conseguisse enxergar as rugas.

Seus cabelos ainda estavam puxados para trás, presos num elástico, desde a noite anterior. Ela puxou e o olhou na palma da mão, impressionada por nem reconhecer o elástico preto, sem ter qualquer lembrança de tê-lo colocado nos cabelos.

Seus cabelos caíam pouco acima dos ombros. Ela devia tê-los cortado, como suspeitava. O que a levava a tomar essa decisão, pensou ela. A cor também estava diferente. Estava quase louro em vez de castanho. Era um tom de louro-acinzentado escuro. Estava desarrumado, por ter passado a noite virando de um lado para o outro, mas, quando ela passou os dedos, viu que era um corte elegante que se curvava ao redor do pescoço, fazendo-o parecer mais comprido. Não era de seu gosto, mas ela tinha de admitir que combinava com seu rosto melhor do que qualquer corte que ela já tivera.

Ela havia crescido. Era isso. Uma mulher adulta de três filhos a olhava de volta. Apenas não se sentia crescida.

Então está certo. Essa é você, Alice. Isso é quem você é. Uma mãe adulta e magrinha, no meio de uma perversa batalha judicial de custódia.

Ela apertou os olhos e imaginou seu antigo eu, seu verdadeiro eu, olhando-a de volta do espelho.

Cabelos longos, castanhos, sem um estilo específico; um rosto mais redondo e cheio; seios mais rijos e maiores; barriga mais gorda (bem gorda); mais sardas; nada de rugas — apaixonada por Nick e grávida de seu primeiro filho.

Mas aquela garota se fora. Não fazia sentido pensar nela.

Alice desviou o olhar do espelho e, observando ao redor do banheiro desconhecido, sentiu-se profundamente só. Ela pensou novamente naquela viagem tola e solitária pela Europa, escovando os dentes em banheiros estranhos, vendo a si mesma em espelhos manchados, com uma sensação estonteante de desagregação, enquanto tentava decifrar quem realmente era sem as pessoas que a amavam para refletir de volta a sua personalidade. Agora ela não estava num país estranho, onde as pessoas falavam uma língua diferente, mas estava num mundo estranho e novo, onde todos sabiam o que se passava, menos ela. Fazia papel de boba, dizendo a coisa errada, sem saber as regras.

Ela respirou trêmula.

Era apenas passageiro. Em breve ela teria sua memória de volta e a vida prosseguiria normalmente.

Mas será que ela *queria* a memória de volta? Queria lembrar? O que ela realmente queria era entrar em sua máquina do tempo e voltar diretamente a 1998.

Bem, falta de sorte. Lide com isso, querida. Tome um banho. É hora de café e uma rosca com requeijão, antes que as crianças acordem.

— Antes que as crianças acordem. — A forma como essa voz mandona ficava pipocando em sua cabeça a deixava realmente fora de si. Requeijão numa rosca? O que era isso? Ela nem gostava de comer isso no café.

Ou gostava? Ela lambeu os lábios, pensando. Requeijão numa rosca ou manteiga de amendoim com torrada? As duas opções pareceram simultaneamente deliciosas e nojentas.

Bem, não chega a ser uma questão de vida ou morte, não é, Alice?

Oh, cale a boca. Sem ofensas, mas você está parecendo meio asquerosa, Alice.

Ela foi até a mochila e retirou a *nécessaire* com os itens de toalete. Provavelmente poderia presumir que a nova Alice tivesse trazido xampu e condicionador. Remexeu entre os frascos caros (minha nossa, isso não era apenas uma ida à academia?) e encontrou duas embalagens compridas, finas e escuras. Eram de marcas que ela não reconhecia e prometiam um “efeito de salão”.

Enquanto estava embaixo do chuveiro e massageava o xampu nos cabelos, o cheiro de pêssego entrou por suas narinas e foi tão familiar que fez seus joelhos dobrarem. *É claro, é claro*. Ela fez um som de choro estrangulado e se lembrou de si mesma, sob um chuveiro forte, o vapor subindo, ela encostando a testa na parede de azulejos azuis e chorando baixinho, enquanto a espuma do xampu de pêssego escorria e entrava em seus olhos. *Não consigo suportar isso. Não consigo... não consigo...*

Por um instante, a lembrança foi tão real que poderia estar acontecendo naquele instante, e no segundo seguinte ela sumiu, como a espuma de seu xampu.

O cheiro do xampu continuava intenso, ridiculamente familiar, mas ela não conseguia manter outra lembrança.

Só aquela sensação de um pesar impotente e o desejo de que a dor parasse.

Ela estaria se lembrando de ter chorado por causa de Nick?

Se essas eram as lembranças trancadas em sua cabeça — lembranças de um

casamento perfeitamente maravilhoso desintegrando-se, lembranças dela agarrando-se a uma parede de chuveiro enquanto chorava –, será que ela realmente as queria de volta?

Ela desligou o chuveiro e se secou com a toalha azul da mochila. Com a toalha amarrada no corpo, ela tirou outros frascos da *nécessaire* e os colocou à sua frente. O que, de fato, fazia com tudo aquilo?

Anda, anda.

Sua mão se moveu instintivamente em direção a um frasco com tampa dourada. Ela abriu e encontrou um hidratante espesso e cremoso. Com movimentos rápidos e eficientes, ela passou o hidratante no rosto todo. Alisa, alisa, alisa. Sem parar para pensar, pegou um vidro de base, passou um pouco numa esponja e começou a esfregar no rosto todo. Parte de sua mente registrava tudo isso com espanto. Base? Ela nunca usara base. Quase nem ligava para maquiagem. Mas suas mãos se moviam tão rápido, sua cabeça se inclinava para um lado e outro, como se ela já tivesse feito isso um milhão de vezes. Em seguida, veio um bastão dourado que ela passou nas bochechas. Ela abria os frascos, vidros e embalagens. Rímel. Lápis de olho. Batom.

Subitamente — isso deve ter levado menos de cinco minutos — ela havia terminado e estava guardando todos os frascos na *nécessaire*. Sem parar, ela abriu o zíper de um bolso lateral da mochila e ficou pensando no que estava procurando, até tirar um secador de cabelos portátil e uma escova redonda. Certo, certo. Hora de secar os cabelos. Ela ligou na tomada e mais uma vez as mãos estavam se movendo, sem esperar que ela dissesse nada. A escova se movia de um lado para outro.

O secador soprava o ar quente.

Certo, então depois de sair daqui você precisa...

Sua mente deu um branco.

... você precisa...

Seus cabelos estavam prontos.

Ela desligou o secador de cabelos, tirou da tomada e enrolou o fio, depois o enfiou na mochila e começou a remexer, em busca de outra coisa. Meu bom Deus. Por que ela estava fazendo tudo tão *rápido*? Onde era o incêndio?

Ela puxou o saco plástico com as roupas, abriu e tirou a roupa íntima bege e o vestido. A *lingerie* dava uma sensação deliciosa de maciez e luxo em sua pele e o sutiã ergueu seus seios de volta à posição antiga. Certamente esse belo vestido não serviria, mas ela o passou por cima da cabeça, fechando o zíper na lateral, sem ter de procurar, e não fazia dobras nos pneus, pois ela não os tinha mais.

Jóias. Ela encontrou o colar de topázio e o bracelete que Nick lhe dera e os colocou. Sapatos.

Deslizou os pés dentro deles.

Parou e olhou a mulher no espelho e ficou boquiaberta de admiração.

Ela estava... bom, ela precisava dizer que estava bem. Virou-se de lado e observou a si mesma, por cima do ombro.

Uma mulher atraente, elegante e magra. O tipo de mulher que ela jamais imaginou ser possível para si. Tornara-se uma *daquelas* mulheres, uma daquelas *outras* mulheres, que pareciam perfeitas demais para serem reais.

Por que Nick ia querer deixá-la se ela estava tão bem?

Faltava algo.

Perfume.

Ela o encontrou no zíper da frente da *nécessaire*. Borrifou nos dois punhos e subitamente estava inclinada para a frente, agarrando-se aos dois lados da pia, para evitar que caísse. O aroma era de baunilha, bergamota e rosas. Toda a sua vida estava ali, naquele cheiro. Ela estava sendo sugada para dentro de um redemoinho de pesar e fúria, um telefone que tocava sem parar, e um choro de criança, e um falatório na televisão, e Nick sentado na beirada da cama, curvado para a frente, com as duas mãos fortemente enlaçadas atrás da cabeça.

— Com licença?

Houve uma batida na porta do banheiro.

— Com licença? Você ainda vai demorar muito? É que estou muito apertada!

Alice lentamente se ergueu. A cor havia desaparecido de seu rosto. Será que ela ia passar mal, como aconteceu no dia anterior? Não.

— Desculpe! — ela gritou. — Só um segundo.

Ela colocou as mãos na pia e usou o sabonete líquido cor-de-rosa do dispensador para esfregar o perfume. Conforme o cheiro de chiclete de morango misturado ao desinfetante entrou em suas narinas, o redemoinho foi parando.

Não me lembro.

Não me lembro.

Não vou me lembrar.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Ela estava arrumada e à minha espera quando fui buscá-la no hospital. Tinha olheiras e os olhos bem vermelhos, mas estava de cabelos feitos e a maquiagem perfeita, como sempre.

Parecia estar tão normal que eu tive certeza de que ela recobrou sua memória e esse estranho intervalo em nossas vidas havia acabado.

Eu disse:

— Lembrou-se de tudo?

E ela disse:

— Quase — e evitou meus olhos, e eu achei que ela devia estar se sentindo constrangida pelo que dissera sobre Nick.

Ela disse que fora examinada por um médico e havia assinado todos os formulários, e mal podia esperar para chegar em casa e ir para sua própria cama.

Enquanto deixávamos o hospital, ela não disse muita coisa, nem eu. Quando ela finalmente falou, nós estávamos seguindo de carro para casa e eu achei que ela certamentealaria de um milhão de coisas que tinha a fazer naquele fim de semana e do tempo precioso que havia perdido no hospital.

Em vez disso, ela disse:

— Quantos filhos você tem?

Eu disse:

— *Alice!* — e quase dei uma guinada no carro.

Ela disse:

— Desculpe por eu não ter perguntado ontem, acho que estava em choque. Eu teria

ligado para a mamãe para perguntar, mas não tinha certeza se seu telefone ainda era o mesmo, e então pensei: *E se o Roger atender o telefone?*

Eu disse que achava que ela tinha recuperado a memória e ela disse: — Bem, não exatamente.

Comecei a insistir que voltássemos imediatamente ao hospital e perguntei se ela havia mentido ao médico para receber alta. Ela empinou o queixo (fez igualzinho à Madison). Disse que, se eu a levasse de volta ao hospital, ela simplesmente diria não saber do que eu estava falando porque sua memória estava perfeita, e então o hospital teria de decidir qual das duas era maluca, e ela apostava que eles me escolheriam, e quando eu visse, já estaria com camisa de força.

Eu disse achar que eles não usavam mais camisa de força. (Usam, Dr. Hodges? O senhor tem uma, em sua gaveta, pronta para lançar mão, no último minuto?)

Alice cruzou os braços sobre o peito e ficou se sacudindo, como se estivesse com camisa de força, dizendo:

— Solte-me! Minha irmã é que é a doida! Eu sou a sensata!

Fiquei perplexa. Ela estava sendo tão... tola. Tão a Alice antiga.

Em seguida, nós estávamos gargalhando como garotas de colégio. Rimos muito, e eu continuei dirigindo rumo à sua casa porque eu não sabia o que mais fazer. Foi tão estranho, rir daquele jeito, com Alice. Foi como saborear algo delicioso que eu não comia havia anos. Eu havia esquecido a sensação inebriante e eufórica de ser sacudida pelo riso. Chegamos a chorar de tanto rir. É uma característica de família que herdamos do meu pai. Que engraçado. Eu também havia me esquecido disso.



Elas acabaram parando de rir e ficaram quietas.

Alice se perguntava se Elisabeth voltaria a tocar no assunto de retornar ao hospital, mas ela não disse nada. Em vez disso, limpou as lágrimas embaixo de cada olho, com a ponta do dedo, fungando, e esticou a mão para ligar o rádio do carro. Alice se retraiu. Elisabeth gostava de um tipo de música alta, *heavy metal*, que geralmente agradava garotos adolescentes, em carros incrementados, e aquilo fazia a cabeça de Alice doer. Em vez disso, notas lentas e uma voz feminina suave preencheram o carro, como se elas estivessem num bar enfumaçado de *jazz*. O gosto de Elisabeth pela música havia mudado. Alice relaxou e olhou pela janela. As ruas de Sydney pareciam bastante com o que ela se lembrava delas. Aquela lanchonete sempre esteve ali? Um conjunto habitacional parecia novo, embora possivelmente estivesse ali havia vinte anos e ela nunca tivesse reparado nele antes.

Havia um volume de tráfego incrível, mas todos os carros pareciam os mesmos. Quando era pequenininha, ela achava que pelo ano 2000 eles estariam vivendo num futuro espacial, com carros voadores.

Ela deu uma olhada no perfil de Elisabeth. Ela ainda sorria um pouquinho, depois do ataque de riso.

Alice disse:

— Ontem à noite, eu sonhei novamente com aquela mulher com o sotaque

americano falando sobre o batimento cardíaco e, dessa vez, você estava lá. Tem certeza de que isso não significa nada para você?

O restinho de sorriso desapareceu do rosto de Elisabeth e suas bochechas, que estavam rosadas de tanto rir, pareceram murchar. Alice lamentou ter falado.

Finalmente, Elisabeth disse: — Foi há seis anos.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Então, contei tudo a ela, como se fosse uma história. Na verdade, subitamente fiquei desesperada para contar, antes que ela se lembrasse sozinha. Antes que descartasse como algo insignificante, um incidente triste ocorrido havia muito tempo.

Isso foi o que aconteceu, Dr. Hodges. Para sua informação.

Alice e eu ficamos grávidas ao mesmo tempo. Seu bebê nasceria exatamente uma semana depois do meu.

A terceira gravidez de Alice foi outro acidente, é claro, algo complicado e tipicamente de Alice (tipicamente da antiga Alice; não da nova e melhorada, com *pedicure*, *manicure*, *depilação* e *tintura*), e estava relacionada com uma mudança de anticoncepcional.

Minha gravidez não foi acidente. Até mesmo a ideia de uma gravidez acidental parece petulante. E

me faz pensar em férias de verão, longos beijos, pele jovem e macia e... não sei, uma porra de um drinque de *piña colada*. Dá a sensação de algo que sempre foi impossível para mim, não por causa do meu corpo estúpido, mas porque eu não tenho a personalidade correta. Não sou extravagante o suficiente. Não sou levada pelo momento. Dá vontade de dizer: “Por que você simplesmente não usou ANTICONCEPCIONAL?”.

Alice me disse, uma vez, que se ela tivesse esticado a mão mais um pouquinho, teria encontrado o preservativo na gaveta da mesinha de cabeceira e Madison jamais teria sido concebida. Aquilo logo me irritou, pois *qual é a dificuldade em esticar a mão, ALICE?*

Ben e eu tentamos uma gravidez natural durante dois anos. Tentamos todas as coisas que todo mundo tenta. A medição de temperatura, as tabelas, acupuntura, ervas chinesas, as férias, quando fingíamos não pensar no assunto, os *kits* nos quais você verifica a saliva para saber quando está ovulando.

O sexo ainda era legal. Foi antes que eu me tornasse um damasco seco, entende, Dr. Hodges, e eu era magra e estava em forma. Se bem que, às vezes, eu notava que Ben tinha a mesma expressão determinada no rosto, como quando ele está tentando consertar algo complicado em seu carro.

Eu ficava aborrecida por não conseguirmos engravidar, mas ainda estava bem animada, porque era o tipo de pessoa animada. Lia muitos livros de autoajuda naquela época. Cheguei a ir a seminários de fim de semana, descobri meu poder interior, berrei e abracei estranhos. Ah, sim, eu acreditava. Se alguém me desse um limão, eu fazia uma limonada. Tinha frases inspiradoras em meu quadro de avisos, acima da escrivaninha. Essa era minha montanha e eu ia escalá-la (eu era uma *nerd*).

Então, iniciamos a fertilização *in vitro*.

Engravidei no primeiro ciclo. Isso quase nunca acontece! Bem, nós ficamos extasiados. Estávamos tontos de felicidade. Ríamos toda vez que nos olhávamos, de tão

felizes. Era a prova do pensamento positivo! Era o milagre da ciência moderna! Amávamos a ciência. A boa e velha ciência. Amávamos nosso médico. Amávamos até aquelas injeções diárias — elas não eram o menor problema, nem doíam, não eram tão assustadoras! A medicação nem me deixava assim *tão* temperamental e inchada.

Na verdade, todo o processo havia sido interessante e divertido!

Eu desprezo nossa antiga forma de ser e, ao mesmo tempo, sinto uma grande indulgência, pois éramos muito inocentes. (E aí, você acha que todos devem viver a vida de forma pessimista, esperando o pior, para não acabarem com cara de bobos?) Quase não suporto pensar em como nos abraçávamos, chorávamos e fazíamos ligações telefônicas cheias de risinhos, como se estivéssemos em uma comédia fútil. Chegamos a falar de nomes. *Nomes!* Dá vontade de berrar comigo mesma, de volta no tempo: “Só porque você está grávida não significa que vão ganhar um bebê, seus idiotas!”.

Em algum lugar há uma foto minha com Alice, uma de costas para a outra, com as mãos sobre nossas barrigas. Estamos bonitas. Não estou fazendo meu sorriso imbecil e falso, com dentes cerrados, e Alice não está de olhos fechados. Ficamos muito empolgadas quando soubemos que nossos partos teriam apenas alguns dias de intervalo.

— Eles podem nascer no mesmo dia! — nós dissemos, com os olhos arregalados pela coincidência.

— Serão como gêmeos! — nós gritamos.

Íamos tirar fotografias todos os meses, na mesma posição, para gravar a evolução de nossas barrigas. Era uma ternura do cacete. (Desculpe falar palavrão, Dr. Hodges. Eu só queria parecer descolada e zangada, por um instante. Uma colher de páprica para mim. Era isso que nossa mãe costumava nos dar quando éramos crianças e falávamos palavrão, em vez de lavar nossas bocas com água e sabão, o que parecia pouco higiênico. Nunca consigo dizer “foda-se” sem sentir o gosto da páprica. Ben ri sempre que eu digo palavrões. Não o faço direito. Nem Alice. É por causa da páprica. Acho que nós fazemos careta, já nos preparando para o gosto ruim.) Alice foi comigo para a ultrassonografia de doze semanas. Ben estava em Camberra, numa feira de carros. Madison estava no jardim de infância e Tom estava conosco, comendo uma torradinha, em seu carrinho, sentado todo durinho e alerta, monitorando o mundo. Eu ficava completamente inebriada pela risada de Tom, quando ele era bebê. Eu fazia um negócio: ficava com o rosto totalmente sério e depois, de repente, estufava as bochechas e sacudia a cabeça de um lado para o outro, como um cachorro. Tom achava aquilo hilário. Ele ficava me olhando fixamente, com os olhinhos dançando, e quando eu fazia aquilo, sacudindo a cabeça, ele caía para trás no carrinho, com uma risada que sacudia seu corpo inteiro, e dava um tapa no joelho, imitando o pai de Nick, pois ele achava que isso era uma regra quando você ria. Ele tinha dois dentinhos na frente e o som de sua risada era tão delicioso quanto chocolate.

Alice empurrou o carrinho de Tom para dentro da sala, conosco, e o estacionou num cantinho, e eu tirei a saia e deitei na cadeira de exame. Eu não havia percebido a mulher de cabelos ralos, com sotaque americano, que passava um gel frio em minha barriga, digitando coisas em seu computador, porque estava olhando para Tom, pronta para fazê-lo rir novamente. Tom estava olhando diretamente para mim, com o corpinho rijo de expectativa, e Alice falava com a mulher de cabelos ralos sobre como as duas preferiam o clima: mais frio, em vez de quente e úmido, mas não tão frio, claro.

A mulher digitava na tela do computador, enquanto esfregava o bastão plástico de um lado para o outro. Dei uma olhada rápida para a tela e vi meu nome escrito no canto superior direito, acima de uma paisagem lunar que aparentemente era parte do meu corpo. Eu estava esperando que a mulher comesse a apontar o bebê, mas ela estava em silêncio, digitando no teclado e franzindo o rosto.

Alice olhava a tela da televisão e roía a unha. Olhei de volta para Tom, arregalei meus olhos, ergui o queixo e sacudi a cabeça.

Tom caiu para trás no carrinho, em êxtase de alegria, e a mulher disse, acima da risada dele: — Lamento, mas não há batimento cardíaco. — Ela tinha um leve sotaque sulista, como Andie MacDowell.

Não entendi o que ela quis dizer com isso, porque Ben e eu já tínhamos ouvido o batimento cardíaco quando fomos à nossa primeira visita ao obstetra; era um som estranho e misterioso, como a batida dos cascos de um cavalo embaixo d'água, e não parecia normal, mas pareceu agradar Ben e meu médico, e ambos sorriram orgulhosamente para mim, como se fossem responsáveis por aquilo.

Achei que a mulher de cabelos ralos se referia a um problema com a máquina; algo que tivesse quebrado. Eu estava prestes a dizer, educadamente: “Não tem problema”, mas olhei para Alice, e ela deve ter entendido imediatamente, pois fechou o punho e o pressionou contra a boca e, quando se virou para me olhar, seus olhos estavam vermelhos e lacrimejantes.

A mulher tocou em meu braço com as pontas dos dedos e disse: — Lamento muito. — E eu fui lentamente assimilando que algo ruim acontecera.

Olhei de volta para Tom, que mordida sua torradinha e sorria, pensando: *Ela vai fazer aquele negócio maluco outra vez!*, e sorri involuntariamente para ele, e disse: — O que quer dizer?

Depois, eu me senti culpada por não estar me concentrando em meu próprio bebê. Eu não deveria estar brincando com Tom, quando meu pobre bebezinho estava tentando ter um batimento cardíaco.

Senti que, de alguma forma, ele devia saber que eu não estava me concentrando. Deveria estar com os olhos fixos na tela. Deveria estar ajudando, pensando: *Bata, coração, bata.*

Sei que isso é irracional, Dr. Hodges. Sei que não havia nada que eu pudesse ter feito.

Mas também sei que uma boa mãe estaria se concentrando no batimento cardíaco do seu bebê.

Nunca mais fiz aquela careta boba para o Tom. E me pergunto se alguma parte de sua mente de bebê sentiu falta. Pobrezinho do Tom. Pobrezinho do pequeno astronauta perdido.



— Lembra? — perguntou Elisabeth. — Da mulher com os cabelos ralos? Tom estava com farelo de

torrada colado no rosto todo. Estava um dia muito quente e úmido e você vestia uma

calça cáqui e camiseta branca. No caminho de casa você teve de parar para colocar gasolina e, quando voltou para o carro, Tom e eu estávamos chorando. Você tinha comprado Twix na loja do posto e nos deu uns pedaços, e o homem que esperava atrás de você buzinou e você colocou a cabeça para fora e gritou com ele. Eu fiquei muito orgulhosa de você por gritar.

Alice tentava lembrar. Ela queria se lembrar disso. O fato de ter esquecido parecia uma traição a Elisabeth. Ela estimulou a mente, com toda a sua força, como uma levantadora de peso, tentando levantar algo imenso que estivera alojado em sua memória.

Cenas vinham à sua cabeça, de um bebê rindo num carrinho, de Elisabeth chorando no carro, um homem zangado buzinando, mas ela não conseguia saber se eram lembranças reais, ou sua imaginação pintando as cenas, conforme Elisabeth falava. Não davam a sensação de lembranças reais, eram inconsistentes e vagas, sem contexto.

— Agora você se lembra? — perguntou Elisabeth.

— Talvez um pouquinho. — Ela não queria decepcioná-la; ela parecia tão esperançosa.

— Bem. Que bom. Eu acho.

Alice disse:

— Lamento.

— Pelo quê? Não é culpa sua. Você não se jogou de cabeça, no chão da academia.

— Não, quero dizer, lamento pelo bebê.

Capítulo 12

Alice ficou buscando a coisa certa a dizer. O óbvio seria perguntar: “Você tentou engravidar outra vez?”, mas isso pareceria dizer: “Então, prosseguindo...”.

Ela deu uma olhada em Elisabeth. Ela estava de óculos escuros, então Alice não podia ver seus olhos, e ela estava dirigindo com uma das mãos, enquanto passava a outra, compulsivamente, em algo do outro lado do rosto.

Alice olhou pela janela e viu que faltava só um quarteirão para sua casa. Ela e Nick haviam feito muitas caminhadas por essa área, ao anoitecer, parando para olhar as casas de outras pessoas e roubar ideias para a reforma. Isso realmente havia sido dez anos atrás? Não parecia possível. A lembrança era tão clara e comum que poderia ter acontecido ontem. Nick era sempre o primeiro a cumprimentar os outros vizinhos que passeavam. “Bela noite!”, dizia ele, com um tom alegre, depois parava para conversar, como se as pessoas fossem velhos amigos, enquanto Alice sorria, pensando: *Por que estamos nos dando ao trabalho de falar com estranhos?* Mas ela ficava muito orgulhosa pela sociabilidade desinibida de Nick, pela forma como ele entrava numa festa cheia de gente que eles nem conheciam e estendia a mão para um estranho, dizendo: “Sou Nick. Esta é minha esposa Alice”. Era como se ele tivesse uma incrível habilidade, como tocar um instrumento musical complicado, algo em que Alice jamais esperava se especializar. A melhor parte era poder ficar segura ao seu lado, em qualquer evento social, então, em vez daquela tortura, as festas se tornavam animadas e alegres, a ponto de fazê-la se

perguntar se ela era realmente tímida. Mesmo quando ele não estava ao seu lado, ela sabia que, se a pessoa com quem estivesse conversando dispersasse, ela não ficaria perdida na multidão, poderia encontrar Nick com uma expressão significativa no rosto, e ele passaria o braço ao redor de seus ombros e a puxaria sutilmente para a conversa.

Será que ela teria de voltar a frequentar festas sozinha?

Ela se lembrava daquela sensação indigesta que tinha, ao término dos relacionamentos, antes de Nick. Durante meses, sentia-se como se tivesse perdido uma camada de pele. Se ela se sentira daquele jeito, após aqueles garotos insignificantes, o que sentiria depois de romper com Nick? Era tão aconchegada no relacionamento com ele. Achou que ficaria ali para sempre.

Alice ergueu os olhos do colo, remexendo no bracelete, e viu que elas estavam entrando na Rua Rawson. Enquanto olhava a longa fileira de frondosos liquidâmbares e o carro à frente ligava a seta para a direita para entrar na Rua King, ela sentiu uma súbita sensação de terror. Seu coração palpitava como se ela tivesse acordado no meio de um pesadelo; algo agarrava sua garganta e apertava, e um medo puro a prendia duramente contra o banco.

Ela queria tocar o braço de Elisabeth para dizer que talvez estivesse morrendo, mas não conseguiu se mexer. Elisabeth freou, olhou à esquerda e à direita para virar na Rua King. Alice estava tendo um ataque do coração, bem ao lado da irmã, e Elisabeth nem percebia.

Elas viraram a esquina e o coração de Alice começou a desacelerar. Ela conseguia respirar novamente e fez um som de alívio, com o ar voltando a encher seus pulmões.

Elisabeth a olhou.

— Você está bem?

Alice falou, em voz alta:

— Eu me senti muito, muito estranha, por um momento.

— Tonta? Porque posso levá-la imediatamente para o hospital, se quiser. Não tem problema.

— Não, já passou. Foi só... nada, não.

O medo havia desaparecido, deixando-a fraca e trêmula, como se ela tivesse acabado de descer de um brinquedo de parque de diversões. Qual seria o significado dessas ondas de sensação? Primeiro, foi aquele pesar inimaginável. Agora era terror.

Conforme foram descendo sua rua, ela viu uma placa de “Vende-se” na casa justamente em frente à sua.

— Oh, os Pritchett estão vendendo a casa? — perguntou ela.

Elisabeth deu uma olhada na placa e uma expressão estranha e inescrutável estampou seu rosto.

— Humm... acho que eles venderam anos atrás. A família que comprou está vendendo agora.

Então... — Ela manobrou o carro na entrada da garagem de Nick e Alice e puxou o freio de mão. — Lar, doce lar.

Alice olhou pela janela, para sua casa, e colocou a mão na boca. Ela escancarou a porta do carro e pulou para fora. A entrada da garagem, com pedrinhas brancas, fazia um ruído sob seus pés.

Pedrinhas brancas!

— Oh — disse ela, extasiada. — Olhe o que nós *fizemos*!



A primeira vez que eles viram a casa foi num dia nublado de julho.

— Minha nossa — os dois disseram, simultaneamente, quando encostaram o carro na frente da casa.

Depois ficaram ali sentados por alguns segundos, olhando, fazendo um som de “Hummm?”, que queria dizer: “Mas talvez tenha alguma coisa”.

Era um desorganizado sobrado colonial, com um telhado caindo aos pedaços, janelas com cobertores, em vez de cortinas, e um quintal cheio de mato alto e ferro velho. Parecia triste e acabada, mas, fazendo força, podia-se ver a casa imponente que fora um dia.

A placa de “Vende-se” na frente dizia MUITO POTENCIAL, e todos sabiam o que isso queria dizer.

— Trabalho demais — disse Nick.

— Muito, mesmo — concordou Alice, e os dois trocavam olhares de rabo de olho.

Eles saíram do carro e ficaram em pé, tremendo de frio, na rua, esperando que o corretor chegasse.

A porta da frente rangeu ao abrir e uma velhinha corcunda saiu, vestindo um colete masculino sobre uma saia xadrez, meias compridas e tênis, arrastando-se até a caixa de correio.

— Oh, *Deus* — disse Alice, agoniada. Já era ruim o suficiente ver um casal de meia-idade arrasado, saindo de casa para que você entrasse fazendo afirmações depreciativas sobre a escolha do tapete.

Alice ficava de coração partido ao ver as coisas que as pessoas faziam para tentar vender suas casas: as flores frescas, as bancadas da cozinha ainda úmidas com as marcas de pano, a cafeteira e xícaras postas na mesa da sala de estar só para dar uma aparência aconchegante. Nick fungava cinicamente quando alguém acendia velas aromatizadas no banheiro, como se vivessem assim, mas Alice sempre ficava comovida pela esperança. “Não precisa ter todo esse trabalho para *me* impressionar”, dava vontade de dizer. E agora, ali estava essa senhora tão idosa e trêmula. Para onde ela iria, num dia gélido como este, enquanto eles olhavam sua casa? Teria ela esfregado o piso com seus joelhos artríticos, para o horário marcado, quando eles provavelmente nem comprariam a casa?

— Oi! — Nick chamou, enquanto Alice se encolheu atrás dele, dizendo “Shhh!”. Ele a puxou de trás dele. Para evitar sair no braço em público, ela não teve escolha, exceto caminhar ao seu lado, na direção da velhinha.

— Viemos encontrar o corretor aqui, em alguns instantes — explicou Nick.

A senhora não sorriu.

— Seu horário é só às três horas.

— Ah, não — disse Alice. Havia algo familiar quanto ao horário das três, e ela e Nick sempre entendiam errado. (“Deus os ajude quando tiverem filhos”, disse a mãe de Nick, uma vez.) — Desculpe-nos por isso — disse Nick. — Nós vamos dar uma volta de carro pela vizinhança. Parece bonita.

— Já que estão aqui mesmo, podem entrar agora — disse a senhora. — Posso lhes mostrar melhor do que aquele bajulador.

Sem esperar a resposta, ela deu as costas e foi arrastando os pés na direção da casa. Nick cochichou no ouvido de Alice:

— Ela vai nos colocar em gaiolas e nos engordar, antes de nos comer.

— Deixe um rastro de farelo de pão — Alice cochichou em resposta.

Sacudidos pelo riso contido, eles a seguiram, obedientemente.

Havia dois leões de pedra no topo da escadinha da varanda, guardando a casa. Os olhos dos leões pareciam seguir Nick e Alice conforme eles passavam.

— Ráááá! — sussurrou Nick para Alice, erguendo a mão como uma garra, e Alice disse: — Shhhhhh!

Lá dentro, a casa era melhor e pior do que eles haviam esperado. O pé-direito era altíssimo, tinha sanca, rosetas decoradas ao redor das saídas de luz do teto e lareiras de mármore. Nick silenciosamente ergueu o canto de um tapete gasto para mostrar a Alice o piso de tábua corrida. Ao mesmo tempo, havia um cheiro de umidade e mofo que pinicava o nariz, buracos no emboço, banheiros antiquíssimos com infiltração e uma cozinha com piso de linóleo dos anos cinquenta, com um fogão que parecia ter saído de um museu.

A idosa os sentou diante de um aquecedor de apenas uma grade e trouxe xícaras de chá e um prato de biscoitos amanteigados, acenando para dispensar a desesperada ajuda que Alice ofereceu. Era doloroso vê-la caminhar. Ela finalmente se sentou com um álbum de fotografias empoeirado.

— A casa era assim, cinquenta anos atrás — disse ela.

As fotos eram pequenas e em preto e branco, mas ainda dava para ver que a casa havia sido linda e imponente, não o esqueleto encolhido em que se transformara.

A velha senhora apontou a unha amarelada para a foto de uma jovem em pé, de braços abertos, no jardim da frente.

— Essa era eu, quando nos mudamos para cá.

— A senhora era muito bonita — disse Alice.

— Sim — disse a idosa. — É claro que eu não sabia. Assim como você não sabe o quanto é bonita.

— Não, ela não sabe — concordou Nick, que estava comendo o terceiro biscoito, como se estivesse sem comer havia um mês.

— Eu deveria deixar esta casa para meus filhos e netos — disse a senhora. — Mas minha filha morreu aos trinta anos e meu filho não fala mais comigo, portanto, vou colocá-la no mercado. Quero duzentos mil por ela.

Nick engasgou com o biscoito. O anúncio mencionava mais de trezentos mil.

— O corretor lhes dirá que quero muito mais, porém estou lhes dizendo que se oferecerem isso eu aceitarei. Sei que provavelmente posso conseguir bem mais de um investidor, que vai fazer algumas melhorias e passá-la adiante, mas eu estava torcendo para que um jovem casal a comprasse e dedicasse um tempo para restaurá-la, trazendo de volta as lembranças felizes. Tivemos muitas lembranças felizes aqui; embora vocês provavelmente não as sintam, elas estão aqui.

Ela enunciou as palavras “lembranças felizes”, com um ligeiro desgosto.

— Pode ficar linda — continuou a velhinha, como se os repreendesse. — *Deve* ficar

linda. É só dar um pequeno lustre.

Mais tarde, no carro, eles ficaram sentados, silenciosamente olhando a casa.

— Só um pequeno lustre — disse Alice.

Nick riu.

— Ah, é. Litros de polidor.

— Então, o que acha? — perguntou Alice. — Vamos esquecer? Devíamos simplesmente esquecer, não?

— Diga você primeiro. O que acha?

— Não, eu quero que você diga primeiro.

— Primeiro as damas.

— Está bem — disse Alice. Ela respirou fundo e olhou para a casa, imaginando a tinta fresca, a grama aparada, uma criancinha correndo em círculos. Claro que era uma loucura. Levaria anos para consertar. Eles não tinham o dinheiro. Ambos estavam trabalhando em período integral.

Concordaram em *não* comprar uma casa que precisasse de algo além de melhorias superficiais.

Ela disse:

— Eu quero.

Nick disse:

— Eu também.



Alice estava nas nuvens. Em qualquer lugar que ela olhasse havia algo novo e maravilhoso a ser

visto. As pedras grandes que conduziam à varanda (ideia de Nick); as molduras das janelas, esmaltadas de branco com cortinas beges; a buganvília cor-de-rosa subindo pelas treliças nas laterais da varanda (ela podia jurar que tivera aquela ideia ainda outro dia, “Vamos tomar café da manhã ali, e fingir que estamos numa ilha grega”, ela dissera a Nick); pelo amor de Deus, até a *porta da frente* — em algum momento, eles finalmente a teriam tirado e pintado.

— Nós tínhamos uma lista — ela disse a Elisabeth. — Lembra-se de nossa lista? Eram três páginas inteiras de coisas que precisávamos fazer na casa. Havia noventa e três itens naquela lista. Chamava-se “O Sonho Impossível”. A última coisa da lista eram as pedrinhas brancas forrando a entrada da garagem. — Ela se abaixou e pegou uma pedrinha branca e lisa, e a mostrou a Elisabeth, na palma de sua mão. Será que eles riscaram tudo o que estava naquela lista? Era simplesmente um milagre.

Haviam conquistado o Sonho Impossível.

Elisabeth sorriu, cansada.

— Vocês fizeram uma linda casa, e espere até ver o lado de dentro. Imagino que você esteja com suas chaves aí na mochila.

Sem precisar pensar, Alice se abaixou e tirou um pesado molho de chaves de um bolso com zíper, na lateral da mochila. O chaveiro era um pequeno relógio de ampulheta; ela sabia onde estaria, mas nunca o vira antes.

Ela e Elisabeth caminharam até a varanda. Era linda e fresca. Alice viu um par de cadeiras de junco com almofadas azuis (ela adorava aquele tom de azul) e um copo com suco de laranja até a metade, sobre uma mesa redonda com tampo de mosaico. Automaticamente, ela foi até lá e pegou o copo, erguendo a mochila sobre o ombro; chutou algo sem querer e viu que era uma bola de futebol preta e branca. A bola saiu rolando e bateu na roda de um patinete de criança, virado de lado, com fitas brilhantes amarradas aos manetes do guidão.

— Ah — disse ela, subitamente em pânico. — As crianças. Elas estão aí dentro?

— Estão com a mãe de Nick. É o fim de semana dele com os meninos. Nick volta de Portugal amanhã de manhã. Então, ele virá deixá-los com você, no domingo à noite, como habitualmente.

— Habitualmente — repetiu Alice, baixinho.

— Aparentemente, essa é a combinação habitual de vocês — disse Elisabeth, em tom de pedido de desculpas.

— Certo — disse Alice.

Elisabeth pegou o copo de suco de laranja da mão de Alice, que não ofereceu resistência.

— Vamos entrar? Você provavelmente precisa se deitar um pouquinho. Está tão pálida.

Alice olhou ao redor. Faltava alguma coisa.

— Onde estão George e Mildred? — perguntou ela.

— Não sei quem são George e Mildred — disse Elisabeth, numa voz calma, de quem está lidando com gente maluca.

— Era como chamávamos os leões de pedra. — Alice gesticulou para o lugar vazio na varanda. — A velhinha os deixou para nós. Nós os amamos.

— Ah. Sim, acho que me lembro deles. Acho que você se livrou deles. Não faziam muito o seu estilo, Alice.

Alice não entendeu o que ela queria dizer. Ela e Nick jamais se livrariam dos leões. “Vamos fazer umas comprinhas, George e Mildred”, eles diziam, ao sair. “Tomem conta da casa.”

Nick saberia. Ela perguntaria a ele. Ela se virou e ergueu as chaves à porta. As fechaduras eram novas para ela. Havia uma trava dourada de aparência sólida, mas seus dedos foram diretamente à chave certa, segurando a maçaneta da porta e empurrando com o ombro, com um movimento já treinado. Era extraordinária a forma como seu corpo sabia executar as coisas — o celular, a maquiagem, a fechadura —, sem que sua mente se lembrasse de ter feito nada disso. Ela estava prestes a comentar isso com Elisabeth, mas então viu o corredor de entrada e não conseguiu falar.

— Certo, ouça, pois sou um visionário — Nick dissera, em pé, no *hall* mofado e escuro, na primeira semana de choque, após terem se mudado para a casa. (A mãe dele *chorou* quando viu a casa.) — Imagine a luz do sol entrando no *hall* pelas claraboias que colocaremos aqui e ali. Imagine todo esse papel de parede removido e as paredes pintadas de verde-claro. Imagine esse carpete longe daqui e o piso de tábua corrida encerado, brilhando sob o sol. Imagine uma mesa no *hall*, com flores e cartas numa bandeja de prata, sabe, como se tivessem sido deixadas por um mordomo, e um porta-guarda-chuvas e uma *chapeleira*. Imagine fotos de nossos filhos queridos em fila no

hall, não aquelas horríveis fotografias posadas, mas fotos reais, deles na praia, ou de qualquer jeito, até enfiando o dedo no nariz.

Alice havia tentado imaginar, mas estava muito resfriada e uma de suas narinas ardia muito, fazendo seus olhos lacrimejarem, e eles tinham 211 dólares na conta bancária e fazia vinte minutos que descobriram a necessidade de um novo sistema hidráulico de água quente. Tudo o que ela conseguiu dizer foi “Nós só podíamos estar fora da realidade”, e o rosto de Nick mudou, e ele disse, desesperado: “Por favor, Alice, não faça isso”.

E agora, ali estava o *hall*, exatamente como ele o descrevera: a luz do sol, a mesa, o piso de tábua corrida brilhando como ouro líquido. Havia até um porta-chapéus de antiquário, no canto, coberto com chapéus de palha e bonés de beisebol e algumas toalhas de praia.

Alice caminhou lentamente pelo *hall*, sem parar, apenas tocando as coisas levemente, com as pontas dos dedos. Ela deu uma olhada rápida nas fotos emolduradas: um bebê gordo engatinhando na grama, olhando para a câmera com seus enormes olhos azuis; uma criancinha clara rindo descontroladamente ao lado de uma menina com roupa de Homem-Aranha, com as mãos nos quadris; um menino moreno com *short* molhado de praia, capturado pela câmera, no ar, com o céu azul atrás dele, com os braços e as pernas espalhados em todas as direções, lançando gotas d’água na lente, antes de bater na água que não se via. Cada foto era uma lembrança que Alice não tinha.

O corredor conduzia ao que havia sido a pequena sala de estar, onde a velha senhora lhes dera chá e biscoito. O plano havia sido derrubar as três paredes na parte de trás dessa área — ideia de Alice; ela desenhara numa caixa de pizza — e criaria um espaço aberto imenso, onde você poderia cozinhar e olhar o lado de fora, vendo o jacarandá no fundo do quintal.

— Você não é o único visionário por aqui — ela dissera a Nick. E agora, ali estava, quase exatamente como ela desenhara, mas até melhor. Ela via belos tampos de granito na cozinha, uma geladeira *gigantesca* de aço inox e eletrodomésticos complicados.

Elisabeth entrou na cozinha — como se fosse apenas uma cozinha comum! — e despejou o copo de suco de laranja na pia.

Alice soltou a mochila no chão. Não tinha como essa conversa de “divórcio” ser séria. Como eles poderiam ser qualquer coisa além de absolutamente felizes nessa casa?

— Não posso acreditar — ela disse a Elisabeth. — Olhe! Eu *sabia* que persianas brancas ficariam perfeitas naquela janela dos fundos. Nick queria de madeira. Se bem que estou vendo que ele ganhou nos azulejos. Mas tenho de admitir que ele estava certo. Ora, e nós encontramos uma solução para aquele canto esquisito! Sim! Perfeito! Oh, não sei quanto àquelas cortinas.

— Alice — disse Elisabeth. — Você recuperou *alguma coisa* de sua memória?

— Oh, meu Deus! Aquilo é uma piscina, lá fora? Uma piscina? Uma piscina de verdade? Nós estamos ricos, Libby? Foi isso que aconteceu? Ganhamos na loteria?

— O que você disse a eles no hospital?

— Dê uma *olhada* no tamanho daquela televisão. É como uma tela de cinema. Ela sabia que estava tagarelando, mas não conseguia parar.

— Alice — disse Elisabeth.

Alice sentia as pernas bambas. Foi se sentar no sofá marrom de couro (caro!), na

frente da televisão. Algo espetou sua perna. Ela puxou um brinquedinho de plástico; um boneco com cara de assassino, carregando uma metralhadora embaixo do braço. Colocou-o cuidadosamente em cima da mesinha de centro.

Elisabeth veio se sentar ao seu lado e lhe entregou uma folha de papel.

— Você sabe de quem é isso?

Era um cartão feito à mão, com purpurina na frente e um desenho de uma moça com a boca virada para baixo e um Band-aid na testa. Ela abriu e leu: *Querida e amada mamãezinha, fique boa logo.*

Com amor, da Olivia.

— É claro que é da Olivia — disse Alice passando os dedos na purpurina.

— E você se lembra da Olivia?

— Mais ou menos.

Ela não tinha a menor lembrança de Olivia, mas sua existência parecia inegável.

— E o que você disse a eles no hospital?

Alice pressionou a mão sobre o local ainda sensível, atrás da cabeça. Ela disse: — Falei que algumas coisas ainda estavam um pouquinho embaçadas, mas eu me lembrava da maioria. Eles me indicaram um neurologista e disseram que eu deveria marcar uma consulta, caso continuasse a ter problemas sérios. Disseram que eu deveria voltar a me sentir normal dentro de uma semana. De qualquer forma, acho que me lembro de algumas partes e fragmentos.

— Partes e fragmentos?

A campainha tocou.

— Oh! — disse Alice. — Que lindo! Eu detestava nossa campainha antiga!

Elisabeth ergueu as sobrancelhas.

— Eu atendo. — Ela parou. — A menos que você queira atender.

Alice a encarou. Por que Elisabeth não deveria atender à porta?

— Não, tudo bem.

Elisabeth desapareceu no corredor e Alice recostou a cabeça no sofá e fechou os olhos. Ela tentou imaginar como seria quando Nick viesse deixar as crianças, amanhã à noite. Seu instinto natural seria jogar os braços ao redor dele, como ela fazia, quando ele voltava de viagem. (Ela tinha uma nítida sensação de que não o via havia séculos, como se tivesse ficado longe semanas e mais semanas.) Mas e se ele ficasse ali, sem retribuir o abraço? Ou se gentilmente a afastasse? Ou se a *empurrasse*?

Ele jamais faria isso. Por que ela estava pensando numa coisa dessas?

E as “crianças” estariam ali. Circulando em volta, fazendo coisas que as crianças fazem.

Alice sussurrou seus nomes para si mesma.

Madison.

Tom.

Olivia.

Olivia era um belo nome.

Contaria a eles? “Desculpe, conheço seu rosto, simplesmente não consigo reconhecê-lo.” Mas ela não poderia fazer isso. Seria aterrorizante para uma criança ouvir que sua mãe não se lembrava dela.

Teria de fingir até que sua memória voltasse, o que aconteceria, é claro. Em breve.

Teria de tentar falar com eles numa voz natural. Não naquele tom falsamente alegre que as pessoas usam quando falam com as crianças. Elas são muito espertas. Veriam logo. Ai, céus. O que ela *diria*?

Isso parecia bem pior do que tentar pensar em algo adequado a dizer antes de ir a uma daquelas temíveis festas do trabalho de Nick.

Ela ouviu vozes vindo do corredor.

Elisabeth entrou seguida por um homem que empurrava um carrinho cheio, com três caixas empilhadas.

— Aparentemente, são copos — disse Elisabeth. — Para esta noite.

— Onde os quer? — resmungou o homem.

— É... — disse Alice. — Para esta noite?

— Acho que aqui na cozinha — disse Elisabeth. O homem ergueu as caixas sobre a bancada.

— Assine aqui — disse ele. Elisabeth assinou. Ele rasgou um pedaço da folha de papel e entregou a ela, e olhou em volta, rapidamente. — Bela casa — disse ele.

— Obrigada! — disse Alice, radiante.

Alguém gritou no corredor.

— Entrega de bebidas!

— Alice — disse Elisabeth. — Imagino que você não se lembre de ser a anfitriã de uma festa esta noite, não é?

Capítulo 13

Juntas, elas folhearam a agenda de Alice, até aquela data.

— *Coquetel para o pessoal do jardim de infância* — Alice leu. — Às dezenove horas. O que significa isso?

— Eu diria que são os pais dos alunos da turma de Olivia — disse Elisabeth.

— Eu sou a anfitriã? — perguntou Alice. — Por que eu seria a anfitriã?

— Acho que você dá muitas festas desse tipo.

— Você *acha*? Você não sabe? Você não vem a essas *festas*?

— Bem, não. Isso é coisa da escola — disse Elisabeth. — São todas mães. Eu não sou mãe.

Alice ergueu os olhos da agenda e disse:

— Não é?

Elisabeth pareceu se retrair.

— Não, não sou. Não tive sorte nesse assunto. De qualquer forma, o que você vai fazer a respeito da festa?

Mas Alice não ligava para a festa. De forma alguma ela seria a anfitriã de um *Coquetel para o pessoal do jardim de infância*.

Ela disse:

— Então, vai me contar o que aconteceu? Por favor? Você tentou engravidar depois do aborto espontâneo?

Os olhos de Elisabeth desviaram.



Grandes reflexões de uma bisavó!

DorisdeDallas realmente me fez pensar com seu comentário sobre não precisar de aspas quando descrevo minha “filha” e “neta”.

Ela está muito certa. Barb é minha filha. Elisabeth e Alice são minhas netas.

Quando o marido de Barb morreu, minha vida mudou para sempre. Antes disso, elas eram apenas a simpática família que morava na porta ao lado. O pai delas era um homem alto, adorável, de óculos. Eletricitista. Ele recolhia minha lixeira, para mim. As filhas o adoravam. Ainda posso vê-las correndo pela entrada, com as marias-chiquinhas balançando, quando ele chegava em casa do trabalho.

Eu era uma mulher solteira. Em resposta à pergunta de Frank Neary (não faço ideia se você é realmente o Frank Neary a quem lecionei muitos anos atrás ou um descarado fraudulento!), eu não me casei. Receio que tenha me decepcionado com o amor, como dizem.

No entanto, certamente não fiquei solitária ou insatisfeita. Tinha meu trabalho, que eu adorava, amigos e “interesses”. Não estava em busca de uma família. Então, fiquei sabendo que aquele bom homem da porta ao lado tivera um ataque do coração. Que choque. Jamais me esquecerei daquelas meninas saindo pela porta da frente, no dia do enterro do pai. Os rostinhos pálidos arrasados.

Um dia, eu levei um ensopado e ficou óbvio que Barb não estava suportando. Ela simplesmente desistiu. Havia perdido os pais, ainda adolescente, e eu acho que tudo aquilo voltou.

Comecei a passar por lá habitualmente, toda tarde. No começo, eu estava apenas cumprindo meu dever. Parecia a coisa certa a fazer.

Depois me apaixonei por aquelas menininhas.

As duas pareciam achar que precisavam crescer imediatamente.

Alice queria aprender a cozinhar. Eu a ensinei a assar costeletas. Em algumas semanas ela já estava fazendo experiências, acrescentando temperos e tudo! Elisabeth estava mais interessada na forma como o mundo funcionava. “Como se arranja um emprego?”, ela me perguntava. “Como se arranja uma conta bancária?”

Fiz o melhor, mas, às vezes, ainda me pergunto como aquela época afetou as meninas. Elas estão sempre se esforçando para criar a “família perfeita”. Não posso deixar de imaginar se estão tentando encontrar o caminho de volta à época inocente, antes de perderem o pai. Mas, por outro lado, todos nós gostamos que as coisas sejam perfeitas, não é?

Jamais me esquecerei do dia em que Alice me pediu que fosse com ela à escola, no Dia dos Avós.

— Esta é Frannie. Ela mora na casa ao lado e é minha avó — ela disse à professora e depois me olhou, como se dissesse: “Tudo bem?”.

Lembro que não consegui falar porque estava tentando não chorar.

Aqui está uma foto minha com Elisabeth e Alice. Foi no Natal depois que o pai delas

morreu. (Olhem o meu vestido psicodélico dos anos setenta!) As duas se esforçaram muito para tornar o Natal feliz para a mãe.

Que bênção elas têm sido!

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse...

Obrigada por compartilhar isso conosco. Elas eram lindas menininhas. Tiveram sorte de ter você. E você também era bem bonita!

P.S.: Se não se importa que eu pergunte, como foi que se decepcionou no amor?

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Foi surreal ouvir Alice me perguntando se tentei novamente, com os olhos tão arregalados e respeitosos. Quase dei uma gargalhada. Fiquei pensando se não seria fingimento.

Fazia muito tempo que não pensava apropriadamente nessas “perdas” iniciais, como o senhor chama, com aquela careta, como se estivesse com prisão de ventre. Eu meio que detesto aquela cara que o senhor faz, Dr. Hodges. Aposto que sua esposa também detesta. Sempre me faz pensar no que mais eu poderia fazer com as 150 pratas que gasto com o senhor. Lembra-se daquela sessão em que o senhor queria que eu comesse a falar sobre as “perdas iniciais” (aquela careta) e eu dei um suspiro dramático e disse que achava que não podia? Na verdade, eu estava apenas muito irritada com a expressão em seu rosto.

Agora, na maioria das vezes, penso em minhas “perdas” como pontos de destaque em meu histórico médico. Se um médico me pergunta a respeito de meu histórico, posso despejar cada procedimento e exame, e cada decepção esmagadora, sem até mesmo qualquer oscilação na voz, como se essas coisas não significassem nada, como se tivessem acontecido com outra pessoa.

Então, eu consigo dizer “segundo aborto espontâneo, no primeiro trimestre de gravidez” sem piscar, nem mesmo pensar como foi e o que senti.

Quero que o senhor saiba que, a esta altura, perdi o episódio inteiro de *Grey’s Anatomy*. Estou realmente me dedicando a esta terapia. Gostaria que o senhor estivesse me dando notas. Deveria dar notas aos seus pacientes que buscam aprovação.

Eu me lembro do quanto nós ficamos felizes quando voltei a engravidar, pois, dessa vez, por alguma razão, conseguimos uma gravidez “natural”.

Esse seria o meu bebê de janeiro, e nasceria no dia dezessete (dia seguinte ao aniversário de Ben: imagine se nascesse no mesmo dia! Mas, não, shhhh, não diga isso em voz alta). Dessa vez, mantivemos a gravidez em segredo. Achamos que contar a todo mundo sobre o primeiro bebê havia sido nosso erro de principiante. Imaginei anunciar a segunda gravidez com calma e confiança feminina, depois que eu passasse do primeiro trimestre. Isso parecia uma forma mais adulta e segura de lidar com as coisas. “Ah, não, dessa vez não foi fertilização *in vitro*”, eu diria, casualmente. “Foi uma gravidez *natural*.” Dessa vez, não falamos em nomes, e Ben não afagava minha barriga quando nos beijávamos, ao nos despedirmos, toda manhã. Dizíamos coisas como “se” eu ainda

estiver grávida no Natal, e baixávamos o tom de voz a um sussurro ao usarmos a palavra “bebê”, como se alimentar demais nossas esperanças tivesse sido um erro, como se pudéssemos enganar a Deus para que não notasse que estávamos sorrateiramente tentando ter um bebê.

Dessa vez, Ben foi junto para a ultrassonografia e nós dois nos vestimos cuidadosamente, como se fôssemos a uma entrevista de emprego, como se a roupa fosse fazer diferença. A mulher que fez o exame era uma jovem australiana ligeiramente ranzinza. Eu estava preocupada, mas, por outro lado, estava fingindo diante das câmeras, se entende o que quero dizer. Estava com os nervos à flor da pele, mas, por dentro, uma parte minha sentia prazer em observar minha angústia: *Oh, olhe para ela, cravando as unhas nas mãos, enquanto se deita, a pobrezinha traumatizada, quando é CLARO que haverá um batimento cardíaco DESSA vez, pois esse tipo de coisa não acontece duas vezes.* Eu já podia sentir a imensa onda de alívio que seria liberada. Tinha lágrimas de alegria acumuladas, só esperando que eu apertasse o botão verde. Estava pronta para enviar uma mensagem pungente de amor ao meu primeiro bebê, algo do tipo: “Eu jamais me esquecerei de você, sempre o guardarei em meu coração”, depois seria hora de focar nesse bebê: nosso bebê de verdade. O bebê de Alice seria apenas alguns meses mais velho. Ainda poderíamos chamá-los de gêmeos.

A garota ranzinza disse:

— Lamento...

Ben contraiu o maxilar e deu um passo para trás, como se alguém tivesse ameaçado atingi-lo, numa briga de bar, e ele estivesse evitando se envolver.

Eu já ouvi tantos “Eu lamento”, Dr. Hodges. Eu lamento. Eu lamento. Eu lamento. Sim, seus colegas de profissão todos lamentam. Imagino se um dia o senhor será o próximo a dizer, gentil e tristemente: “Lamento, mas não posso curá-la. Talvez seja hora de buscar outras opções, como transplantar a personalidade de outra pessoa”.

Fiquei constrangida por acontecer duas vezes, quase exatamente da mesma forma. Eu tinha a sensação de que estava desperdiçando o tempo das pessoas, constantemente aparecendo para fazer exames de ultrassonografia de bebês mortos. O que foi? Você pensou que tivesse um bebê de verdade aí dentro? Não seja ridícula. Você, não. Você não é uma mulher apropriada, com essas tentativas fracas e ridículas de ter um bebê. Há mulheres por aí com barrigas apropriadas para engravidarem de bebês vivos que chutam.

Depois, eu senti que havia sido errado não contar à família sobre o bebê, porque queria que eles soubessem do aborto espontâneo, que soubessem da existência do bebê. Mas quando disse às pessoas, elas pareceram mais interessadas no fato de eu ter mantido a gravidez em segredo.

Sentiram-se enganadas. Disseram coisas como: “Ah, bem que fiquei pensando, naquele dia em que você não bebeu, no churrasco da Páscoa, mas você disse que apenas não estava com vontade de beber”. Em outras palavras, MENTIROSA.

A mãe de Ben ficou ofendida. Tivemos de levá-la para jantar duas vezes no Black Stump até que ela nos perdoasse. A questão parecia ser o fato de eu ter escondido a gravidez, não de ter perdido o bebê. As pessoas não ficaram aborrecidas como na do primeiro, e como poderiam, se tinham acabado de ouvir sobre sua existência? Tive uma sensação ridícula de proteção pelo meu bebê de janeiro, como se ninguém a amasse, como se ela não fosse bonita ou inteligente como o primeiro bebê.

Sei que era uma menina. Dessa vez, eles mandaram o “material fetal” para análise e me disseram que era uma bebê com cromossomos normais. Disseram lamentar, mas não conseguiam encontrar nenhuma razão para que eu tivesse perdido o bebê. Mencionaram que havia muito a ser descoberto sobre os abortos espontâneos, mas, segundo as estatísticas, eu ainda tinha uma excelente chance de ter um bebê saudável da próxima vez. Cabeça erguida. Tente outra vez.

Uma semana depois da curetagem (um nome tão banal para algo tão horrendo; eu nunca me sinto tão desolada quanto ao despertar, em convalescença, após uma curetagem), fui visitar Alice, no hospital, para ver seu bebê. É claro que Alice disse que eu não precisava ir e Ben disse que não queria que eu fosse, mas eu fui. Não sei o motivo, mas estava decidida a fazer tudo o que normalmente faria.

Fui a uma papelaria e escolhi um cartão enfeitado de purpurina cor-de-rosa que dizia: *Parabéns por sua linda menininha*. Fui à Pumpkin Patch e comprei um vestidinho amarelo com borboletas bordadas.

— Dá até vontade de ter uma menina, não dá? — disse a vendedora.

Embrulhei o vestido em papel celofane cor-de-rosa e escrevi o cartão, e dirigi até o hospital, e achei uma vaga no estacionamento e caminhei pelos corredores com o presente embaixo de um braço e umas revistas de fofocas para Alice embaixo do outro. O tempo inteiro, eu flutuava ao meu lado, impressionada. “Você está indo bem. Muito bem. Logo vai acabar e você poderá ficar em casa assistindo à televisão.”

Alice estava sozinha no quarto, amamentando Olivia.

Meus seios ainda doíam e ardiam. É uma maldade o que seu corpo faz, a forma como continua a agir, como se você estivesse grávida, mesmo depois que o bebê foi raspado de seu útero.

— Oh, *olhe* para ela! — eu disse a Alice, pronta para começar a tagarelice do bebê recém-nascido.

Hoje em dia, eu sou muito boa nisso. Semana passada, fui visitar uma amiga que teve seu terceiro filho e, estou lhe dizendo, minha performance foi impecável. “Olhe as mãozinhas! Oh, os olhos/nariz/boca são iguais aos seus! *Claro* que eu adoraria segurar!” E respire. E mais papo. E

sorria. Não pense nisso, não pense nisso, não pense nisso. Deveria haver Oscars para esse tipo de coisa.

Mas Alice não me deixou começar a encenação.

Assim que me viu, ela esticou o braço que não estava segurando o bebê e franziu o rosto, dizendo: — Eu queria que fosse eu te visitando.

Sentei na cama com ela e a deixei me abraçar. As lágrimas de Alice caíam em cima da cabecinha de Olivia, mas ela continuava a sugar o mamilo de Alice, como se sua vida dependesse daquilo.

Aquela criança sempre adorou sua comida.

Eu tinha me esquecido disso tudo até agora, o quanto significou o fato de Alice ter chorado tão genuinamente por mim. Foi como se ela tivesse tirado um pouco da minha tristeza. Eu pensei: *Está certo, eu posso fazer isso, posso passar por isso, ficarei bem*.

Só não percebi que “isso” ficaria indo e voltando.

Hummm. Acho que talvez tenhamos realizado uma miniconquista em minha terapia de escrita diária. Mas não precisa ficar todo animado, Dr. Hodges. Não era como se eu

tivesse *reprimido* essa lembrança de Alice. Eu apenas não pensava nisso havia um tempo, mas, ainda assim, parabéns, talvez haja algo aí, embora eu tenha acabado de perder o que prometia ser um episódio “explosivo”

de *Grey's Anatomy*.

Eu já havia me fortalecido até a “perda” seguinte.



Elisabeth disse:

— Você não está só fingindo que não se lembra para provar alguma coisa, está?

Alice sentiu a mesma pontada no estômago de quando Nick gritara com ela no telefone. Ele dissera algo sobre ela estar tentando provar algo também. Ela se tornara uma pessoa que tinha coisas a provar?

— Que tipo de coisa?

— Esqueça. Eu estava só sendo paranoica. — Elisabeth se levantou e se dirigiu para a cozinha. Parou diante da geladeira. Estava coberta com ímãs, bilhetes, fotos e desenhos infantis. — Me pergunto se há um convite aqui para essa sua festa.

Alice se virou no sofá para observá-la. Sua cabeça doía.

— Libby. Por favor, que tipo de coisa? Não entendo. Algumas vezes você fala comigo como se...

bem, é quase como se você... não gostasse mais de mim.

— A-rá! — Elisabeth pegou alguma coisa da geladeira e trouxe para ela. — Aqui está o convite. Há o nome de outra mulher para quem você deve confirmar presença. Você devia ligar para ela e perguntar se pode mudar o local da festa.

Ela lhe deu o convite, mas Alice o ignorou.

Elisabeth suspirou.

— É claro que ainda gosto de você. Não se preocupe com isso. Não há nada com o que se preocupar. Aqui... o nome da mulher é Kate Harper. Na verdade, acho que já ouvi você falar dela.

Acho que vocês são boas amigas.

Ela olhou para Alice em expectativa.

— Nunca ouvi falar dela — Alice respondeu, teimosa.

— Ok, então — Elisabeth falou. — Bem, por que eu não ligo para ela e você vai lá para cima deitar?

Você parece morta de cansaço.

Alice olhou para o rosto enrugado e ansioso de Elisabeth.

Eu desapontei você? Perdi você e Nick?

Capítulo 14

Alice ficou em pé, no meio de seu quarto desconhecido, procurando alguma coisa — qualquer coisa — que pertencesse a Nick. Não havia sinal algum dele. Nenhuma pilha de

livros ou revistas em sua mesa de cabeceira. Ele gostava de livros sanguinários (os dois gostavam), histórias de guerra e revistas de negócios. Nenhuma pilha cilíndrica de moedas que ele levava nos bolsos das calças, todos os dias. Nenhuma gravata pendurada na maçaneta da porta. Nenhum tênis sujo gigante.

Nenhuma meia ou camiseta solitária amassada.

Ambos eram bagunceiros. As roupas ficavam normalmente emboladas juntas, no chão, em abraços exagerados. Às vezes, convidavam pessoas para visitá-los propositadamente, como um motivo para arrumarem tudo, que nem malucos, antes que as visitas chegassem.

Mas o carpete (castanho-escuro; ela não tinha qualquer lembrança de tê-lo escolhido) estava imaculado, recém-aspirado.

Ela foi até o guarda-roupa (eles o haviam encontrado tombado, do lado de fora da casa de alguém, para que fosse retirado pelo caminhão da prefeitura; era outono, como agora, e eles tiraram uma camada de folhas marrons, revelando um padrão de mogno trabalhado). Estava cheio de pesados cabides de madeira com roupas bonitas que presumivelmente pertenciam a Alice. Embora ela tivesse uma sensação de prazer ao sentir os tecidos brilhosos, enquanto passava os cabides, ansiava por apenas uma das camisas de Nick. Até mesmo uma tediosa camisa branca de trabalho. Enrolaria as mangas ao seu redor, como os braços dele. Mergulharia o nariz no colarinho.

Conforme fechou o armário e olhou ao redor do quarto, ela percebeu que estava com um cheiro e uma aparência essencialmente femininos. Sobre a cama havia uma colcha branca e uma fileira de pequenas almofadas azuis brilhantes. Alice achou que a cama parecia absolutamente linda (na verdade, era a cama de seus sonhos), mas Nick teria falado que toda essa beleza o deixaria instantaneamente brocha, então, tudo bem, se era o que ela queria, mas ele já estava avisando. Havia uma gravura de Margaret Olley, de um jarro de flores, pendurada acima da cama, algo que Alice sabia que faria Nick se retrair, como se tivesse sido acometido por um ataque de náusea. A penteadeira tinha uma série de vidros de cores diferentes (“Qual é exatamente o sentido disso?”, Nick teria perguntado) e um vaso de cristal com um imenso buquê de rosas.

Esse era o quarto que ela teria criado para si mesma, se estivesse morando sozinha. Ela sempre quisera colecionar garrafas de vidro bonitas, mas achava que jamais o faria.

Exceto pelas rosas. Ela se lembrou de que aquela exata imagem das rosas surgira em sua mente quando ela estava na ambulância no dia anterior. Foi até a penteadeira e as estudou. Quem lhe havia dado? E por que estavam em seu quarto se ela detestava esse tipo de buquê?

Havia um pequeno cartão ao lado do vaso. Nick? Seria Nick querendo-a de volta, esquecendo que ela não gostava de rosas? Nick querendo *afirmar algo*, ao mandar rosas, sabendo que ela detestaria?

Ela pegou o cartão e leu: *Querida Alice, espero que possamos fazer aquilo novamente, um dia – da próxima vez, no sol? Dominick.*

Oh, Deus, ela estava namorando.

Ela despencou sentada na cama, segurando o cartão no meio dos dedos incrédulos.

Namorar deveria ser algo de seu passado, não de seu futuro. De qualquer forma, ela nunca gostara disso. A sensação constrangedora de estar sentada no carro com alguém, pela primeira vez; a possibilidade aterrorizante de ter comida nos dentes; a súbita

sensação de tédio exaustivo, quando você percebia que era sua vez de levantar o próximo assunto na conversa. *Então, o que você gosta de fazer durante os fins de semana?*

Ah, claro, não havia nada melhor do que um encontro que realmente *desse certo*. Ela se lembrava da euforia daquelas primeiras vezes com Nick. Houve uma noite em que eles assistiram aos fogos do *Australia Day*¹, em um bar, em Rocks. Ela estava bebendo um coquetel enorme e Nick lhe contava uma história sobre uma de suas irmãs, e ele era tão engraçado e *sexy*, e os cabelos de Alice estavam bonitos, e seus sapatos não doíam, e havia raspas de chocolate flutuando em seu coquetel, e a mão de Nick massageava a parte de baixo de suas costas, e ela tinha uma sensação de felicidade tão intensa que isso a assustava, pois certamente havia um preço a pagar por esse tipo de alegria. (Seria esse o preço? Depois de todos esses anos? Nick xingando, ao telefone, do outro lado do mundo. Será que ela finalmente recebera uma conta tão alta?)

Sair com qualquer outro homem sem ser Nick seria tedioso e estranho e imbecil. Dominick. Que tipo de nome era Dominick?

Numa súbita fúria, ela pegou o cartão e o rasgou em pedacinhos. Como ela podia trair Nick dessa forma, mantendo essas flores em seu quarto?

E também havia outro homem — o fisioterapeuta de Melbourne —, que lhe mandara o cartão com a menção de “momentos mais felizes”. Quem era ele? Será que ela já estaria em seu *segundo* relacionamento, depois de terminar com Nick? Teria se transformado numa mulher *fútil*? Uma mulher fútil, com afirmações a fazer, que frequentava academias, aborrecia a amada irmã e era anfitriã de festas para o pessoal do jardim de infância? Ela detestava a pessoa em que se transformara. A única parte boa eram as roupas.

Tudo isso tinha de acabar. Precisava ter as moedas, as meias e os tênis de Nick de volta em seu quarto, e livrar-se dessas rosas.

Ela se recostou na cama. Elisabeth estava lá embaixo, telefonando para aquela tal de Kate Harper, tentando cancelar a festa desta noite.

Alice engatinhou, atravessando a cama, puxou as cobertas e entrou nos lençóis macios e limpos, ainda com o vestido vermelho.

Ela olhou o teto (emboçado e pintado; as manchas de água e rachaduras haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido) e pensou naquele momento, no banheiro do hospital, quando pareceu que ela estava prestes a mergulhar de cabeça em todas as suas lembranças. Foi como se deliberadamente tivesse resistido, recuando da beirada, quando realmente deveria ter se soltado.

Seria muito mais fácil e menos confuso, se ela conseguisse lembrar o que estava se passando em sua vida. Ela fungou o pulso, onde havia borrifado o perfume que parecia tão evocativo, mas desta vez só sentiu uma confusão de sentimentos incompletos; eram inconsistentes e escorregadios, desaparecendo antes mesmo que ela pudesse tentar defini-los.

“Essa não era a pior coisa que lhe acontecera”, pensou ela, quando o sono começou a invadir sua mente. Era apenas a mais ridícula.



Ela despertou e encontrou Frannie sentada, no pé da cama, segurando um presente.

— Olá, dorminhoca.

— Olá. — Alice sorriu, aliviada, porque Frannie parecia exatamente igual. Ela estava vestindo uma blusa rosa conhecida, com botões, que Alice já vira várias vezes anteriormente, ou ao menos era parecida, e calças cinza. Suas costas estavam perfeitamente eretas. Ela parecia um pequeno duende.

Estava com os cabelos grisalhos bem curtos, para trás das orelhas miúdas, a pele clara e os óculos de gatinho presos a uma corrente de ouro.

Alice disse, rapidamente:

— Você não mudou nada. Está exatamente igual.

— Você quer dizer “como dez anos atrás”? — Frannie ajustou os óculos sobre o nariz. — Acho que não há espaço para mais rugas. Tome. — Ela entregou o presente a Alice. — Você provavelmente não vai gostar, mas eu queria lhe dar algo.

Alice se sentou na cama.

— Claro que vou gostar. — Ela desembulhou o frasco de talco. — Adorei. — Ela girou a tampa, colocou um pouco na palma da mão e cheirou. A fragrância era simples e floral e não a fazia lembrar de nada. — Obrigada.

— Como está se sentindo? — perguntou Frannie. — Você deu um susto em todas nós.

— Bem — disse Alice. — Confusa. Às vezes, sinto como se estivesse prestes a lembrar de tudo, e depois, parece tudo uma grande piada, em que vocês todos estão fingindo que tenho trinta e nove anos, quando sabem perfeitamente que estou para fazer trinta.

— Conheço essa sensação — disse Frannie, reflexiva. — Outro dia mesmo, eu acordei e me senti como se estivesse com dezenove anos. Fui até o banheiro e vi uma velha me olhando no espelho, e aquilo realmente me assustou. Eu pensei: “*Quem é essa encarquilhada?*”.

— Você não é encarquilhada.

Frannie acenou, cortando o assunto.

— Bem, de qualquer forma, eu acho que você provavelmente está tendo um colapso nervoso. Não me olhe assim! As pessoas têm colapsos nervosos e você tem andado sob muito estresse ultimamente.

Com esse seu divórcio...

— Sim, falando sobre isso. *Por que* estamos rompendo? — interrompeu Alice. Ela não conseguia dizer a palavra “divórcio” em voz alta. Frannie não tentaria esconder nada dela. Contaria tudo.

Mas Frannie disse:

— Não faço a menor ideia. Isso é entre você e Nick. Tudo o que sei é que vocês dois estão bem decididos quanto à ideia. Parece não haver qualquer chance de reconciliação. Então, nós todos fechamos nossas bocas e aceitamos.

— Mas você tem de ter uma opinião. Você sempre tem uma opinião!

Frannie sorriu.

— Sim, geralmente tenho, não é? Mas, nesse caso, eu realmente não sei. Você não me contou nada.

É muito triste para as crianças. Principalmente esse negócio da briga pela guarda. Não aprovo nada *disso*, como você sabe.

— Eu não sei. Não me lembro.

— Bom, eu já deixei minha opinião bem clara sobre o assunto. Clara demais, pode-se dizer.

Alice disse:

— Acha que posso tê-lo de volta?

— De volta, quem? Você quer dizer Nick? Mas você não o quer de volta — disse Frannie. — Na verdade, você falou comigo na quarta-feira e disse que acabara de receber flores de um sujeito novo.

Parecia bem empolgada.

Alice olhou as rosas desgostosa. Ela disse, amargamente:

— Achei que você tivesse dito que eu estava estressada.

Frannie disse:

— Bem, você estava estressada, mas estava feliz por causa das flores.

Alice suspirou:

— Como vai *você*, Frannie? Você ainda mora na casa ao lado de mamãe, não é?

— Não, querida. — Frannie afagou a perna de Alice. — Eu me mudei para uma vila de aposentados, cinco anos atrás. Logo depois que sua mãe foi morar com Roger.

— Bom, e você gosta de lá? É divertido?

— Divertido — disse Frannie. — Isso é que é importante hoje em dia, não é? Tudo deve ser *divertido* e descontraído.

— Bem, não tudo, claro.

— Você acha que tenho senso de humor? — perguntou Frannie. Ela lançou um olhar surpreendentemente vulnerável.

— Claro que você tem senso de humor!

— Conte-me, o que você acha da eutanásia?

Alice pestanejou. Então se sentou, em pânico.

— Frannie, o que há de errado? Você está doente?

— Não, não. Estou em perfeita saúde. Só estou interessada no assunto. Quero estar informada.

Quero dizer, certamente faz sentido, na minha idade, saber das opções, não é? O que há de tão incomum nisso? É um assunto que exige discussão.

Ela estava ficando meio agitada.

— Sim, eu concordo, mas... você tem *certeza* de que está bem? Por que estaria pensando nisso se não está doente?

Frannie suspirou e sorriu. Ela não era uma pessoa de rir muito, então, quando sorria era como ganhar um presente.

— Juro a você. Não tenho nada de doente. Apenas estou... *interessada*. Ora, vamos até lá embaixo.

Sua mãe está fazendo o almoço.

Quando elas desceram, Alice observou Frannie atentamente. Ela parecia, sim, mais frágil.

Segurava firme no corrimão.

— Alice, minha querida! Eu estava indo buscá-la!

— Como vai, Roger? — disse Alice, horrorizada ao vê-lo no pé da escada. Ele ficava totalmente fora de contexto sem Nick. Era um visitante para o qual você se programava (se retraía), não alguém que a olhava confortavelmente, do pé de sua escada, como se pertencesse à sua casa.

— Estou tinindo! — disse Roger, radiante. — É com você que estamos preocupados! — Quando elas chegaram ao pé da escada, Roger pegou Alice pelo cotovelo e a conduziu à sala de estar, segurando solícito em suas costas.

— Dormiu bem, Alice? — perguntou sua mãe, saindo da cozinha, limpando as mãos num pano de prato. — Tenho certeza de que descansar é a melhor coisa para você. Imagino que tudo já tenha lhe voltado, não? — Ela não esperou resposta. — Frannie, querida, que cadeira é mais confortável para você? Nesta aqui você não vai estar na corrente de vento, vai?

— Não *comece*, Barbara! — Frannie estrilou, enquanto Barb a ajudava a sentar.

Ainda bem que Barb não estava mais vestindo seu exótico traje de salsa, que vestira no dia anterior, mas ela usava uma camiseta bem decotada e calças cápri. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo vistoso. Alice a olhava, fascinada, vendo a forma relaxada com que a mãe inclinava a cabeça galanteadora, olhando para Roger.

— Fiz uma bela salada de atum para nosso almoço. Escolhi isso especificamente por sua causa, Alice, pois peixe é bom para o cérebro. Roger e eu temos tomado óleo de peixe todos os dias, não é, bem?

Bem. Sua mãe acabara de chamar Roger de “bem”.

Roger parecia não ter mudado nada, nos últimos dez anos. Ainda continuava bronzeado e polido e contente consigo mesmo. Cirurgia? Alice não descartava isso para ele. Ele estava com uma camisa polo cor-de-rosa e uma corrente de ouro abrigada nos pelos grisalhos do peito. Seu *short* estava ligeiramente apertado, revelando pernas musculosas e morenas.

Quando Barb se virou para ir à cozinha, Roger lhe deu um tapinha brincalhão no traseiro, sem a menor discrição. Acanhada, Alice desviou os olhos. (Ela se lembrou de que Roger tinha uma cama d’água. “As damas adoram”, ele dissera a Alice uma vez.)

Frannie deu uma risadinha e pousou a mão sobre a de Alice, compassiva. Alice se distraiu observando a longa mesa de pinho à sua frente. Ela sonhara com essa mesa, no hospital. Nick estava sentado à mesa, enquanto ela limpava a cozinha. Ele dissera algo que não fazia sentido. O que era?

Elisabeth entrou, pendurando a bolsa no ombro.

— Preciso ir.

— Para onde você vai? — perguntou Alice, desesperadamente. Ela precisava de apoio e ajuda para lidar com Roger e a mãe. — Você vai voltar?

Elisabeth lançou um olhar estranho.

— Vou encontrar umas pessoas para o almoço. Voltarei se você quiser.

— Quem? — perguntou Alice, tentando segurá-la por mais tempo. — Quem você vai encontrar?

— Apenas alguns amigos — disse Elisabeth, evasiva. — De qualquer forma, fique atenta ao telefone, porque deixei três recados para Kate Harper, sobre a festa dessa noite, mas ela ainda não ligou de volta. — Ela olhou para Alice. — Você ainda está bem pálida. Acho que deve voltar para a cama depois do almoço.

— Ah, eu concordo! — disse a mãe, vindo da cozinha, trazendo uma travessa de salada. — Vou colocá-la de volta na cama depois de comer, não se preocupe. Precisamos deixá-la totalmente recuperada, antes que os pequenos terríveis estejam de volta.

Alice olhou a enorme travessa de salada que a mãe estava segurando e, sem qualquer motivo em particular, o nome “Gina” surgiu em sua cabeça.

É Gina. Gina, Gina, Gina. Isso mesmo. Foi isso que ela lembrou, ou sonhou, que Nick estava dizendo, quando estava sentado nessa mesa.

— Quem é Gina? — perguntou Alice.

A sala ficou totalmente imóvel e silenciosa.

Frannie limpou a garganta. Roger olhou para o chão e remexeu no colar ao redor de seu pescoço.

Barb congelou, na entrada da cozinha, e segurou a travessa de salada junto da barriga. Elisabeth mordeu o lábio.

— Então, quem é ela? — perguntou Alice.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Uma coisa em que tenho pensado muito é como eu me sentiria se tivesse perdido dez anos de minha memória e quais coisas me surpreenderiam, me deixariam contente ou aborrecida, sobre a forma como minha vida havia se desenrolado.

Eu nem tinha conhecido Ben dez anos atrás. Então, ele seria um estranho. Um assustador estranho grande e peludo, dividindo minha cama. Como eu poderia explicar para meu antigo eu que acidentalmente me apaixonara por um homem silencioso que parecia uma montanha e que desenha letreiros em neon para viver, e cujo maior interesse são carros? Antes de conhecer Ben, eu era uma daquelas garotas deliberadamente ignorantes sobre carros. Eu os descrevia pelo tamanho e pela cor.

Um carro branco grande. Um carro azul pequeno. Agora conheço os fabricantes e modelos. Assisto ao Grande Prêmio. Às vezes, até folheio suas revistas de automóveis.

O senhor gosta de carros, Dr. Hodges? O senhor parece mais um cara do tipo galeria de arte e ópera. Vejo que tem uma foto de sua esposa e de dois filhos pequenos em sua mesa. Olho a foto, secretamente, em toda sessão, quando o senhor está escrevendo o meu recibo. Aposto que sua esposa não teve problemas para engravidar, teve? O senhor agradece à sua estrela da sorte por não ter acabado com uma esposa tão deficientemente reprodutiva como eu? O senhor lança um olhar afetuoso àquela foto quando eu saio da sala e pensa: *Graças a Deus minha esposa é uma boa reprodutora ?*

Se o faz, não se preocupe. Tenho certeza de que o fato de um homem querer uma mulher que possa lhe dar filhos é apenas inato, é só biologia. Uma vez, levantei esse assunto com Ben. Eu disse que ele devia secretamente se ressentir de mim e eu compreendia isso. Ele ficou muito zangado. O mais zangado que já vi.

— Nunca mais diga isso — disse ele. Mas aposto que foi por isso que ele ficou tão zangado, porque sabia que era verdade.

Antes de conhecer Ben, eu gostava dos tipos perspicazes bem-sucedidos. Nunca tinha saído com um homem que tivesse uma caixa de ferramentas. Uma caixa de ferramentas apropriadamente suja e cheia de, o senhor sabe, chaves de fenda e essas coisas. É constrangedor o quanto fiquei excitada na primeira vez que vi Ben escolhendo

uma chave-inglesa suja de óleo, em sua caixa de ferramentas.

Meu pai tinha uma caixa de ferramentas. Portanto, talvez eu estivesse inconscientemente esperando por um homem com uma caixa de ferramentas. Aposto que o senhor não tem uma, tem, Dr. Hodges?

Não, não achei que tivesse.

Eu costumava achar que um de meus principais pré-requisitos para um homem era que ele fosse bom em festas. Como o Nick, de Alice. Mas Ben é imprestável em jantares festivos. Ele sempre parece grande demais para sua cadeira. Fica com uma expressão de encurralado. É como se eu tivesse levado um imenso chimpanzé domesticado. Às vezes, ele fica bem, se por acaso encontra um homem (ou mulher — ele não é chauvinista) com quem possa falar sobre carros, mas na maioria das vezes ele fica infeliz, e respira ofegante ao entrar no carro, como se tivesse sido solto da cadeia.

É engraçado. Passei todos aqueles anos sendo enlouquecida pela minha mãe e pela Alice, pelo medo que tinham de eventos sociais. “Oh, *não!*”, diziam elas, tragicamente, e eu pensava que alguém tivesse morrido e, no fim das contas, elas apenas haviam sido convidadas para alguma festa, ou almoço, em que só conheciam uma pessoa, e depois tinha toda a estratégia de como se livrar daquilo, e o drama todo e a *compaixão* que despejavam uma na outra. “Ai, coitadinha! Vai ser horrível! Você simplesmente não pode ir.” Eu não suportava isso e, no entanto, acabei casando com um homem que também pensa que se sociabilizar é algo feito para ser suportado. Não que ele seja tímido como elas eram. Ele não fica com frio na barriga, nem agoniza pelo que as pessoas pensam dele. Na verdade, acho que ele não tem o menor constrangimento. Ele é um homem sem vaidades. Simplesmente não é de falar. Não tem a menor habilidade para conversa fiada. (Ao passo que a mamãe e Alice claramente *eram* falantes e *estavam* interessadas em conhecer outras pessoas. Na realidade, elas eram mais sociáveis que eu. Mas a timidez as impedia de serem desenvoltas como na realidade eram.

Elas eram como atletas presas em cadeiras de rodas.)

No fim das contas, Ben e eu nem vamos mais a jantares e festas. Não suporto mais. Também perdi minha habilidade para bater papo. Ouço as pessoas falarem sobre suas vidas interessantes e movimentadas. Estão treinando para maratonas, aprendendo japonês, levando os filhos ao acampamento e reformando o banheiro. Eu já tive uma vida assim um dia. Eu era interessante, ativa e informada. Mas agora minha vida se resume a três coisas: trabalho, televisão e fertilização *in vitro*.

Não tenho mais piadas. As pessoas dizem “O que você anda fazendo, Elisabeth?”, e eu preciso me conter para não desfiar o rosário da minha ficha médica completa.

Agora entendo por que as pessoas muito doentes e os idosos têm tanta compulsão para falar da saúde. Minha infertilidade preenche todos os cantos de minha mente.

Como as coisas mudaram. Agora eu é que fico gemendo quando ouço alguém, numa voz alegre, ao telefone, me perguntando se estou livre no próximo sábado, enquanto Alice está dando festas e a mamãe está fazendo aulas de salsa, três vezes por semana.

Alice não consegue acreditar que tem três filhos. Eu não conseguiria acreditar que não tenho nenhum. Nunca esperei ter problemas para engravidar. É claro que ninguém espera. Isso não chega a me tornar uma pessoa ímpar. Simplesmente esperava ter muitos outros problemas médicos. Nosso pai morreu de ataque do coração, então eu sempre me assustei com qualquer azia. Tive dois avôs que morreram de câncer, em dois lados

diferentes da família, portanto, fiquei permanentemente em alerta, esperando que as células cancerígenas surgissem. Por um bom tempo, fiquei aterrorizada achando que seria acometida por alguma doença motora somente pelo fato de que eu havia lido um artigo sobre um homem que a tivera. A primeira vez que ele notou que tinha um problema foi quando seus pés começaram a doer, no campo de golfe. Sempre que eu sentia uma pontada no pé, pensava, *pronto, lá vamos nós*. Conteí a Alice sobre o artigo e ela também começou a se preocupar. Nós tirávamos o salto alto e massageávamos a sola dolorida de nossos pés, enquanto discutíamos como lidaríamos com o fato de ficarmos em cadeira de rodas, enquanto Nick revirava os olhos e dizia: “Vocês duas estão doidas?”.

Alice é a outra razão por eu não esperar infertilidade. Sempre fomos muito semelhantes em saúde.

No inverno, ficávamos com uma tosse seca e irritante, que levava exatamente um mês para sumir.

Temos joelhos fracos, visão ruim, uma ligeira intolerância a laticínios e dentes excelentes. Quando vi que ela não tinha qualquer problema para engravidar, achei que isso significasse que comigo seria a mesma coisa.

Portanto, é culpa de Alice por eu não ter investido o tempo necessário para me preocupar com a infertilidade. Jamais me resguardei, por não me preocupar a respeito. Não voltarei a cometer esse erro. Agora, todo dia lembro de me preocupar que Ben morrerá num acidente de carro, a caminho do trabalho. Eu me asseguro de me preocupar, em intervalos regulares, com os filhos de Alice, passando por cada doença infantil terrível. Antes de dormir, eu me preocupo que alguém que amo morrerá naquela noite. A cada manhã, eu me preocupo se alguém que conheço será morto num ataque terrorista, naquele dia. Isso significa que os terroristas ganharam, segundo Ben. Ele não compreende que eu estou lutando contra os terroristas, ao me preocupar com eles. Essa é minha luta pessoal contra o terror.

Isso foi uma piadinha, Dr. Hodges. Às vezes, o senhor parece não entender minhas piadas. Não sei por que quero que o senhor ria. Ben me acha engraçada. Ele dá uma gargalhada alta e súbita. Bom, ele dava, quando eu não era obcecada e tediosa, com apenas um assunto para conversar.

Acho que seria sensato tratar esse assunto da “preocupação” em uma de nossas sessões, pois isso é obviamente apenas uma superstição tola e infantil — como se eu fosse o centro do universo e minha opinião realmente fizesse diferença. Mas já posso até adivinhar todas as astúcias que o senhor diria, as perguntas perceptivas que faria, tentando gentilmente me conduzir ao meu momento pessoal de “Eureca!”. Tudo isso parece um tanto sem propósito e chato. Não vou parar de me preocupar. Gosto de me preocupar. Venho de uma longa família de preocupados. Está no meu sangue.

Só quero que o senhor, por favor, faça parar de doer, Dr. Hodges. Por isso é que eu lhe pago tanta grana. Só quero voltar a me sentir eu.

Eu me desviei da questão. E a questão é que eu tenho imaginado como seria se eu perdesse minha memória. Então, bato a cabeça, acordo e descubro que estamos em 2008 e eu engordei e Alice emagreceu e estou casada com um cara chamado Ben.

Fico imaginando se me apaixonaria por Ben novamente. Isso seria legal. Eu me lembro de como foi acontecendo devagarzinho, como aquele cobertor elétrico velho, que

aquecia os lençóis gelados de forma quase imperceptível, segundo a segundo, até que eu pensava: *Ei, já faz um tempo que parei de tremer. Na verdade, estou aquecida. Estou alegremente aquecida*. Foi assim com Ben. Passei de “Eu realmente não deveria estar dando esperanças pra esse cara, se não tenho interesse”, para “Ele não é tão feio assim”, para “Eu até que gosto de estar com ele” para “Estou louca por ele”.

Eu me pergunto se Ben tentaria me proteger das más notícias, da forma como temos nos esquivado de certos assuntos com Alice. Ele é um péssimo mentiroso. Eu diria “Quantos filhos temos?”, e ele murmuraria “Bem, não tivemos muita sorte nesse aspecto”, e coçaria o queixo, limparia a garganta e desviaria o olhar.

Eu, mandona, insistiria em todos os detalhes e ele acabaria tendo de dizer.

— *Ao longo dos últimos sete anos, você engravidou três vezes por fertilização in vitro, e duas, por vias naturais. Nenhum desses bebês teóricos se tornaram bebês reais. O mais longe que você chegou foi a dezesseis semanas e aquele partiu nossos corações tão intensamente que achamos que jamais nos recuperaríamos. Você também passou por oito ciclos fracassados de fertilização in vitro. Sim, isso a modificou. Sim, isso mudou nosso casamento e seu relacionamento com sua família e seus amigos. Você é uma pessoa zangada, amarga e, para dizer com franqueza, é frequentemente um pouquinho estranha. Atualmente, você está se consultando com um terapeuta, depois do incidente constrangedor, numa lanchonete. Sim, tudo isso custa muito dinheiro, mas nós preferimos não entrar no mérito dos números.*

(Na verdade, Dr. Hodges, eu já tive seis abortos espontâneos. Mas Ben não sabe disso. Só fiquei de cinco semanas, então mal contou. Ben estava viajando com um amigo, pescando, e eu só fiz o teste de gravidez no dia anterior, e no dia seguinte comecei a sangrar e já era. Quando ele voltou de viagem, estava tão feliz, sujo e bronzeado que não consegui contar. Foi apenas outro pequeno bebê teórico perdido. Outro pequeno astronauta à deriva, no espaço.) Então, o que eu diria depois que Ben me contasse essa longa história triste?

Bem, essa é a questão, Dr. Hodges, pois me lembro da minha velha forma de ser, decidida, entrando em ação, e meu primeiro pensamento foi que eu diria algo parecido com: “Se no começo, você não for bem-sucedido”. Afinal, eu era a mulher que costumava começar cada dia com uma frase de Leonardo da Vinci: “Obstáculos não podem me destruir. Cada obstáculo conduz a uma determinação maior”.

Boa, Leonardo.

Porém, quanto mais eu penso nisso, mais acho que talvez não dissesse nada motivador.

É bem possível que eu desse um tapa em meus joelhos e dissesse: “Parece que está na hora de desistir”.

1 Feriado nacional australiano celebrado em 26 de janeiro. (N. do E.).

Capítulo 15

Foi Barb quem finalmente rompeu o silêncio. Ela disse: — Gina era uma amiga sua. — Ela pousou a travessa de salada na mesa, sem cruzar com o olhar de Alice. — Na verdade, eu acho que esta travessa foi um presente de Gina. Provavelmente foi por isso que você se lembrou dela.

Alice olhou a travessa e fechou os olhos. Ela viu um papel amarelo amassado. Sentiu o gosto de champanhe. Talvez tenha ouvido um riso feminino. Depois, nada.

Ela abriu os olhos novamente. Todos a olhavam.

— Bem, eu realmente preciso ir. — Elisabeth olhou para seu relógio.

Houve uma onda de alívio.

— Acho que prendi seu carro, estacionando atrás! — disse Roger, alegremente, tirando um molho enorme de chaves do bolso e imediatamente ficando de pé.

— Não se esqueça de ficar atenta à ligação de Kate — disse Elisabeth, apressando-se para sair da sala. — Senão, você vai ter de dar uma festa esta noite.

— Vou lá fora me despedir de você. — Barb seguiu Elisabeth pelo corredor, obviamente querendo falar com ela em particular.

Quando estavam somente ela e Frannie, Alice pegou um tomate-cereja da salada e disse: — Então, como conheço essa Gina?

— Ela morava do outro lado da rua — disse Frannie. — Acho que eles se mudaram pouco antes de Olivia nascer. Você não se lembra de nada em relação a ela?

— Não. Então, ela não mora mais do outro lado da rua?

Frannie fez uma pausa. Ela parecia estar se esforçando para encontrar a coisa certa a dizer. Ela disse:

— Não. A família se mudou de volta para Melbourne. Não faz muito tempo.

Subitamente, Alice entendeu.

Houve algo entre essa Gina e Nick. Isso explicava tudo. Por isso todos estavam se comportando de forma tão esquisita.

Gina. Sim. O nome decididamente estava associado a uma sensação de dor, de algum tipo.

Por que ela achou que estaria livre da infidelidade? Acontecia o tempo todo. Era um daqueles acontecimentos de novela cafona que sempre pareciam vagamente cômicos quando aconteciam com os outros, mas era terrível quando era com você.

Alice pensou na pobre Hillary Clinton. Imagine o mundo inteiro sabendo que seu marido a traiu de uma forma tão *suja*. Se Bill Clinton pôde ficar tentado (e é para se pensar que o presidente dos Estados Unidos tenha um emprego que o distrai bastante), então podia acontecer com Nick.

Afinal, percebeu ela, chocada, a essa altura eles estavam casados havia dez anos. Talvez Nick tenha tido a crise dos sete anos (que era praticamente um fenômeno médico; nem era realmente culpa dele) e, então, essa mulher horrível e manipuladora se aproveitou dele e o seduziu.

A piranha.

Ele provavelmente estava bêbado. Provavelmente só aconteceu uma vez. Talvez

houvesse uma festa e Nick a tivesse beijado (Bem rápido! Só de leve!) e Alice exagerou na reação, e Nick pediu desculpas, mas Alice não cedeu (imbecil!) e agora eles estavam se divorciando por causa disso. Era tudo culpa de Alice. E culpa de Gina.

Ela devia ser muito bonita.

Pensar em sua beleza e em Nick achando-a bonita doía tanto que ela gemeu em voz alta.

— Você está se lembrando? — perguntou Frannie, ansiosamente.

— Acho que sim — Alice massageou a testa.

— Oh, querida — disse Frannie, e quando Alice ergueu os olhos, viu uma profunda compaixão no rosto da avó e soube que havia sido muito mais que apenas um beijo.

Como você pôde, Nick? Ela não jogaria os braços ao redor dele, no domingo à noite. Bateria com os punhos fechados em seu peito. Como ele pôde fazê-la se sentir tão segura no relacionamento, tão *convencida*, tão confortável, e depois sorratamente arrancar-lhe tudo isso? Fazendo-a de tola?

Ainda assim, Hillary estava preparada para ficar ao lado de seu homem, enquanto analisavam as *manchas de seu sêmen no vestido de outra mulher*.

E lhe ocorreu que todo o caso de Monica Lewinsky teria sido notícia de dez anos atrás. Ela ficou pensando se o casamento deles havia sobrevivido.

O telefone tocou.

Alice levantou automaticamente e foi atender.

— Alô?

— Alice? Kate! Eu estava fazendo um milhão de coisas de uma vez e só agora vi os recados de sua irmã! Fiquei tão *preocupada* quando a vi na academia, ontem de manhã, e tenho dito a todos que pretendia lhe telefonar, mas ando numa correria, como você bem sabe, e então Melanie disse que a viu rindo no carro, num sinal de trânsito, em Roseville, então eu pensei: *Ufa, ela está bem!* Mas agora sua irmã diz que você provavelmente não está bem o suficiente para dar a festa?

Alice reconheceu a voz terrivelmente artificial. Era a loura magra que vira na academia, antes de vomitar nos sapatos de George Clooney.

— Ah — disse Alice.

— É claro que normalmente eu diria, num instante, sem problemas! Façamos aqui! Nesse instante!

Mas, com a reforma, o fato de que a mãe de Sam está conosco, fica literalmente *impossível*. Quero dizer, você não precisa fazer coisa alguma esta noite. Realmente não, se ainda está com um pouquinho de dor de cabeça. Cuidarei de tudo. Tenho de admitir que eu mesma não tenho me sentido muito bem, mas ficarei bem, é só um pouquinho de gripe. Melanie me disse: “Você é uma supermulher, Kate, como consegue?”. E eu disse: “Bem, não, Melanie, não sou uma supermulher, apenas uma mulher *exausta*, tentando fazer o que pode”. Sam diz que simplesmente preciso aprender a dizer não e parar de me colocar à disposição de todo mundo, mas não consigo evitar, sempre fui assim. De qualquer forma, como estou dizendo, se sua cabeça está doendo, eu juro que você pode pôr os pés para o alto esta noite e nós todas vamos agitar e servi-la. Quero dizer, você não vai precisar servir ninguém.

Uma estranha inércia invadia Alice enquanto Kate falava. Essa mulher realmente era sua *amiga*?

Alice não conseguia se imaginar querendo falar com ela por mais de cinco minutos. Ela preferia a língua impertinente de Jane Turner a essa mulher de fala afetada, com suas entonações forçadas.

Ela disse:

— Ah, está certo, tudo bem.

Quem se importava se centenas de pessoas estranhas aparecessem em sua porta nesta noite? Sua vida era mesmo um pesadelo e ela podia deixar que continuasse assim.

— Então, não precisamos mudar? Bem, graças a Deus. Eu sabia que podia contar com você! Pensei comigo mesma que sua irmã provavelmente teria entendido errado. Ela é que é a maluca e amarga mulher carreirista, com os problemas de infertilidade, não é? Acho que ela não faz a menor ideia do que uma mãe pode fazer quando precisa! Tudo bem, preciso correr, torcendo para vê-la esta noite!

A linha ficou muda. Alice bateu o telefone com tanta força que a base sacudiu. Como essa mulher horrível se atrevia a falar de Elisabeth dessa forma? Ela pensou em como o rosto de Elisabeth murchou, quando ela falou sobre o batimento cardíaco do bebê e teve vontade de dar um murro no nariz elegante dessa mulher.

— Está tudo bem? — perguntou Frannie.

Mas será que isso significava que Alice andara reclamando de Elisabeth para Kate Harper? As palavras “maluca e amarga” teriam saído de sua própria boca traiçoeira?

— Alice?

Havia um tremor idoso na voz de Frannie. Alice subitamente a viu como uma estranha veria: miúda e frágil.

Ela se compôs. Tinha quase trinta anos. Epa. Quarenta anos. Não podia mais chorar no colo da avó.

— Está tudo bem — disse ela. — Eu disse a Kate Harper que nós ainda podemos fazer a festa aqui.

— Disse? — Sua mãe voltava à sala, seguida de Roger. — Está certa de que está disposta a isso?

— Ah, claro — disse Alice. — Claro. Por que não?

— Ela está se lembrando de Gina — disse Frannie.

— Oh, *querida* — disse Barb, enquanto o rosto de Roger se contorceu numa expressão horrenda de pesar, que presumivelmente seria para transmitir compaixão.

Alice se lembrou de que Roger havia tido casos quando era casado com a mãe de Nick.

— Receio que meu ex-marido tenha sido um sedutor namorador — dissera uma vez a mãe de Nick, com um suspiro delicado, e Alice tinha ficado impressionada pela forma como ela conseguira fazer o marido traidor soar tão elegante e fino.

Será que Roger estava traindo sua mãe agora?

Talvez não fosse tão surpreendente que Nick também tivesse se tornado um traidor. Não havia um provérbio que diz que a laranja não cai muito longe do pé? Ela deveria dizer isso a Roger, olhando direto em seus olhos e falando: “Então, Roger, vejo que a laranja não cai muito longe do pé”. Mas, conhecendo a si mesma, ela sabia que diria errado e ninguém entenderia o que estava tentando dizer.

“O que quer dizer, querida?”, perguntaria sua mãe, interessada, estragando o momento.

E, na verdade, ela tinha uma sensação engraçada de que deveria ser maçã, não laranja. A *maçã* não cai muito longe do pé. Ela sentia um riso histérico surgindo em sua garganta. Era uma imbecil. “Ai, *Alice*”, todos diriam.

— Alice? — disse sua mãe. — Quer uma xícara de chá? Ou um analgésico?

— Ou um drinque? — Roger franziu as sobrancelhas. — Um conhaque?

— A última coisa de que ela precisa é álcool, Roger — estrilou Frannie. — Logo, logo, você vai sugerir um jogo de pôquer.

— Hã? — disse Roger.

— Estou bem — disse Alice.

Ela pensaria nisso tudo mais tarde, quando Roger não estivesse ali, fazendo essas expressões grotescas de compaixão.

Agora, ela não ligava para o quanto o seu mundo havia mudado. Maçã ou laranja, Nick não se parecia absolutamente em nada com o pai dele.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Alice me lançou um olhar tão suplicante que eu quase pensei em cancelar meu almoço, mas eu não a estava abandonando com o Roger-Dodger. É assim que Ben o chama. Combina com ele.

De qualquer forma, eu não queria entrar numa conversa sobre Gina. Meus sentimentos em relação a Gina são complexos. Talvez “infantis” seja a palavra mais apropriada.

Eu ia almoçar com as Inférteis.

Nós nos conhecemos cerca de cinco anos atrás, quando ingressei em um “grupo de apoio a mulheres inférteis”. No princípio, nós nos reuníamos no centro comunitário e tínhamos uma facilitadora, uma profissional como o senhor, Dr. Hodges, que estava ali para nos manter nos trilhos.

O problema era que ela continuava tentando nos tornar positivas. “Vamos tentar recolocar isso sob uma perspectiva mais positiva”, dizia ela. Mas nós não queríamos ser positivas, obrigada.

Queríamos dizer, em voz alta, coisas amargas, negativas e sórdidas que guardamos na cabeça. Os medicamentos, os hormônios e a frustração de nossas vidas, que nos deixam odiosas, e você não tem permissão de ser odiosa publicamente, ou as pessoas não vão gostar de você. Então, formamos nosso grupo particular. Agora, nós nos encontramos uma vez por mês, num restaurante chique, onde é improvável que encontremos grupos de mães com suas proles. Nós comemos, bebemos e dizemos coisas sórdidas, ao nosso bel-prazer — sobre médicos, família, amigos e, acima de tudo, sobre a insensibilidade das “Férteis”.

No começo, eu resisti à ideia de dividir o mundo entre “férteis” e “inférteis”, como se estivéssemos num filme de ficção científica, mas logo isso passou a fazer parte de minha nova linguagem. “O que as férteis não conseguem entender...”, nós dizemos umas para as outras. Ben detesta quando digo coisas assim. Ele também não gosta do grupo, embora nunca as tenha encontrado.

Uma vez, conversamos sobre fazer algo com os parceiros, mas nunca aconteceu.

Estou fazendo-as parecer terríveis, mas elas não são. Ou talvez sejam e eu não

consiga ver, por ser exatamente igual. Tudo o que sei é que às vezes dá a impressão de que almoçar com aquelas garotas é a única coisa que mantém minha sanidade. E domingo que vem é Dia das Mães (como a televisão fica me lembrando a cada dois minutos). Esse é o dia mais doloroso para uma infértil. Eu sempre acordo me sentindo envergonhada. Nem é tanto pela tristeza. Apenas envergonhada. Meio imbecil. É uma versão daquela sensação que eu tinha no colégio, quando era a única da minha turma que não precisava usar sutiã. Não sou uma mulher apropriada. Não sou *gente grande*.

Hoje, nós nos encontramos num restaurante em Manly, bem na enseada. Quando cheguei lá, todas elas estavam sentadas do lado de fora, diante da vista deslumbrante do Sol, da água e do céu azul, reunidas ao redor de algo no centro da mesa, com os óculos escuros presos no alto da cabeça.

— É o teste de gravidez de Anna-Marie — disse Kerry, quando me viu. — É claro que não aprovamos, mas veja o que você acha.

Anna-Marie repete isso toda vez que faz um ciclo de fertilização *in vitro*. Eles dizem para você não fazer um teste de gravidez caseiro depois da transferência embrionária, porque os resultados não são conclusivos. Você pode ter um resultado positivo sem estar realmente grávida, pois seu corpo ainda tem os hormônios sobressalentes da injeção, o que mascara a gravidez, ou pode ter um resultado negativo, apenas porque é cedo demais para saber. A melhor coisa é esperar pelo exame de sangue. Eu nunca faço teste caseiro, porque gosto das coisas conclusivas e sou uma garota obediente, mas Anna-Marie começa a fazê-los no dia seguinte à transferência, e uma vez admitiu ter feito sete testes. Todas nós temos nossas versões próprias desse comportamento obsessivo-compulsivo, então não debochamos.

Apertei os olhos diante dos testes de Anna-Marie. Havia três deles, embrulhados em papel-alumínio, como sempre. Para mim, todos pareciam negativos, mas não fazia sentido dizer isso a ela.

Eu disse que achava que dava para ver um leve traço num deles, e ela falou que seu marido dissera ter certeza de que eram todos negativos e gritou com ele, dizendo que ele obviamente não estava se esforçando. Você tem de querer ver a segunda linha, ela disse a ele, e eles brigaram feio. Anna-Marie nunca teve um ciclo bem-sucedido de fertilização *in vitro* e tenta há dez anos. Seus médicos, seu marido, sua família estão constantemente em campanha para que ela desista. Ela só tem trinta anos, é a mais nova de todas nós, então ainda tem tempo para arruinar mais uma década de sua vida.

Ou talvez não, é claro. Esse é o negócio para todas nós. O ilusório final feliz pode estar a apenas um ciclo de distância.

Kerry (dois anos de inseminação com óvulos de doadoras, uma gravidez ectópica que quase a matou) disse a Anna-Marie:

— Já se passaram dez dias da transferência de Elisabeth, e eu aposto que ela nem está tentada a fazer um teste.

Todas nós mantemos a contagem atualizada de nossos ciclos por *e-mail*. Anna-Marie, Kerry e eu estamos no meio de ciclos. As outras três estão em intervalos entre um e outro, ou prestes a começar.

Para ser honesta, nem tenho pensado se esse ciclo vai dar certo ou não. Nos primeiros anos, quando eu ainda acreditava no poder da mente, costumava meditar todas

as manhãs, depois de uma inseminação. “Por favor, fique aí, pequeno embrião”, eu dizia. “Fique, fique, fique.” Eu oferecia suborno. *Vou levá-lo à Disneylândia quando você tiver cinco anos. Você nunca terá de ir ao colégio quando não estiver com vontade. Se apenas me deixar ser sua mãe, por favor?*

Mas nada disso parecia fazer diferença. Portanto, agora eu simplesmente presumo que não vai dar certo e, se der, eu vou perder mesmo. Isso tem a finalidade de me proteger, embora não proteja porque, de alguma forma, a esperança sorrateiramente chega. Nunca estou consciente da esperança até que ela tenha sumido, como um tapete arrancado debaixo dos meus pés, a cada vez que ouço outro “Eu lamento”.

O garçom veio com nossos drinques e disse:

— Deixe-me adivinhar: vocês deixaram as crianças com os pais e fugiram para passar o dia!

Ah, a doce inocência dos férteis. Eles presumem que qualquer grupo de mulheres com alguma idade certamente são mães.

— Qual é o sentido de parecer a porra de uma mãe, se não somos essa porra? — disse Sarah, que é nossa mais nova recruta. Ela só fez um ciclo de fertilização *in vitro*, mas já está energicamente amarga sobre a infertilidade. Ela me faz perceber que até eu estou exausta de me exaurir. Admiro seu jeito de xingar.

Isso nos conduziu à listagem das maneiras como havíamos sido ofendidas desde a última vez que nos encontramos.

Tivemos:

O chefe que disse: “Passar pela fertilização *in vitro* é uma escolha, não é a mesma coisa que pegar uma gripe, portanto, não, não posso assinar sua licença médica”.

A tia que disse: “Apenas relaxe e faça uma sessão de massagem, você não está engravidando porque anda tensa demais”. (Ah, sempre tem uma dessas.)

O irmão que disse (com uma criança aos berros, ao fundo): “Você tem uma ideia tão romântica sobre ter filhos. É um trabalho infernal”.

A prima que disse, com simpatia: “Sei exatamente o que você está passando. Estou tentando concluir meu Ph.D. há seis anos”.

— E quanto à sua irmã? — Kerry me perguntou. — Você mencionou, em seu último *e-mail*, algo que ela havia feito e a deixara furiosa.

— Ela é a tal supermãe, com três filhos, não é? — Anna-Marie torceu o lábio. — A tal que não precisa trabalhar porque tem um marido rico.

Elas me olhavam avidamente, prontas para ficarem enojadas com Alice, porque, para ser honesta, Dr. Hodges, eu reclamei dela antes.

Mas pensei em Alice fingindo estar com camisa de força, a caminho de casa, e a expressão horrorizada em seu rosto, quando ela falou com Nick, ao telefone, no hospital. Pensei em como ela dissera “Você não gosta mais de mim?” e como o vestido dela estava todo amarrotado, por ter dormido com ele, e os cabelos em pé, de um lado, quando saí. Era tão típico da antiga Alice, nem se olhar no espelho, antes de descer. E pensei em como ela chorou comigo, no hospital, quando Olivia nasceu, e em como ela dissera tão inocentemente, hoje, para todos nós: “Quem é Gina?”.

Fiquei passando mal de vergonha, Dr. Hodges. Eu queria dizer a elas: “Ei, é da minha irmã caçula que vocês estão falando”.

Em vez disso, contei como Alice havia perdido a memória e pensava ter vinte e nove

anos, e como isso me fez pensar muito sobre o que meu antigo eu diria dessa vida que estou levando. Disse que meu eu mais jovem poderia achar que está na hora de desistir. Simplesmente desistir. Deixar pra lá.

Sair andando. Chega de injeções. Chega de exames. Chega de tristeza.

É claro que elas estavam atentas como bons soldados cientes de seu dever.

— Jamais desista — elas me disseram e, uma a uma, contaram histórias horrendas de infertilidade e abortos espontâneos que terminaram com belos bebês saudáveis.

Eu ouvia e assentia e sorria e olhava as gaivotas fazendo barulho.

Não sei, Dr. Hodges, simplesmente não sei.



Durante o almoço, Roger se encarregou de atualizar Alice com suas interpretações de todos os

acontecimentos históricos que ocorreram ao longo dos últimos dez anos, enquanto sua mãe decidira simultaneamente fazer a mesma coisa com a vida pessoal de todas as pessoas que ela já tinha conhecido.

— Então, os Estados Unidos invadiram o Iraque, porque nosso velho camarada Saddam estava armazenando armas de destruição em massa — disse Roger.

— Exceto pelo fato de que não havia armas — interrompeu Frannie.

— Bem, quem é que pode saber com certeza?

— Você está brincando, Roger.

— Depois, a Marianne Elton, oh, claro que você se lembra dela, ela era técnica do time de *netball* de Elisabeth e se casou com Jonathon Knox, o agradável e jovem encanador que chamamos quando tivemos aquele problema com os banheiros, naquela Páscoa tão fria, e eles se casaram numa ilha tropical, tão inconveniente para todos, e a pobrezinha da dama de honra teve insolação; de qualquer forma, dois anos atrás, eles tiveram uma filhinha chamada Madeline, o que deixou Madeline muito feliz, como você pode imaginar; eu disse: “Bem, eu nunca esperaria que minhas garotas chamassem uma das filhas de Barbara”, o que não esperava mesmo, mas Madeline é um nome tão conhecido agora; de qualquer forma, a pobre Madeline acabou...

— ... e deixe-me contar, Alice, exatamente o que o governo deveria ter feito logo após os ataques de Bali...

— Ah, e um dos filhos de Felicity estava em Bali! — disse Barb, e o mundo pessoal subitamente cruzou com a política. — Ele pegou um voo para lá um dia antes. Felicity acha que isso quer dizer que ele foi escolhido para fazer algo grandioso, mas, até agora, ele não parece estar fazendo muita coisa além de visitar o Facebook, é assim que se chama, não é, Roger? Facebook?

Frannie disse:

— Alguma coisa disso tudo significa algo para você, Alice?

Alice só estivera ouvindo com parte de sua mente. Ela estava ocupada pensando sobre o conceito do perdão. Era uma ideia adorável e generosa, quando não estava ligada a algo horrível que precisasse ser perdoado. Ela era uma pessoa pronta a perdoar? Não tinha ideia. Nunca se vira na posição de perdoar algo tão grande quanto infidelidade. De

qualquer forma, será que Nick *queria* perdão?

Ela disse a Frannie:

— Não estou precisamente certa.

Algumas coisas que Roger estivera dizendo até podiam parecer familiares, como se fossem coisas que ela tivesse aprendido na escola e depois esquecido. Quando ele falou sobre os ataques terroristas, ela teve uma sensação automática de horror, e talvez até algumas lembranças passageiras: uma mulher de viseira com a mão sobre a boca, dizendo “Oh, minha nossa, minha nossa”. Mas ela não se lembrava de onde estava quando ouviu isso, se estava com Nick, ou sozinha, se vira na televisão, ou ouvira os detalhes no rádio. Ela também parecia reconhecer algumas partes das histórias de sua mãe. Havia algo familiar, por exemplo, sobre “a dama de honra teve insolação”, como frase de uma piada conhecida.

Frannie estava dizendo:

— Bem, ela terá de voltar ao médico. Tem algo errado aqui. Olhe para ela. É óbvio.

— Duvido que eles possam simplesmente transplantar suas lembranças de volta à cabeça — disse Roger.

— Oh, desculpe, Roger, não sabia que você tinha experiência como neurocirurgião — disse Frannie.

— Quem quer um pedaço de torta de creme? — perguntou Barb, radiante.

Capítulo 16

Alice estava sozinha.

Houve uma discussão intensa quanto à prudência de deixá-la sozinha, depois do almoço. Barb e Roger tinham aula de salsa na tarde de sábado. Eles disseram que poderiam *facilmente* perder essa vez, embora, é claro, essa aula fosse especialmente importante porque estavam ensaiando para a Noite do Talento na vila de aposentados de Frannie, mas, de verdade, isso não seria problema, se Alice precisasse deles. Frannie tinha uma reunião importante na vila — algo relacionado com o Natal.

Ela presidiria a reunião, mas poderia *facilmente* ligar para Bev ou talvez Dora, e pedir que fizessem a reunião, embora as duas fossem palestrantes nervosas e provavelmente seriam atropeladas por um novo morador dominador, mas isso não seria o fim do mundo, pois a neta vinha em primeiro lugar.

— Ficarei bem — repetia Alice. — Já tenho quase *quarenta* anos! — ela disse, irreverente, mas deve ter havido algo estranho na forma de falar, pois todos ficaram olhando para ela, por um momento, e depois começou uma nova rodada de ofertas para ficarem.

— Elisabeth estará de volta a qualquer minuto — ela disse, enquanto os enxotava da cozinha, pelo corredor, e para fora da porta. — Podem ir, vai ficar tudo bem!

E em alguns minutos eles estavam no carrão lustroso de Roger, desaparecendo da entrada da garagem, fazendo as pedrinhas brancas voarem.

— Ficarei bem — Alice repetiu para si mesma.

Ela viu a velha Sra. Bergen saindo da casa ao lado, usando um imenso chapéu

mexicano e carregando um par de ferramentas de jardinagem. Gostava da Sra. Bergen, que a estava ensinando a cuidar do jardim. Ela já dera muitas dicas a Alice, sobre os problemas com o limoeiro (sugeriu que Nick desse uma pequena “podada”, o que ele fez, com um entusiasmo revoltante), e ela sempre trazia coisas colhidas em sua própria horta para Alice, gentilmente apontando o que precisava ser regado ou semeado. A Sra. Bergen não gostava muito de cozinhar, então, em retribuição, Alice levava embalagens de *Tupperware* com sobras de ensopados, pedaços de quiche e bolo de cenoura. A Sra.

Bergen já havia feito três sapatinhos de crochê para o bebê, e estava começando a trabalhar num casaquinho e num gorro.

Mas tudo isso foi dez anos atrás.

Alice ergueu a mão num cumprimento afetuoso. A Sra. Bergen baixou a cabeça e virou diretamente na direção de suas azaleias.

Não havia engano. A Sra. Bergen a esnobara.

Será que a meiga Sra. Bergen gritaria e xingaria, como fez Nick, se Alice fosse até lá dizer “olá”?

Isso seria como a cabeça da garotinha que girou em *O exorcista*.

Alice voltou rapidamente para dentro e fechou a porta, sentindo um desejo absurdo de chorar.

Talvez a Sra. Bergen estivesse ficando senil e não a reconhecesse mais. Essa era uma explicação perfeitamente sensata. Sim, isso servia. Por enquanto. Uma vez que ela recuperasse sua memória, tudo entraria nos trilhos. Ah, ela diria, é claro!

Bem, e agora?

Ela ficou imaginando o que costumava fazer durante esses fins de semana em que “Nick ficava com as crianças”. Será que ela gostava da folga? Sentia-se solitária? Queria que as crianças voltassem?

O sensato a fazer era vasculhar a casa em busca de pistas sobre sua vida. Dessa forma, ela estaria pronta quando Nick voltasse amanhã à noite. Poderia ter uma apresentação persuasiva preparada: dez razões pelas quais não devemos nos divorciar.

Talvez ela encontrasse algo sobre Gina. Cartas de amor para Nick? Mas, provavelmente, ele as teria levado quando se mudou.

Ou talvez precisasse fazer algo para a festa desta noite? Mas o quê? A festa parecia estranhamente irrelevante.

Na verdade, ela nem queria ficar em casa. Seu estômago estava muito cheio da torta de creme que ela comera.

— Quer um *segundo* pedaço? — perguntara sua mãe, com um ar contente de surpresa, e Alice teve o palpite de que isso era algo incomum.

Daria uma volta. Isso a faria espairecer. Estava um dia lindo. Para que ficar em casa?

Ela subiu, depois parou no corredor, olhando as portas dos outros três quartos. Ali devia ser onde as crianças dormiam. Ela e Nick os deixaram vazios, exceto por um, que seria o quarto do bebê.

Passaram muito tempo ali, sentados no chão, de pernas cruzadas, planejando e imaginando. Eles haviam escolhido a cor da tinta: azul-oceano. Daria certo mesmo se o bebê os surpreendesse sendo uma menina (o que aconteceu — uma menina!).

Hesitante, Alice empurrou a porta do quarto do bebê.

Ora. O que ela esperava? É claro que não tinha nenhum berço branco, nem mesa para

troca de fraldas, nem cadeira de balanço. Não era mais um quartinho de bebê.

Em vez disso, havia uma cama de solteiro desfeita, cheia de roupas, uma estante lotada de livros, antigos frascos de perfume vazios e potes de vidro. As paredes estavam praticamente cobertas de fotos em preto e branco de cidades europeias. Alice viu um quadradinho de azul, entre dois pôsteres.

Chegou perto e pousou o dedo sobre ele. Azul-oceano.

Havia uma escrivaninha junto de uma das paredes. Ela viu um fichário etiquetado: *Madison Love*.

A escrita era familiar. Parecia com a caligrafia de Alice, quando estava no primário. Ela notou um livro de receitas aberto, virado para baixo, em cima da escrivaninha, e o pegou. Uma receita de lasanha. Madison não seria muito pequena para *cozinhar*? E para pôsteres de cidades europeias?

Alice ainda estava brincando de boneca em sua idade. Sua própria filha estava fazendo-a sentir-se inferior quando tinha nove anos.

Ela cuidadosamente colocou o livro de receitas de volta e saiu do quarto devagarzinho.

A porta do quarto seguinte estava fechada e havia um bilhete pregado.

NÃO ENTRE SEM PERMISSÃO. GAROTAS NÃO TÊM PERMISSÃO PARA ENTRAR. A CONSEQUÊNCIA SERÁ A MORTE.

Minha nossa. Alice soltou a maçaneta e recuou. Afinal, ela era uma garota. Esse só podia ser o quarto de Tom. Talvez ele tenha armadilhas com explosivos. Esses menininhos. Que horror.

O quarto seguinte era mais receptivo. Ela teve de passar em meio às miçangas penduradas no portal. A cama era o sonho de uma menininha: tinha quatro mastros, com uma abóbada de gaze lilás.

Asas de fada pendiam de um gancho na parede. Havia pequenos enfeites de vidro em formato de *cupcakes*, dúzias de animais de pelúcia, um espelho de maquiagem com luzes ao redor, fivelas e laços de cabelo, uma caixa de música, pulseiras de purpurina e colares de miçanga, um rádio estéreo cor-de-rosa, um baú cheio de roupas. Alice se ajoelhou e remexeu as roupas. Tirou um vestido verde conhecido e o segurou à sua frente. Ela o comprara especialmente para sua lua de mel. Foi um dos vestidos mais caros que já tivera. Agora tinha uma mancha marrom na gola e uma bainha recortada com tesoura. Alice soltou o vestido, com a cabeça girando. Havia um cheiro enjoativo no quarto, algo como brilho labial de morango. Ar fresco. Ela decididamente precisava de ar.

Ela foi ao seu quarto e logo encontrou um *short* e uma camiseta, na cômoda, e seus tênis e óculos escuros, ainda na mochila que trouxera do hospital. Desceu a escada rapidamente e tirou um boné de beisebol da chapeleira. O boné tinha escrito *PHILADELPHIA*.

Ela deixou a casa, trancando a porta atrás de si, e notando, aliviada, que a Sra. Bergen voltara para dentro.

Para que lado? Ela virou para a esquerda e saiu em ritmo animado. Uma mulher se aproximava, vindo da direção oposta, empurrando um carrinho com um bebê sério, sentado bem durinho.

Conforme Alice se aproximou, o bebê franziu o rosto para ela, enquanto a mulher sorriu e disse: — Não vai correr hoje?

— Hoje, não — Alice retribuiu o sorriso e continuou andando.

Correr? Minha Nossa Senhora. Ela *detestava* correr. E se lembrou de como ela e a amiga Sophie costumavam enrolar na quadra, no colégio, resmungando e segurando a lateral do corpo, enquanto o Sr. Gillespie gritava: “Pelo amor de Deus, garotas!”.

Sophie! Ela daria uma ligada para Sophie quando chegasse em casa. Se não estava tendo confiança em Elisabeth, talvez Sophie soubesse mais a respeito do que estava se passando entre ela e Nick.

Ela continuou andando, vendo as casas que haviam dobrado de tamanho, como bolos no forno.

Casinhas de tijolinhos que haviam se transformado em mansões cor de cogumelo, com pilastras e torres.

Na verdade, era interessante, pois ela estava andando cada vez mais rápido, em ritmo de meio trote, na calçada, e a ideia de correr não parecia nada tola. Parecia até... agradável.

Seria uma má ideia, com a lesão da cabeça? Provavelmente, péssima ideia. Mas talvez isso fosse colocar todas as lembranças de volta no lugar.

Ela começou a correr.

Seus braços e pernas entraram num ritmo suave; ela passou a respirar profunda e lentamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Oh, que sensação boa. Parecia certo. Parecia algo que ela fazia.

Na Rua Rawson ela virou à esquerda e acelerou o ritmo. As folhas avermelhadas dos liquidâmbares tremulavam sob a luz do sol. Um carro branco lotado de adolescentes passou com o som a toda. Ela passou por uma entrada de garagem, onde um grupo de crianças estava gritando e brincando com pistolas de água. Alguém ligou um cortador de grama.

Mais à frente, o carro branco com os adolescentes encostou na esquina da Rua King.

Uma sensação de pânico momentâneo explodiu em seu peito. Estava acontecendo outra vez, exatamente como fora no carro, com Elisabeth. Suas pernas tremiam de forma tão ridícula que ela teve de se agachar na calçada, esperando que aquilo passasse. Um grito de terror se alojou em sua garganta. Se ela o soltasse, seria muito constrangedor.

Ela olhou em volta, com as mãos no chão para se equilibrar, o peito insuflando, e viu que as crianças com as pistolas de água ainda corriam de um lado para o outro, como se o mundo não tivesse se tornado sombrio e perverso. Ela olhou de volta para o fim da rua, onde o carro branco estava esperando uma chance para entrar no tráfego.

Isso estava relacionado com um carro encostado naquela esquina.

Ela se sentia quente e fria ao mesmo tempo, como se estivesse gripada. *Pelo amor de Deus*. Será que ia passar mal novamente? Todo aquela torta de creme. As crianças poderiam limpar com suas pistolas de água.

Alguém buzinou.

— Alice?

Alice abriu os olhos.

Um carro havia encostado do outro lado da rua, e um homem estava inclinado para fora da janela.

Ele abriu a porta do carro e rapidamente atravessou a rua, vindo em sua direção.

— O que aconteceu?

Ele ficou em pé, diante dela, bloqueando o sol. Alice apertou os olhos e o olhou, muda. Ela não conseguia ver as feições de seu rosto. Ele parecia extremamente alto.

Ele se abaixou ao lado dela e tocou seu braço.

— Você desmaiou?

Agora ela podia ver seu rosto. Era um rosto comum, meigo, magro, de meia-idade. O rosto de um jornalista amigável, com quem você conversa sobre o clima.

— Venha. Levante — disse ele, e a ergueu pelos cotovelos, fazendo-a ficar de pé. — Vamos levá-la para casa.

Ele a conduziu ao outro lado da rua, até o carro, e a colocou no banco do passageiro. Alice não conseguia decidir o que dizer, então não disse nada. Uma voz que vinha de trás do carro disse: — Você caiu e se machucou?

Alice se virou e viu um menininho de olhos castanhos encarando-a, ansiosamente.

Ela disse:

— Estou bem, só me senti meio esquisita.

O homem entrou no carro e ligou o motor.

— Estávamos indo para sua casa e então Jasper a viu. Você estava indo correr?

— Sim — disse Alice. Eles pararam na esquina da Rawson com a King. Ela não sentiu nada.

— Vi Neil Morris no mercado, nesta manhã — disse o homem. — Ele disse que a viu sendo carregada da academia, numa maca, ontem! Deixei alguns recados para você, mas não...

A voz dele foi sumindo.

— Eu caí e bati a cabeça durante a aula de *step* — disse Alice. — Estou bem hoje, mas não deveria estar correndo. Isso foi imbecil de minha parte.

O menininho chamado Jasper deu uma risadinha, no banco de trás.

— Você não é imbecil! Às vezes, meu pai é imbecil. Como hoje, ele esqueceu três coisas e nós tivemos de ficar parando o carro e ele dizia: “Cabeça de vento!”. E foi bem engraçado. Bom, a primeira coisa foi a carteira. A segunda foi o celular. A terceira coisa foi... é... bom, a terceira coisa... Pai, o que foi a terceira coisa que você esqueceu?

Eles estavam encostando na entrada da garagem de Alice. Pararam o carro e o menininho desistiu da terceira coisa, escancarou a porta e correu na direção da varanda.

O homem puxou o freio de mão, depois se virou para olhar Alice, com um ar terno de preocupação.

Ele colocou a mão em seu ombro.

— Acho que é melhor você colocar os pés para cima, enquanto Jasper e eu cuidamos dos balões.

Balões. Provavelmente para a festa.

— Isso é meio estranho — Alice começou a falar.

O homem sorriu. Ele tinha um sorriso adorável. E disse:

— O quê?

Alice disse:

— Não tenho a menor ideia de quem você é.

(Mas, na verdade, havia algo no sorriso e na mão dele em seu ombro que lhe dava uma ideia.) A mão do homem recuou como um elástico.

— Alice! — disse ele. — Sou eu, Dominick.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Apenas uma nota breve, já que tantos de vocês têm mandando *e-mails* para saber da melhora de Alice. Lamento dizer que Alice simplesmente NÃO tem sido ela mesma! Ela não tinha qualquer lembrança de sua amiga Gina. (Já falei desses acontecimentos terríveis **aqui**). É um tanto assustador.

Por muito tempo, Gina teve um papel muito importante na vida de Alice. (Alice tem uma leve tendência a cultivar heróis.) Eu me lembro de Gina fazendo algum comentário sobre a roupa de Alice numa festa de aniversário de uma das crianças. Foi algo do tipo “Sua blusa tal fica bem melhor com essa saia”. Ela era uma daquelas mulheres que tinham uma opinião definida sobre qualquer assunto. Alice voltou imediatamente lá para cima e trocou de blusa. Um incidente um tanto trivial, mas lembro que isso pareceu irritar Nick.

COMENTÁRIOS

Vovó Maravilha disse...

Uma vez, eu tive uma dessas amigas autoritárias. Meu marido também não gostava dela! Espero que Alice esteja indo a um bom médico.

DorisdeDallas disse...

Tenho certeza de que em breve Alice estará novinha em folha. Qual é a última do Cavaleiro X?

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Algo engraçado aconteceu quando cheguei em casa, do almoço com as Inférteis. Não uma coisa de rolar de rir. Apenas algo ironicamente cômico.

Dirigindo de volta para casa, após almoço, fiquei pensando sobre desistir. A ideia foi ficando cada vez mais forte em minha cabeça. Subitamente, ela me parece bem óbvia. Não posso passar por outro aborto espontâneo. Não posso. Para mim chega. Eu não sabia que já passara pelo suficiente, mas no fim das contas, passei.

Nós costumávamos ficar estabelecendo prazos. Depois do meu aniversário de quarenta anos, chega. Depois do Natal, acabou. Mas todas as vezes, nós pensávamos, bem, o que mais podemos fazer? Já tínhamos viajado, ido a muitas festas, assistido a muitos filmes e concertos, muitas vezes ficamos em casa dormindo. Fizemos todas aquelas coisas das quais as pessoas que têm filhos parecem sentir muita falta. Não queríamos mais essas coisas. Queríamos um bebê.

Lembro-me de pensar na forma como as mães estão prontas a entrar em prédios em chamas para salvar a vida de seus filhos. Pensei que eu deveria conseguir passar por um pouquinho mais de sofrimento, um pouquinho mais de inconveniência, para *dar* vida aos meus filhos. Isso fazia eu me sentir nobre. Mas agora percebo que sou uma louca que entra correndo num edifício por filhos que não existem. Meus filhos jamais existirão.

Estiveram sempre em minha mente. Isso é o mais constrangedor de tudo. Cada vez que eu caía em prantos por um bebê perdido era como chorar pelo fim de um relacionamento no qual nunca havia saído com o cara. Meus bebês não eram bebês. Eram apenas microscópicos ramalhetes de células e minúsculos bonequinhos incompletos que jamais seriam qualquer outra coisa. Eram apenas minhas próprias esperanças desesperadas. Bebês de sonho.

E as pessoas precisam abrir mão dos sonhos. Aspirantes a bailarinos precisam aceitar que seus corpos não são apropriados para o balé. Ninguém nem mesmo sente pena deles. Bem, pense em outro emprego. Meu corpo não é apropriado para bebês. Falta de sorte.

Na faixa de pedestres, eu vi uma mulher grávida, uma mulher empurrando um carrinho, uma mulher segurando a mão de uma criança. E, na verdade, não senti nada, Dr. Hodges. Nada! Para uma infértil, é uma coisa ótima ver uma mulher grávida e não sentir nada. Nenhuma sensação de facada no estômago, de tanta amargura. Nenhum franzido na boca, de inveja.

Então, aqui está o engraçado.

Cheguei em casa e Ben não estava na garagem, consertando o carro. Estava sentado na cozinha, com uma papelada espalhada na mesa, e eu notei que seus olhos estavam meio vermelhos e inchados.

Ele disse:

— Andei pensando.

Eu disse a ele que também andara pensando, mas ele podia falar primeiro.

Ele disse que andou pensando no que Alice tinha falado na semana passada e concluiu que ela estava cem por cento certa.

Ah, *Alice*.

Alice sentou no sofá e ficou vendo Dominick usar um cilindro de gás para encher balões azuis e

prateados. Ele e Jasper tinham finalmente se cansado de soprar e falar com a voz fina. Jasper riu tanto com o pai cantando “Somewhere over the Rainbow” com voz fina que Alice ficou preocupada que ele fosse parar de respirar.

Agora ele estava lá fora, no quintal, usando um controle remoto para habilmente movimentar um helicóptero em miniatura.

— Ele é muito bonitinho — disse Alice, enquanto o observava. Ela imaginou que Jasper estivesse na mesma turma de Olivia. Sua filha. Aquela de marias-chiquinhas lourinhas.

— Quando não está sendo um monstro psicótico — disse Dominick.

Alice riu. Talvez, excessivamente. Ela realmente não entendia de humor de pais. Talvez ele realmente fosse um monstro psicótico e isso não era engraçado.

— Então — disse ela —, quanto tempo faz que estamos... é... nos vendo?

Dominick a olhou rapidamente e desviou o olhar. Ele amarrou a ponta do balão e o olhou subindo ao teto.

Sem olhá-la, ele disse:

— Aproximadamente um mês.

Alice dissera a Dominick que os médicos falaram que sua perda de memória era apenas temporária. Ele pareceu aterrorizado e dava a impressão de estar falando com ela gentilmente, como se ela fosse intelectualmente incapacitada. A menos, é claro, que essa fosse sua forma habitual de falar com ela.

— E está... indo bem? — Alice perguntou, descontraidamente. Era bizarro. Ela o beijara? *Tinha dormido com ele?* Ele era bem alto. Não era feio. Apenas um estranho. Ela se sentia repelida e ligeiramente excitada pela ideia. Isso a lembrava de conversas de adolescentes. Ai, meu Deus, imagine fazer sexo com *ele*.

— Hum-hum — disse Dominick. Ele estava fazendo algo engraçado e nervoso com a boca. Era um daqueles tipos meio desajeitados.

Ele pegou outro balão e prendeu no cilindro de gás, depois a olhou diretamente no rosto e disse, sério:

— Bem, eu acho que sim. — Na verdade, ele não era feio.

— Ah. — Alice se sentia agitada e exposta. — Bem, que bom. Eu acho.

Ela queria que Nick estivesse sentado ao seu lado. Com a mão morna em sua perna. Apropriando-se dela. Para que ela pudesse conversar, talvez até flertar com esse homem perfeitamente legal, de forma apropriada, segura.

— Você parece diferente — disse Dominick.

— Em que sentido?

— Não sei explicar.

Ele não disse mais nada. Aparentemente, não era falante como Nick. Ela ficou se perguntando o que vira nele. Será que gostava dele tanto assim? Ele parecia meio tedioso.

— Em que você trabalha? — perguntou ela. A pergunta habitual de quem está namorando. Tentando, injustamente, encaixá-lo em algum tipo de personalidade.

— Sou contador — disse ele.

Fabuloso.

— Ah, sim.

Ele sorriu.

— Só estou testando para ver se você realmente perdeu sua memória. Sou merceeiro. Vendendo legumes e frutas.

— É mesmo? — Ela ficou imaginando mangas e abacaxis grátis.

— Não!

Ai, Deus, esse homem era um *nerd*.

— Sou diretor da escola.

— É nada.

— Agora estou falando sério. Sou diretor da escola.

— Que escola?

— Aquela que seus filhos frequentam. Foi lá que nos conhecemos.

Diretor da escola. *Direto para a sala do diretor!*

— Então, você vai estar presente esta noite? Nesta festa?

— Sim. Estou meio que jogando em dois times, pois o Jasper está no jardim de infância e esta festa é para os pais dos alunos do jardim de infância. Então, será...

Ele tinha o hábito de não completar as frases, e sua voz simplesmente ia desaparecendo, como se imaginasse que o término da frase fosse óbvio demais e não

fizesse sentido dizer em voz alta.

— E por que sou a anfitriã? — perguntou Alice. Parecia algo extraordinário. Por que ela pensaria em fazer algo assim?

Dominick ergueu as sobrancelhas.

— Bem, porque você e sua amiga Kate Harper são mães de classe.

— Você quer dizer que somos mães com classe?

Ele sorriu, incerto.

— As mães da classe organizam eventos sociais para todas as outras mães, e se comunicam com os professores, organizam as leituras, esse tipo de...

Ai, Senhor. Isso parecia horrendo. Ela se tornara uma daquelas pessoas cívicas, engajadas.

Provavelmente era orgulhosa e esnobe. Ela sempre soubera possuir uma tendência à presunção.

Podia até se imaginar desfilando com suas roupas lindas.

— Você faz muito pela escola — disse Dominick. — Temos muita sorte de tê-la. Falando nisso, o grande dia está chegando. Nossa! Espero que você já esteja boa para isso!

Aquele homem na esteira da academia também mencionara um “grande dia”.

— O que quer dizer? — perguntou Alice, com um mau pressentimento.

— Você vai nos colocar no Livro dos Recordes.

Ela sorriu, pronta para rir da próxima piada.

— Não, é sério. Você não se lembra de nada disso? Você vai assar o maior merengue de limão do mundo no Dia das Mães. É um grande acontecimento. Metade do dinheiro arrecadado irá para a escola, e metade vai para a pesquisa de câncer de mama.

Alice lembrou-se do sonho com o imenso rolo de macarrão.

— Eu vou assar? — perguntou ela, em pânico. — Essa imensa torta merengue de limão?

— Não, não. Você terá cem mães fazendo isso — disse Dominick. — Será incrível. — Ele deu um nó na ponta de outro balão. Alice olhou para cima e viu que o teto agora estava coberto de balões azuis e prateados.

Nesta noite ela seria anfitriã de uma festa, e no fim de semana seguinte planejava quebrar um recorde mundial. Meu bom Deus. No que ela se transformara?

Ela olhou de volta para baixo e viu que Dominick a encarava.

— Já descobri — disse ele. — O que há de diferente em você.

Ele se sentou ao lado dela. Perto demais. Alice tentou se mover para se afastar, mas seria muito difícil, no sofá de couro, sem fazer uma cena. Então, ficou parada, com as mãos no colo, feito uma garotinha de escola. Claro que ele não faria nada, com o filho a apenas alguns metros de distância.

Ele estava tão perto que ela podia ver uma penugem escura em seu queixo e sentir seu cheiro: pasta de dentes, talco (Nick cheirava a café, colônia pós-barba, o alho da noite anterior).

De perto, seus olhos tinham o mesmo tom castanho-chocolate dos olhos do filho. (Os de Nick eram cor de mel ou verdes, dependendo da luz; as íris eram circundadas de dourado e seus cílios eram tão claros que sob o sol pareciam brancos.)

Dominick chegou mais perto. Ai, minha Nossa Senhora, o diretor da escola ia beijá-

la e seria errado dar-lhe um tapa, pois ela talvez já o tivesse beijado.

Não. Ele pressionou o polegar no meio de suas sobrancelhas. O que estava *fazendo*? Seria algum tipo de ritual estranho de gente de meia-idade? Ela deveria fazer o mesmo nele?

— Você perdeu o franzido — disse ele. — Você sempre tem um franzido bem aqui, como se estivesse se concentrando, ou preocupada com alguma coisa, mesmo quando está contente. Agora é...

Ele afastou o polegar. Alice expirou aliviada. Ela disse:

— Não sei se você deve dizer a uma mulher que ela tem um franzido permanente. — A frase saiu num tom de flerte.

— De qualquer forma, você continua deslumbrante — disse ele, segurando-a por trás da cabeça e beijando-a.

Não foi desagradável.

— Eu vi!

Jasper estava em pé, diante deles, segurando seu helicóptero numa das mãos. Seus olhos estavam arregalados e alegres.

Alice pousou um dedo sobre a boca. Ela havia beijado outro homem. Não somente deixara que ele a beijasse; ela retribuía o beijo. Sem qualquer motivo além de interesse, realmente. Educação.

(Talvez uma pontinha de atração.) A culpa explodia como azia em seu peito.

Jasper ria à toa.

— Vou contar para a Olivia que meu pai beijou a mãe dela! — Ele dançava no mesmo lugar, dando socos no ar, com o rostinho contorcido de prazer e desgosto. — Meu pai beijou a mãe dela! Meu pai beijou a mãe dela!

Minha nossa. Será que os filhos de Alice eram assim? Meio... dementes?

Dominick tocou Alice gentil e respeitosamente no braço e levantou. Ele agarrou Jasper e o virou de cabeça para baixo, pelos tornozelos. Jasper dava gritinhos e ria, e deixou cair o helicóptero.

Alice os olhava e tinha uma sensação estranha de desagregação. Ela realmente acabara de beijar esse homem? Esse tímido diretor de escola? Esse pai alegre?

Talvez fosse sua lesão na cabeça que a levara a fazer isso. Sim, ela estava sob cuidados médicos.

Não estava em seu estado normal.

Depois ela lembrou que não havia necessidade de se sentir culpada, porque Nick estava de caso com a tal de Gina. Certo. Agora estavam quites.

Jasper percebeu que havia quebrado um pedaço de seu helicóptero e gritou, e se contorceu, como se estivesse em terrível agonia. Dominick disse:

— O quê? O que foi, parceirinho? — E o virou de cabeça para cima.

A cabeça de Alice começou a doer novamente.

Quando Elisabeth voltaria? Ela precisava de Elisabeth.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges Enquanto eu estava dirigindo de volta para a casa de Alice, pensei em Gina. Agora, sempre penso nela. Ela ganhou uma aura de mistério. Houve um dia em que eu a achava irritante.

Não tenho certeza de por que não gostei tanto dela desde o começo. Talvez fosse porque estivesse claro que ela e Michael e Alice e Nick formavam um quarteto tão

entrosado. Eles costumavam entrar e sair da casa uns dos outros o tempo todo. Nem precisavam bater. Muitas piadas particulares.

Davam comida para os filhos uns dos outros. Gina saía de sua casa, de maiô — sem camiseta, nem toalha amarrada, sem qualquer constrangimento, como uma criança. Ela tinha um corpo arredondado, cor de café. Seus belos seios balançavam, arrastando os olhos masculinos. Acho que me lembro de uma história sobre todos eles ficando bêbados e indo nadar nus, na piscina, numa noite de verão. Um comportamento bem anos setenta da parte deles.

Ela e Alice eram radiantes e risonhas, bebendo champanhe, e eu ficava dura como um boneco de papelão. Minha risada era forçada. O fato de Gina conhecer minha irmã melhor que eu pareceu acontecer tão rápido.

Os filhos de Gina foram produto de fertilização *in vitro*. Ela fazia muitas perguntas de especialista, interessada. Afagava minha mão com simpatia (era do tipo meigo, dava beijinhos em ambas as bochechas, todas as vezes que a via; uma vez, ouvi Roger dizer a ela: “Ah, eu gosto da forma como vocês, europeias, dizem olá!”) e dizia entender *exatamente* o que eu estava passando. E era bem provável que soubesse, só que agora estava tudo em seu passado. Dava para ver que suas lembranças eram cor-de-rosa, por conta do final feliz. Você pode pensar que eu pudesse me inspirar nela — ela era uma história de sucesso. Havia percorrido o campo minado da infertilidade e chegara ao outro lado em segurança. Mas eu a achava complacente. É fácil achar que o campo minado não é tão ruim, quando você está segura, olhando os outros explodindo. Eu sentia que não podia reclamar para Alice, pois Gina provavelmente falava em sua orelha, dizendo, por experiência própria, que não era tão ruim e eu estava apenas sendo melodramática.

Uma noite, liguei para Alice para dizer que havia perdido outro bebê.

Tive uma náusea terrível com aquela gravidez. Sentia ânsia todas as vezes que escovava os dentes.

Precisei sair correndo do cinema porque o perfume de uma mulher próxima (Opium), misturado ao cheiro de sua pipoca, estava me dando ânsia. Achei que certamente dessa vez seria um sinal de sorte.

Rá, rá. Não significou nada.

Quando liguei para Alice, ela atendeu o telefone rindo. Gina estava ao fundo, rindo, gritando algo sobre abacaxi. Eles estavam inventando drinques para um encontro da escola. Claro que Alice parou de rir quando lhe dei a notícia, e fez uma voz triste, mas não conseguiu conter totalmente o final da risada. Eu me senti como a irmã tediosa, com outro aborto tedioso, arruinando a diversão dela com más notícias ginecológicas. Alice deve ter sinalizado para Gina porque o riso dela parou, como se um botão tivesse sido desligado.

Eu disse a ela que não se preocupasse, que poderíamos falar mais tarde, e logo desliguei. Depois joguei o telefone do outro lado da sala e ele bateu num belo vaso que eu trouxera da Itália, quando tinha vinte anos, e deitei no sofá e berrei numa almofada. Ainda lamento por aquele vaso.

Alice não me ligou no dia seguinte. E dois dias depois Madison quebrou a clavícula. Então, ficamos distraídas e ocupadas no hospital, preocupadas com ela. Meu aborto ficou esquecido entre os coquetéis com Gina e o acidente de Madison. Alice nunca o mencionou. E me pergunto se ela esqueceu.

Acho que foi aí que começou a frieza entre nós.
Sim, eu sei. Infantilidade mesquinha, mas pronto, é isso.

Capítulo 17

Grandes reflexões de uma bisavó!

Ontem, minha filha Barb me perguntou se havia algo que eu realmente precisasse para o Dia das Mães. Você gostaria de saber qual foi a primeira coisa que me veio à cabeça?

Um. É um saco especial que você coloca na cabeça, e ele lhe permite morrer em paz, durante o sono, por conta do pouco oxigênio. Ou, alternativamente, adoraria ter a . É uma pílula para o suicídio indolor. Infelizmente, Barb teria de ir ao México para obtê-la, e ela acha que dirigir até Parramatta já é demais.

Bem, eu posso até imaginá-los gaguejando diante da tela de seus computadores. Não se preocupem, eu disse a ela que adoraria uma nova toalha de mão e um sabonete perfumado.

Não estou doente. Até onde eu sei, estou com uma saúde excelente. No entanto, em agosto, eu faço setenta e cinco anos. Era a idade de minha querida mãe quando eu a perdi para o câncer. Simplesmente me aterroriza pensar em passar pelas mesmas indignidades. Não é tanto pela dor, mas pela falta de controle. Enfermeiras condescendentes dizendo: “Como vai você hoje?”. Não ser capaz de escolher quando comer, ou dormir, ou tomar banho. Ah, isso me faz estremecer! Seria um alívio do peso em meus ombros, se eu tivesse um saco de partida, ou uma pílula da paz, seguramente guardados na gaveta da minha mesinha de cabeceira, então eu poderia parar de pensar e de me preocupar com isso. Realmente seria um presente especial.

Enquanto isso, tive mais oito cancelamentos de minha viagem de ônibus para a palestra da eutanásia. Aparentemente, toda aquela conversa sobre o bar era papo furado. O Cavaleiro X organizou um respeitável cruzeiro pela enseada. Todos estão muito empolgados com isso e todo mundo parece ter esquecido que eu mesma organizei um cruzeiro pela enseada, no Natal do ano passado. Até parece que o X inventou o cruzeiro pela enseada.

Preciso dizer que estou meio chateada por isso.

Falando de notícias mais alegres, minha linda bisneta irá se apresentar na Noite do Talento! Tentarei me lembrar de publicar algumas fotos. Barbara e seu marido Roger farão um número de salsa. Eles me perguntaram se os moradores estariam interessados em aprender a dançar salsa. Isso seria um prato cheio para o X, não seria? Quanto mais obscuro, melhor.

COMENTÁRIOS

Beryl disse...

Ah, Frannie, eu realmente me engasguei com o sanduíche quando li sua mensagem! Frannie, meu bem, você não acha que está ficando meio obcecada com isso? Estou

preocupada com você.

AB74 disse...

É simples. Arranje um revólver. Rápido, eficiente, uma bala na cabeça. Bang! Agora vá se juntar aos outros no cruzeiro e esqueça isso!

(Mande um *e-mail* particular para mim, se quiser ajuda para arranjar um revólver barato e seguro.)

DorisdeDallas disse...

Você não mencionou se já convidou o Cavaleiro X para um drinque.

P.S.: E você ainda não nos contou como se decepcionou no amor.

P.S.2: Por favor, não mande um *e-mail* para o AB74! Ele parece pertencer à máfia!

A Sporty Mama disse...

Tenho lido este *blog* desde que começou e não fiz comentários antes, mas tenho de dizer que esta última mensagem foi irresponsável e imoral. Fiquei com o estômago embrulhado. Não voltarei.

O Cara de Brisbane disse...

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Frank Neary disse...

Lamento ouvir que algum bobalhão a decepcionou, Srta. Jeffrey! Mas nunca é tarde para amar! Eu ficaria feliz em levá-la para sair.

Para dançar? Um cinema? O que lhe agrada?

Vovó Maravilha disse...

Talvez seja uma bênção disfarçada que Alice tenha esquecido o que aconteceu com Gina.



— Nick!

Alice sentou-se como um raio, o coração disparado, a respiração ofegante. Ela apalpou a cama, procurando por Nick, para acordá-lo e contar sobre o pesadelo, embora os detalhes já estivessem escapando e começasse a parecer tolice. Algo relacionado com uma... árvore?

Uma árvore imensa. Galhos negros contrastando com o céu tempestuoso.

— Nick?

Normalmente, ele acordava de imediato quando ela tinha um pesadelo, com a voz rouca de sono, e instantaneamente a acalmava:

— Tudo bem, foi só um sonho, um sonho ruim. — Parte de sua mente sempre pensava: “Ele será um pai tão bom”.

Ela apalpou os lençóis. Ele devia ter ido buscar um copo de água. Ou será que ainda não tinha vindo para a cama?

Nick não está aqui, Alice. Ele mora em outro lugar. Está num voo, voltando de Portugal amanhã de manhã, e você não estará lá para encontrá-lo. Talvez Gina vá buscá-lo no aeroporto. Ah, e hoje você beijou um diretor de escola. Lembra? Lembra? Será que você poderia, por favor, simplesmente se LEMBRAR de sua vida, sua tola?

Ela acendeu o abajur ao lado da cama, jogou longe os lençóis e levantou. Agora, não

tinha mais jeito de voltar a dormir.

Certo.

Ela alisou a camisola. Era uma camisola sem mangas, de seda cor de ostra. Devia ter custado uma fortuna. A maior estupidez de todas era não lembrar de ter comprado. Ela estava farta. Queria se lembrar de tudo, agora mesmo.

Foi até o banheiro e encontrou o vidro de perfume que havia usado no hospital. Borrifou bastante e inalou profundamente. Daria um tranco para mergulhar no vórtice de sua memória.

O perfume invadiu suas narinas, deixando-a ligeiramente enjoada. Ela esperou que as imagens dos últimos dez anos preenchessem sua mente, mas tudo o que conseguiu ver foram estranhos rostos sorridentes da festa desta noite, e os olhos castanhos de Dominick, e sua mãe sorrindo recatada para Roger, e as rugas de decepção na boca de Elisabeth.

Todas essas lembranças estavam frescas e confusas demais. Esse era o problema. Não havia espaço para as antigas lembranças.

Ela se sentou nos ladrilhos frios do banheiro e abraçou os joelhos. Toda aquela gente, nesta noite, marchando contente casa adentro, servindo-se de taças de champanhe e pequenos canapés oferecidos por garçonetes de aventais brancos (que apareceram às cinco da tarde e assumiram a cozinha, de forma agradável e eficiente), permanecendo em seu quintal dos fundos em pequenos grupos, com os saltos altos cravando no gramado. “Alice!”, as pessoas diziam, de forma tão familiar, beijando-a nas duas bochechas. Havia muitos beijos nas bochechas em 2008. “Como *vai* você?” Os penteados eram mais leves e menos armados do que em 1998. Faziam a cabeça de todo mundo parecer comicamente menor.

As pessoas falavam sobre o preço do petróleo (como poderia haver *algo* para ser comentado sobre um assunto tão tedioso?), preços de propriedades, aplicações e escândalos políticos. Falavam dos filhos — “Emily”, “Harry”, “Isabel” —, como se Alice os conhecesse intimamente. Havia piadas hilárias sobre uma excursão escolar da qual ela aparentemente participara, em que as coisas haviam dado errado. Havia vozes sérias e sussurradas sobre uma professora que todos detestavam.

Conversaram com ela sobre aulas de *jazz* e balé, aulas de saxofone, de natação, sobre a banda escolar, um festival no colégio, a confeitaria, a turma adicional para crianças superdotadas e talentosas. Nada disso fazia algum sentido. As conversas eram tão detalhadas, tantos nomes, datas, épocas e acrônimos — a aula de EF (Educação Física), a professora de ES (Estudos Sociais). Em duas ocasiões, mulheres diferentes falaram a desconhecida palavra “Botox”, no ouvido de Alice, conforme outra mulher passava. Alice não estava certa se isso era um insulto desprezível ou um elogio invejoso.

Dominick estava sempre por perto, explicando às pessoas que ela ainda não voltara totalmente a si, após o acidente, que na verdade deveria estar na cama. “É típico de Alice seguir em frente!”, eles disseram. (Era típico? Que estranho. Normalmente, ela adorava uma desculpa para ir para a cama.) Realmente não parecia fazer diferença que ela não reconhecesse uma única pessoa. Assentir e sorrir aparentemente era o suficiente para manter as conversas, enquanto Alice se distraía com coisas de seu próprio quintal. Aquela horta já estava naquele canto? Havia um balanço rangendo suavemente com a brisa — será que a Uvinha pulou dali, em seus braços?

Agora, Alice passava as pontas dos dedos pelas juntas dos ladrilhos brancos. (Ela e Nick haviam feito um curso de ladrilheiro para se prepararem para essa tarefa — número 46 em sua lista de Sonho Impossível.) Ela não se lembrava de ter feito isso. Possivelmente perdera *milhares* de lembranças.

Será que Nick estaria na cama com Gina neste momento?

O nome de Gina surgira na festa. Foi estranho. Alice estava conversando — ou, mais precisamente, ouvindo — com uma mulher que usava imensos brincos de diamante e um homem obcecado em conseguir outra samosa, que ficava olhando as bandejas com olhos de águia. O assunto era o dever de casa e a pressão que isso causa nos pais.

— São três da manhã e estou colando palitos de picolé para a casinha do dever de casa de Erin e, eu vou te contar, algo por dentro simplesmente estourou. — A mulher dos brincos estalou os dedos e seus diamantes reluziram.

— Eu posso imaginar — Alice murmurou, embora ela não pudesse. Por que essa garota, a tal de Erin, não fez seu próprio dever de casa? Ou por que não tinham feito juntos? Alice se imaginou rindo, alegremente, com uma filha meiga, enquanto as duas colavam os palitos de picolé e tomavam chocolate quente. E Alice também era *ótima* nesse tipo de coisa. A casinha de sua filha seria a melhor da turma.

— Bem, eles precisam aprender a ter disciplina, não é? Esse não é o sentido do dever de casa? — disse o homem. — Ei! Com licença! São samosas que você tem aí? Ah, *kebabs*. De qualquer forma, nos dias de hoje, você pode procurar qualquer coisa no Google.

O que foi que ela disse? Google? A cabeça de Alice doía.

— Você não pode procurar a casinha de palitos no Google e transformá-la em realidade. De qualquer forma, aposto que *você* não precisa ajudá-los com o dever de casa, precisa? — A mulher lançou a Alice um olhar feminino de quem diz “Homens!”, o que Alice tentou retribuir. (Ela tinha certeza de que Nick teria ajudado.) — Sem dúvida, Laura já está com tudo feito quando você chega em casa do trabalho. Eu me lembro de ouvir Gina Boyle dizer, uma vez, que ela achava que o dever de casa devia ser...

A mulher parou no meio da frase, exageradamente retraída de constrangimento.

— Ah, *desculpe*, Alice. Que insensível de minha parte.

O homem dera um rápido abraço de irmão, ao redor dos ombros.

— Tem sido tão difícil para você. Oh, olhe, deixe-me pegar uma samosa pra você.

Alice ficara horrorizada. Será que *todos* sabiam que Nick a traía com Gina? Era algo de conhecimento público, nesse estranho círculo exclusivo?

Dominick surgira do nada, tirando-a gentilmente dali. Ela estava começando a contar com ele. Até se pegou procurando por ele na multidão, pensando vagamente consigo mesma “*Onde está Dominick?*”, enquanto, ao mesmo tempo, imaginava contar a história a Nick: “Aí, um cara agiu como meu *namorado*, a noite inteira. O que você acha disso?”.

Elisabeth e seu marido Ben também tinham vindo à festa, porque Alice dissera a Elisabeth que teria um ataque de pânico se ela não viesse. Ben era até maior e mais parecido com um urso do que o homem de que Alice se lembrava. Ele parecia um lenhador que havia fugido de um livro de fábulas, e se destacava entre os outros homens de rosto suave, com suas camisas abotoadas e ombros torneados pela academia. Ele parecia gostar muito de Alice. Contou a ela que “estivera pensando muito na conversa

que haviam tido no outro dia”, e depois disse:

— Ah, mas é claro que você provavelmente nem se lembra disso — e deu um peteleco de leve, na lateral da cabeça. Elisabeth apertou os lábios para dentro e desviou o olhar.

— Sobre o que conversamos? — perguntou Alice.

— Agora, não — disse Elisabeth, tensa.

Elisabeth e Ben não circularam muito. Eles conversaram muito com Dominick, quem aparentemente não conheciam. Era estranho ver Elisabeth segurando um drinque, mantendo-se ao lado de Ben. Ela costumava marchar de pessoa em pessoa, nas festas, como se fosse seu dever conversar com cada um.

Na verdade, o engraçado era que ela achava que teria conseguido conduzir a festa sem Elisabeth ou Dominick, ou mesmo Nick, para ajudá-la. Embora tivesse sido surreal como um sonho encontrar todas aquelas pessoas estranhas que sabiam seu nome e detalhes íntimos de sua saúde (uma mulher tentara arrastá-la para um canto para continuar uma conversa de algumas semanas antes, que aparentemente era sobre o *colo do útero* de Alice), ela não teve aquela sensação habitual de pânico que tinha em festas. Parecia saber instintivamente como se posicionar e o que fazer com os braços e rosto. Sentia que estava sendo graciosa e vibrante, de fato, contando às pessoas a história de como havia caído na academia e pensava ser dez anos mais jovem e estar grávida de seu primeiro filho. As palavras saíam naturalmente. Ela fez contato visual com todos no círculo. Estava *contando uma piada*. Parecia ter se tornado bem normal e realizada, agora que tinha quarenta anos.

Talvez fosse por estar com uma aparência tão boa que se sentia tão confiante. Ela escolhera um vestido azul de seu guarda-roupa, com detalhes bordados ao redor do decote e na bainha.

— Ah, você sempre tem as roupas mais *deslumbrantes*, Alice, querida — disse Kate Harper. As vogais puxadas de Kate foram ficando mais puxadas conforme ela bebia, então até meia-noite ela parecia a Rainha falando. Alice não a suportava.

A festa terminou por volta de uma da manhã. Dominick fora um dos últimos a partir, beijando-a castamente no rosto e dizendo que ligaria no dia seguinte. Não pareceu haver qualquer questionamento quanto a ele dormir lá, portanto o relacionamento deles talvez não tivesse progredido a esse ponto. Ele era um homem muito agradável, alguém que ela ficaria feliz em recomendar a uma amiga, mas a ideia de tirar a roupa em sua frente era risível.

Mas, por outro lado, talvez ele só estivesse sendo discreto porque sabia que Elisabeth e Ben dormiriam lá. Talvez eles tivessem uma vida sexual bem ativa.

Ela estremeceu.

Faltavam menos de vinte e quatro horas para que ela visse Nick e as crianças, e tudo finalmente entraria nos trilhos.

O chão do banheiro estava ficando frio. Ela se levantou e olhou seu rosto cansado no espelho. *Em quem você se transformou, Alice Love?*

Caminhou de volta para o quarto e pensou em voltar a dormir, mas ela sabia que seria impossível.

Leite quente era a resposta. É claro que não era resposta alguma. Isso nunca curou sua insônia, mas o ritual e a sensação de estar fazendo algo recomendado em revistas a

tranquilizavam e ajudavam a passar o tempo.

A porta do quarto de hóspedes estava fechada quando ela passou, devagarzinho, pelo corredor. Ela ficara muito contente em descobrir um quarto de hóspedes (anteriormente, um dos quartos cheios de bagulho), arrumado com uma cama de casal, cômodas de roupas e toalhas.

— Eu estava esperando que alguém viesse ficar aqui? — ela perguntara a Elisabeth.

— Você sempre o manteve assim — Elisabeth dissera. — Você é muito organizada, Alice.

Uma certa severidade voltara à voz dela. Alice não sabia o que aquilo significava. Ela estava começando a se sentir irritada com Elisabeth.

Passou silenciosamente pelo corredor e quase pisou em falso, no alto da escada, agarrando-se ao corrimão. Talvez fosse conveniente que ela caísse e batesse novamente a cabeça. Talvez isso trouxesse de volta todas as suas lembranças.

Ela desceu a escada segurando no corrimão. Ao chegar lá embaixo, viu que havia uma luz na cozinha.

— Oi — disse ela.

— Ah, oi.

Elisabeth estava em pé, junto do micro-ondas.

— Leite quente — disse ela. — Quer um pouco?

— Sim, por favor.

— Não que isso já tenha curado minha insônia.

— Nem a minha.

Alice se recostou no balcão e ficou observando Elisabeth servir uma segunda caneca de leite. Ela estava vestindo uma imensa camiseta masculina que devia ser de Ben. Fez Alice sentir-se puritana demais com sua longa camisola de cetim.

— Como está se sentindo? — perguntou Elisabeth. — Como está sua... memória?

— Nada de novo — disse Alice. — Ainda não me lembro de nada sobre as crianças ou o divórcio.

Embora eu já tenha deduzido que tenha algo que ver com Gina.

Elisabeth a olhou, surpresa.

— O que quer dizer?

— Tudo bem, você não precisa me proteger — disse Alice. — Eu já deduzi que ele teve um caso com ela.

— *Nick* teve um caso com *Gina*?

— Bem, não teve? Todos parecem saber a respeito.

— Isso é novidade para mim. — Elisabeth parecia realmente chocada.

Alice disse, casualmente:

— Ele provavelmente está na cama com ela, agora.

A campainha do micro-ondas tocou e Elisabeth a ignorou.

Ela disse:

— Eu realmente duvido disso, Alice.

— Por quê?

— Porque ela está morta.

Capítulo 18

— Oh — disse Alice.

Ela parou.

— Eu não a matei, matei? Num ataque de fúria? Apesar de que imagino que eu estaria na cadeia, não? Mas talvez eu tenha me safado!

Elisabeth riu de forma escandalizada.

— Não, você não a matou. — Ela franziu o rosto. — Você está dizendo que se lembra de Nick tendo um caso com Gina?

— Não exatamente — admitiu Alice. Parecia tão claro. Ela se animou. Por isso todos pareciam tão solidários quando o nome de Gina surgiu: porque ela estava morta! Não houvera caso algum! Agora ela estava repleta de alívio e amor culpado por Nick. *É claro que você não fez isso, querido, eu nunca realmente desconfiei de você, nem por um segundo.*

E se não tivesse havido caso, talvez Gina até tivesse sido legal. Então, era terrível que ela estivesse morta.

Elisabeth pegou as canecas de leite no micro-ondas e as levou até a mesinha de centro, acendendo um abajur. Os balões de gás que Dominick havia enchido ainda flutuavam perto do teto. Duas taças de champanhe pela metade estavam no parapeito da janela, junto de uma pilha de restos de *kebabs* de frango.

Alice sentou de pernas cruzadas no sofá de couro, puxando a camisola por cima dos joelhos.

— Como foi que Gina morreu? — perguntou ela.

— Foi um acidente. — Elisabeth colocou o dedo no leite e mexeu, evitando os olhos de Alice. — Um acidente de carro, eu acho. Aproximadamente um ano atrás.

— Eu fiquei triste?

— Ela era sua melhor amiga. Acho que você ficou desolada. — Elisabeth bebeu um grande gole de leite e pousou a caneca rapidamente. — Ai! Está quente demais.

Desolada. Que palavra forte. Alice deu um gole no leite e também queimou a língua. Era tão estranho pensar em ficar “desolada” pela morte dessa mulher estranha, mas pelo visto perfeitamente aceitável quanto ao seu divórcio. Ela não tinha experiência em desolação. Nada tão terrível lhe acontecera. Seu pai morrera quando ela tinha seis anos, mas ela praticamente só tinha uma lembrança da sensação confusa.

Uma vez, sua mãe lhe dissera que Alice vestira um colete do pai durante semanas e semanas, depois que ele morreu, recusando-se a tirá-lo, esperneando quando Frannie finalmente o puxou por sua cabeça. Alice não se lembrava de nada disso. Em vez disso, lembrava-se da bronca que levou de uma das amigas que jogavam tênis com a mãe, durante o chá da tarde, após o enterro, por passar o dedo no *cheesecake*, e como Elisabeth estava fazendo a mesma coisa, até *mais* que ela, mas *não levou bronca*. Em vez de se lembrar do pesar e da desolação, ela se lembrava da terrível injustiça do *cheesecake*.

Houve aquela noite, antes de seu casamento, quando ela se viu chorando na cama porque o pai não estava vivo para entrar na igreja com ela. Ficara perplexa pelas lágrimas repentinas e achou que estava apenas nervosa pelo dia seguinte. Temia que

fossem lágrimas falsas porque achava que deveria se sentir daquela forma, quando na verdade nem conseguia imaginar como era ter um pai. E, ao mesmo tempo, ela se sentia satisfeita, porque talvez isso significasse que parte dela lembrava, sim, do pai, e sentia falta dele, e ela chorou com mais força, lembrando que, sempre que estava se barbeando no banheiro, ele apertava um monte de espuma de barba em suas mãos esticadas, para que ela pudesse esfregar no rosto todo, e olhe que coisinha *lindinha* e *comovente*, e ela realmente torcia para que a cabeleireira conseguisse arrumar sua franja no dia seguinte, pois, quando se descabelava, ficava parecendo um fascólomo. Pronto, era isso. Ela era uma pessoa horrível e superficial, na verdade mais preocupada com seus cabelos do que com o pai morto. Finalmente adormecera, numa onda de emoção que ela não sabia se deveria atribuir ao pai ou aos cabelos.

Agora, aparentemente, ela tinha experimentado o pesar adulto por uma mulher chamada Gina.

— Você estava lá — disse Elisabeth, baixinho.

— Perdão? Eu estava onde?

— Você viu o acidente de Gina. Estava dirigindo logo atrás dela. Deve ter sido terrível para você.

Nem posso imaginar...

— Na esquina da Rua Rawson com a King? — interrompeu Alice.

— Sim. Você se lembra?

— Na verdade, não. Acho que só me lembro da sensação. Já aconteceu duas vezes. Eu tenho uma sensação de pânico, de pesadelo, quando vejo aquela esquina.

Será que aquelas sensações passariam agora que ela sabia o que significavam?

Ela não sabia se queria se lembrar de alguém morrendo à sua frente.

Elas beberam o leite em silêncio, por alguns instantes. Alice esticou a mão para pegar o fio pendurado de um dos balões e o puxou. Ela o olhou flutuando e novamente se lembrou daqueles balões cor-de-rosa flutuando sob o céu tempestuoso.

— Balões cor-de-rosa — ela disse a Elisabeth. — Eu me lembro de balões cor-de-rosa e uma terrível sensação de tristeza. Isso tem alguma coisa a ver com Gina?

— Foi em seu enterro — disse Elisabeth. — Você e Michael — é o marido dela — organizaram para que os balões fossem soltos no cemitério. Foi muito bonito. Muito triste.

Alice tentou se imaginar falando sobre balões com um homem desolado chamado Michael.

Michael. Esse era o nome naquele cartão de visitas em sua carteira. Michael Boyle — o fisioterapeuta de Melbourne — só podia ser o marido de Gina. Por isso ele teria escrito sobre “momentos mais felizes” no verso do cartão.

— Gina morreu antes de minha separação com Nick? — perguntou Alice.

— Sim, acho que seis meses antes. Você teve um ano bem difícil.

— Parece.

— Eu lamento — disse Elisabeth.

— Tudo bem. — Alice olhou para cima, com um ar de culpa, preocupada por parecer cheia de autopiedade. — Eu nem me lembro de Gina. Ou do divórcio.

— Bem, você vai precisar ver aquele neurologista — disse Elisabeth, mas ela falou sem convicção, como se Alice não pudesse ser incomodada por ela forçar o assunto.

Elas ficaram em silêncio por um tempo, exceto pelo barulho intermitente do aquário.

— Sou eu quem deve alimentar aqueles peixes? — perguntou Alice.

— Não sei — disse Elisabeth. — Na verdade, acho que são de responsabilidade do Tom. Acho que ninguém mais tem permissão para ter qualquer ligação com eles.

Tom. O menininho de cabelos claros com a voz fanhosa ao telefone. Ela se sentiu aterrorizada com a ideia de encontrá-lo. Ele se encarregava dos peixes. Tinha responsabilidades e opiniões. As três crianças tinham opiniões. Teriam opiniões sobre Alice. Talvez nem gostassem muito dela. Talvez ela fosse severa demais. Ou talvez ela os deixasse constrangidos, vestindo as roupas erradas, quando ia buscá-los na escola. Talvez eles preferissem Nick. Talvez a culpassem por afastar Nick.

Ela disse: — Como são eles?

— Os peixes?

— Não, as crianças.

— Ah, bem, são ótimas.

— Mas conte-me sobre eles, direito. Descreva suas personalidades.

Elisabeth abriu a boca e fechou novamente.

— Eu me sinto tola lhe falando sobre seus filhos. Você os conhece muito melhor que eu.

— Mas eu não me lembro de tê-los tido.

— Eu sei. Mas é tão difícil acreditar. Você parece exatamente como é. Tenho a impressão de que a qualquer segundo você terá sua memória de volta e então dirá: “Oh, por favor, não *me* fale dos *meus* filhos”.

— Pelo amor de Deus — disse Alice.

— Está certo, certo. — Elisabeth ergueu as mãos. — Vou tentar. Então, Madison, bem, Madison é... — Ela parou. — A mamãe faria isso bem melhor que eu. Ela vê as crianças o tempo todo. Você deveria perguntar a ela.

— Mas o que quer dizer? Você conhece meus filhos, não conhece? Achei, bem, achei que você os conhecesse melhor do que qualquer um. Você me deu o primeiro presente para o bebê. Pequenas meias.

Elisabeth havia sido a primeira pessoa para quem Alice ligou depois que ela e Nick colocaram o teste de gravidez positivo em cima da mesa. Ela estava muito empolgada. Elisabeth apareceu com champanhe (“Para mim e para Nick, não para você!”), uma edição de *O que esperar quando você está esperando* e as meias.

Elisabeth disse:

— Dei? Não me lembro disso. — Ela pousou a caneca e pegou um porta-retratos da mesa ao seu lado. — Eu via as crianças sempre, quando eram pequenas. Eu os adorava. É claro que ainda adoro. É

que vocês todos são tão ocupados. As crianças têm tantas atividades. Todos eles fazem natação.

Olivia tem balé e *netball*. Tom joga futebol e Madison joga hóquei. E as festas de aniversário! Eles sempre têm alguma festa de aniversário. A vida social deles é impressionante. Lembro-me de quando eles eram pequenos e eu sempre sabia exatamente o que dar nos aniversários. Eles rasgavam o papel de embrulho, frenéticos. Agora eu preciso te ligar, e você me diz exatamente aonde ir e o que pedir.

Ou, então, você mesma compra e eu te dou o dinheiro. Depois você faz as crianças

me mandarem cartões de agradecimento. *Querida titia Libbie. Muito obrigada pelo meu blá-blá-blá.*

— Um cartão de agradecimento — repetiu Alice.

— Sim, eu sei, eu sei, isso é ensiná-los a ter boas maneiras e tudo o mais, porém, eu meio que detesto aqueles cartões. Sempre imagino as crianças resmungando e sendo forçadas a escrever. Isso faz com que eu me sinta uma tia velha.

— Oh, desculpe.

— Não! Não posso acreditar que reclamei de seus cartões de agradecimento. Eu me tornei uma velha amarga. Você notou?

— Parece mais que eu me tornei... — Alice não sabia como descrever a pessoa que ela parecia ter se tornado. Insuportável?

— Bem — disse Elisabeth, prosseguindo —, seus filhos. Madison é apenas Madison. — Ela sorriu com ternura.

Madison é apenas Madison. Havia um mundo de lembranças nessa frase. Se esse mundo estivesse eternamente perdido para Alice, seria insuportável.

— A mamãe sempre diz: “Onde é que você a arranjou?” — disse Elisabeth.

— Certo — disse Alice. Isso realmente não estava ajudando muito.

— Bem, desde que ela era bebê, sempre foi muito intensa. Ela sente tudo profundamente. Na noite de Natal ela ficava quase febril de empolgação, mas, depois, não conseguia suportar quando o Natal acabava. Você a encontrava aos prantos, num canto, porque ela teria de esperar um ano inteiro até que fosse Natal novamente. O que mais? Ela tem tendência a se acidentar. Entrou correndo por essas portas, no ano passado, e levou quarenta e dois pontos. Foi muito traumático. Muito sangue.

Aparentemente, Tom chamou uma ambulância e Olivia desmaiou. Eu não sabia que era possível que uma criança de cinco anos desmaiasse. Mas Olivia tinha fobia de sangue. Bem, ela tinha. Não sei se ainda tem. Na verdade, não houve uma época em que ela ficou toda animada para ser enfermeira?

Quando a mamãe comprou um uniforme de enfermeira pra ela?

Alice apenas olhava para ela.

— Desculpe — disse Elisabeth, nervosa. — Não consigo imaginar o quanto isso deve ser esquisito, e acabo esquecendo.

Alice disse:

— Conte-me mais sobre a Uvinha. Quero dizer, Madison.

— Madison gosta de cozinhar — disse Elisabeth. — Bem, imagino que ainda goste. Acredito que ela ande meio temperamental, ultimamente. Ela gostava de fazer suas próprias receitas. E eram boas mesmo. Exceto pelo fato de que a cozinha ficava parecendo ter sido explodida por uma bomba e ela não era muito boa na parte da limpeza. E ela é meio prima-dona com sua culinária. Se a receita não sai exatamente como ela quer, ela chora. Uma vez, eu a vi jogar fora um bolo de chocolate de três camadas que passou horas decorando. Você ficou uma *fera*.

— Fiquei? — Alice tentou novamente se reajustar a essa nova imagem de si mesma. Ela nunca ficava zangada. Era mais de ficar amuada.

— Aparentemente, você tinha ido a um *shopping* especial para encontrar os ingredientes certos para esse bolo, portanto realmente não a condeno.

— Madison parece ser como uma das Excêntricas — disse Alice. Nunca lhe ocorrera

que os genes das irmãs de Nick pudessem se infiltrar em sua filha. Ela sempre imaginara que, se tivesse uma filha, ela seria uma versão sua, em miniatura; uma nova Alice, quem ela poderia melhorar, talvez os olhos de Nick poderiam ser acrescentados, para ficar mais interessante.

— Não, ela não é como as Excêntricas — disse Elisabeth, decidida. — Ela é apenas Madison.

Alice pressionou as mãos contra a barriga e pensou no amor voraz que ela e Nick tiveram pela Uvinha. Era um amor tão limpo, simples, quase narcisista. Agora, a Uvinha entrava correndo por portas de vidro e jogava bolos no lixo e deixava Alice “uma fera”. Era muito mais complexo e caótico do que ela jamais pensara.

— E Tom? Como ele é?

— Ele é esperto — disse Elisabeth. — E surpreendentemente perspicaz, às vezes. É um garoto desconfiado. Você não consegue tapeá-lo com nada. Ele vai e verifica na internet. Fica obcecado com as coisas e aprende tudo o que há para aprender sobre elas. Durante uma época, foram os dinossauros. Depois, as montanhas-russas. Não sei com o que está envolvido no momento. Ele se dá muito bem na escola. Ganha prêmios e é o líder da classe. Esse tipo de coisa.

— Isso é bom — disse Alice.

— Provavelmente foi um alívio, depois de Madison.

— O que quer dizer?

— Bem, é que Madison sempre teve problemas na escola. “Problemas comportamentais”, como você diz.

— Certo.

— Mas acho que você tem tudo sob controle. Faz tempo que não ouço nenhum drama.

Dramas. Alice tinha uma vida com “dramas”.

— E tem a Olivia — disse Elisabeth. — Ela é simplesmente uma daquelas crianças que todos adoram.

Quando saíamos com ela, ainda bebê, as pessoas costumavam parar você na rua para elogiá-la. Até os apressados homens de negócio de meia-idade sorriam quando viam Olivia sentada no carrinho.

Era como andar com uma celebridade. Cabeças viravam, em toda parte. E ela ainda é muito bonitinha. Estamos sempre esperando que ela se transforme num monstro, mas não acontece. Ela é muito amorosa, talvez até amorosa demais. Eu me lembro dela agachada na cozinha dizendo “Olá, amiguinho”, e nós olhamos para baixo e a vimos tentando fazer carinho numa barata. A mamãe quase caiu dura na hora.

Elisabeth parou de falar e deu um grande bocejo.

— Você provavelmente os despreveria de forma diferente — disse ela, e seu tom foi defensivo. — Você é a mãe deles.

Alice estava pensando na primeira vez que colocou os olhos em Nick. Ela estava vestindo um avental listrado, sentada numa banquetta alta, pronta para aprender a fazer comida tailandesa. Era para sua amiga Sophie estar ali, mas ela havia torcido o tornozelo e perdeu a primeira aula. Nick chegou atrasado, com uma garota que Alice pensou ser sua namorada, porém mais tarde descobriu que era Dora, a mais excêntrica das irmãs. Quando eles entraram, ambos estavam rindo, e Alice, que estava triste e solteira havia

pouco, ficou profundamente irritada. Típico. Lá vem outro casal feliz, sorridente e amoroso. Alice se lembrou de como seus olhos cruzaram com os de Nick, quando ele olhou ao redor da turma, à procura de lugares vagos (enquanto Dora, por algum motivo, encarava o teto com reverência, extasiada pelo ventilador). Nick ergueu as grossas sobrancelhas, interrogativo, e Alice sorriu educadamente, pensando: *Sim, sim, bem, venham sentar aqui, pombinhos, e vamos ter uma conversa tediosa.*

Havia outro lugar livre na frente da sala. Caso seus olhos não tivessem se cruzado com os dele, se ela tivesse olhado para baixo, para a receita de tortas de peixe, à sua frente, ou se Sophie tivesse caminhado dois centímetros à esquerda, deixando de torcer o tornozelo no buraco, ou se elas tivessem decidido fazer o curso de vinhos, que quase fizeram, então aquelas três crianças jamais teriam nascido. Madison Love. Thomas Love. Olivia Love. Três pequenos indivíduos que já tinham suas personalidades, peculiaridades e histórias.

No instante em que Nick ergueu as fartas sobrancelhas em sua direção, os três ganharam um carimbo de aprovação. Sim, sim, sim, vocês existirão.

Alice estava cheia de alegria. Era incrível. Claro que um bilhão de bebês nasciam a cada segundo, ou algo assim, então não era tão incrível, mas mesmo assim. Por que eles não estavam transbordando de alegria cada vez que *olhavam* para essas crianças? Por que razão, neste mundo, estavam se divorciando?

Ela disse:

— Então, Nick e eu estamos brigando pela guarda das crianças? — Um conceito tão estranho e adulto.

— Nick quer ficar com eles metade do tempo. Não sabemos como ele acha que fará isso se trabalha tanto. Você sempre foi a “responsável principal”, como dizem. Mas está tudo certo... bem, a coisa ficou bem desagradável. Acho que é simplesmente a natureza do divórcio.

— Mas o Nick acha... — Alice sentia uma mágoa esmagadora. — Ele acha que eu não sou uma boa mãe? — *E ela era uma boa mãe?*

Elisabeth ergueu o queixo, e seus olhos faiscaram como a antiga Elisabeth.

— Bem, se acha isso, ele está errado e temos milhões de testemunhas prontas para se apresentarem no tribunal e dizerem o contrário. Você é uma *ótima* mãe. Não se preocupe. Ele não vai ganhar. Não tem a menor chance. Não sei o que ele está tentando provar. Acho que para ele é só um jogo de poder.

Aquilo era confuso porque, embora Alice tivesse prazer em ver Elisabeth zangada por ela, ao mesmo tempo, sentia uma lealdade automática por Nick. Elisabeth sempre adorou Nick. Se Alice e Nick tivessem uma discussão, Elisabeth ficava do lado de Nick. Ela dizia que ele era um “partidão”.

Elisabeth estava ficando agitada.

— Quero dizer, é uma *estupidez*. Ele não sabe nada quanto a cuidar deles. Não cozinha. Duvido que já tenha usado a máquina de lavar. Está sempre viajando. É simplesmente tão...

Alice ergueu a mão para fazê-la parar. Ela não aguentava ouvir Elisabeth criticando Nick.

— Imagino que seja por ele não suportar a ideia de ser um pai de meio período, como foi o pai dele.

Ele detestava quando Roger saía com ele e as irmãs. Disse que Roger sempre se esforçava muito, você pode imaginar, e era estranho, e as meninas brigavam e se aproveitavam de seu cartão de crédito. Sempre que vamos a um restaurante e Nick vê um homem sozinho com os filhos, ele diz “pai divorciado” e estremece. Quero dizer, isso era o que ele *fazia*. Dez anos atrás.

Ela tentou controlar a voz.

— Ele queria estar presente todas as noites, para seus filhos, e ouvir o que eles tinham feito na escola e fazer café da manhã com eles, no fim de semana. Falava muito sobre isso. Era como se ele fosse compensar pela sua própria infância, e eu adorava quando ele falava daquele jeito, porque isso era uma compensação pela infância de *nós dois*, pois também não tivemos nosso pai por perto. Ele tinha ideias adoravelmente românticas quanto a sermos uma família. Bem, nós dois tínhamos. Não consigo acreditar... não posso *acreditar*...

Ela não conseguia mais falar. Elisabeth veio até ela e se sentou ao seu lado, no sofá. E a abraçou, meio sem jeito.

— Talvez — disse ela, hesitante —, talvez essa perda de memória seja algo bom, pois irá ajudá-la a ver as coisas de forma mais objetiva, sem que sua mente esteja tumultuada com tudo o que aconteceu ao longo dos últimos dez anos. E, assim que você recuperar a memória, terá uma perspectiva diferente, e você e Nick poderão resolver as coisas sem toda essa briga.

— E se a memória nunca mais voltar?

— É claro que vai voltar. Você já está se lembrando de algumas coisas — disse Elisabeth.

— Talvez meu antigo eu tenha sido enviado do passado para impedir o divórcio — disse Alice, só um pouco animada. — Talvez eu não recupere a memória até que tenha feito isso.

— Possivelmente! — disse Elisabeth, radiante demais. Depois ela parou e disse — Dominick pareceu legal, muito legal.

Alice pensou em como havia deixado Dominick beijá-la, neste mesmo sofá, e se sentiu repleta de culpa.

— Ele é perfeitamente legal. Apenas não é Nick.

— Não. Ele é *muito* diferente de Nick.

Mas o que exatamente isso queria dizer? Será que ela deveria se sentir ofendida por Nick? Mas ela não teria uma conversa comparando os prós e contras, como se eles fossem namorados competindo.

Nick era seu marido. Ela mudou de assunto.

— Falando em homens, eu gostei de Ben.

— É engraçado ouvi-la falar dele como se tivesse acabado de conhecê-lo.

— O que Ben quis dizer quando falou que estava pensando no que discutimos outro dia? — Alice sabia que havia algo controverso sobre esse assunto. O que quer que fosse, estava na hora de esclarecer isso entre ela e Elisabeth.

— É... — Elisabeth bocejou e se espreguiçou. — Quer um copo d’água?

— Não, obrigada.

— Estou com muita sede. — Ela levantou e foi até a cozinha. Alice a observou e ficou pensando se ela fingiria não ter ouvido.

Ela voltou com o copo d'água e se sentou novamente no sofá, de frente para Alice.

— Está tarde — disse ela.

— Libby.

Elisabeth suspirou.

— Na quinta-feira — véspera do seu acidente —, Ben veio até aqui ajudá-la com um problema no seu carro. Mas, aparentemente, você não tinha realmente um problema. Era uma pequena armação.

Minha nossa. O que ela havia feito? Alice se endireitou no lugar. Ela sentia que estava ficando vermelha. Certamente não havia dado uma cantada no marido da irmã, não é? (O homem era temerosamente imenso.) Será que romper com Nick a fizera passar dos limites?

— Você deu bolinhos de banana para ele. Direto do forno. Ele adora seus bolinhos de banana.

Ai, meu pai.

— Com muita manteiga. Eu nunca o deixo comer manteiga. Ele tem colesterol alto, sabe? Quero dizer, você é a conscientemente saudável.

Ela *seduzira o cunhado com manteiga*. O coração de Alice estava disparado.

— Então, você fez seu pequeno discurso.

— Pequeno discurso? — perguntou Alice, baixinho.

— Sim, seu pequeno discurso quanto ao motivo pelo qual devemos parar com as fertilizações e partir para a adoção. Você tinha panfletos. Formulários de inscrição. Endereços de *websites*. Tinha feito toda a pesquisa.

Alice não conseguiu assimilar, por alguns segundos. Sua mente estava cheia de imagens horrendas dela subindo para se refrescar e voltando de *lingerie* vermelha.

— Adoção — repetiu ela, confusa.

— Sim. Você acha que devemos dar um pulo num país de terceiro mundo, como a Angelina e o Brad, para arranjarmos um órfão bonitinho.

— Isso foi muita presunção minha — disse Alice, séria, fraca de alívio por não ter tentado seduzir Ben. — Intrometida. Xereta!

Mas, por outro lado, pensou ela, a adoção não era uma boa ideia?

— Bem — disse Elisabeth. — Eu fiquei zangada. Quando Ben chegou em casa e me contou, eu liguei pra você e nós tivemos uma discussão sobre isso. Você acha que é hora de “enfrentarmos a realidade”.

— Eu realmente disse isso?

— Sim.

— Desculpe.

— Tudo bem. Acho que você tinha boa intenção. Só que senti que você me achava uma tola. Como se você jamais fosse deixar as coisas chegarem tão longe. Como se você jamais fosse tão *desleixada* para ter um aborto espontâneo atrás do outro. Como se, eu não sei, como se eu estivesse apenas sendo excessivamente emotiva pela coisa toda.

— Desculpe — disse Alice, novamente. — Eu realmente lamento muito.

— Você nem se lembra disso — disse Elisabeth. — Depois que se lembrar, vai se sentir diferente. De qualquer forma, eu disse coisas bem sórdidas a você.

— Como o quê?

— Não vou dizê-las novamente! Eu nem tive a intenção de dizer. Isso livra a minha

cara.

Elas ficaram em silêncio por alguns segundos. Alice disse: — Angelina e Brad são seus amigos?

Elisabeth fungou.

— Brad Pitt e Angelina Jolie. Você também esqueceu toda a fofoca das celebridades.

— Eu achei que Brad Pitt fosse noivo de Gwyneth Paltrow.

— Isso virou lenda. Desde aquela época, ele se casou e se divorciou de Jennifer Aniston, e Gwyneth teve um bebê chamado Apple. Não estou brincando. Apple.

— Ah. — Alice se sentiu profundamente triste por Brad e Gwyneth. — Eles pareciam tão felizes nas fotos.

— Todos parecem felizes em fotos.

— E quanto a Bill e Hillary Clinton? — perguntou Alice. — Continuaram juntos?

— Você quer dizer, depois do negócio com a Lewinsky? — perguntou Elisabeth. — Sim, continuaram.

Acho que ninguém mais pensa nisso.

Alice olhou para Elisabeth.

— Então — ela disse, com total abandono —, imagino que você não queira adotar um bebê, não é?

Elisabeth deu um sorriso meio enjoado.

— Eu teria considerado isso anos atrás, mas Ben não suportava a ideia. Ele sempre foi ideologicamente contra adoção, porque ele próprio foi adotado e sua mãe é... difícil. Ele não teve uma boa infância. Minha encantadora sogra disse a ele que sua mãe verdadeira não tinha como sustentá-lo, então Ben guardou seu dinheiro. Ele achou que, quando tivesse cem dólares, poderia escrever para a mãe verdadeira e dizer que já podia se sustentar e, por favor se ela poderia pegá-lo de volta. Em seu aniversário, ele sempre corria para a caixa de correio, achando que talvez naquele ano, do nada, a mãe verdadeira lhe mandaria um cartão.

— Ele achava horríveis as fotos de quando era bebê, pois ele era um bebê engraçado, e se perguntava se sua mãe não teria gostado de sua aparência quando ele nasceu. Sempre sentiu que os pais teriam preferido um filho menor e mais inteligente. Ele passou toda a infância mantendo o quarto arrumado, sem falar muito, sentindo-se como um visitante desajeitado em sua própria casa. Fico de coração partido ao pensar nisso. Mais cedo, quando você disse que Nick queria ser um bom pai para compensar o pai que partira, bom, com Ben foi semelhante. Ele queria seu próprio filho biológico.

Queria ter alguém que se parecesse com ele, que tivesse os mesmos olhos, o mesmo porte. E eu queria tanto dar isso a ele. Queria muito.

— Claro que sim.

— Então, sempre tive muito respeito pela visão de Ben quanto à adoção.

— Posso imaginar.

Elisabeth deu um sorriso torto.

— O quê?

— Na quinta-feira, você disse a Ben que ele precisava superar isso.

— Superar o quê?

— Superar seus problemas com adoção. Você disse que muita gente não se dava bem com os pais biológicos e isso era uma loteria, mas qualquer criança que tivesse Ben e eu

como pais teria tirado a sorte grande. Aliás, obrigada. Isso foi uma coisa legal de dizer.

— Tudo bem. — Ao menos ela disse uma coisa certa. — Mas Ben não deve ter gostado que eu tenha dito isso.

— Bom, o negócio é esse. Ontem, quando cheguei em casa do almoço, ele disse que andou pensando no que você falou e acha que está certa. Nós devemos adotar. Está todo empolgado. Aparentemente, a única coisa que eu precisava dizer a ele, cinco anos atrás, era “Supere isso”. Como sou tola. Pisando em ovos, desnecessariamente, por conta de sua infância traumática.

Alice tentou se imaginar dizendo ao imenso homem-urso que ele tinha de “superar isso”, enquanto lhe dava bolinhos de banana para comer. (Bolinhos de banana. Ela ficou imaginando que receita teria usado. E também que deve ter uma assadeira de bolinhos.) Ela nunca tivera opinião quanto à forma como Elisabeth deveria conduzir sua vida, embora Elisabeth tivesse opiniões sobre a forma como Alice devia levar a dela. Tudo bem, porque ela era a irmã mais velha. Era sua função ser sensata, mandona, fazendo suas declarações de imposto de renda dentro do prazo, providenciando a revisão do carro regularmente e tendo uma carreira, enquanto Alice podia ser extravagante e inútil, e debochar de Elisabeth pelos pôsteres motivacionais de montanhas e pôr do sol. Na verdade, agora, pensando nisso, fora *Elisabeth* quem a azucrinara dela, incentivando-a a fazer o curso de culinária tailandesa com Sophie, em vez de desperdiçar seu tempo resmungando sobre aquele consultor de T.I. irônico.

Agora era a vez de Alice cutucá-la.

— Então, se agora Ben está considerando a adoção, não será algo bom? — disse ela, esperançosa.

— Não, não é. — A voz de Elisabeth ficou cruel. Ela endireitou a postura. *Lá vamos nós*, pensou Alice. — Não é nada bom. Você não sabe o que está dizendo, Alice.

— Mas...

— Agora é tarde demais. Nós deixamos para muito tarde. Você parece não se dar conta do quanto demora uma adoção. Pelo que você tem de passar. Não se encomenda uma criança, simplesmente.

Não somos Brad e Angelina. Temos de fazer muito esforço e pagar milhares de dólares que não temos. Leva anos e anos, e é estressante, e as coisas dão errado, e eu não tenho energia para isso.

Estou farta. Teríamos quase cinquenta anos quando conseguíssemos a criança. Estou cansada demais para começar a lidar com burocratas e tentar convencê-los de que eu seria uma boa mãe, dizendo quanto ganhamos, e blá-blá-blá. Não sei por que você subitamente ficou tão interessada em minha vida, mas é tarde demais.

— Estou *subitamente* interessada? — Alice estava magoada, desesperada para se defender, mas não tinha fatos à sua disposição. Ela não acreditava nisso. Jamais deixaria de se interessar pela vida de Elisabeth. — Você está dizendo que eu não estava interessada antes?

Elisabeth respirou, ruidosamente, exalando como um balão, e se recostou de volta em sua poltrona.

— É claro que estava.

— Bem, então, por que você disse isso?

— Eu não sei. Às vezes eu sentia isso. Olhe, eu retiro o comentário.

— Não estamos no tribunal.

— Eu nem quis dizer isso. De qualquer forma, você provavelmente poderia dizer o mesmo a meu respeito. Não vejo mais as crianças, como via antes, e deveria ter feito mais por você, depois de Gina, e depois de Nick. Mas você está sempre tão... eu não sei. Ocupada. Autossuficiente. — Ela bocejou. — Apenas esqueça.

Alice olhou para baixo, para as mãos dela, estranhamente enrugadas.

— O que houve de errado entre nós duas? — perguntou ela, baixinho.

Não houve resposta. Alice olhou para cima e viu que Elisabeth estava com os olhos fechados, com a cabeça recostada no sofá. Ela parecia exausta e triste.

Finalmente ela falou, sem abrir os olhos.

— Nós realmente devemos ir para a cama.

Capítulo 19

Eram cinco e meia da tarde de domingo. Em meia hora, Nick estaria em casa com as crianças.

Alice sentia o estômago enjoado, como se fosse sair para seu primeiro encontro romântico.

Ela estava com um vestido florido e maquiada, com os cabelos soltos e ar maternal, mas depois achou que estava forçando a barra. Era improvável que ficasse em casa toda arrumada, como uma mãe dos anos cinquenta. Então, subiu correndo, tirou a maquiagem e arrancou o vestido, enlouquecida de pânico. Encontrou uns *jeans*, uma camiseta branca e escovou os cabelos. Nada de joias, exceto o bracelete de Nick e sua aliança de casamento, que ela encontrou no fundo da gaveta, junto com o anel de noivado da vovó Love. Perguntava a si mesma por que não o teria devolvido.

Não era comum que durante o divórcio o anel fosse arrancado do dedo e arremessado no homem, num ataque de ódio?

Ela se olhou no espelho do quarto. Agora estava bem melhor, casual, sem artifícios — embora seu rosto parecesse bem pálido e velho; ela resistiu à intensa vontade de passar por aquela rotina da maquiagem que transformava seu rosto. Certamente não se pintava numa noite de domingo para ficar em casa.

Mais cedo, naquele dia, depois que Elisabeth e Ben haviam ido para casa, ocorreu-lhe que deveria ser sua responsabilidade dar comida para as três crianças. Ela havia ligado para a mãe, perguntando o que deveria fazer para o jantar, dizendo que queria fazer a comida preferida deles. Barb passou vinte minutos discutindo as idiossincrasias da dieta de cada um, ao longo de suas vidas.

— Lembra quando Madison passou por aquela fase vegetariana? É claro que foi justamente quando Tom se recusava a comer *qualquer* verdura. Depois, Olivia não conseguia resolver se só comia verduras como Madison, ou se recusava a comer verduras, como Tom! Nossa, você sempre arrancava os cabelos na hora do almoço! — Por fim, depois de mudar várias vezes de ideia, ela resolveu fazer hambúrgueres caseiros. — Acho que você encontrou uma receita saudável em seu livro do Instituto do Coração. Na semana passada, você disse que estava enjoada daquilo, mas as crianças adoravam. Tenho certeza de que se lembra disso, não é, querida? Porque foi na *semana* passada.

Alice encontrara o livro de receitas, abrindo na página respingada de comida. Todos os ingredientes estavam na geladeira e na despensa, incrivelmente bem abastecidas. Parecia que ali havia o suficiente para alimentar centenas de crianças. Ao fazer a carne moída para os hambúrgueres, ela percebeu que já não estava mais olhando o livro de receitas. Parecia saber que agora ralava duas cenouras, uma abobrinha e acrescentava dois ovos. Depois de prontos, ela colocou os hambúrgueres de volta na geladeira, descongelou o pão para torrá-los e fez uma salada verde. Será que as crianças comeriam uma salada verde? Quem poderia saber? Ela e Nick comeriam. Ele ficaria para jantar, não ficaria? Não deixaria as crianças e *partiria*, não é? Mas ela tinha uma sensação

terrível de que isso era o que pais divorciados faziam. Ela simplesmente teria de pedir-lhe que, por favor, ficasse.

Implorar, se necessário. Ela não poderia ser largada sozinha com as crianças. Não era seguro. Ela não sabia como agir. Por exemplo, eles tomavam banho sozinhos? Ela lia histórias para eles?

Cantava musiquinhas? A que horas iam para a cama? E como isso era imposto? (Sua mãe se oferecera para vir ajudar com as crianças, mas Alice não precisava mencionar isso a Nick.) Ela voltou lá para baixo, de *jeans*, e olhou em volta, vendo sua linda casa. No meio do dia, duas faxineiras apareceram, munidas de esfregões e baldes, perguntando como tinha sido a festa, enquanto ligavam os aspiradores de pó. Esfregaram e poliram enquanto Alice andava de um lado para o outro, sentindo-se constrangida, sem saber o que fazer. Será que deveria ajudar? Deveria sair do caminho?

Supervisionar? Ou esconder as coisas de valor? Ela estava com a bolsa, pronta para dar o que elas pedissem, mas ninguém falou em dinheiro. Disseram que a veriam na quinta-feira, na hora de sempre, e sumiram, acenando alegremente. Depois que saíram, ela sentiu o cheiro do lustra-móveis e pensou: *Sou uma mulher com uma piscina, ar-condicionado e faxineiras.*

Agora ela olhava a cozinha, e seus olhos pousaram numa prateleira com vinho. Devia ter uma garrafa aberta decantando para Nick. Escolheu uma garrafa, foi pegar um abridor e percebeu que a garrafa não tinha rolha. Em vez disso, ela desatarraxou a tampa. Que engraçado. O cheiro do vinho entrou em suas narinas e ela se viu servindo uma taça generosa. Ela enfiou o nariz nele. Parte de sua mente pensou *O que está fazendo, sua tonta?* Outra parte pensava: *Hummm. Amoras.*

O vinho deslizou suavemente por sua garganta e ela ficou pensando se havia se transformado numa alcoólatra. Ainda nem eram seis horas. Ela nunca fora de beber vinho. Mas tomar esse vinho deu uma sensação de familiaridade, apesar de parecer estranho e errado. Talvez por isso Nick tivesse ido embora e quisesse a guarda das crianças. Ela se tornara uma bêbada. Ninguém sabia, exceto Nick e as crianças. Era um segredo terrível. Bem, será que ela não poderia simplesmente obter ajuda? Ela deu um grande trago em sua bebida. Ingressar no A.A. e seguir aqueles doze passos? Nunca mais tocar numa gota? Ela deu outro gole e tamborilou os dedos na bancada. Em breve veria Nick e então todo esse mistério seria finalmente desvendado. Não fazia sentido, mas ela tinha uma forte sensação de que, no instante em que visse o rosto de Nick, toda a sua memória voltaria, totalmente intacta.

Dominick voltara esta tarde, trazendo chocolate quente e tortinhas de polenta (ela teve a impressão de que eram suas coisas favoritas e agiu agradecidamente). Ficou surpresa pelo prazer que sentiu ao vê-lo, em pé, na porta. Talvez fosse por conta da forma ligeiramente nervosa com que ele se portava.

Isso a fazia sentir-se adorada. Nick a adorava, mas, como era recíproco, ficava tudo igual. Falar com Dominick a fazia sentir que tudo o que ela dizia era de alguma forma impressionante.

— Como vai sua... memória hoje? — ele perguntou, gentilmente, enquanto tomavam o chocolate quente e comiam as tortinhas, na varanda.

— Ah, talvez um pouquinho melhor — ela dissera. As pessoas gostam de saber que você está progredindo, quando se trata de questões de saúde.

Aparentemente, Jasper estava “com a mãe”. Ela se deu conta de que Dominick devia ser um pai divorciado. Que estranho, tudo isso. Não seria bem mais fácil se todo mundo ficasse com quem casou?

Isso significava que o divórcio era um interesse comum. Ela teve um instante de inspiração e disse a ele:

— Alguma vez falamos sobre Nick e o motivo pelo qual nos separamos?

Ele lançou um olhar estranho, de lado.

— Sim.

A-rá!

— Você se importaria em me dar um breve resumo do que lhe contei? — disse ela, tentando não demonstrar como precisava desesperadamente da resposta.

— Você não se lembra de nada quanto ao motivo de sua separação de Nick? — disse ele, lentamente.

— Não! Não pude acreditar. Foi um choque pra mim.

As palavras escaparam de sua boca, antes que ela percebesse que poderiam estar aborrecendo alguém que tinha esperanças de começar um relacionamento com ela.

Ele coçou o nariz com força.

— Bem, obviamente não sei de todos os detalhes, mas, é... parece que ele, o Nick, estava bem envolvido com o trabalho. Acho que você disse que ele se ausentava muito, trabalhava demais, e vocês simplesmente foram se afastando. Foi assim que aconteceu. E, é... acho que houve alguns problemas sexuais. Você mencionou... — Ele tossiu ruidosamente e parou de falar.

Sexo? Ela falara com esse homem sobre sexo? Era uma traição imperdoável a Nick. E, além disso, que *problemas* poderia haver em relação a sexo? Eles tinham uma vida sexual gloriosa, engraçada, carinhosa, altamente satisfatória.

Era muito constrangedor ouvir a palavra “sexo” vindo da boca de Dominick. Ele era excessivamente legal. Muito adulto e apropriado. Mesmo agora, quando Alice estava sozinha, pensando a respeito, ela sentia o rosto aquecer-se.

Dominick também pareceu constrangido. Ele limpou a garganta tantas vezes que Alice lhe ofereceu um copo d’água e logo depois ele foi embora, dizendo para ela se cuidar. Na porta da frente, ele subitamente a envolveu com seus braços em um rápido e carinhoso abraço. E disse em seu ouvido “Gosto muito de você”, e depois partiu.

Bem, aquilo não ajudou muito. Eles haviam se afastado por causa das longas horas de trabalho de Nick. Isso era tão clichê. O tipo de coisa que fazia com que outros casamentos terminassem. Se Nick precisava trabalhar longas horas, eles precisariam compensar nas horas que tinham.

Ela olhou para seu copo de vinho e viu que já tinha diminuído consideravelmente. E se seus lábios e dentes estivessem manchados de roxo e ela abrisse a porta para Nick e as crianças parecendo uma vampira? Ela correu até o espelho do corredor e se olhou. Tudo certo com os lábios. Só seus olhos, que estavam ligeiramente inebriados, e ela ainda parecia muito velha.

Ao voltar para a cozinha, ela parou junto ao quarto verde, só que não era mais verde. Era um pequeno cômodo que dava para o corredor, originalmente pintado de verde-limão. Agora as paredes estavam pintadas de um bege de bom gosto. Alice recostou-se no portal e viu que sentia falta do verde. Ele fazia as pessoas rirem e protegerem os

olhos, quando olhavam. É claro que tinha de ser retirado — mas mesmo assim. A casa agora estava perfeita. Em vez de emocionante, isso subitamente parecia depressivo.

O quarto verde havia sido transformado num escritório, como eles planejavam. Havia um computador sobre uma escrivaninha e prateleiras de livros nas paredes. Ela entrou e sentou-se ao computador. Imediatamente, sem pensar, inclinou-se e apertou um botão prateado redondo numa caixa preta que estava no chão. O computador ganhou vida e ela apertou outro botão no monitor. A tela ficou azul. Letras brancas surgiram ordenando: *Para iniciar, clique em seu nome de usuário*.

Havia quatro ícones: *Alice, Madison, Tom e Olivia*. (Isso significava que as crianças usavam este computador? Não eram muito pequenas?) Ela clicou em seu nome e uma foto colorida preencheu a tela inteira. Eram as três crianças. Eles estavam agasalhados com parcas e com cachecóis, num tobogã que deslizava num declive nevado. Madison estava atrás, Tom, no meio, e Olivia, a pequenininha, na frente. Madison segurava a corda de controle. Todos estavam de boca aberta como se estivessem rindo e gritando, e os olhos estavam arregalados de medo e empolgação.

Alice colocou a mão na base da garganta. Eles eram impressionantemente lindos. Ela queria muito a lembrança daquele dia de volta. Olhava a foto e, por um momento, pensou ter ouvido o som das crianças gritando, a sensação de narizes e dedos gelados... e, assim que tentou se agarrar à lembrança, ela escapou.

Ela clicou num ícone que dizia *E-mail*. E uma senha foi solicitada.

Naturalmente, ela não sabia, mas ao erguer as mãos sobre o teclado, seus dedos saíram na frente e inexplicavelmente digitaram a palavra *ORÉGANO*.

Como pode? Parecia que seu corpo lembrava mais que sua mente, pois a tela obedientemente desapareceu e foi substituída pela imagem de um envelope que dizia: *Você tem 7 novas mensagens*.

O que a teria inspirado a escolher uma *erva* como senha?

Havia um *e-mail* da Jane Turner, com o assunto *Como vai sua cabeça?*, outro de um Dominick Gordon (Quem? Ah, claro. Ele. Seu *namorado*.) com o assunto *Próximo fim de semana?*, e cinco nomes que ela não reconheceu, todos com o assunto *Megamerengue do Dia das Mães*.

Megamerengue do Dia das Mães. Isso a fez querer fungar de bochecho. Parecia algo que Elisabeth — a velha e enérgica Elisabeth — poderia ter organizado. Não ela.

Também havia um *e-mail* antigo de Nick Love, um que ela já havia lido, sem título no assunto, datado de sexta-feira, dia de seu acidente. Ela clicou e leu:

Bem, muitas tradições vão ter de mudar agora, não é? Mas que monte de besteira. O NATAL SERÁ diferente, independentemente do que fizermos. Você não pode estar sendo sensata se espera ficar com eles de manhã E à noite, para que eu só tenha uma porra de um tempo de cinco minutos, no meio do dia. Faz todo o sentido que eles fiquem com Dora, na noite de Natal. Eles adoram ficar com os primos. Será que VOCÊ não consegue pensar NELES só pra variar? Tudo é sempre VOCÊ. Como sempre.

P.S. Por favor, faça-os levar roupa de banho para o fim de semana. Vou levá-los ao parque aquático no domingo, quando voltar de Portugal.

P.S.2 Fiquei com duas irmãs ao telefone, aos prantos, ontem à noite, por causa do anel da vovó Love. Será que você pode ser racional em relação a isso? Você nunca usa o anel. Se estiver pensando em vendê-lo, realmente desceu a um nível ainda mais baixo.

Até para você.

Alice se esforçou para puxar o ar. Quase perdeu a respiração. A frieza. A maldade. A aversão.

Era impossível acreditar que isso havia sido escrito pelo mesmo homem que ficara com os olhos cheios de lágrimas quando ela disse que se casaria com ele; que a agarrava e jogava na cama, levantava seus cabelos e beijava a parte de trás de seu pescoço; que lhe dizia quando ela podia voltar a olhar a televisão, depois de ter passado a cena de sangue; que cantava a letra inteira de “Living Next Door to Alice” para ela, no chuveiro.

E por que ela estava se recusando a devolver o horrendo anel da vovó Love? Era uma herança de família. É claro que a família Love deveria tê-lo de volta.

Ela desceu a tela e viu que a mensagem de Nick fazia parte de uma conversa que vinha se desenrolando havia dias.

Havia uma mensagem dela, datada de três dias antes.

Neste ano, as crianças devem acordar em suas próprias camas, no dia de Natal. Não vou mudar quanto a esse assunto.

Obviamente, quero manter todas as tradições para eles — colocar os sacos de Papai Noel aos pés de suas camas etc. Eles já tiveram de passar por muitas rupturas. Pra você, isso é apenas mais um jogo de poder. Você só se importa em ganhar. Não dou a mínima para os pontos que você ganha em cima de mim, apenas não ganhe às custas das crianças. Falando nisso, eu já lhe pedi, pelo menos duas vezes, que não lhes dê tanta porcaria pra comer durante o fim de semana, principalmente para Olivia. Tenho certeza de que você se sente um pai maravilhoso ao dizer sim para tudo o que eles querem, mas toda segunda-feira eles estão cansados e irritadiços, depois do fim de semana com você — e sou eu quem tem de lidar com isso.

Era maio! Por que eles estavam falando sobre o que aconteceria no Natal?

Alguma impostora andara vivendo sua vida. Ela estava estarecida pelo tom santarrão, desdenhoso.

Ela desceu mais a tela e palavras e frases amargas saltavam à sua frente.

Se devo lembrá-lo...

Você tem a mente tão pequena...

Você só pode estar fora de si, se...

O que há de ERRADO com você?

Podemos ser racionais sobre isso?

Foi você quem...

Um carro entrou, piscou os faróis e parou na entrada da garagem. Alice ficou de pé, com o coração disparado feito uma britadeira. Ela passou a mão nos cabelos, enquanto seguia pelo corredor, rumo à porta da frente. Foi uma idiota por não refazer a maquiagem. Estava prestes a ver um homem que a odiava.

Portas de carro bateram. Uma criança estava resmungando:

— Mas pai, isso não é justo!

Alice abriu a porta da frente. Suas pernas tremiam tanto que ela achou que podia cair. Talvez isso fosse uma coisa boa.

— *Mamãe!* — Uma menininha subiu os degraus correndo e jogou os braços ao redor de Alice, batendo a cabeça com força em sua barriga. Ela falava na camiseta de Alice, com a voz abafada. — Sua cabeça machucada está melhor? Recebeu meu cartão? Como foi dormir no hospital?

Alice retribuiu o abraço e não conseguia falar.

Nem sequer me lembro de ter ficado grávida de você.

— Olivia? — disse ela, pousando a mão sobre os cachinhos louros quase brancos da menininha. Seus cabelos eram tão macios, e seu crânio era duro, e quando ela olhou para cima, era incrivelmente linda: pele sedosa, com sardas que pareciam canela salpicada, e imensos olhos azuis com cílios escuros.

Eram seus próprios olhos encarando-a, só que bem maiores e decididamente muito mais bonitos.

Alice ficou tonta.

— Ai, mamãe — disse Olivia. — Ainda está se sentindo um pouquinho doente? Pobre mamãezinha querida. Já *sei!* Vou escutar seu coração e ser sua enfermeira! Isso mesmo!

Lá foi ela, batendo a porta de tela atrás de si, correndo pelo corredor.

Alice olhou para cima e viu Nick curvando-se para pegar as coisas do porta-malas de um elegante carro prateado.

Ele se endireitou. Os dois braços estavam cheios de mochilas e toalhas molhadas de praia.

— Oi — disse ele.

Seus cabelos pareciam ter sumido. Conforme ele veio em sua direção, ela viu que estavam completamente grisalhos e cortados bem rente à cabeça. Seu rosto estava mais fino, mas o corpo, de alguma forma, estava mais robusto: seus ombros, mais largos, e ele estava mais barrigudo. Havia pés de galinha nos cantos dos olhos. Vestia uma camiseta verde e um *short* que ela nunca vira. Bem, é claro, mas, ainda assim, era inquietante.

Ele subiu os degraus em sua direção e ficou em pé, à sua frente. Ela ergueu os olhos, acima. Ele estava diferente e estranho, mas, essencialmente, ainda era Nick. Alice esqueceu tudo o que acabara de ler no computador e a forma como ele havia falado com ela ao telefone, no outro dia, e foi tomada pelo simples prazer de ter Nick voltando para casa, após uma longa viagem. Ela sorriu alegremente para ele.

— Oi.

Ela deu um passo na direção dele e Nick recuou. Pareceu involuntário, como se ela fosse um inseto desagradável. Os olhos dele estavam vazios, e pareciam estar fixados na testa dela.

— Como vai você? — disse ele. Era o tom gélido que ele usava quando era incomodado pelo pessoal incompetente com quem trabalhava.

— Mãe! Tinha uma nova máquina de fazer ondas lá no parque aquático e você tinha de ver a onda que eu peguei! Tinha uns dez metros de altura, era do tamanho do telhado, ali, olha. Não. Olha, mãe, o telhado lá. É, ali. Era daquela altura. Talvez alguns centímetros a menos. O papai tirou uma foto maneira! Mostra pra mamãe a foto da sua câmera, pai. Pode mostrar a ela?

Então, esse era o Tom. Ele estava vestindo calção de praia e um boné que agora tinha tirado para coçar vigorosamente a cabeça. Seus cabelos eram da mesma cor dos de Olivia — tão louros que eram quase brancos. Nick tinha aquela cor de cabelo quando era criança. Tom tinha pernas e braços esguios, bronzeados e fortes. Ele era como uma miniatura de surfista adolescente. Meu bom Deus.

Ele tinha o nariz de Roger. Era decididamente o nariz de Roger. Isso a fez querer rir. O nariz de Roger no rosto desse menininho vibrante. Ela queria abraçá-lo, mas não tinha certeza se seria apropriado.

Em vez disso, ela disse:

— É, deixe-me ver a foto, Nick.

Nick e Tom a encararam. Seu tom deve ter saído errado. Talvez alegre demais?

Tom disse:

— Você tá meio estranha, mãe. Tomou pontos na cabeça, lá no hospital? Eu perguntei à tia Libby se era um tumor no cérebro e ela disse que certamente *não* era. Eu fiz o teste do detector de mentira nela.

— Certamente não era um tumor no cérebro — disse Alice. — Eu só caí.

— Estou morrendo de fome — Tom suspirou.

— Vou fazer hambúrgueres para o jantar.

— Não, eu estou morrendo de fome agora.

Uma menina subiu até a varanda. Ela soltou uma toalha molhada no chão de tábuas corridas e colocou as mãos nos quadris, dizendo:

— Você disse que vai fazer *hambúrgueres* para o jantar?

— Sim — disse Alice.

Madison. A Uvinha. As duas listras azuis em todos aqueles testes de gravidez. O batimento cardíaco que piscava na tela. A presença misteriosa e invisível que ouvia a voz de Nick pelo cilindro de papelão tirado do rolo do papel higiênico.

Madison tinha uma pele bem clara, quase translúcida. Havia uma marca vermelha de queimadura de sol em seu pescoço, dando a impressão de que alguém desistira de colocar seu protetor solar cedo demais. Ela tinha cabelos castanhos compridos que caíam nos olhos e lindos e fortes dentes brancos.

Seus olhos eram do mesmo formato que os de Nick, porém mais escuros, com uma cor incomum, e suas sobrancelhas eram de alguém — de Elisabeth, quando criança! Eram sutilmente arqueadas nos cantos, como as do Dr. Spock. Ela não era linda como Olivia e Tom. Seu corpo era rechonchudo. Seu lábio inferior estava espetado para fora, porque ela estava fazendo bico. *Mas, um dia*, pensou Alice, *eu acho que um dia você será deslumbrante, minha querida Uvinha.*

— Você *prometeu* — a Uvinha disse a Alice. Seus olhos tinham uma expressão assassina. Ela era formidável e deixou Alice admirada.

— Prometi o quê?

— Que compraria os ingredientes para que eu fizesse lasanha esta noite. Eu *sabia* que você não ia comprar. Por que finge que vai fazer algo, se *não* vai? — Ela pontuou a última frase, com o ritmo das batidas de seus pés.

Nick disse:

— Não seja malcriada, Madison. Sua mãe sofreu um acidente. Ela teve de passar a noite no hospital.

Alice teve vontade de rir da voz de pai sério de Nick. Madison ergueu o queixo. Seus olhos faiscavam. Ela entrou na casa como um raio, batendo a porta de tela atrás de si.

— Não bata a porta! — Nick gritou. — E volte aqui e pegue a toalha.

Silêncio. Ela não voltou.

Nick sugou o lábio inferior e suas narinas fumegavam. Alice nunca o vira fazer uma cara como aquela. Ele disse:

— Entre, Tom. Quero falar com sua mãe. Pode levar a toalha de Madison também?

Tom estava em pé, diante da casa, tracejando os tijolinhos com as pontas dos dedos. Ele disse: — Pai, quantos tijolos você acha que há nesta casa inteira?

— Tom.

Tom suspirou de forma dramática, pegou a toalha de Madison e entrou.

Alice respirou fundo. Ela não conseguia se imaginar vivendo com essas três crianças, vinte e quatro horas por dia. Jamais as imaginara realmente falando. Elas crepitavam, exalavam energia.

Suas personalidades estavam lá, bem na superfície, sem aquele verniz de adulto.

— A Uvinha — Alice começou a falar, mas as palavras fugiram. Madison não podia ser descrita em palavras.

— Perdão? — disse Nick.

— A Uvinha. Eu nunca imaginei que ela cresceria assim. Ela é tão... eu não sei.

— Uvinha? — Ele não sabia do que ela estava falando.

— Você lembra... quando eu estava grávida de Madison, nós costumávamos chamá-la de Uvinha.

Ele franziu o rosto.

— Não me lembro disso. De qualquer forma, eu queria ver se nós podemos acertar esse negócio do Natal.

— Ah, isso. — Ela pensou em todos aqueles *e-mails* sórdidos e sentiu um gosto ruim na boca. — Por que estamos falando sobre o Natal agora? É *maio*!

Ele a encarou como se ela fosse maluca.

— Perdão? É você quem está obcecada com sua tabela preciosa. Você disse que queria preto no branco, para o ano inteiro. Cada aniversário. Cada programação. Você disse que era melhor para as crianças.

— Eu disse? — Será que ela ao menos sabia fazer uma tabela dessas?

— Sim!

— Certo. Bem. Então, faça como você quiser. Pode ficar com eles no Natal.

— Como eu quiser — ele repetiu, desconfiado, quase nervoso. — Perdi alguma coisa?

— Não. Ei, como foi em Portugal?

— Foi bem, obrigado — Ele estava sendo formal.

Ela teve de fincar as unhas nas palmas das mãos para se conter e não recostar sobre o peito dele.

Ela queria dizer: “Fale com sua voz normal”.

— É melhor eu ir — disse ele.

— O quê? Não. Você não pode. Precisa ficar para o jantar. — Ela quase o agarrou, em pânico.

— Não acho que seja apropriado.

— Ah, sim, papai, fique pra jantar! — Era Olivia. Ela estava com uma capa vermelha amarrada ao redor dos ombros e um estetoscópio de brinquedo pendurado no pescoço. Pendurou-se no braço de Nick. Alice ficou enciumada pela forma como ele se deixava tocar tão livremente.

— Acho melhor eu ir — disse Nick.

— Por favor, fique — disse Alice. — Nós vamos comer hambúrgueres.

— Está vendo, a mamãe quer que você fique. — Olivia estava fazendo uma dança de sapateado de um lado para o outro da varanda, de tanta alegria. Ela gritou: Tom! Sabe da maior? O papai vai ficar pro jantar!

— Jesus, Alice — disse Nick, baixinho, e desta vez a olhou diretamente nos olhos.

— Eu abri um vinho bem legal pra gente — disse Alice, sorrindo para ele.

Ela não precisava de batom para ter seu marido de volta.

Capítulo 20

Nick parecia não saber o que fazer quando entrou. Ele enfiou as mãos nos bolsos do *short* e ficou andando pela sala, parando para olhar as coisas, como se estivesse na casa de outra pessoa.

— A piscina está sob controle? — ele perguntou e espichou o queixo na direção do quintal dos fundos.

Alice estava na cozinha servindo um copo de vinho para cada um deles. Ela não fazia ideia do que ele estava falando. Como se mantinha uma piscina sob controle?

— A piscina tem andado muito calma — disse ela. — Muito serena. Acho que a estou levando sob rédea curta.

Nick se virou da janela e a olhou diretamente.

— Bom — disse ele.

Alice saiu da cozinha e lhe deu um copo de vinho. Percebeu que ele pegou o copo cuidadosamente, para que as mãos não se tocassem.

— Obrigado — disse ele. Ela continuou diante dele, que recuou novamente, como se ela fosse contagiosa.

Tom estava circulando pela cozinha, abrindo os armários. Ele ficou na frente da geladeira balançando a porta para cá e para lá.

— O que eu posso comer, mãe? — perguntou ele.

Alice olhou em volta, procurando sua mãe.

— Mãe — disse Tom.

Alice deu um pulo. A mãe era ela.

— Bem — disse ela, tentando parecer alegre e amorosa —, está com vontade de quê? Talvez um sanduíche?

— Você pode esperar até o jantar, Tom — disse Nick.

Ah, então essa era a resposta certa.

— Sim — disse ela. Ela fez uma voz parecida com a de Nick. — Seu pai está certo.

— Depois deu uma risadinha. Ela não conseguiu evitar. Lançou um olhar brincalhão a

Nick. Será que ele também não achava aquilo engraçado? Os dois sendo mãe e pai?

Nick simplesmente a olhou, nervosamente. Ela involuntariamente desviou os olhos para o copo que segurava. Será que ele achava que ela estava bêbada?

O menino bateu a porta da geladeira com tanta força que a fez estremecer, depois disse: — Acho que se eu não comer logo, posso ficar desnutrido. Olhe. Meu estômago está parecendo com o de uma pessoa faminta. Veja. — Ele estufou a barriga.

Alice riu. Nick disse, sério:

— Deixe de ser bobo. Vá tirar essa roupa molhada. — Sim, bem, talvez não fosse muito bom incentivar seus filhos a rir da situação dos famintos.

A criancinha menor voltou. Olivia. Ela estava com batom vermelho borrado na boca. Até os dentes estavam sujos. Isso podia? Alice olhou para Nick buscando orientação, mas ele estava em pé, junto da porta dos fundos, olhando para a piscina.

— A cor me parece meio esverdeada — disse ele. — Quando foi a última vez que o cara veio?

— Pronto, mamãe. Agora estou pronta para ser sua enfermeira. Senta e eu vou medir sua temperatura. — Olivia a puxou pela mão. Encantada pela sensação da mãozinha morna, Alice se deixou levar ao sofá.

— Deite ali, por gentileza — disse Olivia.

Alice deitou e Olivia enfiou um termômetro de brinquedo em sua boca. Ela afastou os cabelos de Alice da testa e disse:

— Agora vou ouvir seu coração, paciente. — Ela colocou o estetoscópio nos ouvidos e pressionou a outra ponta junto do peito de Alice. E franziu o rosto, profissionalmente. Alice tentou não rir. Essa criança era adorável.

— Certo, paciente, seu coração está batendo — disse ela.

— Ufa — disse Alice.

Olivia tirou o termômetro e o olhou, de boca aberta.

— Você está com uma febre terrível, paciente! Está ardendo de febre!

— Oh, não! O que devo fazer?

— Precisa me assistir dando uma pirueta. Isso vai curá-la.

Olivia deu uma pirueta perfeita. Alice aplaudiu e Olivia fez uma reverência. Ela foi dar outra.

— Aqui dentro de casa não, Olivia! — Nick estrilou. — Você sabe disso.

Olivia espichou o lábio inferior.

— Por favor, papai, por favor. Só mais uma.

— Ela pode usar seu batom desse jeito? — perguntou Nick.

— Ah, bem — disse Alice. — Não estou bem certa disso.

— Deixe sua mãe começar a preparar o jantar. — Nick tinha a mesma expressão exausta e derrotada de Elisabeth, da noite anterior. Em 2008, todos pareciam tão cansados e ranzinzas.

— Desculpe, papai querido. — Olivia passou os braços ao redor das pernas de Nick.

— Vá trocar de roupa e tire o maiô — disse Nick.

Olivia saiu dançando, girando a capa vermelha ao seu redor.

Eles estavam sozinhos.

— A propósito, não consegui terminar todo o dever de casa de Olivia — disse Nick. Ele parecia defensivo, como se estivesse confessando algo.

— Você quer dizer que faz o dever de casa de Olivia para ela? — perguntou Alice.

— É claro que não! Jesus. Você realmente acha que sou um incompetente, não é?

Alice sentou.

— Não, não acho.

— Só faltam oito perguntas do dever dela. É obviamente mais difícil quando estamos todos juntos, num pequeno apartamento. E também não chegamos a terminar a leitura de Tom. Ficamos três horas fazendo a experiência de Ciências de Madison. Tom quis fazer para ela.

— Nick.

Ele parou de falar e deu um gole no vinho, e a olhou.

— O quê?

— Por que estamos nos divorciando?

— Que pergunta é essa?

— Só quero saber.

A vontade de levantar e tocá-lo era tão forte que ela apertou as mãos contra as coxas para não levantar e mergulhar o rosto embaixo do queixo dele.

— Não importa o motivo — disse Nick. — Não vou falar disso. Qual é o sentido? Não estou interessado em joguinhos esta noite, Alice. Estou exausto. Se você está tentando me fazer dizer algo que possa usar contra mim, não vai funcionar.

— Ah — disse Alice.

Será que sua capacidade de ficar chocada terminaria um dia? Ela percebeu que, desde a primeira vez que Elisabeth dissera a palavra “divórcio”, no hospital, esperava ver Nick para que ele demonstrasse que isso não tinha nada que ver com eles.

— Talvez eu deva ir para casa — disse Nick, colocando seu copo sobre a mesa de centro.

— Uma vez, você me disse que, se um dia tivéssemos problemas com nosso relacionamento, você moveria céus e terra para tentar consertar — disse Alice. — Estávamos naquele novo restaurante italiano, quando você disse isso. A gente estava descascando a cera da vela. Lembro-me disso claramente.

— Alice.

— Você disse que ficaríamos velhos e rabugentos juntos, e faríamos excursões e jogaríamos bingo.

O pão de alho estava frio, mas estávamos com fome demais para reclamar.

Nick estava de boca aberta, com cara de bobo.

— Uma noite, estávamos em pé, na entrada da garagem de Sarah O’Brien, esperando um táxi, e eu perguntei se você achava que naquela noite Sarah estava mais bonita do que o habitual, e você disse: “Alice, eu jamais conseguiria amar alguém como amo você”, e eu ri e disse: “Essa não foi a pergunta”, mas foi a pergunta, porque eu estava me sentindo insegura e foi isso que você disse. Você disse isso. Estava frio. Você vestia aquele colete grande que perdeu em Katoomba. Não lembra?

Ela sentiu que seu nariz começava a entupir.

Nick estava com as palmas erguidas em pânico, como se houvesse um incêndio começando à sua frente, mas ele não conseguia ver nada que pudesse usar para apagá-lo.

Alice fungou, ruidosamente.

— Desculpe — disse ela, e olhou para o chão, pois não conseguia suportar olhar seu

rosto conhecido, mas estranho.

Ela disse:

— Esses ladrilhos têm uma cor absolutamente perfeita. Onde foi que os arranjamos?

— Não sei — disse Nick. — Deve ter sido dez anos atrás. — Ela o olhou novamente.

Ele soltou as mãos nas laterais do corpo e arregalou os olhos quando a ficha caiu. — Alice, você recuperou a memória, não é? Eu imaginei... quero dizer, você voltou do hospital. Não continua achando que é 1998, não é?

— Eu sei que é 2008. Acredito nisso. É que não parece.

— Sim, mas você se *lembra* dos últimos dez anos, não? Não é por isso que está fazendo essas perguntas bizarras, é?

Alice disse:

— Você teve um caso com aquela mulher que morava do outro lado da rua? Aquela que morreu?

Gina?

— Um caso? Com *Gina*? Você está brincando.

— Ah, que bom.

Ele disse:

— Você não se lembra de Gina?

— Não. Lembro-me dos balões, em seu enterro.

— Mas Alice — Nick se inclinou à frente, aflito. Ele olhou em volta, para ter certeza de que estavam sozinhos, e baixou o tom de voz. — Você se lembra das *crianças*, não é?

Alice o olhou e silenciosamente negou com a cabeça.

— Nada?

— A última coisa de que me lembro é de estar grávida da Uvinha. Quero dizer, Madison.

Nick bateu as palmas das mãos nos joelhos. (Agora ele estava cheio desses gestos adultos ranzinzas.)

— Pelo amor de Deus, por que você não continuou no hospital?

— Você teve algum caso com alguém *sem ser* Gina? — perguntou Alice.

— O quê? Não, claro que não.

— *Eu* tive?

— Não que eu saiba. Podemos voltar ao assunto?

— Então, não houve caso algum?

— Não! Jesus. Nós não tínhamos *tempo* para ter casos. Não tínhamos energia. Bem, eu não tinha.

Talvez você tivesse, entre suas preciosas aulas de aeróbica e suas consultas com esteticistas. Nesse caso, boa sorte a você.

Alice pensou em como havia beijado Dominick.

Ela disse:

— Agora você tem namorada? Ah, não responda. Não vou aguentar se você tiver uma namorada.

Não responda. — Ela colocou as mãos sobre os ouvidos, depois tirou e disse: — Tem?

Nick disse:

— Você deve ter batido a cabeça com muita força, Alice.

Por um instante, pareceu que o verdadeiro Nick estava de volta. Ele balançava a cabeça numa descrença cômica, da forma como fazia quando a flagrava chorando por causa do anúncio da margarina com os patinhos, ou pulando e xingando por ter se machucado chutando a máquina de lavar, ou de joelhos, tirando freneticamente tudo da geladeira, na esperança de encontrar uma barra de chocolate esquecida.

Depois a expressão desapareceu e ele simplesmente se lembrou de algo altamente irritante e disse: — De qualquer forma, segundo Olivia, você é que tem um namorado. O pai de Jasper. Diretor da escola. Ninguém menos. Lembra-se *dele*?

O rosto dela ficou morno.

— Não lembrava, mas o encontrei ontem.

— Certo — disse Nick. — Bem, ele parece muito legal. Acho que me lembro dele, da escola. Um sujeito alto, magro. Bem, fico contente que as coisas estejam dando certo pra você. A questão é: você está bem o suficiente para cuidar das crianças esta noite? Ou elas devem voltar comigo?

Alice disse:

— Se nenhum de nós teve um caso, então por que não estamos juntos? O que poderia ser ruim o bastante para nos separar?

Nick expirou com força. Ele olhou ao redor da sala, de uma forma espantada, como se buscasse orientação para uma plateia igualmente pasma.

— Parece-me que essa é uma lesão na cabeça bem séria. Não consigo acreditar que eles a deixaram sair do hospital.

— Fizeram uma tomografia. Não há nada fisicamente errado comigo. Além disso, eu disse a eles que havia recuperado a memória.

Nick ergueu os olhos para o céu. Outro gesto novo e pomposo.

— Ah, que ótimo. Brilhante. Minta para os médicos. Muito bem, Alice.

— Por que você está sendo tão malvado comigo?

— Agora temos cinco anos? Não estou sendo malvado com você.

— Está, sim. E nem parece você mesmo. Você ficou sarcástico e cheio de clichês e... comum.

— Obrigado. Muito obrigado. Cheio de clichês e comum. Sim, é um grande mistério o motivo do fim de nosso casamento.

Ele olhou em volta, dirigindo um deboche triunfante ao seu público invisível, como se dissesse: “Estão vendo o que preciso aturar?”.

— Desculpe — disse Alice. — Não quis dizer... — Ela foi parando de falar, pois estava lembrando como era terminar com alguém. As conversas se tornavam inúteis e truncadas. Você tinha de ser educado e preciso. Não podia criticar mais com segurança, pois não tinha esse direito.

— Ah, Nick — disse ela, impotente.

Ela estava sentindo todos aqueles sintomas do rompimento de um relacionamento. A náusea. A sensação de que algo imenso e duro estava alojado no meio de seu peito. Aquela terrível sensação trêmula e lacrimosa.

Nem deveria se sentir assim novamente. Rompimentos deveriam ser algo de sua juventude.

Lembranças dolorosas. Na verdade, dolorosas, não, pois até que era legal olhar para trás com alegria e pensar: *Ai, sua boba, chorando por causa daquele babaca.*

Esse deveria ser um relacionamento adulto. Que durasse para sempre.

Ela colocou seu copo de vinho sobre a mesa de centro e se virou de frente para ele.

— Apenas me diga o motivo para estarmos nos divorciando. Por favor.

— Essa é uma pergunta impossível de ser respondida. Há milhões de razões. E você provavelmente daria milhões de razões diferentes.

— Bem, então tente resumir.

— Em vinte e cinco palavras, ou menos.

— Sim, por favor.

Ele sorriu ligeiramente e ali estava o verdadeiro Nick novamente. Ele ficava aparecendo e sumindo.

Ele disse:

— Bem, eu acho que... — depois parou e baixou a cabeça. — Ah, Alice. — Uma expressão de pura infelicidade surgiu em seu rosto.

Foi demais para Alice. Seu instinto foi consolá-lo, e ela mesma queria ser consolada, e esse era o *Nick*, pelo amor de Deus.

Ela disparou para o outro lado da sala, para os braços dele, e mergulhou o rosto em seu peito, respirando profundamente. Ainda era o Nick. Ainda tinha exatamente o mesmo cheiro.

— O que quer que tenha dado errado, nós vamos consertar — tagarelava ela. — Vamos fazer terapia.

Vamos tirar férias em algum lugar legal! — Ela estava inspirada. — Com as *crianças*! Elas também podem vir! *Nossos* filhos! Será tão divertido. Ou simplesmente ficamos por aqui. Nadando na piscina. A piscina! Eu adoro a piscina! Como conseguimos pagar por ela? Imagino que com seu novo emprego. Você gosta do emprego? Não pude acreditar! Você tem sua própria assistente particular.

Ela não foi muito agradável comigo, mas tudo bem, eu não ligo.

— Alice.

Ele não estava retribuindo o abraço. As palavras continuavam saindo de sua boca. Ela conseguiria sair dessa.

— Estou magrinha, não estou? Talvez esteja até magrinha demais. O que você acha? Como fiquei tão magrinha? Parei de comer chocolate? Não consigo encontrar chocolate na casa inteira. Minha senha é “orégano”. Estranho. Ei, por que a Sra. Bergen não está falando comigo? Eu a ofendi?

Elisabeth também parece estar zangada comigo. Mas você ainda me ama, não ama? Você tem de me amar ainda.

— Pare com isso. — Ele a segurou pelos ombros e a afastou gentilmente.

— Porque temos três filhos. E eu ainda o amo.

— Não, Alice. — Ele sacudiu severamente a cabeça, como se ela fosse uma criancinha, prestes a colocar o dedo numa tomada.

— Sobre o que vocês dois estão brigando desta vez? — Alice e Nick se viraram e viram Madison recostada ao portal. Ela provavelmente tinha tomado banho. Estava vestindo um roupão, seu rosto estava limpo e os cabelos, molhados, puxados para trás.

— Nossa, como você está bonita — disse Alice, involuntariamente.

O rosto de Madison mudou, subitamente ficou horrendo, de raiva.

— Por que você sempre diz essas coisas imbecis, retardadas?

— Madison! — explodiu Nick. — Não fale assim com sua mãe.

— Mas ela diz! De qualquer jeito, eu o ouvi dizer à tia Ella que a mamãe é uma vaca difícil, então por que está fingindo gostar dela? Eu sei que você a detesta.

Alice puxou o ar.

— Eu *não* detesto sua mãe — disse Nick. Alice via a pele repuxando ao redor dos lábios dele. Ele parecia tão velho.

— Você a detesta, sim — disse Madison.

— Ele não detesta a mamãe! — Era Tom. Ele deu um soco no braço de Madison. — Eu te detesto.

— Aiiii! — Madison segurou o braço, os joelhos dobraram e ela despencou no chão. — Ele me *bateu*.

Não se bate em garotas. Isso é violência doméstica. É violência contra mulher.

— Você não é uma mulher — Tom zombou. — É apenas uma garota estúpida.

Madison o chutou cruelmente, na perna. Tom arremessou a cabeça para trás e uivou. Ele olhou para Alice, com o rosto vermelho-fogo, estampado de fúria.

— Mãe, você viu a força do chute que ela me deu? Eu só dei um soquinho!

— Um soquinho? — Madison puxou a manga do roupão. — O que é isso? Isso é uma marca! Vai ficar roxo! Um roxo enorme!

— Minha nossa — Alice respirou. Ela pegou a taça de vinho e olhou em volta, para que algum adulto assumisse o controle.

— Acho melhor eu ir — disse Nick.

— Você está brincando? — disse Alice. — Não pode me deixar com eles!

Madison e Tom agora pareciam tentar matar um ao outro. Estavam brigando como gatos raivosos, no chão. Eram chutes, puxões de cabelo e gritos de raiva de furar os tímpanos. Impressionante.

— Eles fazem muito isso? — perguntou Alice. Ela enfiou os dedos nos ouvidos. — Talvez não sejam férias muito divertidas com eles.

Nick riu: uma gargalhada que parou de repente.

Alice disse:

— Você realmente disse a Ella que sou uma vaca difícil? — Ela parou. — Sou uma vaca difícil?

Nick caminhou até as crianças e agarrou a parte de trás da camiseta de Tom com uma das mãos.

Ele o ergueu no ar e carregou até o sofá, onde o soltou. Depois se virou de volta para Madison e disse:

— Vá para seu quarto.

— Eu? Mas foi *ele* que começou! Ele me deu um soco primeiro! Isso não é justo! Mãe? — Madison sentou ereta, com as costas junto da parede, e olhou para Alice, suplicante.

Nesse instante, Olivia entrou na sala correndo, vestindo apenas uma camiseta e uma calcinha estampada com moranguinhos.

— Mamãezinha, onde está o meu *short*? Eu quero o *short jeans*. Nem diga que não procurei, porque procurei por séculos, e procurei direito. — Ela deu uma pirueta no mesmo lugar com os bracinhos erguidos graciosamente acima da cabeça.

— Você é muito boa nisso — disse Alice, contente com a distração.

— Sim, até que sou — suspirou Olivia, como se isso fosse uma grande responsabilidade. Ela ergueu a perna fininha e bronzeada e ficou admirando seu dedão esticado. Uma ideia lhe ocorreu. — Mãe, quem vai me levar para a Noite de Talento da Família, na vila dos aposentados de Frannie? Você, ou o papai? Em que casa eu vou dormir?

— Ainda não estou bem certa — disse Alice.

— Só dormimos na casa do papai nos fins de semana — Madison olhou fixamente para Alice. — O

espetáculo de Frannie é na quarta à noite, certo?

— Bem, então isso deve estar certo, Madison — disse Alice.

— Estou com muita fome — Tom suspirou do sofá. — A que horas é o jantar? Mãe? Com licença, por favor, a que horas é o jantar? Acho que o nível de açúcar do meu sangue caiu.

— Está certo, Tom...

— Por que você está falando nossos nomes o tempo todo? — interrompeu Madison.

— Oh, desculpe, eu só... desculpe.

Madison disse:

— Você não se lembra da gente, não é?

Tom se endireitou no sofá e Olivia parou de rodopiar.

— Ela nem sabe quem somos — Madison disse a eles.

Capítulo 21

Alice apertou os lábios, como uma mãe séria, tentando não demonstrar o pânico.

— Claro que sei quem são — ela disse a Madison. — Não seja tola.

— Como é que a mamãe não se lembraria da gente? — Olivia colocou as mãos nos quadris e estufou a barriga. — Madison? O que isso quer dizer?

Madison lançou um olhar tedioso, superior.

— A mamãe caiu e bateu a cabeça, na academia. Eu ouvi a tia Libby contando ao tio Ben que ela tinha perdido dez anos de sua memória. Ora, sabe da maior? Nós não tínhamos nascido dez anos atrás!

— Sim, mas e aí? Ela ainda sabe quem somos! Somos seus *filhos*! — Olivia parecia agitada e empolgada.

— Crianças, por que vocês não vão assistir a um pouco de televisão — disse Nick.

— Ou jogar *videogame*? E talvez seja hora de parar de ficar ouvindo conversas de adultos atrás da porta, Madison.

— Eu não estava ouvindo atrás da porta, apenas estava *lá*! Na cozinha! Pegando uma bebida da geladeira. O que eu deveria fazer? Andar assim? — Ela enfiou os dedos nos ouvidos.

— Amnésia — disse Tom. — Isso se chama amnésia. É isso que você tem, mãe?

— Sua mãe está perfeitamente bem — disse Nick.

— Mãe? — disse Tom.

— Vamos fazer um teste — disse Madison. — Faça algumas perguntas a ela.

— Como o quê? — disse Olivia.

— Já sei! — Tom ergueu a mão, como se estivesse na escola. — Já sei! Certo, mãe, qual é a minha comida favorita?

— Batata frita — disse Nick. — Agora chega.

— Está errado! — gritou Tom. — É frango à milanesa. Às vezes. Ou então, sushi.

— Bom, está vendo? Eu também estou com amnésia, agora chega.

— Minha comida predileta também é frango à milanesa — comentou Olivia.

— É nada — disse Tom. — Pense em algo seu! Você copia tudo o que eu faço!

— Qual é o nome da minha professora, mãe? — perguntou Madison.

— Agora chega — repetiu Nick.

— Ah! Essa eu sei! — Alice conseguiu se conter para não erguer a mão. Ela vira um bilhete na porta da geladeira, sobre uma excursão da quinta série, com o nome de uma professora. — Sra. Ollaway!

Quero dizer, Alloway. Ollaway? Algo assim.

Houve um silêncio aterrador.

— A Sra. *Holloway* é a vice-diretora — disse Madison, baixinho, num tom que apontava um erro inacreditavelmente tolo e potencialmente perigoso.

— Ah, sim, claro, foi isso que eu quis dizer — disse Alice, humildemente.

— Quis nada — disse Madison.

— Quando é meu aniversário, mãe? — perguntou Tom, apontando um dedo de alerta ao pai. — Não responda pra ela!

— Certo! — Nick enlaçou as mãos, fazendo um som oco. — Sua mãe teve um acidente e está meio confusa sobre algumas coisas, só isso. Ela precisa que todos vocês sejam superprestativos e fiquem bem quietos. Não precisa de interrogatório. Portanto, quero todos os três colocando a mesa, agora.

Olivia veio até o lado de Alice e pegou sua mão. Ela sussurrou: — Você sabe que meu aniversário é vinte de junho, não sabe?

— Claro que sei, querida — disse Alice, subitamente se sentindo mãe. — Foi o dia em que você nasceu. Eu jamais poderia esquecer.

Ela olhou para cima e viu Madison em pé, no corredor, encarando-a, com uma concentração impetuosa.

— Você está mentindo — disse ela.

O dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Sabe de uma coisa, Dr. Hodges? Vou me permitir chamá-lo pelo seu primeiro nome. Hoje eu estava me lembrando de como o senhor fez tanta questão disso em nossa primeira sessão.

— “Jeremy”, o senhor dizia, firmemente, a cada vez que eu falava “Dr. Hodges”. O senhor provavelmente não gosta de seu nome. Não posso culpá-lo. Hodges é um nome pesado e pegajoso, mas o senhor não é. Na verdade, o senhor é bem bonito, o que eu acho dispersivo. Sua bela aparência fica me lembrando que o senhor é uma pessoa de verdade e eu não quero que o senhor seja uma pessoa de verdade. Pessoas de verdade não têm as respostas. Elas cometem erros. Dizem coisas com grande autoridade e estão erradas.

Mas, de qualquer jeito, eu o estou oficialmente tirando do pedestal.

Como vai indo, Jeremy? O que está fazendo nesta noite de domingo? Está tomando um vinho tinto com sua linda e fértil esposa, enquanto ela prepara um assado para o jantar e ajuda aquelas crianças de cabelos claros com seu dever de casa? A casa está aquecida, cheirando a alho e alecrim?

Aqui não tem nada assando para o jantar. Não tem conversa. Só tem o som da televisão. Sempre tem o som da televisão. Não suporto desligá-la. Não suporto o silêncio. “Não poderíamos apenas colocar uma música?”, diz o Ben. Não. Quero televisão. Quero tiros e riso ensaiado e comerciais de comida de cachorro. Nada parece tão trágico quando a televisão está aos berros.

Então, o que eu queria lhe dizer? Ah, sim. Ben. Estamos brigando.

Hoje, a caminho de casa, vindo da casa de Alice, Ben começou a me contar sobre um homem que ele conhecera na festa de ontem à noite. Eu os vi conversando enquanto estava batendo papo com o novo namorado de Alice que, por sinal, é meigo e esquisito. E me fez sentir ligeiramente estranha.

Como se eu estivesse sendo infiel a Nick. Mas eu gostei dele. De qualquer forma, pensei: *Ah, que bom, Ben achou alguém para conversar sobre carros.*

Mas não.

Eles estavam falando sobre infertilidade e adoção. Subitamente, Ben é o tipo de cara que revela detalhes de sua vida pessoal a estranhos, em festas de pais do jardim de infância. Eu o interpretei mal todos esses anos. Ele não tem nada do tipo quieto, forte e

lesado que imaginei.

A irmã desse cara passou por onze ciclos fracassados de fertilização *in vitro*, antes de adotar uma menininha da Tailândia, e a menina é uma talentosa violinista e todos viveram felizes para sempre.

Ben ficou com o número dessa mulher. Vai ligar para ela. Meu marido tem uma nova expressão zelosa no olhar. É como se ele tivesse descoberto a religião ou o golfe. O Sr. Jamais Adotarei se transformou no Sr. Mal Posso Esperar para Adotar.

Perguntei quantos anos levava, mas Ben não sabia.

Mudei de assunto.

Então, nesta noite, estávamos assistindo ao noticiário e estavam mostrando o ciclone que houve em Burma. Havia uma mulher com um vestido vermelho ligeiramente parecido com o de Alice. Ela estava diante de uma montanha de escombros que havia sido a escola da filha. Segurava a foto de uma garotinha séria. Parecia ter aproximadamente a idade de Olivia. A mãe falava educadamente ao repórter, num bom inglês, explicando que as autoridades locais estavam fazendo tudo o que podiam.

Ela parecia bem, quase num tom profissional. A câmera se afastou e depois voltou a focá-la. Agora ela estava se contorcendo no chão, gemendo e mordendo os nós dos dedos. O repórter explicou que ela acabara de saber que não haveria mais resgates na escola, por ser muito perigoso.

Eu estava comendo salgadinhos de milho e vendo uma mulher passando pela pior dor de sua vida.

Não tenho direito algum de ficar triste a respeito de nada. Direito algum de fazer terapia com médicos caros como você, por perder crianças que nunca existiram. Existe pesar verdadeiro no mundo. Existem mães verdadeiras, perdendo crianças verdadeiras. Sinto repulsa por mim mesma.

E foi quando Ben disse:

— Muitas crianças perderam os pais. — Ele disse isso num tom solene, mas também havia uma ponta de alegria. Como se dissesse: “Ei, mas isso veio a calhar! Uma porção de pais mortos! Um monte de crianças dando sopa! Talvez uma criancinha bonitinha e violinista esteja engatinhando pelos escombros, neste momento”. Jesus.

Eu disse:

— É! Mas esse ciclone não é ótimo?

Ele disse:

— Não seja assim.

E subitamente eu estava gritando:

— Eu teria adotado! Teria, mesmo! Mas VOCÊ DISSE NÃO. Você disse que estava psicologicamente lesado por ter sido adotado, você disse...

E ele me interrompeu, dizendo:

— Eu NUNCA usei as palavras “psicologicamente lesado”.

O que é verdade, mas estava implícito.

Eu disse:

— Disse, sim. — Quero dizer, ele até podia ter dito, Jeremy.

Ele disse:

— Papo furado.

Eu realmente detesto essa expressão. Ela me dá uma impressão nojenta. Ele sabe

disso. Nem faz sentido. Um papo furado.

Depois, ele disse — e segura essa, Jeremy. Ele disse:

— Eu achei que fosse você quem não quisesse adotar.

Depois que minha cabeça parou de explodir, eu disse:

— Por que acharia isso?

Ele disse:

— Sempre que as pessoas nos perguntavam a respeito disso, você ficava zangada com elas. Você dizia que queríamos nosso filho biológico.

Eu disse:

— Mas eu dizia isso por sua causa. Porque você sempre fora tão contra no começo.

Ele disse:

— Eu era contra, mas como você continuava a perder as gestações, aquilo parecia o óbvio a fazer, porém eu não queria tocar no assunto, já que a ideia parecia aborrecê-la tanto.

Pronto, aí está. Que tal em termos de excelente comunicação conjugal?

Isso me faz lembrar daquele programa de televisão em que investigam acidentes aéreos. Às vezes, um desastre enorme acontece por um erro minúsculo e tão imbecil.

Eu disse:

— De qualquer forma, agora é tarde demais.

Ele disse:

— Não é.

Eu disse:

— Não vou adotar. Estou cansada demais.

É verdade, Jeremy. Recentemente me ocorreu que durante os últimos anos eu tenho andado em permanente estado de cansaço. Estou muito cansada de tentar e tentar e tentar. Não sobrou nada.

Estou acabada. Eu gostaria de dormir por um ano, ou dois.

Eu disse:

— Não seremos pais. Acabou.

E depois de um tempo mastigando vigorosamente os salgadinhos (triturando-os com os dentes, como um porquinho-da-índia), ele disse:

— Então, só vamos sentar e ficar vendo televisão, pelo resto de nossas vidas?

E eu disse:

— Para mim, está bom.

Ele levantou e saiu da sala.

Agora não estamos nos falando. Eu não o vejo desde então. Mas sei que, quando ele voltar, não vamos nos falar. Ou, se falarmos, será apenas educada e friamente — que é o mesmo que não falar.

Neste momento, eu sinto... nada.

Nada mesmo.

Um imenso, vazio e infinito nada que estou preenchendo com salgadinhos de milho e o programa *Australia's Funniest Home Videos*².

² Programa australiano não exibido no Brasil. (N. do E.).

Capítulo 22

A família Love estava sentada ao redor da mesa de jantar. Houve um momento estranho, quando Alice foi se sentar no lugar de Olivia, mas Nick a salvou, apontando o queixo para o lugar oposto.

As crianças tinham ficado agitadas, dando risadinhas, como se estivessem bêbadas. Pareciam incapazes de ficar quietas. Escorregavam de suas cadeiras, constantemente derrubando talheres no chão e falando em voz alta, uma mais que a outra. Alice não sabia se esse era o comportamento normal ou não. Não era algo especificamente tranquilizador. Nick estava com o maxilar contraído, como se o jantar fosse um terrível procedimento médico que ele precisasse suportar.

— Eu *sabia* que você não se lembraria de ter prometido que eu poderia fazer lasanha.
— Madison cutucava o hambúrguer, desgostosa.

— Ela está com amnésia, imbecil — disse Tom, com a voz grossa e a boca cheia de comida.

— Modos — disse Alice, automaticamente, que depois percebeu. Ela tinha acabado de dizer “modos”? O que isso significava?

— Ah, sim — disse Madison. Ela desviou os olhos bravios para Alice. — Desculpe.

— Tudo bem — disse Alice, baixando os olhos primeiro. A garota era assustadora.

— O que tem de sobremesa, mamãe? — perguntou Olivia. Ela estava chutando a perna da mesa ritmicamente, enquanto comia. — Talvez sorvete? Ah, já sei! Pudim de chocolate?

— Que pudim de chocolate? — perguntou Alice.

— Ah, bobinha, você sabe! — disse Olivia.

Tom deu um tapa na própria testa.

— Garotas! Ela está com amnésia!

— Mamãezinha querida — disse Olivia. — Agora passou? Sua am... alguma coisa. Porque eu posso pegar um Panadol, quer? Posso pegar pra você. Posso pegar agora!

Ela empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa.

— Coma seu jantar, Olivia — disse Nick.

— Papai — gemeu Olivia. — Estou tentando *ajudar*.

— Como se Panadol fosse ajudar — disse Tom. — Ela provavelmente precisa de uma operação. Tipo cirurgia cerebral. Por um neurocirurgião. Eu vi um neurocirurgião na televisão, outro dia — disse ele, radiante. — Ei! Eu gostaria de dissecar um rato e ver seu cérebro, assim como seus intestinos! Com um bisturi. Isso seria excelente.

— Oh, meu *Deus*. — Madison soltou a faca e o garfo e deitou a cabeça na mesa. — Isso está me deixando enjoada. Vou vomitar.

— Pare com isso — disse Nick.

— Isso é o cérebro de um rato, Madison. — Tom esmigalhou a carne do hambúrguer com o garfo. — Plec, plec, plec, no cérebro do ratinho!

— Faça-o parar! — Madison choramingou.

— Tom — Nick suspirou.

— Então! — disse Alice. — Como foi o parque aquático hoje?

Madison ergueu a cabeça da mesa e disse a Alice:

— Você se lembrou de que estava se divorciando do papai? Depois de bater a cabeça? Lembrou-se disso?

Nick fez um som estrangulado, impotente.

Alice pensou na pergunta.

— Não — disse ela. — Não lembrava.

Ninguém falou. Olivia bateu a faca no prato. Tom torceu o braço e franziu o rosto, olhando ferozmente algo em seu cotovelo. Havia farelos de torrada no rosto de Madison.

— Então, ainda ama o papai? — perguntou Madison. Havia um ligeiro tremor em sua voz. Ela parecia bem mais nova.

— Alice — disse Nick, em tom de alerta, ao mesmo tempo que Alice disse: — Sim, claro que amo.

— Então, o papai pode voltar pra casa? — Olivia olhou para cima, alegre. — E voltar a dormir na cama dele?

— Está bem, hora de mudar de assunto — disse Nick. Ele evitava os olhos de Alice.

— Eles brigariam muito — disse Tom.

— Por que brigamos? — perguntou Alice, ávida para saber dos fatos.

— Ah, eu não *sei* — disse Tom, irritado. — Vocês diziam que era por isso que não podiam mais viver juntos. Porque brigam demais. Embora eu ainda tenha de continuar vivendo com as minhas irmãs imbecis e a gente brigue o tempo todo. Então, não tem lógica.

— Vocês brigam por causa da Gina — disse Madison.

— Não fale da Gina! — disse Olivia. — Isso me deixa triste. É absolutamente *trágico*.

— Descanse em paz — disse Tom. — Isso é o que se diz quando se fala de alguém que morreu: descanse em paz. Você tem de dizer, sempre que ouvir o nome da pessoa.

— Por que brigamos por causa de Gina? — perguntou Alice.

— Descanse em paz! — gritou Tom, como se estivesse engasgando.

— Então, o parque aquático foi muito divertido — disse Nick. — Não foi, garotos?

— Bem — disse Madison. — Eu acho que o papai pensava que você gostava mais da Gina do que dele.

— Descanse em paz! — Tom e Olivia berraram juntos.

— Ora, calem a boca! — disse Madison. — O fato de alguém morrer não tem graça!

Alice olhou para Nick. Seu rosto estava vermelho e em carne viva como se ele estivesse queimado. Ela não conseguia identificar se isso significava que estava zangado ou constrangido.

Minha nossa. Será que *ela* tivera algum caso tórrido e lésbico com Gina?

— Vocês também brigavam muito por causa do American Expense — disse Tom.

— *American Express* — disse Madison.

— *American Expense* serve. — Nick ergueu a taça de vinho num brinde debochado, mas continuou sem olhar para Alice.

— Uma vez, vocês tiveram uma briga enorme por *minha* causa — disse Olivia, satisfeita.

— Por quê? — perguntou Alice.

— Ah, você lembra. — Olivia pareceu cautelosa. — Naquele dia, na praia.

— Pela vigésima bilionésima vez, ela não se lembra! — disse Tom.

— Olivia se perdeu — disse Madison. — A polícia veio. Você estava chorando. — Ela lançou um olhar malicioso para Alice. — Assim: “Olivia! Olivia! Minha filha! Onde está minha *filha*?” — Ela mergulhou o rosto nas mãos e fingiu chorar dramaticamente.

— Estava? — Alice se sentiu ridiculamente magoada pela encenação de Madison.

— Caso esteja se perguntando — disse Madison —, Olivia é sua filha preferida.

— Sua mãe não tem preferidos — disse Nick.

Será que tinha? Ela esperava que não.

— Quando eu estava grávida de você, Madison — disse Alice —, seu pai e eu a chamávamos de Uvinha. Sabia disso? Porque você era pequena como uma Uvinha.

— Você nunca me disse isso — Madison pareceu duvidar.

— Do que *me* chamavam? — perguntou Olivia.

— É mesmo? Nunca lhe contei isso? — perguntou Alice.

Madison se virou para Nick.

— Isso é verdade? Vocês me chamavam de Uvinha?

— Seu pai falava com você através de um tubo de papelão retirado de dentro do rolo de papel higiênico, encostado à minha barriga — disse Alice. — Ele dizia: “Olá, Uvinha! Sou eu! Seu pai!”.

Madison sorriu. Alice ficou olhando. Foi o sorriso mais extraordinário que ela já vira. Ela sentiu uma pontada de amor tão forte que chegou a doer seu peito.

Ela olhou para baixo, para seu prato, e uma lembrança lhe veio diretamente à cabeça.

Ela estava num carro inundado por uma luz dourada. Tinha cheiro de sal e algas marinhas. Seu pescoço doía. Ela se virou para olhar o bebê. Milagre. Ela estava dormindo. Bochechas rosadas e gorduchas. Cílios longos. A cabecinha recostada na cadeirinha. Enquanto Alice olhava, um fecho de luz recaiu sobre seu rosto. Seus olhos se abriram e ela bocejou e se espreguiçou, sonolenta.

Depois viu Alice, e seu rostinho se iluminou com um imenso sorriso de surpresa, como se dissesse: “Ei! Não acredito! Você também está aqui!”. Houve um repentino e ruidoso ronco vindo do banco do passageiro e o bebê ficou assustado. “Tudo bem”, disse Alice, “é só o papai”.

— O bebê não dormia — Alice olhou para Nick. — Ela não dormia, a menos que estivessemos dirigindo.

Nick continuava a encher a boca de comida, olhando para a frente.

Alice olhou Madison e piscou. A garotinha zangada e estranha sentada à mesa era o bebê. O bebê sorridente no carro era a Uvinha.

— Nós dirigimos a noite inteira — Alice disse a Madison. — Toda vez que parávamos, você berrava.

— Eu sei — disse Madison. Ela estava emburrada novamente. — E vocês dirigiram até Manly e pararam o carro, e você, o papai e eu adormecemos no carro, e depois vocês me levaram para a praia, e eu rolei para o lado, pela primeira vez, sei lá.

— Sim! — disse Alice, empolgada. — O bebê rolou no tapete do piquenique! Compramos café naquele lugar com os toldos azuis. E tostamos sanduíches de queijo com presunto.

Aquilo dava a sensação de ter sido ontem, e um milhão de anos atrás.

— Eu dormia a noite inteira quando estava com oito semanas — disse Olivia. — Não era, mamãe? Eu era uma dorminhoca de ouro.

— Shhhh — disse Alice, erguendo a mão, tentando focar. Ela podia ver aquela manhã tão claramente.

O macacão listrado do bebê. O rosto de Nick, com a barba por fazer e os olhos vermelhos. Uma gaiivota branca grasnando em contraste com um céu profundamente azul. Eles estavam até tontos, de tão cansados. A sensação abençoada da cafeína entrando na sua corrente sanguínea. Eles eram pais.

Transbordavam o milagre e o horror, a bênção e a exaustão de serem pais.

— Mamãezinha — choramingou Olivia.

Se ela se lembrava daquele dia, seria capaz de sentir tudo de volta, até quando Madison nasceu. E

conseguiria sentir até o dia em que Nick arrumou as malas e partiu.

— Mamãezinha — disse Olivia, novamente.

Oh, *por favor, fique QUIETA*. Ela tateava a escuridão, mas não havia mais nada. Tudo o que ela tinha era aquela manhã.

— Mas, Nick — ela começou a falar.

— O quê? — perguntou ele, irritadiço. Ele realmente não gostava dela. Não era o fato de não amá-la mais. Ele nem sequer gostava dela.

— Éramos tão felizes.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Três horas da manhã.

Oi, J. O Ben saiu de carro para algum lugar. Não sei onde ele está.

Estou muito cansada.

Ei. Sabe quando você diz uma palavra repetidamente e ela começa a ter um som estranho?

Digamos que a palavra seja, ãh, não sei, INFERTILIDADE.

Infertilidade. Infertilidade. Infertilidade. Infertilidade.

É uma palavra sinuosa, enrolada, desagradável. Cheia de sílabas.

De qualquer forma, Jeremy, meu querido terapeuta (como Olivia diria), o que quero dizer é que as coisas ficam estranhas e sem sentido quando você as examina por tempo demais. Eu pensei em ser mãe durante tantos anos que o conceito todo passou a parecer estranho. Eu queria, queria, queria.

Agora nem tenho certeza se eu realmente queria mesmo.

Olhe para Alice e Nick. Eles eram tão felizes antes de terem filhos. E, claro, amam os garotos, mas, sejamos honestos, eles dão muito trabalho. E você nem *fica* com aqueles bebezinhos adoráveis.

Os bebês somem. Eles crescem. Transformam-se em crianças que não têm nada de necessariamente bonitinho.

Madison era o bebê mais lindo do mundo. Nós a adorávamos. Mas a Madison de hoje não parece ter nada que ver com aquele bebê. Ela está tão furiosa e estranha, e faz você se sentir uma idiota.

(Sim, Jeremy, uma garota de nove anos consegue fazer eu me sentir inferior. Isso

demonstra uma falta de maturidade, não é?)

Tom costumava mergulhar o rosto em meu pescoço e agora se contorce se tento tocá-lo. E conta todas as tramas dos programas de televisão, com detalhes desnecessários. É meio tedioso. Às vezes, eu fico pensando em outras coisas enquanto ele fala.

E Olivia continua linda, mas, na verdade, pode ser manipuladora. Às vezes, é como se soubesse que está sendo bonitinha.

E as BRIGAS. Você devia vê-los brigar. É impressionante.

Está vendo. Sou uma tia terrível. Estou fazendo comentários terríveis sobre aquelas três lindas crianças, as quais quase não vejo. Que tipo de mãe eu seria? Uma mãe horrível. Talvez até uma mãe abusiva. Provavelmente tirariam meus filhos e os dariam a outra pessoa. Uma mulher infértil poderia adotá-los.

Sabe, Jeremy, uma vez, quando Olivia era pequenina, eu fiquei cuidando dela um dia inteiro. Alice e Gina tinham ido a um evento da escola. Olivia era muito comportada e tão bonitinha que teria ganhado o troféu de bebê mais lindo, mas, sabe, até o fim do dia, eu estava MORTA DE TÊDIO de ficar andando atrás dela, depois de dizer “não toque nisso”, “ooooolha a luzinha”.

Entediada. Cansada. Ligeiramente irritadiça. Fiquei aliviada ao entregá-la a Alice quando ela voltou para casa. Eu me senti leve como uma pluma.

Que tal? Toda essa obsessão “pobre de mim” por querer ser mãe, e eu estava entediada depois de um dia.

Secretamente, eu sempre pensei que Anna-Marie, minha amiga das Inférteis, seria uma péssima mãe. Ela é muito impaciente e irritável. Talvez todas elas também estejam pensando isso de mim.

Talvez todas nós daríamos mães terríveis. A mãe de Ben provavelmente está certa quando diz que a “natureza é sábia”. A natureza sabe que eu daria uma mãe terrível. Cada vez que engravidado, a natureza diz: “Na verdade, essa criança estaria melhor morta do que tendo uma mãe assim”.

Afinal, a mãe de Ben também não podia ter filhos e, olhe para ela, ela RESULTOU numa mãe terrível.

O resumo da questão é que não devemos adotar.

Não quero mais ser mãe, Jeremy.

Mãe. Mãe. Mãe. Mãe.

Soa como mamão. É uma palavra esquisita.

Nem sei ainda por que estou chorando.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Bem, não sei por que me senti compelida a aceitar seu conselho, DorisdeDallas, mas aceitei! Convidei o Cavalheiro X para uma ceia.

Estou fazendo minha quiche de queijo e cebola.

Não estou certa quanto ao que pretendo conseguir, mas não suporto mais isso. Todos estão sentindo pena de mim. Mulheres velhas e infelizes estão me dizendo que eu

preciso me animar.

Você perguntou como foi minha decepção no amor. É uma história simples e tola. Eu estava apaixonada por um rapaz chamado Paul, no começo da guerra. Achei que estivéssemos seguindo rumo ao casamento. Ele se alistou e eu fui me despedir dele na estação. Assim como sua outra namorada. Ainda posso vê-la. Uma bela garota de cabelos escuros. Ele tinha uma loura e uma morena ao mesmo tempo.

Era um “conquistador”. Chegou a rir quando viu as duas na mesma hora. Achou que foi uma grande piada. Talvez tenha sido ali que eu perdi meu senso de humor.

Ele morreu num campo de prisioneiros japoneses. Pobre egoísta, o lindo e jovem Paul. Que desperdício. Ele ainda tinha muitos corações a partir.

A outra garota reagiu. Ela se casou com outra pessoa e teve seis filhos. Eu não me recuperei tão bem. Eu dizia “não, obrigada” sempre que um garoto demonstrava algum interesse. Talvez tenha sido um erro, talvez não, mas, pelo que observei, o casamento não é nenhum mar de rosas! Não tenho que fazer janta, lavar roupa, e nenhum homem me diz o que fazer! Tive uma carreira maravilhosa e viajei bastante. Não foi uma vida ruim.

COMENTÁRIOS

A Vovó Maravilha disse...

O casamento é uma bênção, Frannie. Se você for um homem! Estou brincando. Sua mensagem me fez pensar. Ed e eu vamos comemorar nosso aniversário de cinquenta anos de casados em agosto. Cinquenta anos de momentos felizes, momentos tristes. É difícil imaginar o que minha vida teria sido se eu tivesse escolhido um caminho diferente. É claro que eu não mudaria nada. (Apesar de que gostaria que ele não fosse tão mão-fechada, quando se trata de dinheiro!)

AB74 disse...

O casamento é amor. O amor é cego. Sendo assim, o casamento é uma instituição para os cegos. HA HA HA HA HA. Essa é uma das minhas piadas prediletas. Gosto de contá-la em casamentos. Sempre arranca boas risadas. (Sou solteirão.)

Frank Neary disse...

Se ao menos a senhorita tivesse cruzado o caminho do homem certo! Um homem mais jovem. Um homem que a tivesse tratado como uma princesa! Não me envergonho em dizer que fiquei com lágrimas nos olhos quando a imaginei naquela estação de trem.

DorisdeDallas disse...

Fico tão contente que você esteja tentando quebrar o gelo com o X! Bom pra você! Mantenha-nos informados! A propósito, você fala de sua vida como se ela tivesse acabado! Ainda há bons anos pela frente, Frannie, eu sei disso.

Capítulo 23

— Certo. Todos de cinto? — perguntou Alice.

Sua mão tremia levemente quando ela virou a chave na ignição. Ela realmente dirigia esse carro gigantesco todos os dias de sua vida? Dava a sensação de ser quase um *trailer*.

Aparentemente, era chamado veículo utilitário-esportivo.

— Tem certeza de que está segura para levá-los à escola amanhã? Porque, se acha que há qualquer risco para as crianças, eu prefiro levá-las — Nick dissera, na noite anterior, quando estava indo embora, e Alice teve vontade de dizer: “Claro que não estou bem, seu idiota! Nem sei onde fica a escola!”. Mas algo no tom de Nick eriçou os pelos de seu pescoço, com uma sensação forte e estranhamente familiar, quase uma... fúria? Agora ele tinha uma forma tão irônica de falar. Aquela voz ríspida voltou a falar em sua cabeça: *Bastardo santarrão, tentando me fazer parecer uma mãe ruim.*

— Ficarei bem — disse ela.

Ele deu um novo suspiro melindroso, e ela o observou andar até seu carro lustroso, e sentiu algo parecido com alívio, enquanto, ao mesmo tempo, pensava: *Mas por que você simplesmente não sobe e vem para a cama comigo?*

Agora, seus três filhos estavam sentados no banco atrás dela. Eles estavam de péssimo humor. Se estavam bêbados na noite anterior, agora sofriam de ressacas terríveis. Estavam pálidos e rabugentos, com olheiras. Será que haviam dormido mal por causa dela? Ela imaginou que os deixara ficar acordados depois da hora de irem para a cama. Houve muita imprecisão quando ela perguntou a que horas eles costumavam ir dormir.

Alice ajustou o espelho retrovisor.

— Você se lembra de como se dirige? — perguntou Tom.

— Sim, claro. — A mão de Alice pairava nervosamente sobre o freio de mão.

— Estamos atrasados — disse Tom. — Talvez você tenha de ultrapassar bastante o limite de velocidade.

Havia sido uma manhã estranha e estressante. Tom surgira no quarto de Alice às sete, dizendo: — Já recuperou a memória?

— Não muito — disse Alice, tentando sacudir a cabeça, depois de uma noite de sonhos envolvendo Nick gritando com ela.

— Ela não recuperou! — ela ouviu Tom gritar, e depois escutou o som da televisão sendo ligada.

Quando saiu da cama, ela encontrou Madison e Tom esparramados, de pijama, comendo cereais, na frente da televisão.

— Vocês normalmente assistem à televisão antes de irem à escola? — perguntou Alice.

— Às vezes — respondeu Tom, cauteloso, sem tirar os olhos da televisão.

Vinte minutos depois, ele estava frenético, gritando que eles precisavam sair em cinco minutos. Foi quando ela se deu conta de que Olivia ainda estava na cama, dormindo. Aparentemente, acordá-la era função de Alice.

— Acho que a Olivia pode estar doente — disse Alice, enquanto Olivia ficava despencando no travesseiro, com a cabeça caindo para um lado, dizendo, sonolenta: — Não, obrigada, eu vou ficar aqui, obrigada, tchau.

— Mãe, ela é assim todas as manhãs — disse Tom, desgostoso.

Finalmente, depois que Alice a arrastou em semicoma para colocar seu uniforme escolar e enfiou algumas colheradas de cereais em sua boca, enquanto Madison passou meia hora com o secador de cabelos, no banheiro, eles deixaram a casa, inacreditavelmente atrasados, segundo Tom.

Alice colocou a mão no freio de mão.

— Você chegou a escovar os cabelos esta manhã, mãe? — perguntou Madison. — Você está meio...

horrível. Sem querer ofender.

Alice levou a mão aos cabelos e tentou alisá-los. Ela presumira que não precisava se arrumar para deixar as crianças na escola. Não se preocupou com os cabelos ou a maquiagem, e só vestiu uns *jeans*, uma camiseta e um colete velho, cor de melancia, que encontrou no fundo de uma gaveta. O

colete estava desbotado e gasto, e deixou Alice perplexa, lembrando de tê-lo comprado com Elisabeth, na semana anterior.

Só que a semana anterior havia sido dez anos atrás.

— Não seja malvada com a mamãezinha querida — Olivia disse a Madison.

— Não seja malvada com a mamãezinha querida — Madison a imitou, numa voz açucarada.

— Pare de me imitar! — Alice sentiu o chute de Olivia na traseira de seu banco.

— Estamos muito atrasados — gemeu Tom.

— Será que vocês três podem ficar quietos uma vez na vida? — Alice estrilou, numa voz totalmente diferente da sua e, ao mesmo tempo, ela puxou o freio de mão, deu ré saindo da entrada da garagem e virou à esquerda, com as mãos hábeis sobre o couro macio do volante, como se ela já tivesse dito aquelas exatas palavras e feito aquela mesma manobra um milhão de vezes.

Ela dirigiu em direção ao sinal, já com a mão na seta, para virar à direita.

Havia um silêncio mal-humorado na traseira do carro.

— Então, o que vai haver na escola hoje? — perguntou ela.

Madison suspirou dramaticamente, como se nunca tivesse ouvido uma pergunta mais imbecil.

— Vulcões — respondeu Tom. — Estamos falando sobre o que acontece quando um vulcão entra em erupção. Eu já escrevi algumas perguntas para a Sra. Buckley. Umas perguntas bem capciosas.

Pobre Sra. Buckley.

— Estamos fazendo uma surpresa para o Dia das Mães — disse Olivia.

— Agora não é mais surpresa, não é? — disse Madison.

— É, sim! — disse Olivia. — É, não é, mamãe?

— Claro que ainda é surpresa, eu não sei o que vocês estão fazendo — disse Alice.

— Estamos fazendo velas especiais — disse Olivia.

— Ai, ai — disse Madison.

— Bem, mas eu ainda não sei de que cor elas são — disse Alice.

— Rosa! — disse Olivia.

Alice riu.

— Idiota — disse Madison.

— Não a chame assim — disse Alice. Será que ela e Elisabeth falavam desse jeito horrível? Bom, houve aquela vez em que Elisabeth lhe atirou a tesoura de unha. Pela primeira vez, Alice sentiu pena da mãe delas. Ela não se lembrava de vê-la gritando com elas, quando brigavam, mas apenas suspirando muito e dizendo somente: “Sejam boazinhas, meninas”.

Eles pararam num sinal vermelho. O sinal abriu e Alice não tinha ideia de que direção tomar.

— É... — disse ela.

— Direto em frente. Na segunda à direita — disse Tom, de modo tão conciso e tão parecido com o pai que Alice teve vontade de rir.

Alice continuou dirigindo. O carro era imenso e novamente desconhecido.

Ela viu que seguia atrás de um carro semelhante e enorme, com uma mulher ao volante e duas cabecinhas se movimentando no banco de trás.

Alice era uma mãe levando os três filhos para o colégio. Ela fazia isso todos os dias. Era inacreditável. Hilário.

— Então, comparada com as outras mães da escola — disse ela —, eu sou severa?

— Você parece uma nazista — disse Madison. — Parece da Gestapo.

— Você está na média — disse Tom. — Tem, por exemplo, a mãe do Bruno, que não o deixa ir nem às excursões do colégio, de tão má que ela é. Mas então tem a mãe do Alistair, que deixa que ele fique acordado até as nove, e eles comem KFC sempre que querem, e assistem à televisão durante o café da manhã.

— Ei! — disse Alice.

— Ah, é. — Tom deu uma risada seca. — Desculpe, mãe.

— E quando é que sou como a Gestapo? — perguntou Alice.

— Não se preocupe com isso — suspirou Madison. — Você não consegue evitar.

— Eu não te acho severa — disse Olivia. — Só que... às vezes você fica um pouquinho zangada.

— O que me deixa zangada? — perguntou Alice.

— Eu — Madison respondeu. — Só de olhar para mim você fica louca.

— Irmos atrasados para a escola te deixa *muito* zangada — disse Tom. — Hummm, vejamos o que mais. Portas batendo. Você não suporta quando alguém bate a porta. Tem ouvidos muito delicados.

— O papai a deixa zangada — disse Olivia.

— Ah, é — concordou Tom. — O papai é o que mais te deixa zangada.

— Por quê? — Alice tentou não parecer muito interessada. — O que ele faz que me deixa tão zangada?

— Você o odeia — disse Tom.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — disse Alice.

— Odeia, sim — disse Madison, cautelosa. — Você só esqueceu que odeia.

Alice olhou pelo espelho retrovisor, vendo suas três crianças extraordinárias. Tom estava franzindo o rosto, olhando para um relógio de pulso volumoso; Olivia olhava à frente, com uma expressão sonhadora, e Madison estava com a testa colada ao vidro, de olhos fechados. O que ela e Nick teriam feito a eles? Essa conversa casual sobre ódio. Ela sentiu muita vergonha.

— Desculpe — disse ela.

— Desculpe pelo quê? — perguntou Olivia, que parecia ser a única escutando.

— Desculpe por seu pai e eu.

— Ah, tudo bem — disse Olivia. — Podemos tomar chocolate quente depois da escola?

— A seta para virar está verde — disse Tom, sucintamente.

Alice entrou numa rua perfilada de caminhonetes enormes, parecidas com a que ela estava dirigindo. Parecia um festival. Um festival de mulheres e crianças. As mulheres estavam em grupos de duas ou três, de óculos escuros presos no alto da cabeça, cachecóis pendurados no pescoço.

Estavam de *jeans* e botas, belas jaquetas de camurça. Será que as mães sempre haviam sido assim, tão atraentes e magras? Alice tentou se lembrar das mães de sua época de escola. Não eram mais rechonchudas e comuns? Meio irrelevantes e sem se destacarem da paisagem? Algumas mulheres acenaram quando viram Alice. Ela reconheceu alguém que tinha ficado um bocado bêbada na festa do pessoal do jardim de infância. Ai, Senhor, ela devia ter arrumado os cabelos.

As crianças pulavam de um lado para o outro, em seus uniformes escolares azuis, como bandos de passarinhos. Uma porção de rostinhos inocentes, de pele lisinha.

— Não estamos atrasados — disse Alice.

— Estamos, para *nós* — murmurou Tom. — Tenho uma reunião com meu clube de espionagem. Eles não sabem o que fazer sem mim.

Eles acharam um lugar para estacionar.

— Cuidado — Tom se retraiu, conforme Alice deu ré com o carro, fazendo um barulho seco junto ao meio-fio.

Ela deu um suspiro de alívio ao tirar a chave da ignição. As crianças imediatamente soltaram os cintos de segurança e abriram as portas pesadas com golpes, saindo do carro, com suas mochilas penduradas nos ombros.

— Ei, esperem por mim! — disse Alice, preocupada com os procedimentos e os beijos de despedida.

Ao sair do carro, ela viu Dominick. Ele estava de gravata, com as mangas da camisa cuidadosamente dobradas até os cotovelos, e estava agachado para falar com três meninos que explicavam alguma coisa que parecia ser sobre uma bola de futebol. Dominick assentia seriamente, como se eles estivessem numa discussão de negócios de alto nível. Duas mães aguardavam ali perto para falar com ele. Dominick avistou Alice e piscou. Alice deu um sorriso meio constrangido. Ele era legal. Não havia como negar. Era muito, muito... legal.

— Você já dormiu com ele? — disse uma voz elegante, em seu ouvido, e o forte aroma adocicado de salão de beleza invadiu as narinas de Alice.

Era novamente aquela mulher horrível, a tal de Kate Harper.

— Ah, oi. — Alice recuou. Kate estava vestindo um lindo sobretudo, tinha a pele perfeita, lábios luminosos. Era um visual ligeiramente excessivo a essa hora da manhã.

Kate não esperou a resposta.

— Deus, estou com inveja. Já faz um ano.

— Um ano?

— Um ano sem proezas. Já devo estar com teias de aranha lá embaixo.

Olha as coisas que os estranhos lhe dizem.

Kate ainda estava olhando para Dominick.

— Falando nisso, tem gente de olho. Miriam Dane está de olho nele há séculos. Aparentemente, ela disse a Felicity que era bem baixo de sua parte ir atrás dele, tão pouco tempo depois de ter se separado de Nick. Eu prometi não dizer nada, mas é claro que sabia que você adoraria saber! — Ela baixou o tom de voz. Seu belo rosto ficou

cruel. — Você vai morrer de rir quando ouvir isso.

Aparentemente, depois de tomar alguns drinques na festa, Miriam te xingou de “V”.

Alice a olhou sem entender.

Kate baixou a voz e cochichou: “Vagabunda!”. Depois voltou a aumentar o tom de voz e disse: — Não é *hilário*? Isso é tão *anos oitenta*! Eu pensei, preciso falar com Alice, ela vai *adorar*! A mulher está verde de inveja! E é claro que ela detestou quando Tom fez aquele gol no jogo de futebol, já que, você sabe, ela colocou o Harry num treino extra, porque supostamente é tão *talentoso*... ha, ha, ha, o leitãozinho!

Alice se sentia enjoada. Olhou em volta, procurando as crianças, querendo uma desculpa para se afastar de Kate. Tom estava sentado num banco, discursando para outros dois garotos que ouviam atentamente; um deles parecia até estar anotando. Olivia estava fazendo uma acrobacia, enquanto um grupo de meninas aplaudia. Ela não via Madison.

— Bem — disse ela. — Você pode dizer a Miriam que não se preocupe. Eu e Nick estamos reatando.

Kate agarrou o braço de Alice com tanta força que doeu.

— Você está brincando.

— Não. — Ela pensou no rosto frio de Nick, na noite anterior, quando ele se despediu. — Bem, de qualquer forma, estamos resolvendo isso.

— Mas o que *aconteceu*? Quero dizer, as coisas que você dizia semana passada... Quero dizer, nossa, parecia completamente irreversível! Você disse que não suportava nem olhar para ele, que ele a deixava *enjoada*! Disse que jamais o perdoaria! Disse...

— Perdoá-lo por quê? — interrompeu Alice.

— Mas isso é uma surpresa! — Kate puxou uma mecha de cabelos louros que estava presa aos seus lábios brilhosos. Ela perdera um pouco do sotaque chique, com a empolgação.

— Perdoá-lo por quê? — Alice reprimiu um ímpeto de colocar as mãos ao redor do pescoço perfeito de Kate Harper e apertá-lo.

— Olá.

Uma mão suave surgiu em seu ombro.

Alice levantou os olhos e viu Dominick em pé, ao seu lado.

— Como vai, Kate? — disse Dominick. Sua mão ainda estava no ombro de Alice, invisivelmente acarinhando-a. Era agradável, mas quem fazia isso em público era o *Nick*. — Parabéns a vocês duas.

Sábado foi ótimo.

Ele era uma estranha combinação de autoridade e timidez.

— Como vai *você*, Dominick? — perguntou Kate. Seu rosto reluzia de simpatia e fofoca fresca.

— Em plena forma, para uma segunda-feira. — Dominick tirou a mão do ombro de Alice (ela sentiu falta) e remexeu os pés, enquanto fez um pequeno gesto absurdo de boxe.

Ele sorriu para Alice e tocou novamente em seu braço.

— Falo com você mais tarde.

Ela retribuiu o sorriso. Ele a olhava da forma como Nick fazia, quando começaram a namorar. Era um olhar que a deixava se sentindo altamente desejável e extremamente

interessante. Ela pensou na forma como Nick a olhava agora.

— Sim, está certo — disse ela.

— Oh, Dominick, nós precisamos de você aqui! — disse uma mulher.

Ele foi até lá, obediente.

— Então, estou imaginando que você não disse a ele, não é? Sobre você e Nick? — perguntou Kate, avidamente.

— Ah, não. Ainda não.

— Mas isso é definitivo?

— Acho que sim. Espero que sim. É meio que um segredo.

— Entendi! Meus lábios são um túmulo. — Kate imitou o gesto de um zíper fechando os lábios.

— Pelo que eu precisava perdoar Nick?

— Hummmm. Como é? — Kate pareceu distraída. — Ora, bem, você sabe, nós estávamos falando de Gina.

— O que tem a Gina? — Em sua cabeça, ela segurava Kate pelos ombros e a sacudia até seus dentes trepidarem.

— Você sabe, você estava dizendo como ele nem se esforçou para ir ao enterro. Você pareceu tão...

bem, esse é o motivo por isso parecer ter vindo do nada.

Então, Nick não foi ao enterro da melhor amiga de Alice. Por que não? Tem que ter havido um bom motivo. Certamente eles não estavam se divorciando por causa disso.

— Posso apenas dizer uma coisa? — perguntou Kate. Ela remexia num botão de sua jaqueta e depois olhou para cima, com uma expressão estranha. — Olhe, simplesmente não volte se for pelas crianças.

Meus pais ficaram juntos por causa dos filhos — ela fez um sinal de aspas com as mãos quando disse “por causa dos filhos”. — E deixe-me dizer, os filhos sabem quando seus pais se desprezam. Não é legal. Não é uma maneira legal de crescer. E, você sabe, Dominick é um achado. Portanto, essa é dica de ouro do dia, dada pela Kate, minha querida! Preciso ir! Estou ocupadíssima!

Kate saiu batendo seu saltinho na calçada, colocando a bolsa no ombro e apertando o cinto do sobretudo.

No fim das contas, ela talvez não fosse tão horrenda.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Eu realmente pensei em nem me dar ao trabalho com o exame de sangue desta manhã. Simplesmente não aparecer. Como matar aula.

Mas é claro que lá estava eu, às oito da manhã. Escrevendo meu nome na prancheta. Apresentando o antebraço à enfermeira. Verificando a escrita do meu nome e a data de nascimento no tubo de ensaio. Apertando a bola de algodão sobre o pontinho de sangue.

— Boa sorte — disse a enfermeira, quando eu saí.

Ela é a tal que sempre diz “Boa sorte”. De uma forma meio paternalista. Ah, vai se foder com sua boa sorte, eu disse e dei um soco em seu nariz.

Te peguei, J.! Eu nunca disse isso. Claro que eu não disse isso. Eu disse “Obrigada!”. Depois fui para o escritório e Layla estava lá, com os olhos radiantes, me contando como

o restante do seminário de sexta-feira correu bem depois que eu saí e como todas as avaliações foram positivas, e ela recebeu doze inscrições para o seminário avançado.

Eu disse:

— Você pelo menos vai perguntar o motivo pelo qual tive de sair cedo? Sabe a minha irmã? Aquela que estava no hospital?

E olhe, Jeremy, seu rosto determinado murchou. Ela ficou tão constrangida que eu me senti como se tivesse chutado um gatinho. Ela se desdobrou para se desculpar. Disse achar que eu não gostava de discutir coisas pessoais.

E eu não gosto! Nunca gostei! Pobre mulher.

Essa é a confirmação final de que sou uma pessoa horrível.



Alice se sentou nos degraus da frente da varanda, sob o sol de outono, comendo o restante da torta de

creme que tinha sobrado e pensando se deveria ir a algum lugar. Em sua agenda estava escrito “L – 10h00”. Será que “L” era uma pessoa que a aguardava em algum lugar? Seria “L” importante? Ela imaginou que deveria ligar para Elisabeth, ou sua mãe, e descobrir, mas parecia incapaz de fazer esse esforço. Talvez tirasse uma soneca.

Uma soneca! Você está brincando? Você tem um milhão de coisas para fazer.

Lá vinha aquela voz ríspida novamente.

— Vá embora — disse Alice, em voz alta. — Não consigo lembrar quais são esses milhões de coisas.

Ela fechou os olhos e desfrutou a sensação do sol em seu rosto. Não havia som algum, exceto pelo motor distante de uma motocicleta. O silêncio impressionante do subúrbio, no meio do dia. Ela normalmente experimentava essa sensação se estivesse doente e tirasse o dia de folga do trabalho.

Ela voltou a abrir os olhos e bocejou. Agora podia acabar de comer o restante da torta de creme.

Só tinha sobrado um pedacinho. De onde estava sentada, ela podia ver a placa de “Vende-se”, na casa do outro lado da rua. Então, era ali onde Gina havia morado. Alice provavelmente teria estado dentro daquela “casa deslumbrante” muitas vezes, pedindo açúcar emprestado, ou algo assim. Se Alice tivesse pensado a respeito, acharia que não teria feito novas amizades aos trinta anos. Já tinha amigos suficientes. Além disso, ela só queria ficar com Nick e Elisabeth e ia se tornar mãe. Achou que isso já seria distração suficiente.

No entanto, parecia que sua amizade com Gina havia sido uma parte significativa de sua vida.

Depois, Gina morreu e ela ficou “desolada”. Aquilo a fazia sentir-se meio tola. Como se tivesse feito um estardalhaço grande demais sobre algo.

O som da motocicleta se aproximava.

Nossa. Estava subindo pela entrada de sua garagem. Seria o “L”?

Alice passou a mão sobre a boca e colocou o prato ao seu lado, no degrau perto dela.

Um homem de jaqueta preta de couro, com o rosto invisível por trás de um capacete

preto opaco, ergueu a mão enluvada, num cumprimento, enquanto encostava a moto diante dela. Ele parou a moto, armou o descanso e desligou o motor.

— E aí? — disse ele, tirando o capacete e abrindo o zíper de sua jaqueta.

— E aí? — disse Alice, depois tossiu, porque nunca dissera “e aí?” para ninguém. Ele era tão bonito que parecia piada. Tinha os ombros largos, bíceps fortes, olhos perfurantes e barba por fazer. Alice se flagrou procurando outra mulher. Não fazia sentido um homem tão deslumbrante sem ter uma amiga, ou irmã, com quem compartilhar e trocar olhares.

Claro que ela não estaria *saindo* com ele também, não é? Não seria possível. Ele estava totalmente fora de seu alcance. Era um personagem de histórias em quadrinhos. Ela sentiu uma onda de riso surgindo em seu peito.

— O que está fazendo, comendo antes de uma sessão? — perguntou o deus do sexo.

— Uma sessão? — perguntou Alice. Sua mente estava acelerada. Oh, Senhor, talvez ele fosse um *gigolô* e estivesse ali para *servi-la*. Afinal, ela era uma mulher de meia-idade, com uma piscina.

— Você não é disso.

Ele tirou a jaqueta de couro e a camiseta branca suspendeu, revelando sua barriga.

Bem, não seria o fim do mundo.

Não, mesmo. Se ela tivesse pago *adiantado*, por exemplo...

Alice começou a rir sem parar.

Ele sorriu, cauteloso.

— Qual é a piada? — Ele colocou o capacete em cima da moto e caminhou em sua direção. O que ela poderia dizer? “Você é tão bonito que eu acho hilário”?

Ela estava rindo com tanta força que suas pernas estavam fracas. Ele parecia assustado. Pelo amor de Deus. Gente bonita também é de verdade. Tem sentimentos. Alice se conteve.

— Eu tive um acidente — disse ela, olhando para ele. — Semana passada. Na academia. Bati minha cabeça. Estou com uma pequena perda de memória. Então, desculpe, não sei quem você é... nem por que está aqui.

— Você está brincando. — Ele a olhava, abaxio, desconfiado. — Não é primeiro de abril, é?

— Não — Alice suspirou. Seu riso foi parando. Na verdade, ela estava com um pouquinho de dor de cabeça. — Não sei quem você é.

— Sou eu — disse ele. — Luke.

— Desculpe, Luke. Preciso de mais informação.

Ele riu um pouquinho e olhou ao redor, nervosamente, como se alguém talvez o estivesse vendo fazer papel de tolo.

— Sou seu *personal trainer*. Venho toda segunda de manhã para lhe dar um treinamento.

Ah, pelo amor de Deus. Não era de admirar que ela estivesse tão magra.

— Então nós fazemos exercícios, é isso? O que fazemos, exatamente?

— Bem, nós variamos. Um pouco de exercícios cardiovasculares, alguns pesos.

Ultimamente, temos ido bem com o treino intercalado.

Alice não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

— Acabei de comer três pedaços de torta de creme — disse ela, segurando o prato.

Luke se sentou ao seu lado e comeu o último pedaço.

— Nem vou lhe dizer quantas calorias você acabou de consumir.

— Ah, milhares! — disse Alice. — Milhares de calorias divinamente deliciosas.

Ele lançou para ela um olhar estranho.

— Bem, se você teve uma lesão na cabeça, acho que não deveríamos treinar hoje.

— Não — disse Alice. Ela não queria se exercitar na frente dele. Só de pensar, ela se sentia constrangida. — Eu vou te pagar, é claro.

— Tudo bem.

— Não, não, eu insisto.

— Bem, então, vamos deixar por cem.

Credo. Quanto ele geralmente cobrava?

— Então, imagino que esse negócio da memória seja temporário, não? — perguntou ele. — O que os médicos dizem?

Alice acenou a mão, irritadiça. Ela não queria falar com ele sobre isso. *Cem dólares!*

— Há quanto tempo você é meu *personal trainer*?

Luke esticou as pernas compridas e se inclinou, apoiando-se sobre os cotovelos.

— Nossa, deve fazer quase três anos. Você e Gina foram, tipo, minhas segundas clientes eternas.

Mas que droga, ela me fazia rir, no começo. Lembra o estardalhaço que ela fazia, sempre que fazíamos a escada no parque? “A escada não, Luke, qualquer coisa, menos a escada.” Mas ela ficou muito bem. Vocês duas ficaram em ótima forma. — Ele parou de falar e Alice percebeu, espantada, que ele estava tentando não chorar.

— Desculpe — disse ele, numa voz embargada. — É que eu nunca conheci ninguém que morreu. Isso me deixa meio que viajando. Toda vez que venho treinar você, penso nela. Quero dizer, é óbvio que você sente muito mais falta dela do que eu.

Provavelmente soa imbecil.

— Eu não me lembro dela — disse Alice.

— Luke a olhou, chocado.

— Não se lembra de *Gina*?

— Não. Quero dizer, eu sei que ela era minha amiga. E sei que está morta.

— Nossa. — Ele parecia estar sem palavras.

Finalmente, ele disse uma:

— Estranho.

Alice alongou o pescoço, de um lado para o outro. Ela sentia uma vontade forte de comer ou beber algo específico, mas não sabia o quê. Francamente, aquilo a estava deixando um tanto irritada.

— Luke — disse ela, subitamente. — Eu já falei com você a respeito de Nick?

Já que ela lhe estava pagando cem dólares para bater papo, tinha mais é que tirar alguma informação útil.

Ele sorriu, revelando dentes grandes e brancos. Ele era um comercial de multivitaminas ambulante.

— Você e Gina estavam sempre tentando obter uma perspectiva masculina de mim, sobre os problemas conjugais que tinham. E eu dizia: “Ei, garotas, sou minoria, aqui!”.

— Sim — disse Alice. Ela estava surpresa em ver o quanto se sentia irritada. — É que eu não lembro por que eu e o Nick estamos nos separando.

— Ah — disse Luke. Ele virou de bruços e começou a fazer flexões, no degrau da varanda. — Lembro que uma vez você disse que no fim o seu divórcio se resumia a uma coisa. Naquela noite, eu fui pra casa e contei à minha namorada, eu sabia que ela ficaria interessada.

Ele pôs um braço para trás das costas e começou a fazer flexões só com uma das mãos. Isso era realmente necessário?

— Então... — disse Alice, enquanto ele mudava de mão, dando um gemido. — E o que foi essa coisa?

— Não consigo lembrar. — Ele se virou para cima e sorriu com a expressão do rosto dela. — Quer que eu ligue pra ela?

— Faria isso?

Ele tirou um celular do bolso e apertou um botão.

— E aí, gata? É, não, nada de errado. Só estou com uma cliente. Você se lembra que eu contei que aquela senhora falou que o divórcio dela foi causado por uma só coisa? É, não, eu quero saber: qual foi mesmo o motivo?

Ele ficou ouvindo.

— Mesmo? Tem certeza? Certo. Te amo.

Ele desligou e olhou para Alice.

— Falta de sono.

— Falta de sono — Alice repetiu. — Isso não faz muito sentido.

— Não, foi o que minha namorada disse, mas eu lembro que Gina pareceu entender.

Alice suspirou e coçou a lateral do rosto. Ela estava farta de ouvir falar de Gina.

— Estou me sentindo meio rabugenta. Preciso de chocolate... ou algo.

— Você provavelmente precisa ver seu fornecedor — disse Luke.

— Meu fornecedor? O que vinha agora? Ela era viciada em drogas? Deixava as crianças na escola e depois ia para casa cheirar algumas carreiras de cocaína? Ela devia ser! De que outra forma ela conheceria um vocabulário do tipo “cheirar umas carreiras”?

— Na cafeteria. Seu corpo está gritando por um expresso.

— Mas eu não bebo café — disse Alice.

— Você é viciada em café — disse Luke. — Nunca te vejo sem um copo de café pra viagem na mão.

— Não bebo café desde o acidente.

— Está com dor de cabeça?

— Bem, sim, mas achei que era por causa do machucado.

— Provavelmente também é pela falta de cafeína. Essa pode ser uma boa oportunidade de parar. Há anos venho tentando fazê-la diminuir.

— Não — disse Alice, porque agora o desejo que estava sentindo tinha um rótulo. Ela podia até sentir o cheiro dos grãos de café. Podia sentir o gosto. Ela queria agora mesmo. — Você sabe onde eu tomo meu café?

— Claro. No Dinos. Segundo você, eles fazem o melhor café de Sydney.

Alice lhe lançou um olhar vago.

— Ao lado do cinema. Na estrada.

— Certo. — Alice levantou. — Obrigada.

— Ah, terminamos? Certo. — Luke levantou, olhando-a de cima. Ele parecia esperar algo.

Alice subitamente percebeu que ele queria seu dinheiro. Ela entrou e achou a bolsa. Era fisicamente doloroso entregar duas notas de cinquenta dólares. Na verdade, ele nem era tão bonito assim.

A mão volumosa de Luke pegou o dinheiro alegremente.

— Espero que você esteja de volta ao normal, semana que vem. Faremos uma sessão matadora pra compensar!

— Ótimo! — Alice ficou radiante. Ela *pagava* mais de cem dólares por semana para esse homem lhe dizer como se exercitar?

Ela ficou olhando, sacudindo a cabeça, enquanto ele saiu acelerando da entrada da garagem. Certo.

Café. Ela olhou para o degrau onde Luke havia feito suas flexões e subitamente estava apoiada nas mãos e nos joelhos, com as mãos espalmadas, o corpo horizontal, a barriga contraída, e estava dobrando os cotovelos, descendo o peito suavemente, em direção ao degrau.

Um, dois, três, quatro...

Ai, Deus, ela estava fazendo flexões.

Contou até trinta, antes de desmoronar, com o peito ardendo, os braços doendo, e gritou: — Agora bate essa! — olhando em volta, triunfante, em busca de alguém que não estava ali.

Houve um silêncio.

Alice abraçou os joelhos e olhou para a placa de “Vende-se” do outro lado da rua.

Ela tinha a impressão de que a pessoa por quem estivera procurando era Gina.

Gina.

Era muito estranho sentir a falta de alguém que ela nem conhecia.

Capítulo 24

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Bem, eu não sei, você pareceu meio rabugento nesta manhã. Isso é permitido? Os terapeutas têm permissão para possuir sentimentos? Acho que não, J. Guarde-os para suas próprias sessões de terapia. Durante meu tempo, não, meu chapa.

Eu realmente queria um pouco mais de elogios quando lhe mostrei quantas páginas escrevi do meu dever de casa. Como terapeuta, não deu para ver isso? Quero dizer, eu sei que a finalidade não é que você leia, mas a razão por eu ter levado meu caderno foi pra que você dissesse algo como “Uau! Eu gostaria que todos os meus pacientes tivessem esse comprometimento!”. Ou poderia ter comentado como minha letra é bonita. É só uma sugestão. Você é que tem de ser bom com as pessoas.

Em vez disso, você só ficou meio surpreso, como se nem se lembrasse de ter pedido que eu fizesse o dever de casa. Sempre me irritava quando as professoras esqueciam de pedir o dever de casa que passavam. Aquilo fazia o mundo parecer duvidoso.

De qualquer forma, hoje você queria falar sobre o incidente da cafeteria.

Pessoalmente, eu acho que você só estava curioso a respeito disso. Você estava se sentindo ligeiramente entediado, para uma manhã de segunda-feira, e pensou em dar uma apimentada nas coisas.

Pareceu bem irritado quando eu disse que preferia falar de Ben e da questão da adoção. O cliente sempre tem razão, Jeremy.

Foi isso que aconteceu na cafeteria, se quer saber.

Era uma manhã de sexta-feira e eu parei no Dinos, a caminho do trabalho. Estava tomando um cappuccino desnatado, porque não estava grávida, nem no meio de um ciclo. Havia uma mulher na mesa ao lado da minha, com um bebê e uma criança pequena, de aproximadamente dois anos.

Uma menininha. De cabelos castanhos cacheados. Ben tem cabelos castanhos cacheados. Bem, na verdade ele não tem, porque corta bem rente à cabeça, como um ladrão de carros, mas eu já vi fotos de antes de nos conhecermos. Quando eu imaginava nossos filhos, sempre lhes dava os cachos castanhos de Ben.

Então era isso, mas ela nem era particularmente bonitinha, nem nada. Estava com o rosto sujo e sendo meio ranheta.

A mãe falava ao celular e fumava um cigarro.

Bem, ela não estava fumando.

Mas *parecia* uma fumante. Aquele tipo de rosto magro, nervoso. Ela estava contando uma história sobre como havia colocado alguém em seu lugar e ficava dizendo: “Foi simplesmente e *excessivamente* engraçado”. Como é que algo pode ser excessivamente engraçado, Jeremy?

De qualquer forma, ela não estava olhando a garotinha. Era como se tivesse se esquecido de sua existência.

O Dinos fica na Estrada Pacific. A porta está sempre abrindo e fechando, com

peessoas entrando e saindo.

Então, eu fiquei observando a menininha. Não de uma forma esquisita, nem obsessiva, de uma infértil. Apenas olhava, à toa.

A porta abriu e entrou um grupo de mães. Carrinhos. E mães.

Eu pensei: *hora de ir*.

Levantei, e as mães entraram arrastando seus carrinhos, empurrando as cadeiras, e eu fiquei olhando a garotinha sair pela porta, rumo à rua.

A mulher continuou falando ao telefone. Eu disse:

— Com licença! — E ninguém me ouviu.

Duas mães já estavam sentadas, ocupadas em desabotoar as blusas, tirando os seios para amamentar os bebês (essa atitude de amamentar ficou um pouco descontraída demais, se quer saber o que acho), enquanto faziam seus pedidos de café.

Quando saí da cafeteria, a menininha estava indo em direção ao meio-fio. *Trailers* e caminhonetes passavam pela estrada, a toda velocidade. Tive de correr para pegá-la. Eu a peguei no ar, quando ela estava prestes a descer da calçada.

Salvei a vida da criança.

E olhei para trás, para a cafeteria, e a mãe de rosto magro ainda estava ao celular, e o grupo de mães conversava e a garotinha estava em meus braços, com cheiro de açúcar e talvez um leve toque de fumaça de cigarro. Uma mãozinha gorducha estava pousada em meu ombro.

Continuei andando. Simplesmente saí andando com ela.

Eu não estava pensando. Não foi como se eu tivesse planejado pintar os cabelos dela de louro e seguir de carro ao território norte, para viver com ela numa caravana, junto ao mar, onde nós duas pudéssemos ficar bem bronzeadas e viver de frutos do mar e frutas frescas, e eu poderia ensiná-la a ler e escrever em casa, e...

Estou brincando! Eu não estava pensando nada disso.

Estava apenas andando.

A garotinha ria, como se fosse um jogo. Se ela tivesse chorado, eu a teria levado direto de volta, mas ela estava rindo. Ela gostou de mim. Talvez estivesse grata por eu ter salvado sua vida.

Então, batendo os pés atrás de mim, surge a magricela, que me agarra pelo ombro, gritando: — Ei! — seu rosto estava repleto de terror, as unhas cravando em minha pele, arrancando a menina dos meus braços, e a garotinha começou a chorar, porque tomou um susto, e a mãe dizia: “Tudo bem, meu bem, tudo bem”. E me olhava com repulsa.

Oh, Deus, que vergonha, que terror.

Algumas das mães tinham saído da cafeteria e estavam em pé, silenciosamente, segurando as cabeças de seus bebês e olhando como se eu fosse um acidente de trânsito. Dino, dono da cafeteria, suponho, saiu também. Eu só conhecia o topo de sua cabeça, por cima do balcão. Ele era mais baixo do que eu esperava. Foi uma surpresa: foi como ver um repórter de noticiário de corpo inteiro. Foi a única vez que o vi sério. Ele é uma daquelas pessoas que estão sempre rindo.

Toda aquela gente olhando e me julgando. Foi como se eu estivesse sangrando em público. Senti algo se desprendendo em minha mente.

Foi realmente uma sensação física de estar enlouquecendo. Será que existe uma palavra para isso, Jeremy?

Eu despenquei na calçada, de joelhos, algo totalmente desnecessário e terrivelmente doloroso. O ralado levou semanas para cicatrizar.

Foi quando Alice apareceu. Ela estava vestindo uma jaqueta que eu nunca havia visto, entrou correndo no Dinos, balançando a bolsa e franzindo o rosto. Vi sua expressão quando ela me reconheceu. Na verdade, ela se retraiu, como se tivesse visto um rato. Deve ter ficado mortificada.

Eu tinha de escolher justamente a sua cafeteria para meu colapso público.

Mas ela foi legal. Tenho de admitir que ela foi legal. Veio e se ajoelhou ao meu lado e, quando nossos olhares se encontraram, aquilo me lembrou de quando éramos crianças e trombávamos uma na outra, no pátio do colégio, e eu subitamente sentia que tinha passado o dia todo representando num palco, pois somente Alice conhecia meu verdadeiro eu.

— O que aconteceu? — sussurrou ela.

Eu estava chorando demais para falar.

Ela consertou tudo. No fim das contas, conhecia a mãe da criança, e também algumas das mães que estavam no grupo. Houve uma intensa conversa entre as mães, enquanto eu continuava ajoelhada na calçada. Ela fez com que seus rostos se abrandassem. A aglomeração se dispersou.

Ela me ajudou a levantar da calçada, me levou para o carro dela, me sentou no banco do passageiro e colocou meu cinto de segurança.

— Quer falar a respeito? — perguntou ela.

Eu disse que não.

— Aonde você quer ir? — perguntou ela.

Eu disse que não sabia.

Então, ela fez exatamente o que era para fazer e me levou para a casa de Frannie. Nós ficamos em sua varandinha, tomando chá, comendo biscoitos amanteigados e conversando sobre os problemas do transporte público em New South Wales, e o que havia de errado com aquelas pessoas que ainda usam sacos plásticos no supermercado. (Sou uma delas, mas não admiti isso a Frannie.) Foi tudo simples e muito confortante.

Eu sei que Frannie acha que devo parar de tentar ter um bebê. Ela disse isso há pelo menos dois anos. Disse que às vezes você precisa ter coragem suficiente para “apontar sua vida para uma nova direção”. À época, fiquei ligeiramente irritada. Eu disse que um bebê não era uma “direção”. Além disso, até onde posso enxergar, *ela* nunca apontou a vida para uma nova direção. Nós simplesmente caímos em sua vida, depois que o papai morreu.

Graças a Deus, é claro. E, quem sabe, pode haver alguma morte conveniente na área onde moramos! Pense positivo! O pai de família que mora duas casas adiante parece que vai cair morto quando corta a grama.

De qualquer forma, depois do meu episódio psicótico, eu fui ao meu clínico geral e pedi uma indicação para ver um bom psiquiatra. Fico imaginando se você paga alguma taxa pela indicação.

Foi assim que fui parar em sua vida, Jeremy.



Quando Alice entrou na Cafeteria Dinos, seus sentidos transbordaram com a familiaridade. O aroma

do café e os doces. O ruído ritmado da máquina de café expresso.

— Alice, meu amor! — disse um homenzinho de cabelos escuros, atrás do balcão. Ele estava fazendo um café, trabalhando numa máquina com as duas mãos, de forma hábil e elegante, como se fosse um instrumento musical. — Ouvi dizer por aí que você teve um acidente! Perdeu a memória! Mas nunca esquece o Dino, não é?

— Bem — disse Alice, cuidadosa —, acho que me lembro do seu café.

Dino riu, como se ela tivesse contado uma piada hilária.

— Claro que lembra, amor! Claro que lembra! Só um segundo. Sei que você está com pressa, é uma moça ocupada. Aqui está.

Sem esperar pelo pedido, ele lhe entregou um copo descartável, para viagem.

— Mas como está se sentindo? Já melhorou? Lembra-se de tudo? Pronta para o grande dia, no domingo? Finalmente, é dia do Megamerengue do Dia das Mães! Minha filha está tão empolgada! Ela só fala disso: “Papai, papai, essa será a maior torta do mundo!”.

— Hummmm — disse Alice. Ela estava presumindo que até domingo já estivesse com sua memória de volta, pois realmente não fazia a menor ideia de como assar o maior merengue de limão do mundo. Ela subitamente se lembrou daquele sonho com o rolo de macarrão gigante. Ah. O rolo de macarrão não era apenas um símbolo. Era apenas um rolo de macarrão. Seus sonhos eram sempre tão decepcionantes e óbvios.

Ela tirou a tampa do copo e deu um gole. Uiiii. Sem açúcar e extremamente forte. Deu outro gole.

Na verdade, muito bom. Ela não precisava de açúcar. Deu outro gole, e mais outro, e mais outro. Ela queria jogar a cabeça para trás e entornar na garganta. A cafeína percorria suas veias, limpando sua cabeça, fazendo seu coração bater mais forte, aguçando sua visão.

— Talvez precise de dois hoje? — disse Dino, rindo.

— Talvez precise — concordou Alice.

— Falando nisso, como vai sua irmã? — perguntou Dino, ainda sorrindo. Ele parecia ser uma pessoa alegre. Parou e estalou os dedos. — Ah, minha cabeça! Eu vivo esquecendo. Minha esposa me deu algo para dar a ela.

— Para minha irmã? — Alice passou os dedos na borda do copo e lambeu a espuma, enquanto imaginava o quanto Dino conhecia Elisabeth. — Ela está bem, eu acho. — *Ela é uma pessoa totalmente diferente. Parece estar desesperadamente infeliz. Não tenho certeza do que lhe fiz de errado.*

— Cheguei em casa e contei a história toda para minha esposa, sobre a forma como essa moça saiu andando com uma criança, depois desmoronou, daquele jeito, chorando, e nenhum de nós sabia o que fazer! Eu estava fazendo café para ela! Mas isso não ajuda, não é? Nem o café do Dino! Aquelas mulheres imbecis queriam chamar a polícia.

Meu bom Deus. Elisabeth tinha tentado roubar uma criança? Alice sentiu pena (sua pobre e querida Elisabeth, como ela devia ter se sentido mal por ter infringido uma regra publicamente!), uma vergonha horrível (que *constrangedor*, ilegal!) e a culpa (como ela poderia estar preocupada com o que as pessoas pensavam, quando a irmã obviamente

estava sofrendo tanto?).

Dino continuou:

— Eu disse a elas, “Não resultou em mal algum!”. Foi muita sorte você aparecer e fazê-las terem alguma sensatez, e quando você me contou a história dela, nossa, que triste! De qualquer forma, minha esposa me deu isso. É uma figura africana que representa a fertilidade. Se você tem uma boneca dessas, terá um lindo bebê. É o que diz a lenda.

Ele entregou uma bonequinha escura, com um *post-it* colado, escrito *Alice*. A boneca parecia ser uma mulher africana de vestido tribal, com uma cabeça grande demais.

— Isso é muito gentil da parte de sua esposa. — Alice segurava a boneca com reverência. Será que a esposa dele era africana e isso era algum tipo de herança mística de sua tribo?

— Ela comprou pela internet — confessou Dino. — Para a prima, que não conseguia engravidar. Nove meses depois, bebê! Embora, para ser honesto, não fosse um bebê tão bonito. — Ele deu um tapa no joelho, com o rosto franzido de deboche. — Eu disse à minha esposa: “Mas que bebê horrível! Tem um cabeção, igual ao da boneca!”. — Ele nem conseguia falar, de tanto rir.

— Cabeção — eu disse. — Como a boneca!

Alice sorriu. Dino lhe deu outro café e voltou a ficar sério.

— Nick veio aqui outro dia — disse ele. — Ele não parecia muito bem. Eu disse: “Você deveria se reconciliar com sua esposa, isso não está certo”. Lembro que quando abri a loja, vocês vinham todo fim de semana, com a pequena Madison. Todos os três de macacão. Ela os ajudava com a pintura.

Vocês dois se orgulhavam tanto dela. Nunca vi pais mais orgulhosos! Lembra?

— Hummmmmmm — disse Alice.

— Eu disse ao Nick que vocês deveriam voltar a ser novamente uma família — disse Dino. — Eu disse: “O que houve de errado que não podem consertar?”. Não é da minha conta, certo? Minha esposa diz: “Dino, isso não é da sua conta!”. Eu digo: “Não importa, eu falo o que penso, sou assim”.

— O que o Nick disse? — perguntou Alice. Ela já estava na metade do segundo café. Ele disse:

— Eu consertaria, se pudesse, companheiro.



Alice voltou dirigindo para casa, com as palavras de Nick ecoando em sua cabeça. Ele consertaria, se pudesse, então... Por que não?

Ela estava com o copo descartável num porta-copos bem à mão, perto do volante. Percebeu que podia conduzir esse carro enorme com uma das mãos e tomar goles de café com a outra. Quantas habilidades novas e úteis! A cafeína a estava deixando trêmula de energia. Sentia os olhos esbugalhados. Quando o sinal ficou verde e o carro da frente não se movimentou imediatamente, ela o provocou dando uma buzina autoritária.

Aquela voz afiada voltou à sua cabeça, recapitulando tudo o que ela tinha de fazer, antes de ir buscar as crianças no colégio, às três e meia.

— Você precisa chegar na hora, mãe — Tom lhe dissera. — As tardes de segunda-feira têm uma programação muito apertada.

Bem, você não pode passar o seu dia esparramada, comendo torta de creme. Não vai mais caber naquelas lindas roupas, vai? Falando nisso, e a roupa suja? Você provavelmente tem de lavar roupa, quando chegar em casa. As mães sempre reclamam que têm de lavar roupa.

Do que mais elas reclamam? Das compras no supermercado! Quando você faz? Verifique a despensa. Faça uma lista. Você provavelmente tem uma lista em algum lugar. Você parece o tipo de pessoa que tem uma lista. E quanto ao jantar desta noite? Petiscos para as crianças, quando elas voltarem da escola? Estariam acostumadas a comer biscoitos recém-assados, do forno?

Ligue para Sophie. Ela talvez tenha informações úteis.

Sua agenda diz que você tem uma reunião do Megamerengue, à uma. Provavelmente é você quem irá coordená-la. Que ótimo! Isso vai ser uma comédia. Descubra onde será! Como? Ligue para alguém. Ligue para aquela tal de Kate Harper, se quiser. Ou para seu “namorado”.

Consertaria, se pudesse, companheiro. Consertaria, se pudesse.

Lavar roupa.

Sim, você já disse isso.

Roupa!

Sim, acalme-se.

Ela não devia ter tomado dois cafés. Seu coração estava batendo rápido demais. Respirou fundo, trêmula, algumas vezes, para se estabilizar. Não conseguia acompanhar o próprio corpo. Sentia-se como se precisasse correr loucamente, atravessando uma extensão de grama, sacudindo o corpo como um cachorrinho, depois de ser solto da coleira.

Ao chegar em casa, ela corria de um lado para o outro, como se estivesse numa estranha competição, pegando pilhas de roupas nos cestos e no chão dos quartos das crianças e banheiros.

Havia muita roupa. Ela desceu a escada correndo, rumo à lavanderia. Não se surpreendeu ao ver uma imensa e brilhante máquina de lavar branca, tomando metade da área. Ergueu a tampa, pronta para jogar as roupas, quando teve uma onda de sensações. Constrangimento. Traição. Choque.

O que aquilo significava? A lembrança surgiu em seu cérebro, como uma ficha de arquivo. É claro.

Algo acontecera ali. Bem ali, naquela lavanderia extraordinariamente limpa. Algo horrível.

Isso mesmo. Era uma festa.

No verão. Ainda estava quente, tarde da noite. Havia bacias de gelo no chão da lavanderia.

Garrafas de cerveja, vinho e champanhe espetadas para fora dos cubos que derretiam. Ela foi pegar uma nova garrafa de champanhe e estava rindo, quando abriu a porta e os viu, e automaticamente disse “Oi!” como uma idiota, antes que seu cérebro captasse o que estavam fazendo, o que ela estava vendo. Uma mulher miúda, com os cabelos ruivos cortados rentes, sentada em cima da máquina de lavar, com as pernas

abertas, e Nick em pé, na frente dela, com as mãos espalmadas em cima da máquina, uma de cada lado de suas pernas, com a cabeça baixa. Seu marido estava beijando outra mulher, na lavanderia.

Alice olhava as pilhas de roupas na máquina. Ela podia ver a mulher tão claramente. As maçãs delicadas de seu rosto. Podia até ouvir sua voz. Uma voz açucarada e infantil, combinando com seu corpo miúdo. Aquilo fez seus dentes doerem.

Ela despejou uma medida de sabão em pó e bateu a tampa da máquina. Como é que Nick se atrevera a gargalhar, quando ela perguntara se ele tivera um caso? Aquele beijo foi pior que pegá-los na cama, juntos. Era pior porque estava óbvio que era um beijo de começo. Os beijos do início eram muito mais eróticos que o sexo inicial. O sexo, no começo de um relacionamento, era desajeitado e tolo, e vagamente ginecológico, como uma consulta médica. Mas os beijos, com os dois totalmente vestidos, antes de dormirem juntos, eram deliciosos e misteriosos.

Nick a beijara pela primeira vez junto ao carro, depois que eles tinham ido ao cinema assistir a *Máquina mortífera 4*. Ele estava com gosto de pipoca, com uma pitada de chocolate. Vestia um colete preto por cima da camiseta branca e *jeans*, e tinha uma ligeira barba por fazer e, mesmo enquanto ele a beijava, ela já estava guardando aquela lembrança cuidadosamente, sabendo que estaria junto à tela de seu computador, no dia seguinte, revivendo-a. Ela a reprisara muitas vezes, como se fosse um filme antigo. E a descrevera detalhadamente para Sophie, que já tivera um relacionamento por cinco anos, e portanto gemeu de inveja, embora Jack fosse o amor de sua vida.

Sophie. Sua amiga mais antiga. Madrinha de seu casamento.

Ela ligaria para Sophie agora mesmo. De forma alguma ela deixara de ligar para Sophie para contar sobre o terror daquele beijo na lavanderia. Primeiro, ela teria ligado para Elisabeth. Depois, para Sophie. Teria dado uma versão da história para cada uma delas. Para Elisabeth, ela teria se concentrado em seus próprios sentimentos. “Como ele pôde fazer isso comigo?”, ela teria perguntado, com a voz trêmula. Para Sophie, ela teria despejado a história para causar o máximo de choque: “Aí, eu entro na lavanderia pra pegar um champanhe e você nem pode imaginar o que vi.

Vai, adivinha”. De Elisabeth, ela receberia compaixão e instruções claras de como proceder em seguida. De Sophie, ela teria o choque e a fúria, e um convite para sair, na mesma hora, e tomar um porre.

Ela achou sua agenda de endereços e o número do celular de Sophie. Aparentemente, Sophie estava morando em Dee Why. Nas praias do norte. Que bom para ela. Ela sempre quis morar perto da praia, mas Jack preferia viver perto da cidade. Ela provavelmente acabou ganhando, no fim das contas. A essa altura, eles deviam estar casados, com filhos, embora, é claro, Alice precisava se lembrar de não dar essas coisas como certas. Ela torcia para que Sophie não tivesse tido problemas de fertilidade, como Elisabeth. Será que ela e Jack teriam terminado? Não. Não era possível.

— Sophie Drew.

Minha nossa. Todos haviam se tornado tão profissionais e adultos.

— Sophie, oi, sou eu, Alice.

Houve uma ligeira pausa.

— Ah, oi, Alice. Como vai você?

— Bem, você não vai *acreditar* no que me aconteceu — disse Alice, percebendo que

estava se sentindo ligeiramente tola. Quase nervosa. Por quê? Era apenas a Sophie.

Houve outra pausa.

— O que aconteceu com você?

Algo não estava muito certo. A voz de Sophie estava educada demais. Alice quis chorar. *Ah, pelo amor de Deus, não posso ter perdido você também, posso? Com quem vou falar?*

Nem se deu ao trabalho de contar a história. Ela disse:

— Tive um acidente. Bati a cabeça. Perdi a memória.

Dessa vez, houve uma pausa ainda maior. Depois ela ouviu Sophie dizer a alguém, que estava ao fundo:

— Não demoro. Apenas diga-lhes que aguardem.

Sua voz voltou. Mais alta. Talvez com uma ponta de impaciência.

— Desculpe, Alice. Então, é... você teve um acidente?

— Ainda somos amigas? — perguntou Alice, desesperada. — Ainda somos amigas, não somos, Soph?

— É claro que somos — disse Sophie, imediatamente, com ternura, exceto pelo fato de que sua voz tinha um tom de quem diz: “Algo estranho está acontecendo aqui. Deixe-me ser cautelosa!”.

— É que minha última lembrança é de estar grávida de Madison. E agora descobri que tenho três filhos, e Nick e eu não estamos mais juntos, e não consigo entender o motivo, e Elisabeth...

— Não, não, aquela, não! A verde! — disse Sophie, com a voz aguda. — Desculpe. Estou no meio de uma sessão de fotos para a nova coleção. Está uma loucura isto aqui.

— Ah. O que você faz?

Outra pausa.

— Isso te parece verde? Porque, para mim, certamente não parece. Alice, desculpe, mas posso te ligar de volta?

— Ah. Claro.

— Olhe. Eu sei que sempre estamos dizendo que precisamos colocar o papo em dia.

— Certo. — Então, elas não eram mais amigas. Amigas, mesmo, não. Eram amigas do tipo que “precisavam colocar o papo em dia”.

— Quero dizer, a última vez que eu te vi foi quando fizemos aquele negócio, com os drinques, com aquela amiga sua. A vizinha? Gina. Como vai ela?

Gina. Gina. Gina. E Alice pensou que provavelmente não teria ligado para Elisabeth, ou Sophie, para falar sobre o beijo na lavanderia. Teria ligado para Gina.

— Ela está morta.

— Desculpe, ela está o quê? Verde! Verde! Você é daltônica? Olhe, Alice, eu preciso ir. Vou te ligar, está bem?

— Apenas diga-me uma coisa — disse Alice, mas o telefone estava dando sinal de ocupado. Sophie se fora.

Aparentemente, assim como todo mundo.

O telefone tocou em sua mão e Alice deu um salto como se tivesse ganhado vida.

— Alô?

— Ah, você parece bem melhor. — Era sua mãe. Alice relaxou. Barb agora podia ser dançarina de salsa, usar decotes e ser esposa de Roger, mas ainda era sua mãe.

— Acabei de falar com Sophie — disse Alice.

— Ah, mas que bom. Ela agora está tão famosa, não é? Depois daquele artigo. Outro dia eu estava falando com alguém sobre ela. Com quem foi? Ah, já sei! Foi com a moça que vem fazer o pé de Roger. A quiroprática. Não, não é isso. A podóloga. Ela disse que a filha queria uma das bolsas de Sophie Drew de aniversário. Eu disse, bem, eu conheço a Sophie desde que ela tinha onze anos de idade, e quase me ofereci para conseguir um desconto, pois, tenho de dizer, Roger tem pés terrivelmente peludos, então eu sinto um pouco de pena dela, mas depois, pensei, você e Sophie já não se veem mais com tanta frequência ultimamente, não é? Só trocam cartões de Natal, não é isso?

Então, eu mudei de assunto rapidinho, caso ela pedisse, pois acho que ela é esse tipo de pessoa, eu imagino, que goste de usar seus contatos para conseguir barganhas. Gina era um pouco assim, não era? Não que haja algo de errado nisso, eu acho. É uma forma bem inteligente de viver a vida, ai, Deus, que tragédia absoluta, realmente é, de qualquer forma, o que será que me fez pensar em Gina?

Ah, sim, contatos. Bom, eu liguei por três motivos, até os escrevi, pois minha memória tem andado chocante ultimamente. Falando nisso, como *vai* você, querida?

— Estou bem — Alice começou a falar.

— Ah, que bom. Fico tão contente. Frannie estava fazendo tanto estardalhaço por isso. Eu disse: “Você vai ver, ela terá a memória de volta até segunda-feira”.

— Estou me lembrando de algumas coisas — disse Alice. Será que ela deveria perguntar à mãe sobre Nick e o beijo na lavanderia?

— Maravilha! — disse a mãe, obviamente optando por uma abordagem otimista. — Maravilha! Agora, querida, fiquei imaginando quando você disse, no hospital, que você e Nick talvez voltassem. Isso é algo que eu não deveria mencionar a ninguém? Porque, por acaso, encontrei a Jennifer Turner hoje, no mercado.

— Jennifer Turner? — O nome não significava nada para ela.

— Sim, você sabe, aquela garota impetuosa. A advogada.

— Ah, você quer dizer a *Jane* Turner. — Hummm. O primeiro rosto que ela viu, quando acordou nesta nova e estranha vida. Jane, que a estava ajudando em seu divórcio com Nick.

— Sim, Jane. Ela queria saber como você estava. Disse que você não tem respondido às mensagens de texto.

Mensagens de texto. O que isso significava?

— De qualquer forma, eu disse que você estava bem, e então mencionei que você e Nick estavam reatando. Bem, ela pareceu bastante surpresa. Falou para que eu lhe dissesse que, de forma alguma, sob nenhuma circunstância, assinasse algo. Ficou falando isso sem parar. Achei que eu talvez não devesse ter dito nada. Fiz besteira?

— Claro que não, mãe — disse Alice, automaticamente.

— Ainda bem, porque Roger e eu estamos contentíssimos. Contentíssimos! Estávamos pensando que podíamos ficar com as crianças, por um fim de semana, para que você e Nick fossem a algum lugar romântico. Essa era a segunda coisa em minha lista. Simplesmente vou riscar isso. É com você.

Adorariamos ficar com eles. Roger disse que até paga a conta, para comermos em algum lugar. Ele é muito generoso.

— Parece ótimo.

— Mesmo? Ah, fico tão satisfeita, porque eu mencionei isso a Elisabeth, e ela acha que assim que sua memória voltar será “outra história”. Mas, você sabe, ultimamente ela tem uma inclinação meio pessimista, a pobrezinha, e essa era a terceira razão em minha lista para ligar. Por acaso, você teve notícias dela? Estou desesperada para saber se ela já recebeu os resultados do exame. Tenho ligado e ligado, e ninguém atende.

— Que resultados?

— Hoje era o exame de sangue. Você sabe, para o último óvulo. Ah, espere um minuto, eu sempre digo isso errado. Embrião. — A voz da mãe dela falhou. — Oh, Alice, eu tenho rezado e rezado e, às vezes, tenho de admitir que eu fico meio *chateada* com Deus. Elisabeth e Ben vêm tentando com tanto afinho. Será que um bebezinho é pedir demais?

— Não — disse Alice. Ela olhou para a boneca da fertilidade de Dino, sentada no balcão. Por que Elisabeth não lhe dissera que tinha um exame de sangue hoje?

Sua mãe suspirou.

— Eu disse a Roger: “Eu mesma sou tão feliz agora, por que minhas garotas não podem ser felizes também?”.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Muita gente me deixou recado hoje.

A mamãe ligou cinco vezes.

Acabo de ver que perdi uma ligação de Alice.

Ah, e a enfermeira ligou duas vezes, tentando me dar o resultado do exame de sangue de hoje.

Layla ligou, provavelmente imaginando onde estou, porque saí na hora do almoço e, por algum motivo, simplesmente não tive a energia para voltar ao escritório. Ela provavelmente acha que é porque ela me ofendeu.

Ben ligou três vezes.

Não pareço estar em condições de responder à ligação de ninguém. Simplesmente estou aqui sentada, atrás do volante do meu carro, do lado de fora de seu consultório, escrevendo.

Agora o telefone está tocando novamente. Toca, toca! Toca, toca! Ligue-se ao mundo, Elisabeth!

Sumam, todos vocês.



Alice estava pendurando roupas no varal (estava demorando uma eternidade) quando o telefone tocou novamente. Ela teve de correr para atendê-lo.

— Alô? — disse ela, sem fôlego.

— Ah, oi, sou eu — disse Nick. Ele parou. — Nick.

— Sim, na verdade, eu reconheci sua voz.

Você beijou outra mulher na lavanderia! Não posso acreditar que você tenha feito isso! Será que ela deveria mencionar o beijo? Não. Ela deveria primeiro pensar na forma certa de abordar o assunto.

Ele disse:

— Eu só achei que deveria ligar e ver como você, como sua... é... como está sua cabeça, sua lesão, hoje. Deu tudo certo quando levou as crianças de carro para a escola?

— Se não tivesse dado, seria meio tarde — disse Alice, ríspida. Na noite anterior, ela precisara *passar* todos os uniformes escolares, arrumar tudo, fazer lanches específicos para cada um (depois de Tom educadamente ter frisado que isso era o que normalmente ela fazia numa noite de domingo).

— Ah, que bom — disse Nick. — Então, presumo que aquele negócio da memória já esteja resolvido?

— Bem, eu recuperei uma lembrança — Alice disparou. No fim das contas, parecia que ela ia mesmo mencionar o beijo. Era fisicamente impossível não mencionar. — Eu me lembro de você beijando aquela mulher na lavanderia.

— Beijando uma mulher na lavanderia?

— Sim. Numa festa. Eu entrei para pegar uma bebida.

Houve um silêncio, depois Nick riu, ríspidamente.

— Sentada na máquina de lavar, certo?

— Sim — disse Alice, imaginando como ele podia ser tão presunçoso, como se isso fosse um ponto a favor dele, quando claramente era a favor dela.

— Você se lembra de *mim* beijando uma mulher, sentada em nossa máquina de lavar?

— Sim!

— Sabe de uma coisa? Eu nunca sequer olhei para outra mulher enquanto estávamos juntos. Nunca beijei outra mulher. Nunca dormi com outra mulher.

— Mas eu me lembro...

— É. Eu sei exatamente o que você lembra e acho isso muito interessante.

Alice estava perplexa.

— Mas...

— Muito interessante. Olhe, eu preciso ir, mas claramente você não recuperou direito a sua memória ainda e precisa ir a um médico. Se não for capaz de cuidar das crianças, precisa me dizer.

Você tem responsabilidades com eles.

Ah, mas não houve problema em deixá-la com eles na noite anterior, quando ele sabia perfeitamente bem que ela nem os reconhecia, e muito menos sabia como cuidar deles. No entanto, não fazia sentido ele falar daquele jeito pomposo, com aquela voz de quem diz “eu sou super-racional e você não é”, com cada palavra recheada de retidão. Ela se lembrava daquela voz de discussões passadas, como naquela manhã em que não tinham leite para o café, e na noite em que se atrasaram para o batizado do primeiro filho da irmã dele, ou da vez em que nenhum dos dois tinha dinheiro suficiente para os bilhetes da balsa, e em cada uma dessas vezes ele falou naquele tom.

Aquela voz superior e profissional, com um ar suspirante. Aquilo a deixava doida.

Cada vez que ele usava aquela voz, trazia de volta as outras ocasiões em que a usara, e ela pensava: *Isso mesmo, não suporto quando você fala desse jeito.*

— Sabe de uma coisa? — disse ela. — Fico *contente* que estejamos nos divorciando! Ao bater o telefone, ela pôde ouvi-lo rindo.

Capítulo 25

O comitê do Megamerengue apareceu na porta de Alice, à uma.

Ela os esquecera completamente.

Quando a campainha tocou, ela estava sentada no chão da sala, cercada de álbuns de fotografia.

Estava ali havia horas, folheando as páginas, removendo fotografias para olhar mais de perto e estudá-las em busca de pistas.

Havia fotos de piqueniques e caminhadas pela mata, passeios na praia, festas de aniversário, páscoas e natais. Ela havia perdido tantos natais! Chegava a dar uma dor no peito, ao ver as fotos daquelas crianças descabeladas, de pijamas, com os rostos sérios, concentrados, desembulhando os presentes, embaixo de uma imensa árvore, lindamente decorada.

Talvez ela pudesse ir ao médico pedir, por favor, para ter todas as suas lembranças de volta, menos as tristes.

As fotos eram, na maioria, das crianças e de Nick. Alice estaria atrás da câmera. Nick sempre parecia muito competente ao fotografar os outros, com uma expressão séria e profissional no rosto, mas na verdade ele era imprestável e sempre cortava um pedaço da cabeça das pessoas.

Alice descobrira sua habilidade de tirar boas fotos ainda criança. Depois que seu pai morreu, ninguém as fotografava. Ele era o fotógrafo, e a mãe delas dava tanta atenção à câmera quanto a uma lâmpada que precisava ser trocada. Durante aqueles anos em que a mãe se voltou para dentro de si e a velha Srta. Jeffrey, da porta ao lado, se transformou em Frannie, a avó honorária, Alice aprendeu a trocar lâmpadas, consertar vazamentos no banheiro, assar costeletas e legumes, enquanto Elisabeth aprendia a pedir reembolsos, pagar contas, preencher formulários e falar com estranhos.

Sempre que ela se deparava com outra foto de Nick, tentava decifrar a expressão nos olhos dele.

Seria possível rastrear o declínio do seu casamento? Não. Ela podia rastrear o declínio dos *cabelos* dele, ao longo dos anos, mas seu sorriso para a pessoa atrás da câmera parecia imutável, autêntico e feliz.

Nas fotos em que apareciam juntos, sempre estavam com os braços ao redor um do outro, com os corpos encostados. Se um especialista em linguagem corporal fosse solicitado a julgar o casamento deles, com base nesses álbuns de fotografias, certamente diria: “Esse é um casal feliz, amoroso, uma família bem-humorada, e a probabilidade de esse casal se separar é nula”.

Ela não se importava muito com as fotos de pessoas que não reconhecia, mas um rosto estava sempre presente, repetidamente, e ela se deu conta de que deveria ser Gina. Era uma mulher de seios fartos, dentes grandes, com uma cabeleira escura, cacheada. Ela e Alice pareciam ser sempre fotografadas segurando taças de champanhe ou coquetéis, como se fossem troféus exibidos à câmera.

Elas pareciam ter um contato físico intenso, algo incomum para Alice. Ela nunca

tivera esse tipo de amizade liberal, em que você fica abraçando, mas Alice e essa mulher pareciam estar sempre com as cabeças juntas, em ângulo, com os rostos colados, sorrindo abertamente para a câmera, com muito batom.

— Ora, pare com isso, você nem a *conhece* — ela disse em voz alta, para uma foto em que estava plantando um beijo no rosto de Gina.

Alice ficou olhando as fotos de Gina durante um tempo enorme, esperando o reconhecimento — e pesar? Porém, nada. Ela até parecia divertida, embora não parecesse ser o tipo de mulher que Alice teria escolhido como amiga. Parecia ter potencial para se tornar dominadora. Um tipo espalhafatoso e engraçado.

Talvez não. Na verdade, era Alice quem parecia ligeiramente espalhafatosa e engraçada em algumas fotos. Talvez ela *fosse* espalhafatosa e engraçada, agora que estava tão magra e bebia tanto café.

Havia fotos de Alice e Nick junto a Gina e um homem que só podia ser seu marido. Mike Boyle. O

fisioterapeuta que se mudara para Melbourne. Esses eram “tempos mais felizes”, segundo ele mencionara em seu cartão. Havia restaurantes, churrascos e festas (muitas garrafas de vinho vazias em cima da mesa de uma sala desconhecida que só podia ter sido da casa de Gina e Mike).

Pelas fotos, ela deduziu que Gina e Mike tinham duas belas filhas de cabelos escuros (talvez gêmeas?) com uma idade próxima à de Tom. Havia fotos das crianças brincando juntas, comendo enormes pedaços de melancia, jogando-se na piscina, dormindo encolhidas em sofás. As duas famílias haviam viajado juntas para acampar. Parecia que frequentemente iam à mesma casa de praia, com uma vista deslumbrante do mar.

Amizade e férias. Uma piscina. Champanhe, sol e riso. Uma vida de sonho.

Qualquer vida pareceria maravilhosa se tudo o que você visse fossem os álbuns de fotografia. As pessoas sorriem e inclinam as cabeças obedientemente quando a câmera é colocada diante delas.

Talvez depois de segundos do *flash*, ela e Nick se separassem, evitando os olhos um do outro, substituindo os sorrisos por rangidos.

Ela estava observando as fotos do casamento de Elisabeth e Ben (eles pareciam tão jovens e indefesos, com os rostos rosados, Elisabeth magra e radiante), quando a campainha tocou. Ela deu um pulo e ficou de pé, e deixou os álbuns no chão, com todas aquelas lembranças esquecidas.

Havia duas mulheres à porta, e outras três estavam subindo pela entrada da garagem. Algumas eram estranhas, mas ela reconheceu o restante da festa e de quando deixou as crianças na escola, naquela manhã.

— Reunião do Megamerengue? — Alice arriscou um palpite, enquanto segurava a porta aberta para delas. Elas estavam segurando pastas e cadernos, e pareciam terrivelmente eficientes.

— Só faltam seis dias! — disse uma mulher alta e elegante, de cabelos grisalhos, arqueando as sobrancelhas acima da moldura quadrada dos óculos.

— Como vai você? — disse outra, com covinhas, beijando-a ternamente no rosto. — Pensei em ligar durante a semana toda. Bill disse que não pôde acreditar quando estava na esteira e a viu passando de maca. Ele disse que jamais imaginara ver Alice Love deitada de barriga para cima. Nossa, isso não soa muito bem.

Alice lembrou-se do homem de rosto vermelho, na esteira, dizendo que diria para “Maggie” ligar.

— Maggie — disse ela.

A mulher apertou seu braço.

— Desculpe! Estou meio boba hoje.

Sem serem convidadas, todas as mulheres entraram na sala de jantar e se sentaram ao redor da mesa, colocando seus cadernos à frente.

— Chá, café? — disse Alice, baixinho, imaginando se deveria servir algo para comer.

— Estou esperando seus bolinhos durante toda a manhã — disse a que erguia a sobancelha.

— Vou ajudá-la a trazer — disse Maggie. Ai, Deus. Aparentemente, elas estavam habituadas a comer.

Alice percebeu a expressão de surpresa de Maggie, quando ela viu o estado da cozinha. Os pratos do jantar da noite anterior e do café da manhã das crianças ainda estavam por ali. Alice tivera a intenção de limpar, depois de lavar a roupa, mas os álbuns de fotografia a distraíram. Havia manchas de leite e restos de hambúrguer por cima das bancadas.

Enquanto Alice rapidamente olhava o *freezer*, em busca dos bolinhos, Maggie pôs uma chaleira para ferver e disse:

— Vi a Kate Harper nesta manhã. Ela disse que você e Nick vão voltar.

— *Sim!* — Alice tirou do *freezer* uma embalagem etiquetada escrita *Bolinhos de banana*, datada de duas semanas antes, sentindo-se contente consigo mesma. *Ah, você é demais, Alice.*

— Bem, eu fiquei um pouquinho surpresa — disse Maggie.

Alice ergueu os olhos, por conta de seu tom de voz. Ela parecia magoada.

— É que eu sei que Dominick está bem interessado — continuou Maggie, parecendo tentar ser diplomática.

— Você e Dominick são amigos? — perguntou Alice.

Maggie ergueu a cabeça, surpresa.

— Só estou falando porque ele é meu irmão mais velho e está meio vulnerável. Se isso não vai dar em nada, talvez fosse bom que você dissesse a ele, não?

Ai, Deus, ela era *irmã* dele. Agora Alice estava olhando e podia ver uma ligeira semelhança nos olhos. Aquela Kate Harper realmente dava trabalho.

— E eu não sei, não, Alice — continuou Maggie. — Tudo aquilo que você estava dizendo, outro dia, sobre Nick nunca ter respeitado sua opinião, fazendo-a sentir-se uma tola, e como você e Dominick tinham um relacionamento muito mais equilibrado, e que você adorava a forma como ele conversava sobre a escola, pois Nick nunca falava a respeito do trabalho. Então, o que foi tudo aquilo? Não quero ser rude, mas fiquei pensando, será que isso poderia estar relacionado com a lesão em sua cabeça? Quero dizer, eu sei que pode soar “Você está maluca, se não quer ficar com meu irmão!”, mas eu só acho que, bem, você sabe, não se apresse...

A voz dela foi sumindo, como Dominick fazia.

Nick não respeitava sua opinião? Mas é claro que respeitava! Às vezes ele a achava meio frívola em relação a assuntos de interesse público, mas de uma forma adorável.

Alice abriu a boca, sem saber o que diria, quando a campainha tocou novamente.

— Só um segundo — disse ela, erguendo a mão.

Ela correu pelo corredor, passando pelo falatório das mulheres em sua sala de jantar, e abriu a porta.

— Desculpe por estar tão atrasada — disse uma mulher miúda, de cabelos ruivos, com uma voz meiga, meio infantil.

Era a mulher que havia beijado Nick em cima da máquina de lavar.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Então, liguei e recebi o resultado do exame de sangue.



— Entre! — disse Alice.

Seu corpo decididamente se lembrava dessa mulher. O som de sua voz açucarada chegou a deixá-la ligeiramente enjoada, da mesma forma como o abacate sempre a fazia sentir, por causa de uma vez que ela passou muito mal depois de comer *guacamole*.

— Ouvi dizer que você caiu na academia — disse a mulher. — Eu lhe disse que fazer exercício faz mal. — Ai, Senhor, ela estava se inclinando para beijá-la no rosto. Esse negócio de ficar beijando no rosto estava ficando fora de controle. Essa era uma Reunião do Megamerengue! Será que elas não podiam conduzir as coisas de forma mais profissional?

A mulher estava puxando uma echarpe do pescoço, pendurando-a casualmente na chapeleira de Alice e olhando-a de forma natural, sem qualquer traço de culpa. Como ela conseguia fazer isso, se havia beijado o marido de Alice na lavanderia desta mesma casa? “Nunca olhei para outra mulher.

Nunca beijei outra mulher”, dissera Nick. Então, por que ela se lembrava disso com tanta clareza? E

como ele sabia que havia acontecido em cima da máquina de lavar?

— Está atrasada, Sra. Holloway! — gritou uma voz da sala de jantar.

Holloway. Holloway. Alice mentalmente estalou os dedos. Era a vice-diretora. Ela era excessivamente miúda, bonita e açucarada para ser uma vice-diretora.

A Sra. Holloway entrou bailando na sala de jantar, como se fosse dona do local, enquanto Alice voltou à cozinha. A irmã de Dominick havia colocado os bolinhos de Alice no micro-ondas, e o cheiro de banana pairava na cozinha.

— Sra. Holloway — explicou Alice.

— Credo! — disse Maggie, fazendo uma careta, sem erguer os olhos da água fervente que estava despejando, numa fileira de canecas de café. Ela pousou a chaleira e piscou para Alice. — Assegure-se de manter a Sra. H na linha, se ela tentar assumir novamente. A reunião é sua. É você que está no comando.

— Quanto a isso — disse Alice —, não posso conduzir esta reunião.

— Por que não?

— Dominick obviamente não lhe disse...

— Dominick não me conta nada. Você sabe como são os irmãos. Ah, certo, você não sabe. Bem, não são como irmãs.

Alice explicou novamente sobre sua perda de memória, e como, sim, ela veria um médico, e não, ela não achava que deveria estar na cama, e não, ela não estava brincando, e sim, devia ter sido uma pancada e tanto na cabeça.

Alguém chamou da sala de jantar.

— O que está havendo aí dentro? Estamos sentindo o cheiro dos bolinhos!

— Segurem as pontas! — Maggie gritou de volta. Ela se virou para Alice e disse, contente: — Então, é por isso que você está falando que vai voltar com Nick, você esqueceu os últimos dez anos! Nossa, deve ser uma sensação estranhíssima. Estou tentando imaginar. O que eu estava fazendo quando tinha vinte e seis anos?

Alice percebeu, perplexa, que Maggie era quatro anos mais nova que ela. Na verdade, todas essas mulheres que estavam ali, hoje, provavelmente eram de sua faixa etária.

Maggie deu uma gargalhada.

— Eu diria, oh, meu Deus, como você foi acabar casando com o gorducho que cuida do seu carro?

Depois olharia para os meus quadris e diria: “O que aconteceu aqui?”.

Ela deu um peteleco nos quadris, que pareciam perfeitamente magros para Alice.

— Está ficando chato aqui. — A mulher alta, grisalha e de óculos entrou na cozinha e se sentou no balcão, balançando as longas e finas pernas, de calça *jeans*.

Ela baixou o tom de voz.

— Você precisa ir logo pra lá, Alice, antes que a Sra. H. planeje um golpe. Não se preocupe, eu estou sutilmente minando tudo o que ela fala. — Ela baixou a voz ainda mais. — Se ela pensa que vamos livrá-la da vergonha do incidente da lavanderia, está muito enganada. A anãzinha perniciososa.

— Vocês sabem sobre o incidente da lavanderia? — Alice apertou a faca que estava segurando para cortar os bolinhos.

— Alice perdeu a memória — disse Maggie. — Ela provavelmente nem sabe quem você é. Alice, esta é Nora. — Ela parou. — Na verdade, você provavelmente nem sabia quem eu sou! Sou Maggie! Você sabia disso? Ela tinha uma expressão constrangedora de incredulidade no rosto, que Alice já vira muitas vezes. As pessoas não conseguiam acreditar que você pudesse esquecê-las.

— Há um boato de que você perdeu sua memória — disse Nora. — Eu não acreditei. Ouvi alguém no Dinos falando sobre isso, mas achei que era só fofoca. Nossa. O que os médicos dizem?

— Nick beijou a Sra. Holloway na lavanderia? — perguntou Alice, sentindo-se juvenil ao discutir o beijo com essa mulher elegante, de cabelos grisalhos.

— Nick? — perguntou Nora. — Não, querida. Foi o Michael. Marido de Gina. Gina entrou e os flagrou. — Ela olhava para Maggie. — Ela realmente perdeu a memória.

— Não se lembra de *nada* — disse Maggie, empolgada, dando uma grande mordida no bolinho. — É

como se fosse a Rumpelstiltskin, do conto de fadas.

— Acho que você quer dizer a Rip Van Winkle.

— Será?

— Mas eu me lembro disso tão claramente — disse Alice, lentamente. — Lembro como se tivesse sido comigo.

— Bem, você ficou muito aborrecida por Gina — disse Maggie. — Oh, Deus, ainda não consigo acreditar que Gina não vai entrar de repente, trazendo outra garrafa de champanhe. Sempre que ouço o estouro de uma rolha de champanhe, eu me lembro dela. Acho que ainda não aceitei.

— A menos, é claro, que a anãzinha também tenha beijado Nick — disse Nora, pensativa.

— Posso levar algo lá pra dentro? — disse uma voz infantil, vindo do corredor.

— Sra. H! — disse Nora, calmamente. — Estávamos falando de você.

— Falando bem, eu espero. — A vice-diretora olhou para Nora, com os olhos azuis inocentes.

— É claro! Tenho certeza de que você não tem *roupa suja* que precise ser lavada — disse Nora.

Maggie engasgou com o bolinho.

— Aqui está — disse Nora. — Você pode levar essas canecas lá para dentro, para Alice.

— Com certeza. — A Sra. Holloway pareceu inabalável. — Começaremos logo, Alice? — Ela olhou o relógio. — É que tenho de voltar para a escola.

— Não vai demorar — disse Nora, rapidamente, com os olhos sérios.

A Sra. Holloway pegou as canecas e saiu.

Assim que ela deixou o ambiente, Maggie deu um peteleco na parte de trás da cabeça de Nora, despenteando seus cabelos sedosos.

— Você é terrível.

Era como estar com garotas na escola, exceto pelas rugas e pelos cabelos grisalhos, e a conversa sobre os filhos. Alice se sentia confortada por isso. Parecia que você ainda podia fazer tolices, mesmo depois de grande.

— Mas eu não entendo — disse ela. — Como essa Sra. Holloway pode ser vice-diretora, se ela...

— Anda beijando os pais na lavanderia? — terminou Nora. — Somos as únicas que sabem disso. Gina nos fez prometer não contar a ninguém. A Sra. H. também tem filhos na escola. Gina disse que não queria ser responsável pelo rompimento de outro casamento.

— Você não sabe com que frequência tenho de morder a língua, sempre que Dominick fala dela — disse Maggie. — Ele acha que ela é tão profissional. Mas, de qualquer forma, acho que ela apenas bebeu demais naquela noite. Todas nós cometemos erros.

— Não venha toda bondosa pra cima da gente, Maggie — disse Nora. — Ela não merece perdão. A piranha nem piscou quando eu disse “roupa suja”.

— Talvez ela tenha esquecido — disse Maggie. — Já se passaram três anos.

— A Sra. Holloway e Mike estavam tendo um caso? — perguntou Alice, percebendo que estava retraída, esperando a resposta. Embora ela soubesse que não era Nick, aquela sensação de traição permanecia.

— Até onde sabemos, foi apenas aquele beijo bêbado — disse Maggie. — Mas pareceu ser a centelha de todos os problemas entre Gina e Mike. Nunca pareceu justo. O

fato de Gina e Mike romperem e os Holloway continuarem parecendo o casal de ouro. Outro dia, eu os vi de mãos dadas, se quer saber, e pensei, “alguém me arranje um balde, pois vou vomitar” — Maggie se sacudiu. — De qualquer modo, é realmente melhor que façamos essa reunião.

— Talvez eu deva ficar aqui — disse Alice. — Diga-lhes que estou passando mal. — Ela não tinha a menor ideia de como “fazer uma reunião”.

— Vou repassar a agenda — disse Nora. — Apenas concorde. De qualquer forma, você já tinha tudo tão bem organizado, com tanta antecedência, que todas nós sabemos exatamente o que temos de fazer.

Você é a pessoa mais eficiente que conheço, Alice.

— Eu me pergunto como isso aconteceu — Alice suspirou. Ela lambeu o dedo e o pressionou sobre as migalhas no prato à sua frente. Viu as duas mulheres observando-a, como se ela estivesse se portando de forma estranha.

Em vez de chupar o dedo, ela o deixou ao lado do corpo e disse: — Por que estamos fazendo a maior torta merengue de limão do mundo? Por que não fazer um *cheesecake*, ou algo assim?

— Esse prato era a marca registrada de Gina — disse Maggie. — Lembra? Você está dedicando o dia a Gina.

É claro que estava. No fim, tudo voltava a Gina.

Assim que ela se lembrasse de Gina, ela se lembraria de tudo.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy Sinto que eu poderia facilmente fazer uma de duas coisas.

Eu poderia sair de Sydney dirigindo. Talvez descendo aquela longa estrada curva, na costa sul, com as lindas colinas verdes e a vista do mar azul-turquesa. Isso seria divertido.

Então, eu poderia encontrar uma parte vazia da estrada, com um poste apropriado. Um que estivesse implorando para virar uma cruz, em memória.

E eu poderia dirigir de encontro a ele, bem rápido.

Alternativamente, poderia voltar de carro para o escritório. E pedir a Layla que mandasse vir uma salada, sim, com anchovas, uma Coca *diet*, ou talvez um sorvete de banana, e eu poderia comer meu almoço, enquanto preparo meu discurso principal para a próxima conferência na Associação Australiana de Marketing Direto.

Eu poderia fazer uma coisa. Ou outra.

O poste, ou o escritório.

Não parece ser uma decisão mais importante do que beber ou não uma Coca *diet*, ou tomar o sorvete de banana.



— Oh, Alice, que bom que te encontrei. Eu estava pensando: no outro fim de semana tenho aquele

evento sobre o qual eu lhe falei, então estive imaginando que, se eu pegasse Tom para você, na festa de Harry, pois sei que você também tem um almoço, eu poderia ficar com os meninos, antes do jogo de futebol, e você os pegaria depois do jogo...

— Com licença, por favor, mamãe. Com licença, por favor, mamãe. *Com licença, por favor, mamãe.*

— Alice! A Olivia já decidiu o que irá vestir na festa à fantasia da Amelia? Você ouviu? É um drama. *Sete* crianças querem ir de Hannah Montana, mas parece que a *Amelia* quer ir de Hannah Montana e, afinal, ela é a aniversariante, então parece que todas as Hannahs estão banidas!

— O grande dia está chegando, Alice!

— Mãe, eu *disse* com licença e você simplesmente fica me ignorando!

— Mãe, a Clara pode ir lá pra casa hoje de tarde? Por favor, por favor, por favor? A mãe dela disse que podia!

— Mamãe?

— Mãe?

— Agora falta pouco, Alice!

— Sra. Love?

— Posso lhe falar, Alice?

Alice estava no meio do pátio da escola e o mundo das datas e festas de aniversário rodopiava à sua volta.

Ela não se lembrava de nada disso.

No entanto, tudo parecia familiar.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Caso esteja se perguntando, hoje eu resolvi voltar para o escritório.

Eu realmente não estava falando sério sobre o poste. Jamais faria isso. Sou sensata e tediosa demais para isso.

A propósito, eu cancelei nossa próxima sessão. Peço desculpas pelo inconveniente.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Ora, mas que noite incomum e francamente perturbadora! X chegou bem na hora marcada, bem-vestido, com os cabelos caprichosamente penteados para o lado, segurando uma garrafa de vinho e um buquê de flores, se querem saber.

Eu não me contive. E o fiz sentar e, enquanto cortava a quiche, perguntei por que ele havia sabotado minha excursão à palestra da eutanásia. Eu disse que ele parecia ter algo contra mim, e eu não entendia o motivo para que tivesse organizado um cruzeiro na enseada, na mesma época.

Ele disse que tinha motivos muito fortes quanto à eutanásia, por ter testemunhado a mãe cometendo suicídio, quando ele tinha oito anos de idade.

Bem, vocês podem imaginar o quanto me senti mal! Cheguei a ficar com o estômago enjoado! Eu não sabia o que dizer. Estava com lágrimas nos olhos.

Ele estava mergulhando com tudo na quiche, quando me olhou, com os olhos brilhantes, e disse que, na verdade, a mãe tinha morrido tranquilamente, na própria cama,

com noventa anos, mas ela *poderia* ter cometido suicídio, pois às vezes ficava muito deprimida.

Eu quase joguei a travessa de salada na cabeça dele.

Então, depois disso, tivemos um debate muito inflamado sobre o assunto, ou talvez a palavra mais certa seja discussão. Aquilo se estendeu durante horas e nenhum de nós cedia. Ele realmente não tinha nada de novo a dizer. Acredita que cada instante da vida é um presente precioso e é muita falta de educação desperdiçar um segundo.

Acabei demonstrando que, embora ele seja contra a eutanásia, ainda poderia ter organizado o cruzeiro para outro dia.

Ele disse: “Sabe quando um garoto gosta de uma menina e ele puxa sua trança e sai correndo com a fita de seus cabelos?”.

Eu disse que imaginava que sim.

Ele disse: “Bem, eu nunca cheguei a crescer”.

Diga-me, internet, que diabos ele quer dizer com isso?

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse...

Você está sendo deliberadamente obtusa, Frannie? Ele está tentando dizer que GOSTA de você!

Como se sente quanto a ele? Para mim, ele parece ser um cara divertido. Um daqueles diamantes brutos.

O Cara de Brisbane disse...

Eu concordo com Doris, mas vocês não estão velhos demais para isso? Cruzes!

Frank Neary disse...

Ei! Estou tendo um concorrente aí? Sou muito mais jovem do que esse tal de X. Dê-me uma chance!

A Vovó Maravilha disse...

Desculpe ser direta, mas o X parece ser um sujeito muito escorregadio para mim. Eu o botaria pra correr. Diga-me, Alice recuperou sua memória?



Alguém estava gritando.

— Mãe! Pare! Faça isso parar! *Mamãe!*

Alice foi impulsionada para fora da cama e caminhava rápido, cegamente, pelo corredor, antes de acordar direito, com a boca seca, a cabeça atrapalhada pelos sonhos interrompidos.

Quem era? Olivia?

Os gritos histéricos vinham do quarto de Madison. Alice empurrou a porta. No escuro, ela só identificou a silhueta revirando na cama e gritando.

— Tira! Tira!

Os olhos de Alice se ajustaram o suficiente para ver o abajur em cima da prateleira, ao lado da cama de Madison. Ela acendeu.

Os olhos de Madison estavam fechados, seu rosto estava contorcido. Ela estava enrolada nos lençóis, com o travesseiro no peito. Ela batia nele.

— Tira!

Alice tirou o travesseiro e se sentou na cama, ao lado dela.

— É só um sonho, querida — disse ela. — É só um sonho.

A julgar por seus próprios pesadelos, ela sabia que o coração de Madison estaria disparado, sabia como a voz do mundo real lentamente se infiltraria no sonho e o faria desaparecer.

Os olhos de Madison se abriram, e ela se atirou em Alice, jogando a cabeça dolorosamente contra suas costelas, agarrando-a com força.

— Mamãe, tira isso da Gina! Tire isso dela! — ela dizia, chorando.

— Foi só um sonho — disse Alice, afagando as mechas suadas dos cabelos de Madison, afastando-as da testa. — Eu juro que foi só um sonho ruim.

— Mas, mamãe, você precisa tirar isso dela! Tira isso da Gina.

— Tirar o que dela?

Madison não respondeu. Suas mãos se afrouxaram e sua respiração começou a desacelerar. Ela se acomodou mais confortavelmente no colo de Alice.

Estaria adormecendo outra vez?

— Tirar o que dela? — sussurrou Alice.

— Foi só um sonho — disse Madison, sonolenta.

Capítulo 26

— Tia Alice! Tia Alice!

Um menino de aproximadamente três anos veio correndo aos braços de Alice. Ela automaticamente ergueu seu corpinho compacto e o girou, enquanto ele prendia as pernas ao redor dos quadris dela, como um coala. Ela mergulhou o nariz nos cabelos escuros, respirando o cheiro de espuma. Era um aroma intenso, deliciosamente familiar. Ela respirou novamente. Estaria se lembrando desse menininho? Ou de algum outro menininho? Às vezes, ela achava que seria mais fácil tapar o nariz, para impedir aquelas repentinas ondas frustrantes de lembranças que se evaporavam antes que ela pudesse identificar exatamente o que estava lembrando.

O garotinho pressionou as mãozinhas gorduchas nas duas bochechas de Alice, tagarelando algo incompreensível, com os olhos sérios.

— Ele está perguntando se você trouxe MM's — disse Olivia. — Você sempre traz M&M's pra ele.

— Oh, querido — disse Alice.

— Você não sabe quem é ele, não é? — perguntou Madison, com um desprezo feliz.

— Ela sabe, sim — disse Olivia.

— Ele é nosso primo Billy — disse Tom. — A tia Ella é a mãe dele.

A irmã caçula de Nick tinha engravidado! Que escândalo! Ela tinha quinze anos, ainda estava no colégio!

Você é realmente tapada, hein, Alice? Estamos em 2008! Ela tem vinte e cinco anos! A essa altura, provavelmente é uma pessoa totalmente diferente.

Embora não estivesse tão diferente assim, pois lá vinha ela, sem sorrir, abrindo caminho entre as pessoas. Ella ainda tinha um visual gótico. Pele branca, olhos arregalados, com bastante lápis preto, cabelos pretos divididos no meio, com uma mecha cortada em ângulo. Ela estava com uma saia preta comprida, meias pretas, sapatilhas pretas e uma blusa preta de jérsei, de gola rolê, com algo que parecia um colar de cinco voltas de pérolas, de comprimentos variados. Só Ella podia aparecer com um visual desses.

— Billy! Venha cá! — disse ela, severa, tentando soltar o filho de Alice.

— Ella — disse Alice, enquanto as pernas de Billy a agarravam com mais força e ele afundava a cabeça em seu pescoço. — Eu não esperava vê-la aqui. Se ela *tivesse* de escolher uma favorita entre as Excêntricas, teria sido Ella. Ela havia sido uma adolescente intensa e chorosa, que podia se desmanchar em riso histérico, e gostava de conversar com Alice sobre roupas, de mostrar a ela seus vestidos antigos, que comprava em lojas de segunda mão e custavam mais para lavar do que o que ela havia pago por eles.

— Você tem algum problema com o fato de eu estar aqui? — perguntou Ella.

— O quê? Não, claro que não.

Era a Noite do Talento, na vila de aposentados de Frannie. Eles estavam num salão com piso de madeira, com aquecedores vermelhos colocados nos cantos da sala, irradiando um calor intenso que fazia todos os visitantes arrancarem seus casacos. Havia fileiras de cadeiras de plástico organizadas em semicírculos, diante de um palco com um único microfone, com um visual patético, à frente das cortinas de veludo vermelho gastas. Abaixo do palco havia alguns andadores que variavam de tamanho, alguns tinham laços amarrados, para diferenciá-los, como bagagem no aeroporto. Ao longo do *hall*, havia mesas sobre cavaletes e toalhas brancas, com copinhos de isopor empilhados e pratos de papel com sanduíches de ovos e petiscos com geleia e creme derretendo sob o calor.

As primeiras fileiras de cadeiras já estavam ocupadas pelos residentes da vila. Senhorinhas com broches presos aos seus melhores vestidos, velhinhos curvados com cabelos cuidadosamente penteados sobre o couro cabeludo, nós de gravata por baixo de coletes. Gente velha parece não sentir calor.

Alice podia ver Frannie sentada na fileira central, numa conversa embalada com um homem sorridente de cabelos brancos, que se destacava por estar vestindo um colete de bolinhas por cima de uma camisa branca.

— Na verdade — disse Ella, finalmente conseguindo arrancar Billy dos braços de Alice —, foi sua mãe quem ligou e nos pediu que viesse. Ela disse que o papai estava com medo de se apresentar no palco, o que acho difícil de acreditar, mas em todo caso... As outras se recusaram a vir.

Que estranho Barb ligar para as irmãs de Nick e pedir a elas que fizessem algo, como se fossem suas filhas.

Alice se mancou.

Bem, é *claro* que eram. Que coisa estranha de se pensar.

Mas, por outro lado, lá no fundo (ou talvez nem tão fundo assim), ela sempre achara sua própria família inferior à de Nick. A família Love vinha dos subúrbios do leste. “Eu raramente atravesso a ponte”, a mãe de Nick dissera a Alice, uma vez. Ela às vezes ia à

ópera, numa noite de sexta-feira, da mesma forma que a mãe de Alice ia a uma gincana da igreja (e talvez ganhasse uma bandeja de carne, ou um cesto de frutas!). A família Love conhecia gente. Gente importante, membros do parlamento e atrizes, médicos e advogados, e gente com nome que dava a impressão de que você deveria conhecê-los. Eram anglicanos e iam à igreja somente no Natal, como se isso fosse um pequeno evento encantador. Nick e as irmãs frequentaram colégio particular e a Universidade de Sydney. Eles conheciam os melhores bares e os restaurantes certos. Era como se fossem donos de Sydney.

Enquanto a família de Alice vinha do noroeste enfadonho, lar dos cristãos felizes, gerentes medianos, contadores e tabeliães. A mãe de Alice raramente atravessava a ponte, mas isso era porque ela não sabia andar na cidade. Pegar o trem e ir para a cidade era um grande acontecimento.

Alice e Elisabeth frequentavam o colégio católico local para meninas, onde se esperava que as alunas se tornassem enfermeiras e professoras, não médicas e advogadas. Elas iam à missa todos os domingos e os garotos locais tocavam violão, enquanto a congregação cantava junto, com vozes agudas, seguindo a letra projetada na parede, acima da careca do padre, e a luz do vitral refletindo em seus óculos. Alice sempre pensava que teria sido preferível ter vindo do subúrbio oeste. Dessa forma, ela poderia ter sido uma garota durona e boa de jogo. Talvez tivesse uma tatuagem no tornozelo. Ou, se ao menos seus pais tivessem sido imigrantes, com sotaque, Alice poderia ter sido bilíngue e sua mãe faria sua própria massa de macarrão. Em vez disso, eles eram apenas a simples família Jones. Comum como os cereais Weetbix.

Até que Nick chegou e a fez se sentir interessante e exótica.

— Então, o que você de fato *confessa* durante a confissão? — ele perguntara uma vez. — Você tem permissão para contar? — Ele vira as fotografias de Alice, da escola católica, com sua saia xadrez, bem abaixo do joelho, e dissera, em seu ouvido: “Estou morrendo de tesão”. Ele se sentara no sofá florido da mãe de Alice, com uma mesinha quadrada marrom ao seu lado (a maior do conjunto de mesinhas), com um paninho bordado em cima, comendo um pedaço de pão com manteiga e glacê cor de rosa, e tomando chá, e disse: — Quando esta casa foi construída? — Como se o bangalô de tijolinhos vermelhos merecesse essa pergunta tão respeitosa.

— Mil novecentos e sessenta e cinco — disse Barb. — Pagamos quinhentas libras por ela. — Alice jamais soubera disso! Nick dera uma *história* à casa delas!

Ele assentiu, fazendo comentários sobre a iluminação, e ele era exatamente do mesmo jeito quando se sentava na mesa de jantar de relicário da mãe, comendo figos frescos e queijo de cabra, e bebendo champanhe. Alice ficava fraca de encantamento.

— Nós vamos nos sentar com o papai, quando ele chegar? — perguntou Olivia, segurando a manga de Alice. — Vocês dois vão sentar juntos? Assim, quando eu dançar, vocês podem dizer um para o outro: “Oh, aquela é nossa querida filha. Como estamos orgulhosos!”.

Olivia estava vestindo um *collant* com saia de tule e sapatilhas de balé, pronta para sua apresentação. Alice a maquiara, embora, segundo Olivia, ela não tenha se maquiado o suficiente, nem de longe.

— Claro que sentaremos juntos — disse Alice.

— Você é a pessoa mais constrangedora do mundo, Olivia — disse Madison.

— Não é, nada — disse Ella, abraçando Olivia e depois puxando a bainha da blusa vermelha de Madison. — Essa blusa ficou um arraso em você. Eu sabia que ficaria.

— É minha favorita — disse Madison, enfaticamente. — Só que a mamãe leva uma *eternidade* para lavar.

Alice observou Ella olhando para Madison e viu como seu rosto abrandou. Parecia que a irmã de Nick adorava os filhos de Alice e, a julgar pela forma como Billy ainda estava tentando pegar a bolsa de Alice para procurar M&M's, Alice adorava o menininho. Elas eram tias dos filhos uma da outra. Alice se sentiu cheia de afeição por ela.

— Você cresceu tão linda e elegante — Alice disse a Ella.

— Isso é uma piada? — Ella enrijeceu o maxilar.

— Talvez você ache a mamãe meio estranha esta noite, tia Ella — disse Tom. — Ela teve uma lesão traumática na cabeça. Eu imprimi umas coisas da internet, caso queira ler, PSI. Isso significa “para sua informação”. Você diz isso, quando quer dizer algo a alguém. PSI.

— Querido papai! — gritou Olivia.

Nick acabara de entrar no salão e estava olhando a plateia. Ele estava com um terno de aparência cara, com o colarinho desabotoado, sem gravata. Parecia um homem mais velho, bem-sucedido e *sexy*. Um homem que tomava decisões importantes, que sabia seu lugar no mundo e já não derrubava torrada na camisa antes de uma apresentação.

Nick viu primeiro as crianças e seu rosto se acendeu. Um segundo depois, ele viu Alice e fechou a cara. Ele caminhou em direção a eles e Olivia se jogou em seus braços.

— Ah, eu senti falta de vocês, seus franguinhos — disse Nick, junto ao pescoço de Olivia, com a voz abafada, esticando uma das mãos para despentear os cabelos de Tom e a outra para afagar o ombro de Madison.

— Ei, pai, adivinha quantos quilômetros tem da nossa casa até aqui — disse Tom. — Adivinha, vai.

— Hummm. Quinze.

— Quase! Treze quilômetros. PSI.

— E aí, garota? — Nick disse a Ella, usando o apelido que sempre lhe dera. Ella o olhou com carinho. Nada tinha mudado ali. — E o garoto da garota! — Ele pegou Billy, passando a segurar Olivia e Billy. Billy riu e repetiu:

— Garoto da garota! Garoto da garota!

— Como vai, Alice? — Ele estava olhando para as crianças. Não olhou para ela. Alice foi a última a ser cumprimentada. Ela era a pessoa de menor predileção. Ele usou a voz educada para ela.

— Estou bem, obrigada. — *Não chore, sob circunstância alguma*. Ela se pegou estranhamente querendo Dominick. Querendo alguém que gostasse mais dela do que de todos. Como era horrível ser desprezada. Sentir-se desprezível.

Uma voz conhecida e oscilante surgiu no microfone.

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, é com grande prazer que lhes dou as boas-vindas à Noite de Talento da Família da Vila de Aposentados Tranquillity Wood. Poderiam, por favor, tomar seus lugares?

— Frannie! — disse Olivia.

Era a Frannie, no palco, bem bonita, com seu vestido azul-real, falando calmamente

ao microfone, embora estivesse fazendo sua voz elegante.

— Ela não parece nervosa — disse Madison. — Se fosse eu, eu estaria tão nervosa, falando para toda essa gente, que provavelmente desmaiaria.

— Eu também — disse Alice.

Madison franziu o lábio.

— Estaria, nada.

— Estaria, sim! — protestou Alice.

Houve um pouco de confusão quando eles se acomodaram em seus lugares.

Madison, Tom e Olivia queriam sentar ao lado do pai, e Olivia precisava ficar na ponta da fileira, para estar pronta e levantar quando seu nome fosse chamado, e ela também queria que Nick e Alice se sentassem juntos, enquanto Billy queria sentar no colo de Alice, o que Ella claramente não queria. Ela finalmente cedeu e Alice se viu com Madison de um lado e Nick do outro, e o corpinho quentinho de Billy aconchegado ao seu. Ao menos *ele* gostava dela.

Onde estava Elisabeth? Alice se virou em seu lugar, procurando por ela. Ela viria esta noite, mas talvez tivesse mudado de ideia. Sua mãe havia ligado dizendo que o resultado do exame de sangue dera negativo e Elisabeth parecia bem, embora meio esquisita. “Eu fiquei imaginando se ela não estaria bêbada”, Barb dissera. Alice ainda estava com a boneca da fertilidade de Dino na bolsa, para dar a ela. Será que isso a aborreceria agora? Mas e se ela estivesse privando Elisabeth de seus poderes mágicos? Ela perguntaria a Nick o que ele achava.

Ela deu uma olhada no perfil sério de Nick. Será que ela ainda podia pedir sua opinião em assuntos assim? Talvez não. Talvez ele não ligasse.

Quando a aglomeração se acomodou, Frannie bateu no microfone e disse: — Nossa primeira apresentação é da bisneta de Mary Barber, que cantará “My Heart Will Go On”.

Uma garotinha de vestido de lantejoulas e o rosto emplastado de maquiagem levantou (“Está vendo, mamãe!”, — Olivia disse, debruçando-se por cima de Nick, para olhar Alice com repreensão) e seguiu ao palco, estufando o peito como se fosse uma cantora de cabaré.

— Jesus — disse Nick, baixinho.

A menina pegou o microfone com as duas mãos e começou a cantar, a voz tremulando com uma emoção exagerada, fazendo a plateia se retrair em conjunto, cada vez que ela entoava um agudo.

Ela foi seguida por outros netos que sapatearam com cartolas e bengalas, um sobrinho-neto que fez um show de mágica (“PSI, eu sei exatamente como ele fez aquilo”, Tom sussurrou alto) e uma sobrinha fez um número de ginástica. O garotinho de Ella ficou entediado e começou um joguinho em que ele pulava de um colo para outro, tocando cada pessoa no nariz e dizendo “queixo”, ou tocando no queixo e dizendo “nariz”, e depois morrendo de rir de sua própria esperteza.

Finalmente, Frannie disse:

— A próxima é Olivia Love, minha bisneta honorária, que apresentará um número cuja coreografia ela mesma fez e se chama “A borboleta”.

Alice ficou aterrorizada. *Ela mesma* coreografou? Ela imaginara que Olivia apresentaria algo que tivesse aprendido na aula de balé. Meu bom Deus, provavelmente seria terrível. Suas mãos estavam suando. Era como se ela própria fosse subir ao palco.

— Hummmmm — disse Olivia, sem se mexer.

— Olivia — disse Tom —, é a sua vez.

— Eu estou meio enjoada — disse Olivia.

Nick disse:

— Os melhores artistas se sentem enjoados, meu bem. É um sinal. Isso significa que você será ótima.

— Você não precisa... — Alice começou.

Nick colocou a mão em seu braço e ela parou.

— Assim que você começar, a sensação de enjoo vai passar — ele disse a Olivia.

— Jura? — Olivia o olhou, confiante.

— Juro, e quero morrer mordido por um cão raivoso se for mentira.

Olivia revirou os olhos.

— Você é tão bobinho, papai. — Ela deslizou da cadeira e marchou pelo corredor, até o palco, sacudindo a saia de tule. O coração de Alice se apertou. Ela era tão *pequeninha*. Tão sozinha.

— Você já viu esse número? — sussurrou Nick, enquanto ajustava o foco da pequena câmera prateada.

— Não... Pelo menos, acho que não. Você viu?

— Não. — Eles ficaram vendo Olivia subir os degraus do palco. Nick disse: — Eu também estou me sentindo um pouquinho enjoado.

— Eu também — disse Alice.

Olivia ficou no meio do palco, de cabeça baixa, enlaçando a si mesma com os braços, de olhos fechados. A música começou. Olivia lentamente abriu um olho, depois o outro. Ela deu um grande bocejo, serpenteou e se contorceu. Ela era uma lagarta, emergindo, sonolenta, de seu casulo. Ela olhou por cima de um ombro, fingindo ver uma asa, e seu queixo caiu, comicamente.

A plateia riu.

Eles *riram*.

A filha de Alice era engraçada. Publicamente engraçada!

Olivia olhou por cima do outro ombro e cambaleou, encantada. Ela era uma borboleta! Saltitava de um lado para o outro, experimentando suas novas asas, primeiro caindo e depois, finalmente, pegando o jeito.

É verdade que ela talvez não estivesse sincronizada com a música, e alguns de seus outros passos de dança talvez fossem, bem, incomuns, mas suas expressões faciais eram impagáveis. Na opinião de Alice, ela estava sendo bem objetiva, nunca houvera uma performance de borboleta mais engraçada ou fofa.

Até a hora em que a música parou, Alice transbordava de orgulho, seu rosto doía de tanto sorrir.

Ela olhou em volta e viu que a plateia sorria, tinha gente batendo palmas, claramente encantada, embora talvez estivessem se contendo para não causarem constrangimentos aos outros que se apresentaram (Que tal uma ovação, por exemplo?) e ela ficou chocada ao ver uma mulher verificando uma mensagem de texto no celular. Como ela podia tirar os olhos do palco?

— Ela é um gênio da comédia — ela sussurrou para Nick.

Nick baixou a câmera e seu rosto, quando se virou para ela, estampava a mesma

admiração e prazer.

— Mãe, eu a ajudei um pouquinho — disse Madison.

— Ajudou? — Alice colocou a mão ao redor do ombro de Madison e a puxou para perto. Ela baixou o tom de voz. — Aposto que você a ajudou muito. Você é uma ótima irmã mais velha. Exatamente como a tia Libby era pra mim.

Por um instante, Madison pareceu impressionada, depois deu aquele sorriso extraordinário, que transformava seu rosto.

— Como consegui ter filhos tão talentosos? — disse Alice, e sua voz falhou. Por que Madison parecia tão surpresa?

— É por parte de pai — disse Nick.

Olivia veio dançando pelo corredor e se sentou na cadeira, ao lado de Nick, sorrindo, envergonhada.

— Fui boa? Fui excelente?

— Você foi demais! — disse Nick. — Todos estão dizendo que até poderiam ir embora, agora que Olivia Love já se apresentou.

— Bobinho — Olivia deu uma risadinha.

Eles ficaram sentados assistindo a mais quatro apresentações, incluindo um número cômico de uma filha de meia-idade que, de tão sem graça, foi engraçado, e um menininho que perdeu a coragem e ficou apavorado no meio do recital de um poema de Banjo Paterson, até que seu avô subiu oscilante ao palco e segurou sua mão, e eles leram juntos, o que fez Alice chorar.

Frannie voltou ao microfone.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas, esta foi uma noite muito especial e em alguns instantes vocês poderão desfrutar do jantar, mas temos uma última apresentação e eu espero que me desculpem, mas é outro número de membros de minha família. Por favor, uma salva de palmas para Barb e Roger, que dançarão salsa!

O palco ficou escuro. Um único foco de luz revelou a mãe de Alice e o pai de Nick vestindo roupas latinas, em pé, completamente imóveis. Roger estava com um dos joelhos no meio das pernas de Barb, com o braço ao redor de sua cintura. Barb estava inclinada para trás, exibindo o pescoço. A cabeça de Roger estava inclinada na direção dela, seu rosto tinha um franzido tremendamente dramático.

Nick fez um ruído, como se algo tivesse ficado entalado em sua garganta. Ella fez um som de compaixão.

— A vovó e o vovô parecem gente da televisão — disse Tom, feliz. — Eles parecem famosos.

— Não parecem, não — disse Madison.

— Parecem, sim.

— Shhh — disseram Alice e Nick, juntos.

A música teve início e os pais deles começaram a se mover. Eles eram bons, de uma forma horrenda. Rodopiando os quadris, profissionalmente. Entrando e saindo dos braços um do outro. Só que era tão torturantemente *sexual* — e na frente de toda aquela gente *velha*!

Depois de cinco minutos agonizantes de dança, Roger parou junto ao microfone, enquanto Barb dançava ao seu redor, sacudindo as laterais de sua saia e batendo os pés, de forma provocadora.

Alice sentia um ataque de riso prestes a se apoderar dela.

— Pessoal! — disse Roger, em sua melhor voz de anunciante de rádio. O holofote iluminou as gotas de suor em sua testa bronzeada. — Vocês devem ter ouvido falar que eu e minha adorável esposa vamos oferecer aulas de salsa, na segunda terça-feira do mês. É um ótimo exercício e muito divertido! Qualquer um pode dançar salsa e, para provar isso, quero convidar duas pessoas da plateia que nunca tenham dançado salsa para virem ao palco. Agora, vejamos.

O holofote ficou passando por cima da plateia. Alice olhava a luz, torcendo para que Roger tivesse o bom senso de escolher um casal que conseguisse andar.

O holofote parou em Alice e Nick, e os dois ergueram as mãos para proteger os olhos.

— Sim, aqueles dois coelhinhos piscando no farol parecem as vítimas perfeitas, você não acha, Barb? — disse Roger.

Olivia, Tom e Madison pularam em suas cadeiras, como se tivessem ganhado na loteria. Eles começaram a puxar os braços dos pais, dando gritinhos:

— Sim, sim! Mamãe e papai, dancem! Vamos!

— Não, não! Escolham outra pessoa! — Alice dava tapinhas nas mãos deles, em pânico. Ela nunca se oferecia como voluntária para esse tipo de coisa.

— Acho que eles seriam perfeitos, Roger — disse Barb, do palco, com o sorriso de apresentadora de programa de calouros.

— Eu vou matá-los — disse Nick, baixinho. Depois ele gritou: — Desculpe, tenho a coluna ruim!

Os velhinhos não engoliram. Eles é que tinham artrite.

— Coluna ruim coisa nenhuma! — gritou uma velhinha.

— Tenta, seu boboca!

— Não vão estragar a festa!

— Não se preocupe, a sensação de enjoo vai passar, papai — disse Olivia, ternamente.

— Dancem, dancem, dancem! — gritavam os velhinhos, batendo os pés, com uma energia surpreendente.

Nick suspirou e levantou. Ele olhou para Alice, abaixo.

— Vamos acabar logo com isso.

Eles caminharam até o palco, Alice puxando a saia, constrangida, preocupada de que estivesse levantando atrás. Frannie sacudiu os ombros, em seu lugar, na fileira da frente, erguendo as mãos, num gesto de quem diz: “não tenho nada que ver com isso”.

— Certo, um de frente para o outro, por favor — disse Roger.

Roger estava atrás de Nick, e Barb, atrás de Alice. Os pais os manobram de modo que as mãos de Alice ficassem no ombro de Nick e o braço dele estivesse ao redor da cintura dela.

— Mais perto, agora — Roger disse, empolgado. — Não sejam tímidos. Agora olhem nos olhos um do outro.

Alice olhou com um ar triste para Nick. O rosto dele estava inexpressivo e cortês, como se eles fossem dois estranhos tirados da plateia. Isso era tormentoso.

— Agora, vamos, você é um homem ou um rato? — Roger deu um tapinha no ombro do filho. — O

homem precisa conduzir! Você é o líder. Ela tem de segui-lo!

Nick contraiu as narinas, o que significava que ele estava profundamente irritado.

Num movimento súbito, ele deslizou a mão até a parte de baixo das costas de Alice e a puxou para perto, franzindo o rosto numa imitação exagerada de seu pai.

A plateia explodiu.

— Acho que temos um talento natural aqui, pessoal! — disse Roger. Os olhos dele cruzaram com os de Alice e pareceram enviar algum tipo de mensagem gentil. Ele era um velho pateta, mas era bem-intencionado.

— Certo, leveza nos pés — disse Barb, demonstrando para Nick. — Pé *direito* à frente, pé *esquerdo* atrás, volte ao *direito*, dê um passo atrás com o *esquerdo*. Passe o peso para o pé *esquerdo*, um passo atrás com o *direito*. É isso! É isso!

— E vamos mexer esses quadris! — gritou Roger.

Alice e Nick não dançavam muito em público. Alice sempre ficava constrangida e Nick não ligava, mas, às vezes, em casa, se eles bebessem vinho no jantar e ouvissem o CD certo, enquanto abasteciam a lava-louças, eles dançavam na cozinha. Uma dança boba, e era sempre Alice quem começava, porque, na verdade, ela até gostava de dançar e, na verdade, até que não era ruim.

Ela começou a movimentar os quadris, imitando a mãe, enquanto tentava manter a parte de cima do corpo imóvel. A plateia rugia aprovando, e ela ouviu uma criança, provavelmente Olivia, gritando: “Vai, *mamãe*!”. Nick riu. Ele estava pisando nos pés dela. Barb e Roger exibiam sorrisos de orelha a orelha. Ela ouvia os filhos deles gritando da plateia.

Ainda havia química. Ela sentia isso nas mãos dele. Via isso em seus olhos. Mesmo que fosse apenas uma lembrança da química, ela ainda estava ali. A cabeça de Alice estava tonta de esperança.

A música parou.

— Estão vendo! Qualquer um pode aprender a dançar salsa! — gritou Roger, enquanto Nick tirou as mãos da cintura dela e virava para o outro lado.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Estávamos seguindo de carro para a Noite de Talento, quando eu subitamente tive vontade de ver televisão.

Estava passando *House*. Eu precisava ver o Dr. House sendo cruel e sarcástico, ao diagnosticar condições médicas terríveis. O que o Dr. House diria sobre mim? Eu gostaria que você fosse mais parecido com o Dr. House, Jeremy. Você é tão agradável e cortês. É irritante. Cortesia não cura ninguém. Por que você não me coloca cara a cara com algumas verdades?

— Você é infértil. Supere isso — diria House, brandindo sua bengala, e eu ficaria chocada e revigorada.

— Podemos voltar? — perguntei a Ben.

Ele nem tentou me fazer mudar de ideia. Está sendo muito gentil e cauteloso, no momento. Os formulários de adoção sumiram do balcão da cozinha. Ele os guardou. Temporariamente. Dá pra ver que a ideia ainda continua brilhando em seus olhos. Ele ainda tem esperança.

Liguei para ele depois que recebi o resultado do exame de sangue e, quando fui falar, as palavras não saíam de minha boca e, quando ele não disse nada, eu soube que estava tentando não chorar. Dá para notar quando ele tenta não chorar. É como se ele estivesse lutando contra algo invisível que está tentando se apoderar de sua cabeça.

— Ficaremos bem — disse ele, finalmente.

Não, não ficaremos, eu pensei.

— Sim — eu disse.

Eu quase lhe disse a verdade.

Depois de *House* eu assisti a *Medium*, depois *Boston Legal* e depois *Cheaters*! É aquele programa em que eles espionam gente de verdade traindo os cônjuges, depois os confrontam com câmeras de televisão. É manjado e deplorável. Certamente vivemos num mundo manjado e deplorável, Jeremy.

É possível que minha saúde mental esteja fraca neste momento.



A apresentação terminou e os adultos estavam em pé, ao redor de copos descartáveis de chá e café,

equilibrando petiscos em guardanapos, na palma das mãos.

Uma imensa gangue de netos e bisnetos se divertia, apostando corrida em cadeiras de rodas pelo corredor.

— Eles podem brincar com aquilo? — Alice perguntou a Frannie, tentando ser uma adulta responsável, ao ver Madison empurrando uma cadeira com Olivia e Tom espremidos, lado a lado, com as pernas esticadas à frente.

— É claro que não — Frannie suspirou. — Mas eu acho que talvez um de nossos residentes esteja organizando a corrida. — Ela apontou para o homem de cabelos brancos, com que estivera discutindo mais cedo, o tal que estava vestindo o colete de bolinhas. Ele estava correndo junto, numa cadeira de rodas, girando as rodas e gritando:

— Vocês não me pegam!

Frannie franziu o lábio. — Ele tem oitenta e cinco anos, e parece ter cinco. — Ela parou. — Na verdade, acho que vou tirar umas fotos para o informativo. — Ela se afastou, apressada. Nick, Alice e Ella ficaram juntos.

— Bem, aquela foi uma performance e tanto. — Ella estava carregando Billy, que chupava o dedo, com a cabeça apoiada em seu ombro. Ela apertou os olhos acima da cabeça dele, olhando para Nick e Alice, como se eles fossem experiências científicas. — Essa foi a última coisa que eu esperava ver.

— Eu só queria mostrar ao papai — disse Nick. Ele pegou um canapé com dois dedos e o enfiou inteiro na boca.

— Você está com fome? — perguntou Alice. Ela olhou as mesas. — Quer um sanduíche? Tem sanduíche de ovo ao *curry*. — Nick gostava de sanduíches de ovo ao *curry*.

Ele limpou a garganta, pouco à vontade, e deu uma olhada para Ella.

— Não, tudo bem, obrigado.

Ella agora encarava abertamente.

— Mas, diga, por que você é a única das irmãs aqui, esta noite, Ella? — perguntou Alice.

Normalmente, as Excêntricas andavam em bando.

— Bem, para ser franca, Alice — disse Ella —, elas meio que se recusam a estar na mesma sala que você.

Alice se retraiu. Minha nossa. Ela não estava acostumada a provocar reações tão violentas nas pessoas, apesar de que, por outro lado, não se importava com a ideia de ter tanto poder sobre as Excêntricas. Era meio prazeroso.

— Ella — censurou Nick.

— Só estou dizendo a verdade — disse Ella. — Estou tentando permanecer neutra. É claro que ajudaria se você devolvesse o anel da vovó Love, Alice.

— Ah! Agora lembrei. — Alice abriu o zíper da bolsa e tirou uma caixinha de joias. — Eu o trouxe para lhe dar esta noite. Aqui está.

Nick pegou o anel, lentamente.

— Obrigado. — Ele ficou segurando a caixinha, como se não soubesse o que fazer com ela, e finalmente a colocou no bolso da calça.

— Bem, se é assim tão fácil — disse Ella —, talvez eu deva tocar em outro assunto, como a situação financeira.

— Ella, isso realmente não é da sua conta — disse Nick.

— E por que você está sendo uma *vaca* com relação à guarda?

— Ella, isso é inaceitável — disse Nick.

— Muuuu — disse Alice.

Ella e Nick ficaram olhando.

Alice disse:

— Quem diz *muuuu*? Uma vaca diz *muuuu*! — Ela sorriu. — Desculpe. Isso simplesmente me veio à cabeça quando você disse “vaca”.

Billy ergueu a cabeça do ombro de Ella, tirou o polegar da boca e disse: “Muuuu!”. Ele sorriu contente para Alice, antes de colocar o dedo de volta na boca e pousar a cabeça novamente no ombro de Ella. Ella e Nick pareciam não saber o que dizer.

— Acho que isso é de um livro que costumávamos ler para as crianças — disse Alice.

Estava acontecendo muito. Palavras e frases estranhas e partes de canções ficavam surgindo em sua cabeça. Parecia que as lembranças daqueles dez anos haviam sido entulhadas num armário pequeno demais, no fundo de sua mente, e, de vez em quando, um fragmento de algo insensato escapava.

E agora, a qualquer momento, a porta do armário ia estourar e sua cabeça transbordaria de lembranças de tristeza e prazer, e sabe-se lá o que mais. Ela não sabia se estava torcendo ou não pela chegada desse momento.

— Outro dia, eu deixei algo cair — disse Alice. — E eu disse: “Ai, meu Zeus”. — E aquilo pareceu tão familiar. Ai, meu Zeus.

— Olivia costumava dizer isso quando era pequenininha — disse Nick. Ele sorriu. — Todos nós dizíamos, por um tempo. Ai, meu Zeus. Eu tinha me esquecido disso. Ai, meu Zeus.

— Estou boiando em alguma coisa aqui? — disse Ella.

— Talvez seja hora de levar o Billy para casa, colocá-lo na cama — disse Nick.

— Certo — disse Ella. — Tudo bem. Eu te vejo no domingo. — Ela beijou Nick no rosto.

— Domingo?

— Dia das Mães? Tem almoço com a mamãe, lembra? Ela disse que você iria.

— Ah, sim, claro.

Como é que Nick conseguia lidar com sua vida social sem Alice? Era *sua* função dizer a Nick o que ele deveria fazer no fim de semana. Ele devia estar perdendo compromissos por todos os lados.

— Tchau, Alice — disse Ella, sem se mover para beijá-la. Em 2008, era a única pessoa que não parecia querer lambuzá-la com beijos. Ela parou. — Obrigada por devolver o anel. Ele significa muito para nossa família.

Em outras palavras, *você não é mais de nossa família*.

— Sem problemas — disse Alice. *Bom proveito com aquele anel horrendo.*

Depois que Ella se foi, Nick olhou para Alice.

— Então, ainda não recuperou a memória?

— Não exatamente. A qualquer minuto pode acontecer.

— Como está lidando com as crianças?

— Bem — disse Alice. Não havia necessidade de mencionar suas falhas diárias, como a perda de bilhetes da escola, uniformes que ficavam sem lavar e dever de casa esquecido. Ou como ela não sabia o que fazer quando eles brigavam por causa do computador ou do PlayStation. — Eles são adoráveis. Nós fizemos filhos adoráveis.

— Eu sei que fizemos — disse Nick, e seu rosto pareceu desfalecer. — Eu sei que fizemos. — Ele parou, como se não tivesse certeza se deveria falar, e depois disse: — Por isso é que a ideia de vê-los apenas nos fins de semana me mata.

— Ah, sim, isso — disse Alice. — Bem, se você não quer voltar, então é claro que devemos fazer algo meio a meio. Uma semana pra você, uma pra mim. Por que não?

— Você não está falando sério — disse Nick.

— Claro que estou — disse Alice. — Eu assino alguma coisa!

— Tudo bem — disse Nick. — Vou providenciar para que meu advogado faça uma minuta. Mando pra você amanhã.

— Sem problema.

— Quando você recuperar a memória, vai mudar de ideia — disse Nick. Ele riu, amargo. — E não vai querer voltar, aposto um dinheiro nisso.

— Vinte pratas — disse Alice, estendendo a mão.

Nick apertou a mão dela.

— Feito.

Ela ainda adorava a sensação da mão dele segurando a sua. Seu corpo lhe diria se ela o odiasse, não?

— Descobri que foi o marido de Gina quem beijou a mulher na lavanderia — disse Alice. — Não você.

— Ah, sim, o infame incidente da lavanderia. — Nick sorriu para uma senhora idosa que passou de bengala, tentando oferecer um prato de sanduíches com a mão oscilante.

— Ah, tudo bem, a senhora está me obrigando! — Ele pegou um sanduíche. Alice notou que era de ovo aocurry.

— O que quis dizer quando achou interessante que eu pensasse que era você? —

perguntou Alice, pegando também um sanduíche para evitar que ele escorregasse e caísse no chão.

— Porque eu sempre lhe dizia: “Eu não sou como Mike Boyle” — disse Nick. Mesmo de boca cheia, ela pôde notar o resquício de raiva na voz dele. — Você se identificava tão intensamente com Gina, que foi como se tivesse acontecido com você. Eu lhe disse: “Mas não fui eu”. Você estava muito envolvida naquele negócio de “homem nenhum presta”.

— Desculpe — disse Alice. Seu sanduíche era de presunto e mostarda, e o gosto da mostarda a fazia lembrar de alguma coisa. Essa sensação constante de lembranças passageiras era como ter um mosquito zunindo em seu ouvido enquanto você está dormindo, e você sabe que, quando acender a luz, ele terá desaparecido, até que você deite novamente, feche os olhos, e aí... bzzzzzz.

Nick passou o guardanapo na boca.

— Não precisa se desculpar. São águas passadas. — Ele parou, e seus olhos ficaram vagos, pensando no passado que eles compartilharam e que Alice não conseguia ver.

Ele disse:

— Sempre penso que nós quatro acabamos nos tornando íntimos demais. Nós nos envolvemos nos problemas do casamento de Mike e Gina. E fomos contagiados pelo divórcio deles. Como um vírus.

— Bem, então vamos simplesmente melhorar isso — disse Alice. Como esses imbecis, esse Mike e essa Gina, se atreveram a entrar na vida deles, espalhando os problemas conjugais contagiantes?

Nick sorriu e sacudiu a cabeça.

— Você parece tão... — Ele não encontrava a palavra certa. Ele finalmente disse: — Jovem.

— De qualquer forma — continuou ele, depois de uma pausa –, não eram *apenas* Mike e Gina. Isso é simplista demais. Talvez nós fôssemos jovens demais quando ficamos juntos... Hummm. Você acha que a fama pode ter subido à cabeça de Olivia?

Alice seguiu o olhar dele, e viu Olivia de volta ao palco. Ela estava com o microfone perto da boca e fazia uma apresentação grandiosa de alguma canção que eles não podiam ouvir porque o som estava desligado. Tom engatinhava ao lado dela, seguindo o fio do microfone, até a tomada. Madison estava sentada na primeira fileira de cadeiras vazias, ao lado do cavalheiro de cabelos brancos que organizara a corrida de cadeira de rodas. Eles conversavam profundamente.

— Diga-me uma lembrança feliz dos últimos dez anos — disse Alice.

— Alice.

— Ora, vamos. Qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça?

— Hummmmm. Deus. Eu não sei. Imagino que quando as crianças nasceram. É uma resposta óbvia demais? Embora eu não me refira aos nascimentos em si. Não gostei dos partos.

— Não? — perguntou Alice, desapontada. Ela imaginara a si mesma, com Nick, rindo e chorando, abraçando um ao outro, enquanto a trilha sonora de um filme tocava ao fundo. — Por que não?

— Acho que eu estava num pânico enlouquecido o tempo todo e não conseguia controlar nada, e não podia ajudá-la. Eu só fazia coisa errada.

— Tenho certeza que não.

Nick deu uma olhada para Alice e depois desviou o olhar, rapidamente.

— Aquele sangue todo, você se esgoelando, e aquele obstetra incompetente, que só apareceu depois que tinha terminado tudo, na vez da Madison. Eu ia nocauteá-lo. Se não fosse aquela parteira, ela foi ótima, a tal que dissemos que podia ser irmã gêmea da Posh Spice.

Ele baixou a cabeça, distraído, olhando as mãos. Alice se perguntou se ele sabia que estava torcendo a pele do dedo onde ficava a aliança. Isso se tornara um hábito: remexer na aliança quando estava pensando. Agora ele continuava a fazer, embora não estivesse mais de aliança.

— E quando fizeram a cesariana de emergência, com Olivia — Nick enfiou as mãos nos bolsos —, eu realmente achei que estivesse tendo um ataque do coração.

— Que horrível pra você — disse Alice. Imaginando que também não teria sido um festival de gargalhadas para ela.

Nick sorriu e sacudiu a cabeça, pensando.

— Lembro que eu não queria desviar a atenção deles, de você e do bebê, sabe, como um homem num filme, que desmaia. Eu pensei: *Vou simplesmente morrer discretamente neste cantinho*. Achei que você também fosse morrer e as crianças seriam órfãs. Eu já lhe disse isso? Devo ter dito.

— Achei que estivéssemos falando de lembranças felizes — Alice estava horrorizada. Sem aquelas lembranças, dava a impressão de que todo o sangue e os gritos ainda estavam por vir, teriam de ser suportados.

— A parte feliz foi quando tudo acabou e ficou tudo quieto, e eles nos deixaram sozinhos, com o bebê embrulhado, e nós pudemos falar sobre médicos e enfermeiras que detestamos, e tomar uma xícara de chá, e simplesmente olhar o bebê, pela primeira vez. Contar os dedinhos. Aquela pessoinha nova. Aquilo foi... mágico. — Ele limpou a garganta.

— Qual é a sua lembrança mais triste dos últimos dez anos? — perguntou Alice.

— Ah, essa é páreo duro. — Nick sorriu estranhamente. Ela não conseguiu identificar se foi um sorriso cruel ou triste. — Tem pra escolher. O dia em que contamos às crianças que íamos nos separar. O dia em que saí de casa. A noite em que Madison me ligou, aos prantos, implorando para que eu voltasse pra casa.

Ao redor deles, as pessoas conversavam, riam e tomavam seus chás. Alice sentia o calor dos aquecedores sobre sua cabeça. Ela tinha a sensação de que o topo de sua cabeça estava derretendo, amolecendo como chocolate. Ela imaginou Madison ao telefone, chorando para que o pai voltasse para casa.

Ele deveria ter desligado e voltado para casa naquele segundo, para que eles assistissem a um vídeo juntos, aconchegados no sofá, comendo salgadinhos. Deveria ser *fácil* ser feliz. Lá estavam a pobre Elisabeth e o Ben tentando desesperadamente ter uma família, e Nick e Alice simplesmente deixaram que a família deles se desintegrasse.

Ela se aproximou de Nick.

— Você não acha que devemos tentar novamente? Por eles? Pelas crianças? Na verdade, não só por eles. Por nós. Pelo que éramos antigamente?

— Com licença! — Era outra velhinha, com cabelos grisalhos azulados e um rosto enrugado e feliz. — Vocês são Nick e Alice, não são?

Ela se inclinou junto a eles, num gesto de confidencialidade.

— Eu leio o *blog* de Frannie. Deixei um comentário sobre vocês dois, séculos atrás! Querem saber o que eu disse?

— Sobre nós? — Nick parecia aterrorizado. — Frannie tem um *blog*? Eu não sabia disso. Quer dizer que Frannie escreve sobre nós?

— Ah, bem, não é nada muito pessoal, querido, não se preocupe. — A velhinha afagou o braço de Nick, ternamente. — Mas ela mencionou que vocês estavam separados e eu simplesmente disse, EMHO, o que significa “em minha humilde opinião”, na internet, vocês dois tinham de estar juntos. Pelas fotos, eu pude ver que era amor verdadeiro!

— Ela coloca *fotos* nossas na internet? — perguntou Nick. — Por que ninguém me disse isso antes?

— Epa — disse a senhora, colocando a mão na boca. — Espero não ter dito nada inconveniente! — Ela se virou para Alice. — Já recuperou sua memória, amor? Sabe, aconteceu algo parecido com uma amiga minha, em 1954. Não conseguíamos convencê-la de que a guerra havia acabado. É claro que ela acabou esquecendo o próprio nome, o que tenho certeza de que não acontecerá com você.

— Não — disse Alice. É Alice, Alice, Alice.

— Diga-me que ela não publica fotos de nossos filhos na internet — disse Nick.

— Ah, seus filhos são simplesmente lindos — disse a senhora.

— Ótimo. Um convite escancarado para assassinos e pedófilos — disse Nick.

— Tenho certeza de que ela não *convida* as pessoas a assassinar as crianças — disse Alice. — Assassinos, deem uma olhada nas deliciosas vítimas que temos aqui!

— Isso é sério. Por que você sempre acha que estamos isentos de coisas ruins? Foi como daquela vez em que você perdeu a Olivia na praia. Você é tão despreocupada.

— Sou? — disse Alice, confusa. Ela realmente teria deixado Olivia se perder?

— Não somos imunes à tragédia.

— Manterei isso em mente — disse Alice, e o rosto de Nick fez um espasmo de irritação, como se ele tivesse sido picado por um mosquito.

— O que foi? — disse Alice. — O que foi que eu disse?

— Sua irmã está aqui? — a velhinha perguntou a Alice. — Eu gostaria de lhe dizer que acho que ela deveria adotar um bebê. Devem haver inúmeros lindos bebês para adoção depois do ciclone de Burma. É claro que, nos meus tempos, muitos bebês eram deixados na porta da igreja, mas isso parece não acontecer mais, o que é uma pena. Ah, lá está sua mãe! A senhora avistou Barb, ainda com seu traje e maquiagem, segurando uma prancheta e cercada por idosas ávidas.

— Vou me inscrever para a salsa! Vocês dois me inspiraram!

Lá foi ela.

— Será que você pode, por favor, dizer a Frannie que não gosto que ela fique escrevendo no *blog* sobre mim e minha família? — disse Nick. Aquele tom desagregado e pomposo estava de volta.

— Diga você! — disse Alice. Nick adorava Frannie. O antigo Nick teria ido cercar Frannie para um debate animado. Em reuniões de família, eles discutiam política e jogavam cartas.

Nick suspirou profundamente. Ele massageou as bochechas, como se estivesse com

dor de dentes, esticando a pele ao redor dos olhos, fazendo-a enrugar estranhamente, de um jeito que fez seu rosto parecer uma carranca.

— Não faça isso — disse Alice, puxando seu braço.

— O quê? — perguntou Nick. — Jesus, o quê?

— Oh, minha nossa — disse Alice. — Como foi que nosso relacionamento ficou tão *espinhoso*?

— É melhor eu ir — disse Nick.

— O que aconteceu com George e Mildred? — perguntou Alice.

Nick a olhou, inexpressivo.

— Os leões de pedra — Alice o lembrou.

— Não tenho ideia — disse Nick.

Capítulo 27

— Ai, *Alice* — Alice disse a si mesma.

Era de manhã, após a Noite de Talento da Família. As crianças haviam sido levadas em segurança para o colégio e ela estava sentada junto à escrivaninha do escritório, buscando coisas que ajudassem a sacudir sua memória. E acabara de se deparar com o motivo pelo qual a Sra. Bergen não estava falando com ela.

Recostou-se na cadeira, colocou os pés em cima da mesa e inclinou-se para trás, olhando diretamente para o teto.

— O que você estava pensando?

Aparentemente, Alice era um membro ativo do comitê de moradores que pleiteava, à câmara local, pelo rezoneamento da rua, para permitir a construção de prédios de cinco andares. A Sra. Bergen liderava o comitê de moradores que lutava contra essa proposta.

Ela tirou os pés de cima da mesa e pegou a próxima folha de papel do arquivo, comendo uma barra de Twix para se fortalecer. (Abastecera a despensa com chocolate. As crianças estavam delirando, embora fingissem não haver nada de extraordinário nisso.) Era um recorte de um jornal local com a manchete *RESIDENTES DE RAWSON ENTRAM EM CHOQUE*, mostrando fotos da Sra. Bergen e de Alice. Havia fotografado a Sra. Bergen no jardim da frente, perto de suas roseiras, com um chapéu de jardineira, segurando uma caneca e parecendo triste e meiga.

“Essa proposta é uma afronta. Vai arruinar a característica e a herança desta linda rua”, disse a Sra. Beryl Bergen, que mora na Rua Rawson há quarenta anos e criou cinco filhos ali.

— Claro que vai — disse Alice, em voz alta.

A foto de Alice a mostrava sentada na mesma cadeira onde estava agora, com uma aparência inflexível e oficiosa, decididamente quarentona.

Ela gemeu alto, ao ler suas próprias palavras.

“É inevitável”, disse Alice Love, que se mudou para a região dez anos atrás.

“Sydney precisa de habitação de alta densidade, próxima de transporte público. Quando compramos esta casa, disseram-nos que haveria reclassificação de loteamento nos próximos cinco anos. Levamos isso em consideração como parte do potencial de investimento da propriedade. A prefeitura não pode voltar atrás em sua palavra e deixar as pessoas no prejuízo.”

O quê? Do que ela estava falando? Eles não tinham a menor ideia dessa possibilidade. Cogitaram envelhecer nesta casa. Não falaram sobre vendê-la para um construtor que fosse derrubá-la e construir um horrendo prédio moderno.

Ela continuou lendo e, de alguma forma, não se surpreendeu ao chegar ao último parágrafo.

Alice Love assumiu o cargo de presidente do Comitê de Reloteamento, após a trágica morte de sua fundadora, Gina Boyle.

É claro. Gina. A maldita Gina.

Ela levantou, decidida, e foi até a cozinha, onde uma assadeira de *brownies* recém-

assados estava esfriando.

— Eu já fiz isso pra vocês? — ela perguntara às crianças, na noite anterior, mostrando a foto no livro de receitas.

— Uma vez, eu te pedi — disse Olivia –, mas você disse que tinha muito açúcar.

— Bem, sim, mas e daí? — Alice perguntou, enquanto Olivia ria e Tom e Madison trocavam olhares preocupados, de gente grande.

Ela pegou um *Tupperware*, encheu de *brownies* de chocolate e, sem parar para pensar, marchou até a porta ao lado e tocou a campainha.

O sorriso acolhedor da Sra. Bergen desapareceu ao ver Alice e ela não abriu a porta de tela.

— Sra. Bergen — disse Alice. Ela pressionou a mão na tela, como se a estivesse visitando na prisão.

— Eu lamento muito, muito mesmo. Cometi um terrível engano.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Hoje eu estava dando um seminário intitulado “Utilizando mala direta para deixar suas vendas mais suculentas”, na Associação de Açougueiros Varejistas.

Não, eu não estou brincando. Qualquer pessoa de negócios, ou profissional independente, pode usar mala direta para vantagem própria. Até você poderia, Jeremy.

Sente vontade de dirigir seu carro de encontro ao poste mais próximo?

Dr. Jeremy Hodges, terapeuta, pode guiá-lo para uma direção melhor.

GRÁTIS frasco de antidepressivo para as primeiras dez consultas.

Ou algo assim. Estou meio fora de forma.

De qualquer modo, os açougueiros eram um grupo amistoso e interessado. Houve muito gracejo sobre o próprio setor e perguntas surpreendentemente astutas. (Achei que os açougueiros fossem um grupo simples, de rostos rosados e alegres, mas acho que isso é uma encenação que eles fazem apenas para vender mais linguiça.) O seminário estava indo bem. É impossível se sentir suicida quando você está explicando como injetar personalidade numa correspondência sobre costeletas de carneiro.

Então, avistei alguém na plateia, que não tinha a menor pinta de açougueiro.

Era Alice. Ela parece diferente hoje em dia. Menos maquiagem, eu acho. Seus cabelos estão mais desarrumados. Ela está vestindo as mesmas roupas, mas de uma forma diferente, usando coisas antigas que eu não via há anos. Hoje ela está vestindo uma saia comprida, uma blusa desbotada de jérsei, com um cinto grande, e uma echarpe com purpurina que reconheci do baú de roupas da Olivia.

Ela estava linda, Jeremy, e eu não me ressinto por ela ter tempo e dinheiro para manter seu corpo em perfeita forma, sem ter de enfiar agulhas na barriga, todas as noites. Quando a vi, ela sorriu e acenou, erguendo a palma da mão, diante do rosto, como quem diz “Finja que não estou aqui”.

Por algum motivo, o fato de vê-la me deixou extremamente emotiva. Minha voz hesitou quando respondi a uma pergunta sobre custo de postagem, da empresa Bill of Ryde Fresh Meats.

No intervalo, ela veio falar comigo, quase sem fôlego, e disse: — Estou nervosa, como se estivesse falando com uma celebridade. — Acho que ela não estava sendo

sarcástica. Até que foi legal.

Ela disse:

— Por que você não foi ao negócio da Frannie ontem à noite?

E eu realmente quase contei a verdade. Estava na ponta da língua, quase escapando. Exceto pelo fato de que isso não responderia à sua pergunta e, de qualquer modo, eu sabia que ela reagiria da forma errada.

O que não é sua culpa. Qualquer um o faria.

Mas ver sua reação me empurraria direto ao abismo da loucura e eu mal estou conseguindo me manter desse lado da sanidade.

Acho que eu poderia marcar uma consulta e lhe contar, Jeremy.

Mas, não. Não vou dizer em voz alta. Vou apenas... esperar passar, eu acho.

Fingir que não está acontecendo e esperar pelo inevitável, e não deixar que me atinja.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Hoje eu fui sozinha à palestra sobre eutanásia, enquanto o restante seguiu para o cruzeiro na enseada.

A palestra foi *muito* interessante e informativa. Muitas questões a serem consideradas.

Eu só queria que não tivesse sido um dia tão lindo. Foi bem irritante imaginá-los na água, sentindo a brisa em seus rostos.

Mas eu fiquei contente por ter ido!

Eu já escrevi **essa carta** para o nosso membro local. Digam-me o que acham.

Entretanto, sinto-me extremamente constrangida e tola com todos os comentários sobre X. Tenho absoluta certeza de que ele não está me cortejando e, se estivesse, bem, eu ficaria mortificada! Que ridículo, em nossa idade! Esses dias já se foram há muito tempo.

A propósito, a Noite de Talento da Família foi um enorme sucesso!

Aqui estão algumas fotos.

Minha bisnetinha Olivia foi o máximo, com sua apresentação da borboleta. Ela ganhou o terceiro prêmio. (E, não, eu não fui um dos juízes!) Eu refutava os elogios. Não queria parecer presunçosa.

X passou um bom tempo conversando com minha bisneta mais velha, a Madison. Ele disse que ela é bem “espertinha”, o que certamente é.

Ele também descobriu, pelo meu bisneto Tom, que sou muito boa em PlayStation. E me desafiou para um jogo. Passou algum tempo jogando com seu neto. Diz que vai me “deixar no chinelo”. Esta noite, eu vou até seu apartamento. Ele está com o PlayStation preparado! Também disse que vai preparar o jantar.

Tenho de admitir, ele até que não é tão mal.

A propósito, eu estou muito preocupada com minha neta Elisabeth. Ela não apareceu

na Noite de Talento da Família e isso não é típico dela. Detesto dizer, mas essas tentativas intermináveis de conceber estão arruinando sua vida.

Ah, e Alice ainda não recuperou a memória. Vocês precisavam vê-la dançando com Nick! Se eu não soubesse das coisas, acharia que eles ainda tinham uma chance de reconciliação, no fim das contas.

COMENTÁRIOS

AB74 disse...

Esse sujeito está tentando entrar embaixo da sua saia, Frannie!

Vovó Maravilha disse...

O último comentário foi asqueroso.

Ovo Bom disse...

Olá! Acabei de encontrar seu *blog* e venho me atualizando e lendo todos os seus arquivos. Ótimo *blog*! Mas eu tenho de dizer, concordo com o primeiro comentarista. Esse tal de X está a fim de você! E por que não? Minha avó se apaixonou loucamente e casou, pela terceira vez, aos 83 anos. Enquanto não bater as botas, não acabou.

DorideDallas disse...

O que você fará se X tentar beijá-la, Frannie? Retribuirá o beijo?

Frank Neary disse...

Srta. Jeffrey, acho que está na hora de tirar meu time de campo. A senhorita partiu meu coração. (Ei, por acaso continuou em contato com a Srta. Pascoe? Ela lecionava Geografia. Fiquei imaginando se a senhorita teria o contato.)



— Olhe, Tom, carro da polícia! — Alice gritou, quando uma viatura passou, tocando a sirene:

“Ninãããã, ninãããã!”.

Ela virou a cabeça, pronta para ver um rostinho empolgado no banco de trás, e percebeu que estava sozinha no carro, e que Tom estava velho demais para se empolgar com o carro da polícia e, além disso, ela não se lembrava dele bebê.

Esses *flashes* de memória involuntários, ou o que quer que fossem, agora aconteciam toda hora.

Era como um estranho tique nervoso. Ali mesmo, no intervalo matinal do seminário de Elisabeth, ela vira um dos açougueiros pegando dois biscoitos de chocolate e quase não conseguiu se conter para agarrar seu pulso peludo e dizer: “Um é o bastante!”.

Ela constantemente se via seguindo determinada a algum lugar, ao escritório, à cozinha, à lavanderia, e depois percebia que não sabia por que estava ali. Uma vez, foi até o outro lado da rua, caminhou pela entrada da garagem da antiga casa de Gina, quando parou e disse, em voz alta: “Oh”.

Pegava o telefone e discava números, rapidamente desligando, sem ter ideia da pessoa para quem estava ligando. Uma vez, enquanto esperava as crianças na saída da escola, ela se viu embalando uma bolsa de mão, como um bebê, afagando-a e cantando

uma musiquinha que não reconhecia. “Olha o aviãozinho, na boquinha do bebezinho!”, ela disse, outra noite, levando uma colher cheia de comida, na direção da boca de Olivia. “Acho que você pode estar um pouquinho maluca, mamãezinha querida”, dissera Olivia, com os olhos arregalados.

Agora, sua memória voltaria a qualquer momento. Ela podia senti-la à espreita, como a cabeça confusa e a garganta arranhando ao prenúncio de uma gripe. Ela apenas não conseguia decidir se deveria resistir ou incentivar.

Agora voltava do seminário de Elisabeth, a caminho da biblioteca da escola. Isso era algo que ela aparentemente fazia todas as quintas-feiras, o que parecia excessivamente generoso de sua parte.

Enquanto dirigia, ela pensou em Elisabeth e na sua suavidade no palco, falando com todos aqueles açougueiros, fazendo-os rir, dizendo-lhes o que fazer. Ela parecia tão natural falando ao microfone.

Tão ela mesma. Da mesma forma que celebridades informalmente falavam em entrevistas aos jornalistas, como se não houvesse câmeras à sua frente. Mas então, quando Elisabeth falou com ela durante o intervalo, teve a sensação estranhíssima de que Elisabeth não estava realmente ali, de que estava apenas fingindo ser Elisabeth. Que era mais ela mesma no palco do que com Alice.

Alice ainda não conseguira falar com ela sobre o ciclo malsucedido de fertilização *in vitro*. Ligara na noite anterior, ao chegar em casa, depois da Noite de Talento da Família, mas Ben dissera que Elisabeth estava assistindo ao seu programa favorito na televisão, e perguntou se podia ligar de volta, quando terminasse. Ela não ligou de volta e claro que não dava para falar disso enquanto ela estava trabalhando. Era ridículo não ter ideia do que se passava na mente da própria irmã. Ela não conseguia sequer arriscar um palpite em relação à forma como Elisabeth estaria se sentindo.

Zangada? Desolada? Farta disso tudo?

Tentaria ligar ainda nesta noite, mas era estranhamente difícil encontrar tempo, depois de levar as crianças a todas as suas atividades, ajudar com o dever de casa (era tanto dever! Dava até dor de cabeça em Alice. Ela chegou a gemer quando viu o número de folhas de exercício que Tom tirou da mochila, na outra noite, o que não foi muito profissional de sua parte), fazer o jantar, limpar tudo, preparar os lanches, tentar convencê-los a parar de brigar por causa do computador ou da televisão.

Até terminar isso tudo, ela estava exausta.

Simplesmente não havia tempo suficiente em 2008. O tempo se tornara um recurso limitado. Em 1998, os dias eram bem mais folgados. Quando ela acordava de manhã, o dia se estendia à sua frente, como um longo corredor, para que ela se apegasse às melhores partes. Agora os dias eram tão insuficientes. Pedacinhos cruéis de tempo. Passavam voando, como carros velozes. *Vum!* Quando levantava as cobertas, para deitar, a cada noite, tinha a sensação de que segundos antes ela saíra da cama.

Talvez fosse apenas por não estar acostumada a essa vida. Essa vida de mãe separada, com três filhos.

Ela fazia as coisas de maneira diferente, tentando desacelerar o tempo. Tinha a sensação de que a nova Alice, a tal, com a voz ríspida, não aprovaria algumas mudanças.

Ontem, ao pegar as crianças no colégio, Olivia resmungou: “Não quero ir para o violino”, e Alice, que não tinha a menor ideia do que ela estava dizendo, disse: “Tudo

bem”, e levou as três crianças para o Dinos, onde fizeram o dever de casa, sentados numa mesa redonda, tomando chocolate quente, e Dino fora muito prestativo com a lição de Matemática de Tom.

Houvera uma ligação de alguém bem ranzinza, dizendo a Alice que ainda assim ela teria de pagar pela aula de violino, já que não avisara com vinte e quatro horas de antecedência.

— Bem, fazer o quê? — disse Alice, ouvindo um silêncio de choque.

Ao chegarem em casa, após a Noite de Talento da Família, ela deixara Madison ficar acordada até depois de onze e meia, assando um imenso bolo floresta negra para o “Dia das Comidas de Diferentes Culturas”, que ela teria na escola.

— Não quero sua ajuda — Madison insistira, antes que Alice se oferecesse para ajudar. — Quero fazer sozinha.

— Tudo bem — disse Alice.

— Você sempre diz isso — disse Madison. — Depois acaba ajudando.

— Eu aposto mil dólares que não vou levantar um dedo para ajudar — disse Alice, estendendo a mão.

Madison ficou olhando, antes de dar aquele sorriso lindo e apertar-lhe a mão.

— Eu quero apostar algo por mil dólares — disse Tom. — Aposte algo comigo!

— Eu também! — gritou Olivia. — Aposte comigo, mamãe!

— Não, eu é que sou o próximo a apostar — disse Tom. — Mãe, eu aposto que... é... aposto, é...

espera aí, estou bolando uma coisa bem legal.

— Aposto que posso plantar bananeira por cinco minutos — gritou Olivia. — Não, dois! Não, vamos talvez deixar só por um minuto.

— Eu aposto mil dólares que não consigo contar até um milhão! — disse Tom. — Quero dizer, que consigo! De modo que você me dá mil dólares, se eu conseguir.

— Ninguém consegue contar até um milhão — disse Olivia, séria. — Isso levaria, tipo, uma semana.

— Levaria nada — disse Tom. — Digamos que demore sessenta segundos pra contar até sessenta. Ou, espere. Certo, talvez você possa contar até noventa, em sessenta segundos. Então, é... onde está a calculadora? Mãe? Você sabe onde está a calculadora? Mãe, você está escutando?

— Vocês são sempre assim, tão *cansativos*? — perguntou Alice. Às vezes, dava a impressão de que eles sugavam todo o seu cérebro.

— Quase sempre — disse Tom.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy Enquanto os açougueiros estavam em grupos discutindo ideias sobre o papel do açougueiro (ha, ha), eu sentei e fiquei pensando na inseminação do último embrião, duas semanas antes.

Ele estava congelado havia um ano.

Uma pessoinha, em potencial, incrustada no gelo.

Quando começamos a fertilização *in vitro*, eu ficava em pé, junto da porta do *freezer*, e arrancava um pedacinho de gelo, com a ponta do dedo, e pensava nos meus potenciais filhos congelados. Toda aquela gente possível. Uma vez, tivemos sete congelados. Uma possibilidade preciosa. Esse poderia ser um nadador. Poderia ser músico. Poderia ser alto. Ou baixo. Poderia ser meigo e tímido. Esse poderia ser engraçado. Esse poderia ser

como Ben. Poderia ser como eu.

Ben e eu falávamos a respeito disso, o tempo todo. Enviávamos mensagens telepáticas de apoio.

— Agente firme — nós dizíamos. — Esperamos que você não esteja com muito frio.

Mas, com o passar dos anos, paramos de falar assim. E nos tornamos desapegados do processo.

Era apenas ciência. Eram apenas procedimentos médicos desagradáveis. Nem nos espantávamos mais com a ciência. Sim, sim, eles fazem bebês em tubos de ensaio. Incrível. Mas simplesmente não funciona com a gente.

Desta última vez, chegamos atrasados e tomamos uma multa por fazermos uma conversão proibida à direita. Foi minha ideia fazer a manobra ilegal, para chegar mais rápido, e Ben ficou muito ranzinza consigo mesmo, por me escutar, pois o resultado foi nos atrasarmos ainda mais.

— Como pôde deixar de ver a placa? — o policial perguntara, e Ben franziu a boca, provavelmente querendo dizer: “Foi *ela*!”. O policial levou um tempo inacreditável para escrever a multa, como se soubesse que estávamos atrasados e isso fosse parte de nossa punição.

— Vamos apenas voltar pra casa — eu disse a Ben. — Não vai dar certo mesmo. Isso é um sinal. Não vamos desperdiçar nosso dinheiro com o estacionamento.

Eu queria que ele dissesse algo positivo e confortante, mas, àquela altura, ele estava de mau humor. Ele disse:

— Mas que postura ótima. Realmente ótima. — Ele normalmente não é sarcástico.

De qualquer forma, agora eu sei que ele também não achou que fosse dar certo. Uma semana depois, ele estava comendo os bolinhos de banana de Alice, todo empolgado em adotar, antes mesmo de saber se desta vez tinha funcionado ou não.

A cientista era uma jovem que não parecia muito mais velha que Madison. Ela tropeçou em alguma coisa, quando entrávamos na sala de tratamento, o que não achei muito bom sinal. Epa, lá se foi seu embrião!

Quando eu estava na cadeira, com minhas pernas elegantemente abertas, esperando pela agulha gigante, a cientista murmurou algo e não ouvimos.

— Lá está seu embrião — repetiu ela, constrangida. Talvez fosse sua primeira vez. Nós olhamos, e lá estava, projetado na tela acesa, nosso bebê em potencial.

Parecia igual aos não irmãos e às não irmãs. Uma porção de bolhas. Uma gota d’água.

Eu nem me dei ao trabalho de me deslumbrar. Não me dei ao trabalho de dizer nada do tipo “Oh, mas que incrível”. Nem me incomodei em manter a lembrança na cabeça, caso um dia tivesse de descrevê-la para meu filho. “Eu o vi quando você era apenas um minúsculo embriãozinho, meu bem.”

Eu não conhecia o médico que estava fazendo a inseminação. No momento, minha médica querida estava em Paris, porque sua filha estava se casando com um advogado francês. Esse médico era um homem com um rosto longo e sombrio, e me lembrava o contador que fazia nosso imposto de renda.

Um sinal especificamente agourento. (Nós nunca recebemos restituição.) Minha médica normalmente conversa sobre o que lhe vem à cabeça, mas esse homem não disse

nada, até terminar. Depois ele nos mostrou o embrião, no ultrassom.

— Bom. Está no ponto certo — disse ele, secamente, como se meu útero fosse uma peça de um equipamento industrial.

Parecia igual aos outros, no ultrassom. Uma estrelinha tremulante.

Eu sabia que não tremularia por muito tempo.

Desviei o olhar da tela do ultrassom para Ben, e ele estava observando as mãos.

Maus sinais por todo lado.

Inspire. Expire. Inspire. Expire.

Depois que os açougueiros terminaram de discutir, subi no palco e disse que minha assistente Layla assumiria pelo restante do dia, como se isso sempre fosse o planejado.

Os açougueiros amistosamente bateram palmas quando ela se levantou, com uma expressão confusa no rosto.

Eu saí. Simplesmente não conseguia tirar aquela estrelinha tremulante da cabeça.



Alice estava caminhando em direção à biblioteca da escola (seu corpo parecia saber que ficava atrás

das portas duplas vermelhas, no canto do pátio escolar), quando Dominick surgiu. Ele parecia meio desganhado, o rosto estava franzido de preocupação.

— Alice — disse ele. — Eu a vi pela janela do meu escritório. Estive tentando lhe telefonar.

— Desculpe — disse Alice. — Sempre esqueço de colocar para carregar meu telefone. Essa minha memória!

Ele não sorriu.

— Também liguei para o Nick — disse ele. — Ele está a caminho.

— Você ligou para o Nick? Por quê? — Será que ele ia brigar com ele por sua mão? Desafiá-lo para um duelo? (Exceto pelo fato de que Nick não a queria mais. Então, não seria preciso brigar. Claro, companheiro, pode ficar com ela.)

— Temos um problema — disse Dominick. — Um problema sério com Madison.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Depois que deixei o seminário, recebi uma ligação de Ben. A voz dele estava áspera.

— Por que você não me contou? — disse ele.

Eu desliguei.

Não gostei de seu tom.

Capítulo 28

— Ela está bem? — o terror transbordava na corrente sanguínea de Alice, fazendo suas pernas tremerem tanto que ela precisou se segurar no braço de Dominick para se equilibrar.

— Ah, sim, desculpe. — Dominick sorriu, descontraidamente, e afagou o braço de Alice. — Fisicamente, ela está bem. É que tivemos outro incidente, e esse não dá para ignorar.

— Outro incidente?

— Outro incidente de *bullying*.

— Madison está sofrendo *bullying*? — Ela estrangularia a criança, exigiria ver os pais. Alguém havia ferido a Uvinha e ela comeria o pestinha no café da manhã. Ela estava tonta, de tanta raiva.

— Alice — disse Dominick. Ele pareceu meio sério. Seriedade de diretor de escola. — É a Madison quem está praticando.

— Madison não faria isso com ninguém. — Ela conhecia a filha. Só conhecia havia cinco dias, mas conhecia.

Claro que ela podia ficar temperamental e um pouquinho, bem, *agressiva* com o irmão e a irmã quando era provocada, mas isso era só uma rivalidade normal entre irmãos (ela torcia). Ela tem bom coração. Olhe como ela ajudou Olivia a coreografar a dança da borboleta. Olhe como ajudou Tom com seu dever de casa de Geografia, outro dia. Certo, Tom disse que ela estava sendo irritante, e no fim das contas Madison acabou por sair batendo os pés em prantos, e Tom deu um peteleco na própria testa, revirando os olhos, como uma versão em miniatura do próprio pai, mas, bem... a filha de Alice não era, não poderia ser uma intimidadora.

— Você ainda não está... totalmente você? — perguntou Dominick, cuidadoso.

— Um pouco — disse Alice.

— Bem, esta não é a primeira vez que temos problemas com Madison. Um menininho precisou levar pontos, alguns dias atrás, depois de uma briga com Madison.

Ah, pensou Alice. Esse foi o “pequeno incidente” mencionado por Kate Harper, na academia.

— Eu sei que ela está com problemas, depois da morte de Gina, e com o divórcio — continuou Dominick, com a testa franzida de preocupação. — Mas, Alice, eu lamento muito, isso é realmente...

oh. — A voz dele mudou, ao ver alguém por cima do ombro de Alice. — Aí está seu... é... seu...

Alice se virou e viu Nick vindo na direção deles. Ele estava de terno e gravata e falando com alguém ao celular. Sua aura de negócios e decisões importantes que não-podem-ser-interrompidas era um visual alienígena no *playground* ensolarado, com o som cantarolado das crianças saindo por uma janela aberta de uma sala de aula próxima.

Dominick cruzou com o olhar dela.

— Meio estranho.

— Sim.

Conforme Nick se aproximou, eles o ouviram dizer:

— Vamos deixar por dois milhões. Isso parece bom? Excelente. Tchau. — Ele fechou o celular com uma das mãos e Alice teve vontade de dizer: “Ora, Nick, querido, deixe de ser tão nojento”.

— É Dominick, não é? — disse Nick, estendendo a mão, como se Dominick estivesse ali para lhe vender algo.

— Sim, oi. Como vai? — disse Dominick. Ele era aproximadamente um palmo mais

alto que Nick e parecia um garoto de gangue escolar ao seu lado. Alice queria abraçá-lo, mas também queria abraçar Nick. Eles pareciam meninos em corpos de gente grande.

— Isso deve ser bem importante, para você chamar nós dois — disse Nick, com um tom de irritação na voz.

— Sim — disse Dominick, e houve uma certa irritação na resposta. — Madison ameaçou furar Chloe Harper com uma tesoura. Ela também cortou seus cabelos e enfiou seu rosto num bolo de chocolate.

Precisarei suspendê-la, ao menos até as férias escolares. Acho que ela precisa ver um psicólogo.

— Entendo — disse Nick, parecendo murchar. Todo o poder tinha ido para Dominick.

— Tem de haver mais coisa nessa história — disse Alice. — Ela deve ter tido uma razão.

— Não interessa a razão — disse Dominick (ligeiramente esnobe, pensou Alice, para alguém que estava tentando ser seu namorado). — Isso é inaceitável. E vocês podem imaginar como Kate Harper reagirá a isso. Ela está a caminho da escola neste momento.

Então, Chloe era a filhinha da horrenda Kate Harper. Bem, aí está. Isso explicava tudo.

— Teremos de... não sei... oferecer algum tipo de compensação — Nick suspirou.

— Não creio que dinheiro seja a resposta neste caso em particular — disse Dominick. *Catapum!*

— Não tive a intenção...

— De qualquer forma, estou com as duas esperando em meu escritório — interrompeu Dominick.

Alice e Nick seguiram logo atrás, como crianças travessas. Alice fez uma cara, para Nick, de quem diz “Mas isso não é horrível?”, e ele fez uma careta.

No escritório de Dominick, Madison e outra garotinha estavam sentadas em cadeiras diante da mesa dele. A outra menininha estava aos prantos, chorando de um jeito de quem pensa “Mereço chorar mesmo”, segurando algo nos braços, e Alice viu, apavorada, que era sua longa trança loura.

Ela tinha farelos de chocolate e creme e cerejas espalhadas por todo o rosto e no uniforme escolar e as pontas estarrecidamente cortadas de seus cabelos louros espetavam para fora da gola de seu uniforme.

— Ah, Madison — disse Alice, involuntariamente. — Como você *pôde* fazer isso?

O rosto de Madison estava branco como cera, seus olhos faiscavam de ódio. Ela estava sentada imóvel e ereta, com os punhos fechados sobre o colo, a imagem de uma pequena assassina psicopata trazida até a delegacia para interrogatório.

— Você tem explicações a dar, mocinha — disse Nick, e Alice quase caiu na gargalhada. Ele parecia um homem interpretando o papel de pai zangado, numa peça de teatro amador.

Madison não disse nada.

— Quer dizer aos seus pais o que aconteceu? — disse Dominick, parecendo bem mais autêntico.

Madison sacudiu a cabeça com força, como se estivesse se recusando a revelar segredos de estado aos seus torturadores.

— Ela não disse uma palavra — disse Dominick para Alice.

A garotinha segurava a trança loura, e as lágrimas continuavam a rolar por seu rosto.

— Olhe o meu *cabelo*. Minha mãe vai *matá-la*, Madison Love. Meu cabelo é *lindo*. Levará anos para crescer novamente. Terei, sei lá, quarenta anos. Você só fez isso porque tem *inveja* e nem pediu... — sua voz falhou, como se ela estivesse tomada pelo horror. — Você nem pediu *desculpas*.

— Certo, Chloe — disse Dominick. — Vamos nos acalmar.

— Madison, peça desculpas a Chloe — disse Alice, numa voz tão séria que nem ela mesma reconheceu. — Agora mesmo.

— Desculpe — disse Madison, baixinho.

— Ela *não está* arrependida! — Chloe choramingava, olhando para Alice e Nick. — Só está dizendo isso! Mas espere até minha mãe chegar aqui!

— Na verdade — disse Dominick —, acho que não vamos esperar. Acho que o Sr. e a Sra. Love podem levar Madison com eles agora.

Ele se agachou na frente de Madison, para que eles ficassem cara a cara.

— Madison, eu estou suspendendo você a partir de agora — disse ele. — Você não pode fazer parte desta escola e se comportar dessa maneira, entende? Isso é muito, muito sério.

Madison assentiu. Seu rosto passara de branco a vermelho-fogo.

— Certo, então — Dominick ficou de pé. — Vá pegar sua mochila e encontre seus pais no portão.

Madison saiu correndo da sala e Chloe caiu novamente em prantos.

— Certo, Chloe — disse Dominick, cauteloso. — Sua mãe chegará em breve, apenas espere aqui.

Ele conduziu Nick e Alice para fora da sala, fechando a porta.

— Provavelmente não faz muito sentido que vocês vejam Kate agora, enquanto todos estão nesse estado — disse ele. — Acho que devem levar Madison para casa e tentar conversar com ela, para obterem uma ideia do que está se passando em sua cabeça. Eu seriamente recomendo um terapeuta.

Posso indicar alguns nomes. — Houve um som de saltinhos apressados batendo a distância. — Aposto que é Kate. Vão. — Ele acenou para que eles se afastassem como se os estivesse salvando da polícia secreta. — Desapareçam!

Nick e Alice fugiram pelo *playground*. Eles pararam junto do portão da escola. Nick estava ofegante. Alice, não. Ela estava muito mais em forma que ele.

— Isso foi horrível — disse Alice. — Sinto como se eu mesma tivesse cortado os cabelos daquela criança. E o bolo! Ela passou tanto tempo fazendo aquele bolo. Pobrezinha.

— Chloe? — perguntou Nick.

— Não, Madison — disse Alice. — Quem se importa com Chloe?

— Alice, nossa filha ameaçou furá-la com uma tesoura.

— Bem, eu sei disso — disse Alice.

Nick tirou o celular do bolso e o abriu.

— Acho que suspendê-la não ajuda em nada — disse ele, franzindo o rosto para algo na tela do telefone. — É como se eles estivessem erguendo as mãos para o ar, dizendo “Não sabemos o que fazer com ela”. Isentando a si mesmos da responsabilidade. — Ele

olhou para Alice. — Não quero criticar seu namorado, nem nada.

— Acho que é a norma da escola — disse Alice, sentindo-se na defensiva por Dominick, mas também traída por ele. Será que beijar o diretor da escola não lhe dava um passe livre quando se tratava da suspensão de sua filha?

— De qualquer forma — Nick olhou para o relógio —, vou voltar ao escritório. Imagino que seja melhor falarmos sobre isso mais tarde. Não sei que tipo de punição você está imaginando, mas, obviamente, tem de ser algo severo...

— O que quer dizer? — disse Alice. — Acho que devemos falar com ela agora. Agora mesmo. Nós dois.

Nick pareceu surpreso.

— Agora? Você quer que eu esteja junto?

— É claro que quero — disse Alice. — Acho que devemos dar uma volta de carro com ela. E não vamos nos precipitar e começar a *puni-la*. Detesto essa palavra. Punição.

— Ah, desculpe. Acho que devemos premiá-la. Dizer: “Muito bem, querida, talvez você deva pensar numa carreira como cabeleireira”.

Alice deu uma risadinha. Nick sorriu. O sol estava brilhando diretamente no rosto dele. Ele protegeu os olhos com uma das mãos e disse: “Eu saberei quando você recuperar a memória”.

— Como?

— Pela forma como olha pra mim. Assim que você lembrar, verei isso em seus olhos.

— Vão lançar raios mortais em você? — disse Alice.

Nick sorriu, tristonho.

— Algo parecido. — Ele olhou novamente o relógio. — Tenho uma reunião ao meio-dia. Acho que poderia transferi-la. — Ele pareceu incerto. — Então, você quer dizer, nós dois sairmos com ela de carro, até algum lugar?

Alice disse:

— Isso é realmente tão incomum?

— Normalmente você assumiria o controle e deixaria claro que minha assistência não é necessária.

— Tem uma nova Alice na área — disse Alice.

— Você não está errada quanto a isso. — Nick parecia prestes a dizer algo. Ele parou e olhou por cima do ombro dela. — Aí vem nossa pequena matadora.

Madison vinha caminhando na direção deles, segurando a mochila com uma das mãos, quase a arrastando pelo chão, de cabeça baixa.

— Eu vou com quem? — perguntou ela, ao chegar perto deles, sem olhá-los nos olhos.

— Com os dois — disse Alice.

— Vocês dois? — Madison olhou para cima e franziu o rosto. Ela pareceu assustada.

— Venha aqui — disse Alice.

Madison marchou até ela, ainda olhando para o chão, e Alice a puxou para perto, abraçando-a.

— Nós vamos resolver isso — disse Alice, baixinho, nos cabelos dela. — Você, seu pai e eu vamos sentar na praia, tomar sorvete e resolver o problema, seja qual for.

Madison deu um pequeno suspiro de surpresa e caiu em prantos.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Ele vive dizendo: “Desligue a televisão”.

E eu vivo dizendo: “Ainda não”.

Ele a desligou, um tempo atrás, e, assim que ele o fez, comecei a gritar como se ele estivesse me machucando.

Ligeiramente dramática. Depois me sentirei constrangida.

Mas me magoou. Aquele silêncio horrível, depois que a televisão foi desligada, era de fato doloroso para os meus tímpanos.

Ele provavelmente estava preocupado que os vizinhos fossem chamar a polícia. Afinal, ele tem precisamente a aparência de um homem que se vê sendo arrastado e algemado por violência doméstica. Então, ele sacudiu os ombros e ligou novamente.

Agora estou assistindo à Oprah. Ela está falando sobre uma nova dieta empolgante. A plateia está empolgada. Estou empolgada, J. Talvez eu tente. Estou tomando nota.



Eles se sentaram na praia, em Manly, perto da parada da balsa, no mesmo local em que tomaram café da manhã depois de terem passado a noite andando de carro, com Madison, quando ela era bebê.

Tinham até o mesmo tapete xadrez de piquenique. Estava no porta-malas do carro de Nick. O azul já não estava tão forte como na memória de Alice, mas suas palmas lembravam a sensação nodosa do pano.

— Onde arranjamos esse tapete? — perguntou Alice, quando sentaram.

— Não sei — disse Nick. Ele pareceu na defensiva. — Pode ficar com ele, se quiser. Eu nem sabia que estava no meu carro.

Ai, pelo amor de Deus. Ela não tivera a intenção de dizer que o queria. Era outro vislumbre do quanto suas vidas se tornaram imbecis. Será que ela realmente desejaria fazer uma afirmação quanto a quem ficara com o tapete de piquenique?

Madison sentou com os braços ao redor dos joelhos, de cabeça baixa, com os cabelos caindo nas laterais do rosto. (A mão de Alice comichava de vontade de cortá-los. Ela ficaria muito mais bonita de cabelos curtos. Na verdade, essa seria a “punição” perfeita! *Você cortou os cabelos dela, então vou cortar os seus.*)

Depois das lágrimas no pátio da escola, Madison não dissera nenhuma palavra. Nick dirigiu seu carro lustroso e passou um bom tempo falando ao celular, no viva-voz, com as mãos ao volante. Ele riu. Ele ouviu. Deu instruções sucintas e precisas. Ele disse: “Deixe-me pensar a respeito”. Ele disse: “Certo, bem, isso é um desastre”, enquanto olhava por cima do ombro, para mudar de faixa.

Ele disse: “Muito bem. Que notícia ótima”. Ele era um patrão e tanto.

— Você gosta de seu trabalho atual? — Alice perguntou a ele, num momento entre as ligações.

Nick deu uma olhada para ela.

— Sim — disse ele, após alguns segundos. — Adoro.

— Que ótimo — disse Alice, feliz por ele.

Nick ergueu uma sobrancelha debochada.

— Realmente acha?

— É claro — disse Alice. — Por que não acharia?

— Nada — disse Nick, e Alice sentiu que Madison escutava atentamente, do banco de trás.

Nick havia desligado o telefone e deixara o paletó e a gravata no carro. Agora ele estava tirando os sapatos e as meias. Alice olhou os pés descalços dele, pisando na areia. Seus pés eram tão familiares a ela quanto os dela mesma. Como ela poderia não ficar eternamente com alguém, se seus *pés* — seus imensos pés, não especificamente atraentes, com dedos compridos e cabeludos — faziam com que ela se sentisse em casa?

— Lindo — disse Nick, gesticulando para a areia plana e amarela, o imenso céu turquesa e a balsa que passava atravessando a enseada, rumo à cidade. Ele disse com o mesmo tom de satisfação que usava para descrever uma boa refeição num restaurante, como se o clima e a praia tivessem sido preparados e apresentados numa travessa, especialmente para ele, e, sim, obrigado, estava tudo de acordo com seu alto padrão e o resultado seria uma gorjeta generosa. Isso era tão típico de Nick. Ele ergueu o rosto para o Sol e fechou os olhos.

Alice tirou as botas (em sua opinião, seu gosto era impecável) e tirou as meias.

— Essas são as meias de Tom jogar futebol — disse Madison, olhando por cima dos joelhos.

— Eu estava com pressa — disse Alice.

Madison lançou um olhar.

— E essa echarpe que você está usando é do *baú de roupas* da Olivia.

— Eu sei, mas é tão linda — Alice ergueu o tecido fino.

Madison a olhou novamente, depois baixou o queixo.

Nick abriu os olhos.

— Bem, Madison...

— Você *prometeu* sorvetes — disse Madison, fulminando Alice, como se essa fosse mais uma promessa não cumprida, de uma longa lista.

— Foi mesmo, prometi — disse Alice.

Nick suspirou.

— Eu vou. — Ele colocou os sapatos novamente e olhou abaixo, para Madison. — Não vai contar para seus irmãos que tomou sorvete na praia, vai? Ou teremos todas as crianças da família Love suspensas.

Madison deu uma risadinha.

— Está bem.

Enquanto Nick se afastava, Madison disse:

— Não quero contar o que aconteceu na frente do papai.

Deve ser assunto de garotas.

— Tudo bem. Diga só pra mim.

Madison baixou o queixo sobre os joelhos e disse, numa voz abafada: — Chloe disse que você e o Sr. Gordon tinham feito...

Alice não entendeu a última palavra.

— Perdão? — disse ela.

— *Sexo!* — Madison gaguejou. — Ela disse que você e o Sr. Gordon provavelmente fizeram sexo no escritório dele. Tipo, cem vezes.

O Sr. Gordon? Ah, *Dominick*.

— Querida — disse Alice, imaginando por onde começar. Uma coisa era certa, ela não sabia se era verdade. Eles certamente não teriam feito sexo no escritório, teriam?

— Eu quase vomitei. Precisei respirar fundo e colocar a mão em cima da boca. Você não fez isso, fez? Nunca tirou a roupa na frente do Sr. Gordon, tirou?

Bem, se ela o tivesse feito, Chloe certamente não sabia dessa informação. Dominick provavelmente não teria feito um comunicado a respeito disso na assembleia escolar.

— Chloe Harper é uma terrível mentirosa — disse Alice, determinada.

— Eu *sei* — disse Madison, com alívio. — Foi isso que eu disse! — Ela olhou para a água e colocou os cabelos atrás das orelhas. — Depois ela disse que eu era a garota mais horrível da escola inteira, mas essa parte não era mentira, essa parte era verdade.

Alice ficou de coração partido por ela.

— Isso certamente não é verdade.

— Tive uma sensação — disse Madison. — Uma sensação de que a minha cabeça ia explodir. Ela estava na minha frente e eu peguei a minha tesoura da aula de Artes e cortei a trança dela.

Simplesmente fiz *plec!* E caiu no chão. Depois, quando me virei, joguei meu bolo nela. Estraguei o bolo. Ninguém nem chegou a experimentar. Foi o melhor bolo que eu já fiz na vida.

— Você ameaçou furá-la com a tesoura?

— Não! Ela inventou isso só pra eu ficar mais encrencada.

— Isso é verdade?

— Sim — disse Madison.

— Certo — disse Alice. — Bem, aquilo foi demais.

Alice disse:

— Sabe, Madison, as pessoas dirão coisas cruéis a você ao longo de sua vida e, se você continuar reagindo assim, vai acabar na cadeia.

Madison pareceu pensar naquilo.

— Mas eu sou jovem demais para ir para a cadeia — disse ela.

— Bem, certo, *agora* você é, mas quando crescer...

— Quando eu crescer, isso não terá importância.

— Você quer dizer que não vai se importar se for para a cadeia? Acho que vai.

Madison revirou os olhos.

— Não, eu não vou ligar se as pessoas disserem coisas ruins para mim, porque serei grande. Posso simplesmente dizer: “Quem se importa, eu vou para a França”.

Ah. Claro. Alice lembrava como pensava algo semelhante quando era criança. Depois que você for gente grande, ninguém poderá magoá-la, pois como alguém se magoa se pode *ir de carro para onde quiser?*

Antes que ela pudesse pensar numa forma de responder sem desiludi-la (do contrário, o que ela poderia esperar da vida?), uma sombra recaiu sobre elas.

— Entrega de sorvete. — Nick estava em pé, acima delas, segurando três casquinhas.

— Imagino que você ainda goste de passas ao rum — ele disse a Alice.

— É claro — nem precisava perguntar.

Eles ficaram sentados, tomando sorvete e olhando a água.

— Madison acabou de me contar o que Chloe lhe disse — disse Alice. — E foi algo cruel e mentiroso.

— Certo — disse Nick, cauteloso. Ele lambeu o sorvete e olhou para as duas.

— Então, acho que precisamos ajudar Madison a encontrar outros meios de reagir quando ficar zangada.

— Eu sempre respiro fundo dez vezes, antes de dizer qualquer coisa quando estou zangado — disse Nick.

— Não respira, nada — disse Madison. — Você simplesmente grita na hora. E a mamãe também. E

aquela vez em que a mamãe jogou a caixa de pizza em você?

Ai, minha nossa. Olha que belos exemplos eles estavam dando aos filhos.

Alice limpou a garganta.

— Bem, o fato é o seguinte...

— Volta pra casa, por favor, pai? — perguntou Madison. Acho que você deveria voltar para casa agora e ser marido da minha mãe de novo. Tenho certeza de que não vou ficar mais zangada. E nunca mais vou fazer nada ruim, em toda a minha vida. Eu poderia escrever isso num *contrato* para você.

Então, isso significa que você pode, tipo, me *processar*, se algum dia eu for má, o que eu jamais seria.

Ela olhou para o pai com um olhar suplicante.

— Meu bem — começou Nick, com o rosto franzido, como se ele estivesse com muita dor de dente.

Depois ele parou, distraído por um tumulto na praia. Havia gente gritando e pessoas correndo. Alice viu uma pequena aglomeração se formando em cima de um rochedo, apontando para algo na água.

— São baleias jubarte que estão na enseada! — Um homem gritou para eles, correndo com a câmera balançando no peito.

Nick imediatamente pulou, ficando de pé, ainda segurando o sorvete. Madison e Alice olharam para ele.

— O que estão esperando? — disse ele, e os três saíram correndo, sem fôlego, pela praia, subindo pelo caminho, segurando seus sorvetes.

Eles tiveram de subir correndo por um punhado de degraus de concreto e Alice disparou na frente, com uma das mãos segurando o sorvete e a outra segurando a saia, enquanto pulava os degraus de dois em dois, sem esforço.

Ao chegar ao alto, ela teve tempo de ver um imenso esguicho de água, abaixo deles.

— É uma mãe e seu filhote — disse uma mulher para Alice. — Veja. Bem ali. Você verá novamente.

Nick e Madison subiam os degraus atrás dela. Nick respirava pesadamente. (Como foi que ele ficou tão fora de forma?)

— Onde? Onde? — perguntou Madison. Seu rosto estava rosado e ansioso.

— Apenas olhe — disse Alice.

Por alguns minutos, não houve nada. A superfície da baía estava encrespada pela brisa e uma gaivota grasnava lamentosamente.

— Eles se foram — disse Madison. — Nós os perdemos. Como sempre.

Nick olhou o relógio.

Vamos, baleia, pensou Alice. Dê-nos uma chance.

A água levantou e uma criatura gigantesca saltou no ar. Foi como se algo pré-histórico tivesse atravessado uma barreira invisível do tempo, entrando na vida comum. Alice teve uma visão da frente branca incrustada com cracas. Ela parecia flutuar no ar, antes de bater novamente na água, espirrando gotas salgadas em seus rostos.

Madison agarrou o braço de Alice. Seu rosto estava radiante de alegria, salpicado de gotas d'água.

— Olhe, mãe! Olhe!

A baleia deslizou luxuosamente, revelando imensas curvas de sua pele negra aveludada, batendo a cauda, como se estivesse desfrutando de um banho morno.

— Madison, Alice, lá... o bebê! — gritou Nick, parecendo um garoto de dezesseis anos.

O filhote estava espirrando água, numa imitação em miniatura da mãe. Alice quase o imaginou gargalhando de alegria.

— Rá! — disse Nick, como um idiota. — Rá!

Ao redor deles havia rostos repletos de alegria e deslumbre. O ar marinho estava fresco em seus rostos, o sol era morno em suas costas.

— Faz de novo! — disse Madison. — Salte de novo, mamãe baleia!

— É! — concordou o homem que estava com a câmera. — Mais uma vez!

E bem naquela hora ela pulou de novo.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Ben está ameaçando te ligar. Ele acha que estou me comportando como uma pessoa maluca.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Eu o derrotei no PlayStation.

E ele tentou, sim, me beijar.

Comentários encerrados.



Enquanto eles caminhavam de volta ao tapete de piquenique, Madison dançava ao redor deles. Ela estava eufórica. Saltando, pulando. Segurando a mão de Nick, depois a de Alice. As pessoas que passavam andando sorriam para ela.

— Aquela foi a melhor coisa que eu já vi na vida! — ela ficava dizendo. — Vou ampliar aquela foto e fazer um pôster e pendurar em cima da minha cama!

O homem com a câmera tinha anotado o *e-mail* de Nick e mandaria a foto que havia

tirado.

— Vamos torcer para que ele não tenha perdido — disse Nick.

— Não, ele pegou — disse Madison. — Ele decididamente pegou. Posso ir nadar? Só pra sentir a água?

Ela olhou para Alice, e Alice olhou para Nick. Ele sacudiu os ombros.

— Claro — disse Alice. — Por que não?

Eles a observaram correndo em direção à água, enquanto ficaram sentados no tapete.

— Você acha que ela precisa de terapia? — perguntou Alice.

— Ela passou por muita coisa — disse Nick. — O acidente de Gina. Você e eu. E sempre sente as coisas tão profundamente.

— O que você quer dizer com o acidente de Gina? — Alice pensou no pesadelo de Madison. *Tire isso dela.*

— Madison estava com você — disse Nick. — Ela viu acontecer. Você não lembra, lembra?

— Não — disse Alice. — Só a sensação. — Embora essa sensação de terror parecesse impossível ali, hoje, com o Sol e o mar, sorvetes e baleias.

— Houve uma tempestade — disse Nick. — Uma árvore caiu sobre o carro de Gina. Você e Madison vinham de carro, atrás.

Uma árvore. Então, aquela imagem horrível de uma árvore negra e sem folhas balançando sob um céu tempestuoso era real.

— Deve ter sido horrendo para vocês duas — disse Nick, baixinho. Ele ergueu a mão cheia de areia e deixou os grãos deslizarem por entre os dedos. — E eu não... não...

— O quê?

— Não dei o apoio que deveria ter dado — disse Nick.

— Por que não? — perguntou Alice, curiosa.

— Honestamente, eu não sei — disse Nick. — Eu apenas me sentia desapegado. Sentia que você não queria minha compaixão. Eu sentia... sentia que, se você tivesse tido escolha, teria preferido que eu tivesse morrido, em vez de Gina. Lembro que tentei abraçá-la, e você me empurrou, como se eu a enojasse. Eu deveria ter me esforçado mais. Desculpe.

— Mas por que você acha que eu teria preferido que você morresse, em vez de Gina? — perguntou Alice. Aquilo parecia tão tolo, infantil, a coisa errada de se pensar.

— Nós não estávamos nos dando tão bem e, à época, vocês eram boas amigas — disse Nick. — Quero dizer, era ótimo, mas... — Ele fez algo engraçado com os lábios. — Você contou a Gina que estava grávida de Olivia, antes de me contar.

— É mesmo? — Por que ela teria feito isso? — Desculpe.

— Ora, isso foi só uma coisa pequena. — Ele parou. — Uma vez, também entreouvi você dizer algo sobre nossa vida sexual. Ou a falta dela. Quero dizer, eu sei que as mulheres sempre falam de sexo quando se reúnem. Mas foi o tom de sua voz. Havia um *desprezo* tão grande por mim. Depois, quando ela e Mike romperam, você ficava saindo com ela, indo a bares, tentando ajudá-la a arranjar homens, e eu tive a sensação de que você estava com inveja. Você queria ser uma mulher solteira, junto dela. Eu estava atrapalhando. Estava empatando seu lado.

— Eu lamento tanto — disse Alice. Ela se sentia como se alguma outra mulher tivesse sido terrível com Nick. Como se ele estivesse descrevendo uma terrível ex-

namorada que partira seu coração.

— Depois, Gina morreu. E foi isso. Você gelou. Era a sensação que dava. Você parecia gelo.

— Não entendo por que fiz isso — disse Alice. Se sua amiga Sophie tivesse morrido, ela teria chorado durante horas, no conforto dos braços de Nick.

— Foi por isso que você não foi ao enterro? — perguntou ela.

Nick suspirou.

— Eu precisava estar em Nova York. Era uma reunião muito importante. Algo que estávamos planejando havia meses, mas eu lhe disse, um milhão de vezes, que, se você quisesse, eu ficaria feliz em cancelar. Eu ficava perguntando se você me queria no enterro, e você simplesmente dizia: “Faça o que você quiser”. Então, eu pensei, talvez ela realmente prefira que eu não *esteja* lá. Eu queria ir.

Ela também era minha amiga, ou foi, um dia. Você sempre parecia se esquecer disso. Ela me deixava maluco pela forma como ficava mandando em você, mesmo assim eu ainda me importava com ela. Só que ficou muito confuso depois que ela e Mike se separaram. Eu queria continuar amigo dele também, e você via isso como uma traição a Gina. E ela também. Ela ficou muito zangada comigo.

Sempre que eu a via, ela dizia: “Tem visto o Mike, ultimamente?”, e vocês duas ficavam me lançando olhares maldosos, como se eu fosse o vilão. Eu não via motivo para abandonar um bom amigo, só por causa de uma bebedeira... De qualquer forma, nós falamos sobre isso um milhão de vezes. Só estou querendo dizer que eu me senti muito, não sei, *estranho*, quando ela morreu. Eu não sabia como agir. Só queria que você dissesse: “É claro que você deve cancelar a viagem. É claro que deve ir ao enterro”. Eu sentia que precisava de sua permissão.

— Então, todos os nossos problemas eram por causa de Gina e Mike — disse Alice. Esses dois *estranhos* haviam destruído o casamento deles.

— Acho que não podemos culpá-los por tudo — disse Nick. — Nós discutíamos. Discutíamos sobre as coisas mais banais.

— Tipo o quê?

— Tipo, não sei, cerejas. Um dia, nós íamos à casa da minha mãe, para jantar, e eu comi algumas cerejas que você ia levar. Foi o crime do século. Você não deixava pra lá. Você não parou de falar naquelas cerejas durante meses.

— Cerejas — disse Alice.

— No trabalho, as pessoas respeitavam a minha opinião — disse Nick. — Depois, eu chegava em casa e era o bobo da corte. Eu abastecia a lava-louças da forma errada. Escolhia as roupas erradas para as crianças. Parei de tentar ajudar. Não valia a pena, pela crítica.

Eles não disseram nada, por alguns instantes. Ao lado deles, uma família com uma criancinha e um bebê estendeu um tapete. O menininho pegou um punhado de areia, com uma expressão determinada no rosto, antes de jogá-la no rosto da irmãzinha. Eles ouviram a mãe dizer “Olha ele!”, e o pai o puxou bem na hora. A mãe revirou os olhos e o pai falou algo que eles não ouviram.

— Não estou dizendo que eu era perfeito — disse Nick. — Eu estava envolvido demais no trabalho.

Você dizia que eu estava obcecado. Sempre fala do ano em que eu trabalhei no

Projeto Goodman. Eu viajava muito. Você tinha de lidar sozinha com as três crianças. Uma vez, você disse que eu a “desertei”. Eu sempre penso que aquele ano transformou minha carreira, mas talvez... — Ele parou e estreitou os olhos, vendo a baía. — Talvez tenha sido o ano que rompeu nosso casamento.

O projeto Goodman. As palavras davam um gosto ruim na boca.

O maldito projeto Goodman. A palavra “maldito” parecia pertencer naturalmente antes de “Goodman”.

Alice suspirou. Tudo parecia tão complicado. Os erros dela, os de Nick. Pela primeira vez lhe ocorreu que o casamento deles talvez não tivesse volta.

Ela olhou a família com as duas crianças pequenas. Agora o pai estava girando o garotinho e a mãe estava rindo, tirando fotos dos dois com uma câmera digital. Quando eles pensassem nesse dia, do que se lembrariam? Deles girando ou do menino jogando areia?

Madison veio andando da água, em direção a eles, carregando algo nas mãos em concha, com o rosto radiante.

A mão de Nick estava ao lado da mão de Alice, sobre o tapete de piquenique.

Ela sentiu a pontinha do dedo dele tocar o dela.

— Talvez a gente deva tentar novamente — disse ele.

Capítulo 29

George e Mildred apareceram na sexta-feira.

Alice os encontrou no fundo da garagem. George estava deitado de lado, como se tivesse levado um chute. Seu antigo focinho digno de leão agora estava com manchas esverdeadas de limo, o que o fazia parecer envergonhado como se ele fosse um velho, com o rosto todo sujo de comida.

Mildred estava sentada numa prateleira, ao lado de uma pilha de panelas velhas. Faltava uma lasca grande de sua garra e ela parecia triste e resignada. Ambos estavam imundos.

Alice levou os dois para a varanda dos fundos e começou a esfregá-los com uma mistura de água com lixívia, conforme recomendado pela Sra. Bergen, a vizinha, que ficara eufórica por Alice ter mudado de lado quanto à questão do loteamento e novamente sorria e acenava quando a via, dizendo a Alice que mandasse as crianças até sua casa, para tocarem piano, a qualquer hora que quisessem.

— Não temos mais *cinco* anos — disse Tom, com exaustão. — Ela não sabe que temos um PlayStation?

Barb se oferecera para levar Madison para uma volta no *shopping*, no primeiro dia de sua suspensão.

— Não se preocupe, não vou mimá-la — ela dissera a Alice. — Nada de roupa nova, a menos que ela veja algo de que realmente goste, é claro, e, nesse caso, posso guardar para seu aniversário.

Enquanto Alice esfregava, ela pensava se George e Mildred algum dia voltariam a ter a mesma aparência. Seria tarde demais? Estariam eles cicatrizados demais, pelos anos de descuido?

E seria o mesmo para ela e Nick? Será que cada discussão, cada traição e palavra cruel teriam formado uma camada petrificada cobrindo o que um dia havia sido tão adorável e carinhoso?

Bem, se fosse o caso, eles simplesmente arrancariam as lasquinhas, até que a casca toda fosse removida. Ficaria tudo bem. Novinhos em folha! Ela esfregava tão vigorosamente, em cima da juba de Mildred, que seus dentes batiam.

O telefone tocou e Alice largou a escova, aliviada.

Era Ben. A voz dele ao telefone estava profunda e lenta, e bem australiana, como se fosse alguém do interior. Ele disse que Elisabeth estava na cama, assistindo à televisão havia vinte e quatro horas, e gritava se ele tentasse desligar, e ele não tinha certeza de quanto tempo poderia deixar que isso continuasse.

— Deve ser porque ela está muito triste, por conta da inseminação fracassada — disse Alice, olhando a geladeira com as fotos das crianças, e os folhetos informativos da escola, desejando, de alguma forma, poder compartilhar essa vida com a irmã.

Houve uma ligeira pausa, depois Ben disse:

— É, bem, isso é outra coisa. Descobri que não fracassou. Recebi uma ligação da clínica, confirmando uma consulta para seu primeiro ultrassom. Ela está grávida.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Posso ouvi-lo, no quarto ao lado, ligando para Alice. Eu o fiz prometer que não contaria a ninguém que estou grávida.

Sabia que ele contaria. Mentiroso.

Você não faz ideia da fúria que estou sentindo. Dele. Da mãe dele. Da minha mãe. Alice. Você, Jeremy. Eu odeio vocês todos. Sem nenhum motivo em particular.

Acho que é pela paixão, pena e compreensão, mas, acima de tudo, pela esperança. Pelos comentários que estou prestes a ouvir: “Esse pode ser o tal! Tenho um bom pressentimento com esse!”.

Ondas flamejantes de fúria se erguem dentro de mim. Estou tentando encará-las, imaginando como se faz com as dores de parto. Sinto-me enjoada, meus seios doem, estou com um gosto estranho na boca, e já passamos por isso tantas vezes... Não posso passar por isso novamente, não posso.

E o que mais me deixa enfurecida, Jeremy, é que, mesmo dizendo isso, eu estou acreditando e sei, de todo o coração, que vou perder este bebê, como aconteceu com todos os outros, e também sei que, lá no fundo, ainda persiste aquela voz positiva e patética dizendo: “Mas quem sabe...?”.



Alice foi de carro até a casa de Elisabeth.

Ela precisou pedir direções a Ben, e nenhuma das ruas da região parecia conhecida. Talvez ela não visitasse muito Elisabeth, será? Por ser tão ocupada. Ocupadíssima.

Eles moravam numa casinha de tijolinhos, com um gramado caprichosamente aparado na frente.

Era um bairro familiar. Havia um balanço de criança, no quintal da frente da casa ao lado, e uma mulher do outro lado da rua estava debruçada dentro do carro, desprendendo um bebê de uma cadeirinha. O local fez Alice se lembrar de sua rua, dez anos atrás.

Ela ouviu o volume da televisão, assim que Ben abriu a porta.

— Ela quer a televisão bem alta — disse Ben. — Prepare-se. Se você tentar desligar, ela vai parecer um animal acuado. Isso está me deixando doido. Ontem eu tive de dormir no quarto de hóspedes.

Nem sei se ela dormiu.

— Então, o que você acha que está havendo? — perguntou Alice.

Ben sacudiu seus ombros imensos.

— Acho que ela está com medo de perder novamente. Eu também estou. Quero dizer, fiquei quase aliviado quando achei que o exame de sangue tinha dado negativo.

Alice seguiu Ben pela casa (muito limpa, arrumada e vazia, nada de bagunça) até o quarto onde Elisabeth estava sentada na cama, com um controle remoto na mão e um livro de exercícios e uma caneta no colo.

Ela ainda estava vestindo a mesma roupa que usara no seminário dos açougueiros, só que seus cabelos estavam emaranhados e seu rímel estava borrado, portanto ela tinha sombras escuras embaixo dos olhos.

Alice não disse nada. Apenas tirou os sapatos e sentou na cama, ao lado de Elisabeth, puxando as cobertas e colocando um travesseiro atrás das costas.

Ben ficou meio indeciso, junto da porta.

— Certo — disse ele. — Estarei consertando o carro.

— Está bem — Alice sorriu para ele.

Alice deu uma olhada no perfil de Elisabeth. Seu rosto estava imóvel, os olhos fixos na televisão.

Alice ficou em silêncio. Não conseguia pensar na coisa certa a dizer. Talvez apenas estar ali já fosse o suficiente.

Estava passando um antigo episódio de *M*A*S*H*. Os personagens familiares e o súbito riso ensaiado levaram Alice de volta a 1975. Ela e Elisabeth, sentadas no antigo sofá bege, depois do colégio, esperando a mãe chegar do trabalho, comendo sanduíche de salsicha com molho de tomate.

A mente de Alice divagou. Ela pensou nesse estranho período de tempo de sua vida, que começara quando ela despertou na academia, na manhã da última sexta-feira. Era como se essa semana tivesse sido um período de férias, num local exótico, que tivesse exigido o aprendizado de novas habilidades. Tantas coisas haviam acontecido. Ela conhecera as crianças. Vira a mãe e Roger juntos.

A Noite de Talento da Família.

Finalmente, sentiu Elisabeth se mexer ao seu lado. Alice ficou na expectativa.

Elisabeth disse, irritada:

— Você não tem mais o que fazer?

— Nada mais importante que isso.

Elisabeth fez uma careta e puxou o cobertor, fazendo-o descobrir as pernas de Alice. Alice o puxou de volta para se cobrir.

*M*A*S*H* terminou e Elisabeth mudou de canal. As delicadas feições de Audrey Hepburn preencheram a tela. Elisabeth mudou para um programa de culinária.

Alice estava com vontade de tomar café. Ela ficou pensando se estragaria o clima, qualquer que fosse, se desse um pulo na cozinha e fizesse uma xícara de café, para trazer de volta para a cama. Ai, um café expresso duplo do Dino...

Dino.

Ela procurou a bolsa, que deixara no chão, ao lado da cama, e revirou o lado de dentro. Tirou a boneca da fertilidade e cuidadosamente a colocou no lençol, entre ela e Elisabeth. A boneca as encarava, com seus olhos esbugalhados. Alice a colocou num ângulo de frente para Elisabeth.

Passou mais um tempo e Elisabeth disse:

— Está certo, o que é essa coisa?

— É uma boneca de fertilidade — disse Alice. — O Dino, da cafeteria, me deu, para dar a você.

Elisabeth a pegou e examinou.

— Imagino que ele esteja querendo se garantir, para que eu não sequestre mais nenhuma criança de suas clientes.

— Provavelmente — concordou Alice.

— O que tenho de fazer com isso?

— Não sei — disse Alice. — Que tal dar algumas oferendas em sacrifício?

Elisabeth revirou os olhos. Houve uma ligeira expressão de riso. Ela colocou a boneca na mesinha ao lado da cama.

— Seria para janeiro — disse ela. — Se fosse...

— Ora, essa parece uma boa época para se ter um bebê — disse Alice. — Não deve estar muito frio, quando você acordar à noite, para amamentar.

— Não haverá *bebê* algum — disse Elisabeth, cruelmente.

— Nós poderíamos pedir ao papai que peça por você? — disse Alice. — Ele deve poder agilizar as coisas lá em cima.

— Acha que não pedi a ele nas outras vezes? — disse Elisabeth. — Rezei pra todo mundo. Jesus.

Maria. São Geraldo. Dizem que ele é o santo da fertilidade. Nenhum deles me ouviu. Estão me ignorando.

— O papai não estaria te ignorando — disse Alice, e o rosto do pai subitamente surgiu nítido em sua mente. Ela sempre se lembrava do rosto que via nas fotos, não o rosto de sua própria lembrança. — Talvez ele tenha de lidar com muita burocracia no céu.

— De qualquer forma, não sei se acredito em vida após a morte — disse Elisabeth. — Eu tinha uma porção de ideias românticas sobre o papai tomando conta dos bebês que eu perdia, mas depois ficou fora de controle. Ele teria de tomar conta de uma maldita creche.

— Ao menos isso o faria desviar a mente de mamãe e Roger dançando salsa — disse Alice.

Dessa vez, Elisabeth decididamente sorriu.

Ela disse:

— A mamãe se lembra de todas as datas que era para meus bebês nascerem. A primeira coisa que ela faz é me ligar de manhã. Não fala nada a respeito, só fica batendo papo.

— Ela parece ter jeito com as crianças — disse Alice. — Elas a adoram.

— É uma boa avó — suspirou Elisabeth.

— Acho que a perdoamos — disse Alice.

Elisabeth se virou para olhá-la diretamente, mas não disse: “Perdoá-la de quê?”.

Isso era algo sobre o que elas jamais haviam conversado (bem, até onde Alice sabia, elas nunca haviam conversado a respeito disso); a forma como Barb havia deixado de ser mãe depois que o pai delas morreu. Ela simplesmente desistiu. Foi chocante. Da noite para o dia, ela se tornou uma mãe que pouco se importava se as filhas saíam agasalhadas, se escovavam os dentes ou se comiam verduras — e será que isso significava que antes ela só *fingia* que ligava? Mesmo meses depois, ela só perambulava o dia todo, segurando as duas pela mão, chorando, olhando os álbuns de fotografia.

Foi quando Frannie chegou e voltou a dar estrutura e regras à vida delas.

Alice e Elisabeth haviam parado de pensar em Barb como mãe, e sim como uma simples irmã mais jovem. Mesmo quando ela acabou se recuperando e começou a tentar exercer sua autoridade, elas realmente não a deixavam ser sua mãe. Foi sutil, mas decididamente uma forma de vingança.

— Sim — disse Elisabeth, depois de um tempo. — Acho que acabamos perdando. Não sei exatamente quando, mas perdoamos.

— É estranho como as coisas acontecem.

— Sim.

Elas ficaram assistindo a uma propaganda de liquidação de carpete e Elisabeth falou novamente.

— Estou sentindo muita raiva. Nem posso lhe dizer a raiva que estou sentindo.

— Está bem — disse Alice.

Mais silêncio.

— Desperdiçamos os últimos sete anos tentando formar uma vida para nós, apenas uma vida comum de subúrbio, nós dois e um filho. Foi tudo o que fizemos, não estávamos realmente *vivendo*, e agora isso colocará tudo em espera, pelos próximos meses, até eu perder o bebê e, então, terei de superar isso, e Ben vai ficar no meu pé para preencher os papéis de adoção, e todos ficarão entusiasmados, apoiando: “Ah, sim, adoção, que adorável, que *multicultural!*”. E eles esperam que eu esqueça esse bebê.

— Talvez você não perca este — disse Alice. — Você pode, de fato, ter este bebê.

— Claro que vou perder.

O apresentador do programa de culinária despejava mel numa frigideira.

— Você precisa usar manteiga sem sal. Esse é o segredo.

Elisabeth disse:

— Tudo o que preciso fazer é fingir que não estou grávida, aí, quando eu perder, não vai doer tanto, mas não consigo fazer isso. Depois eu penso: *Está certo, apenas tenha esperança! Aceite que dará certo.* Mas depois fico assustada, a cada instante. Cada vez que vou ao banheiro fico com medo de ver sangue. Cada vez que vou fazer um exame de ultrassom temo ver os rostos se modificando. Não devo me preocupar, pois isso não é bom para o bebê, mas como deixar de me preocupar?

— Talvez você possa deixar a preocupação comigo — disse Alice. — Eu posso me preocupar o dia inteiro por você! Sou ótima em me preocupar, você sabe disso.

Elisabeth sorriu e olhou de volta para a televisão. O apresentador do programa de

culinária tirou algo do forno e cheirou, extasiado.

— *Voilà!*

Elisabeth disse:

— Eu devia ter pegado o carro e ido lá, na hora, quando a Gina morreu, e não o fiz. Desculpe.

Que estranho, pensou Alice. Todos tinham algo pelo que se desculpar em relação à morte de Gina.

— E por que não foi?

— Eu não sabia se você me queria lá — disse Elisabeth. — Eu tinha a sensação de que diria algo errado. Você e Gina formavam uma dupla e tanto, e eu e você, nós... nos afastamos.

Alice chegou mais perto de Elisabeth, e as coxas das duas se encostaram.

— Bem, vamos nos aproximar de novo.

Os créditos do programa de culinária estavam subindo na tela.

— Vou perder este bebê — Elisabeth disse, novamente.

Alice baixou o rosto e chegou bem pertinho.

— Ora, vamos, sobrinho ou sobrinha. Por que você simplesmente não fica por aí? Sua mãe já passou tanta coisa por sua causa.

Elisabeth pegou o controle remoto, desligou a televisão e começou a chorar.



Grandes reflexões de uma bisavó!

Eu retribuí o beijo.

Vocês não poderiam estar mais chocados do que eu.

Comentários encerrados.



— Gosto dos leões — disse Dominick.

Eram nove horas da noite de sábado e ele estava em pé, na porta da frente, segurando um pacote de biscoitos de chocolate, uma garrafa de licor e um buquê de tulipas. Ele estava de *jeans* e uma camisa xadrez desbotada, e a barba por fazer.

Alice olhou para George e Mildred, de volta aos seus lugares, guardando a casa. Ela não conseguia decidir se eles estavam estranhos e divertidos, ou avariados e cafonas.

— Só pensei em dar uma passada para ver se você queria companhia — disse ele. — Se estiver ocupada fazendo a programação de amanhã...

Alice não estava fazendo nada, além de ficar deitada no sofá, olhando para o teto e pensando, vagamente, no bebê de Elisabeth e em “tentar de novo” com Nick. Nick parecia pensar que eles deveriam começar com um novo “programa romântico”. “Talvez um filme”, dissera ele, e Alice ficou pensando no quanto eles teriam de “tentar” enquanto estivessem no cinema. Será que eles teriam de comer pipoca

entusiasticamente? Ter uma conversa especialmente animada depois? Reparar em quantas vezes foram engraçados, ver o nível de afeto? Teriam de *tentar* beijar da forma mais romântica possível? Não, ela não queria nenhuma dessas tentativas. Só queria que Nick voltasse para casa e que tudo ficasse do jeito que deveria ser. Ela estava cansada de toda essa bobagem.

Havia sido um dia exaustivo. Todas as crianças praticaram esporte, uma após a outra. Olivia jogou *netball* (uma porção de movimentos teatrais, mas na verdade nada de pegar na bola), Tom jogou futebol (excelente — marcou dois gols!) e Madison jogou hóquei (superinfeliz. “Você gosta disso?”, Alice perguntou, quando ela saiu da quadra. “Você sabe que eu detesto”, Madison respondeu. “Então, por que joga?” “Porque você disse que eu tenho que fazer um esporte coletivo”, respondeu ela. Alice foi direto ao técnico e tirou Madison do time. Tanto o técnico quanto Madison ficaram radiantes).

Alice tinha várias funções em cada jogo, as quais, de alguma forma, ela conseguiu cumprir quase como se não fosse uma impostora em sua própria vida. Ela mantinha o placar no jogo de hóquei de Madison. Ela ajudou a assar as linguças no jogo de futebol de Tom. Inacreditavelmente, foi árbitra do jogo de *netball* de Olivia. Alguém lhe dera um apito e, mesmo enquanto Alice dizia “Não, não, eu não poderia”, o formato do apito pareceu adequado à sua mão. Em seguida, ela estava correndo de um lado para o outro, na lateral do campo, soprando o apito com força, enquanto frases estranhas saíam de sua boca. “Pisou na linha!” “Falta!” “Atacante, você está impedido!” As crianças obedeciam sem questionamento.

Nick estivera em todos os três jogos. Não houvera tempo para conversar. Ele também tinha funções. Teve de ser o juiz do jogo de futebol de Tom. *Somos tão bons pais*, pensara Alice, com um misto de orgulho e medo. Seria esse o problema? Seria por isso que precisavam “tentar”? Porque ela era uma “mãe” e ele era um “pai”, e mães e pais eram genéricos, tediosos e não muito *sexies*? (Será que era por isso que tinha gente se beijando em lavanderias nas festas? Para se lembrarem de que haviam sido adolescentes atrevidos?)

Amanhã era Dia das Mães. Dia das Mães com Megamerengue. Alice provavelmente deveria estar preparando as coisas — terminando de anotar tudo, fazendo as ligações de último minuto para verificar se as pessoas tinham feito o que deveriam, mas ela não estava muito interessada no Megamerengue do Dia das Mães. De qualquer forma, naquele dia, o comitê pareceu ter as coisas sob controle.

— Entre — ela disse a Dominick, de olho nos biscoitos.

— As crianças estão dormindo? — perguntou ele.

— Sim, embora... — ela estava prestes a dizer que Tom provavelmente estava brincando com seu Nintendo embaixo das cobertas, mas a experiência do cabelo cortado por Madison a fez parar. Isso seria como dedurar o filho ao diretor da escola.

— Como foi com a Kate, com os cabelos de Chloe? — perguntou ela.

— Histórica, como previsto — disse Dominick.

— Deixei um recado me desculpando — disse Alice. — Ela não ligou de volta.

— Você entende que eu não tive nenhuma escolha a não ser suspender Madison, não é? — perguntou Dominick, enquanto Alice pegava as flores das mãos dele. — Eu não queria...

— Ah, sim, é claro, não se preocupe com isso. Aliás, são lindas. Obrigada.

Dominick colocou os biscoitos em cima do balcão e girou a garrafa de licor nas mãos.

Ele disse:

— Eu saberei quando sua memória voltar.

— Como? — perguntou Alice.

— Pela forma como você me olha. Agora você tem um jeito amistoso e cortês de me olhar como se realmente não me conhecesse, como se nós nunca...

Ai, Deus, a pequena Chloe Harper estava certa. Eles tinham “feito sexo”.

Ele pousou a garrafa de licor e se aproximou dela.

Não, não, não. Outro beijo, não. Isso seria errado. Não estaria dentro do clima de “tentar”.

— Dominick — disse ela.

A campainha tocou.

— Com licença — disse Alice.

Era Nick, na porta da frente.

Ele estava segurando uma garrafa de vinho, queijo, biscoitos e tulipas idênticas às que Dominick trouxera. Elas só podiam estar em promoção, em alguma loja local.

— Você arrumou os leões — disse Nick, encantado. Ele se abaixou e afagou a cabeça de George. — Bom dia, velho companheiro.

— É melhor eu ir andando — Dominick viera até a porta. — Alice viu que ele notou as flores e o vinho.

— Ah, oi — Nick se endireitou, o sorriso sumiu. — Eu não sabia, não vou...

— Não, não. Eu já estava indo — disse Dominick, firmemente. — Eu a verei amanhã. — Ele tocou o braço de Alice e rapidamente desceu os degraus.

— Interrompi algo? — Nick a seguiu pelo corredor e viu o buquê de tulipas de Dominick. — Ah, todos estão trazendo agradinhos esta noite.

Alice bocejou. Ela queria que sua vida voltasse ao normal. Uma noite de sábado em casa. Ela queria dizer “Estou cansada. Acho que vou pra cama”, e queria que Nick dissesse, sem desviar a cabeça da televisão: “Está bem, eu só vou terminar de ver esse filme e subo”. Depois, ela queria que eles lessem seus livros juntos na cama e desligassem o abajur, e adormecessem. Quem poderia imaginar que uma noite de sábado em casa pareceria tão exótica?

Em vez disso, ela abriu o pacote de biscoitos de chocolate de Dominick, comeu um e ficou olhando Nick, em pé, sem jeito, em sua própria cozinha.

— Devo abrir isso? — perguntou ele.

— Claro.

Ele abriu o vinho e serviu um copo para cada um. Alice colocou o queijo num prato e sentou de frente para ele, na mesa comprida de jantar.

— Você vem amanhã? — perguntou Alice, comendo outro biscoito de chocolate. — Para o dia do Megamerengue?

— Ah, não, eu não estava pretendendo. Você quer que eu venha?

— É claro!

Nick riu, daquele jeito meio espantado.

— Então, está bem.

— Acho que vai acabar até a hora do almoço — disse Alice. — Então, você poderá

ir à casa de sua mãe.

Nick a olhou, inexpressivo.

— Para o almoço do Dia das Mães — disse Alice. — Lembra? Você disse a Ella que ia, na Noite do Talento.

— Ah. É. Certo.

— Como é que você se vira sem mim? — disse Alice, descontraidamente.

O rosto de Nick ficou sério.

— Eu me viro bem. Não sou totalmente inútil.

Alice se retraiu diante do tom.

— Eu nunca disse que você é. — Ela pegou um pedaço de queijo. — Ou eu disse isso?

— Você não acredita que eu seja capaz de cuidar das crianças, nem pela metade do tempo. Segundo você, eu não me lembraria de todas as atividades que eles têm depois da escola, nem daria conta de assinar as autorizações, ou o que quer que seja. Eu me esqueceria de ler o importantíssimo informativo escolar. Você nem sabe como consigo administrar uma empresa.

Bem, você tem uma secretária para lidar com todos os detalhes.

Ela não tinha certeza de qual das Alices dissera isso: se havia sido a Alice ríspida, do futuro, ou a Alice real. Nick sempre fora um homem de ver o panorama geral.

Ele voltou a encher os copos de vinho.

— Não suporto vê-los apenas no fim de semana. Não consigo ser natural com eles. Às vezes, ouço a voz do meu pai saindo da minha boca quando os vejo. Aquela alegria falsa. Estou dirigindo para ir buscá-los e me pego preparando piadas pra eles. E penso: “Como cheguei a isso?”.

— Você passou bastante tempo com eles durante a semana?

— Eu sei o que você está querendo afirmar. Sim, eu trabalho longas horas, mas você nunca parece se lembrar das épocas em que eu voltava pra casa cedo. Naquela época eu andava de bicicleta com a Madison, e nas noites de sexta-feira, durante o verão, eu jogava críquete com Tom, durante horas, bem, você sempre diz que foi só uma noite de sexta-feira, mas eu sei que foram pelo menos duas, e eu...

— Eu não estava querendo afirmar nada.

Nick passou o dedo na borda do copo e olhou para Alice, com uma expressão de quem diz “Vou falar sinceramente”.

— Não tenho sido muito bom em alcançar o equilíbrio entre vida e trabalho. Preciso me dedicar a isso. Se nós voltarmos, eu vou melhorar. Estou comprometido com isso.

— Certo — disse Alice. Ela queria debochar dele por dizer “Estou comprometido com isso”, mas Nick estava agindo como se fosse um momento decisivo. Apenas não parecia algo tão importante para ela. E daí que ele tinha de trabalhar longas horas, às vezes? Se isso era o que ele precisava fazer por sua carreira, então muito justo.

— Imagino que meu concorrente não trabalhe tantas horas — disse Nick.

— Concorrente? — O vinho estava subindo à cabeça de Alice. Sua mente estava repleta de pensamentos embaçados, vislumbres dos rostos de pessoas que não conhecia e vagas lembranças de sensações intensas que ela não conseguia descrever.

— Dominick.

— Ah, ele. Ele é legal, mas o negócio é que sou casada com você.

— Estamos separados.

— Sim, mas estamos *tentando* — Alice deu uma risadinha. — Desculpe, não sei por que acho isso engraçado. Não é engraçado. Não tem nada de engraçado. Talvez eu precise de um copo de água.

Ela se levantou e, ao passar por Nick, subitamente se plantou em seu colo, como uma garota paqueradora numa festa.

— Você vai *tentar*, Nick? — disse ela, junto do pescoço dele. — Vai tentar com muito, muito afinho?

— Você está altinha — disse ele, depois a beijou, e finalmente tudo ficou como deveria. O corpo dela se derreteu junto ao dele, com um alívio extraordinário. Foi como mergulhar numa banheira quente, depois de pegar chuva, como deitar em lençóis de algodão, depois de um dia exaustivo.

— Papai? — disse uma voz, vindo de trás deles. — O que está fazendo aqui?

As pernas de Nick deram um salto e Alice foi lançada, ficando de pé.

Olivia estava em pé na cozinha, de pijama, esfregando os olhos com os nós dos dedos, as bochechas vermelhas de dormir. Ela deu um grande bocejo, esticando os braços acima da cabeça.

Depois franziu o rosto, perplexa, e uma expressão de puro deleite surgiu em seu rosto.

— Você ama a mamãezinha de novo?



Grandes reflexões de uma bisavó!

Desculpem por eu ter encerrado os comentários em minhas duas últimas mensagens, principalmente porque sei que todos vocês estão loucos para comentar, mas, por alguma razão, eu só queria expor, sem ouvir as respostas, por um tempo.

Deixem-me esclarecer, antes que vocês fiquem tão empolgados. Não existe *relacionamento*, ou nada desse tipo.

Apenas um flerte inofensivo. Por que não? Certamente é divertido! Eu vou levá-lo ao Megamerengue do Dia das Mães de Alice amanhã.

Ah, e mais uma evolução interessante. Acabo de voltar de outra batalha no PlayStation com X (é claro que saí vitoriosa!) e ele fez uma confissão.

No fim das contas, ele lê este *blog*!

Bem, eu fiquei chocada, mas não posso reclamar. Nunca coloquei uma senha de proteção e isso é de domínio público, mas eu não sabia que alguns residentes daqui da vila já viam o *blog*.

E, no fim das contas, X chegou até a *comentar*, sob um pseudônimo. O maroto. Ele se recusa a me dizer sob que nome. Alguma ideia?

COMENTÁRIOS

A Vovó Maravilha disse...

Eu tenho algumas reservas sobre isso, Frannie. Ele já te enganou! Isso é base para um relacionamento? (Acho que foi o AB74. Ele sempre pareceu um tipo rude.)

AB74 disse...

Não fui eu, Vovó Maravilha. Aponto meu dedo para o sem-vergonha do Frank Neary!

Frank Neary disse...

Não fui eu, Srta. Jeffrey. Eu sempre falei de coração.

Beryl disse...

Acho que foi a Vovó Maravilha! Que ótimo disfarce! E, independentemente do nome que você dê — flerte, romance ou pedaço de queijo —, apenas aproveite cada momento, Frannie!

DorisdeDallas disse...

Você beija bem, Frannie.

Capítulo 30

Era o “grande dia”.

Alice se sentia como um pedacinho de pano, talvez uma meia, dentro de uma imensa máquina de roupas sujas, em centrifugação. As pessoas a puxavam para lá e para cá. A certa altura, ela literalmente tinha uma em cada braço (sem reconhecer nenhuma das duas), cada uma tentando arrastá-la para uma direção. Rostos preocupados, rostos empolgados, rostos risonhos que diziam “chegou a hora” flutuavam ao seu redor e desapareciam. As pessoas se reuniam em volta, em grupinhos aflitos, disparando perguntas, falando de problemas, de coisas que já deveriam ter sido entregues àquela hora.

— Onde devem ficar os ovos? — Onde ficarão as confeitadeiras? — As equipes de jornalistas querem confirmar que estarão aqui ao meio-dia. Eles querem entrevistá-la ao meio-dia e meia. Tudo bem?

Estamos no horário?

Equipe de jornalistas? Entrevistá-la?

Os *flashes* das câmeras piscavam parecendo luzes estroboscópicas. Ela deveria ter prestado mais atenção à reunião do Megamerengue. Não havia absorvido inteiramente a dimensão gigantesca dessa produção. Era... mega.

Elas estavam numa marquise imensa e colorida que havia sido erguida no centro do pátio do colégio, com um *banner* que dizia: *Megamerengue do Dia das Mães: assista a 100 mães assando a maior torta merengue de limão do mundo! Entrada \$10 dólares (Crianças grátis). Todo a arrecadação será destinada ao seu colégio e à Pesquisa do Câncer de Mama.*

Do lado de dentro, a marquise fora montada ao estilo de auditório, com arquibancadas ao redor, onde as pessoas podiam se sentar e assistir. Em volta das paredes da tenda havia cartazes com os nomes das empresas que “orgulhosamente patrocinavam o Megamerengue do Dia das Mães”. Alice viu que um deles era da Cafeteria do Dino. No meio ficava todo o equipamento para fazer a torta.

Parecia um canteiro de obras. Havia uma empilhadeira, um misturador de concreto, um *guindaste* e uma fôrma e um forno especialmente criados para assar a torta. Uma imensa mesa redonda havia sido montada com as tigelas para fazer a mistura, posicionadas em intervalos. Ao lado de cada tigela havia um sortimento caprichado de ingredientes: ovos, farinha, manteiga, limão e açúcar. O marido de Maggie, o homem de rosto vermelho que estava na esteira, e que aparentemente administrava algum tipo de fábrica, era o encarregado do equipamento e comandava trabalhadores confusos.

— Agora, deixe-me esclarecer algo: primeiro, nós assamos a massa sem o recheio, certo? — ele perguntou a Alice.

Bem, ao menos ela sabia a resposta a essa pergunta.

— Sim — disse ela, depois, mais firmemente. — Sim, isso mesmo.

— Perfeitamente, chefe — disse ele, e saiu apressado.

As pessoas entravam na tenda, entregando o dinheiro a duas mulheres do Comitê do Megamerengue que estavam sentadas na entrada. As arquibancadas rapidamente

lotavam. Um grupo de crianças com instrumentos de bronze começou a entoar uma melodia.

Um canto da tenda havia sido dedicado a atividades para as crianças. Todas as atividades tinham o “mega” como tema. Elas podiam soprar bolhas gigantes de sabão, atirar uma bola gigante de espuma por aí, pintar uma megatela com pincéis enormes. Alice deixara Madison, Tom e Olivia se divertirem.

— Tudo transcorrendo bem? — alguém disse.

Era Dominick. Ele estava com Jasper, sacudindo sua mão. Alice olhou para cima e cruzou com o olhar de Dominick e desviou, sentindo-se culpada. Ela se sentia como se o tivesse traído, o que... bem, talvez o tivesse.

— Desculpe por ontem à noite — disse ela.

— Nem pense nisso hoje — respondeu ele. — Ah, mas eu só estava pensando se você se lembra de hoje à noite? *O fantasma da ópera*?

Depois do beijo interrompido da noite anterior, Nick levou Olivia de volta para a cama e depois foi embora. Eles combinaram que o primeiro “encontro romântico” seria nesta noite. Voltariam ao restaurante italiano preferido dos dois. Nick dissera que faria as reservas.

— É... na verdade, eu tinha esquecido — Alice começou a dizer. Ela realmente precisava terminar com esse homem educado. — Dominick, o negócio é o seguinte...

— Alice, minha *querida*! — Era Kate Harper, com uma aparência especialmente brilhosa, sob o sol matinal que entrava pela tenda. Um homem com uma cara descontente vinha logo atrás, junto com a emburrada Chloe. Os cabelos curtos de Chloe haviam ganhado um corte com um novo estilo, mas verdade seja dita, ela não estava nem de longe tão bonita sem seus lindos cachos esvoaçantes.

— Tudo bem, falaremos mais tarde — disse Dominick. — Se precisar de mim, é só dizer. Estou aqui para você.

— Também estou aqui para você, Alice — tagarelou Jasper.

— Fiquei surpresa em ver Madison aqui — disse Kate, com a voz gélida. — Achei que fosse deixá-la em casa, diante do... incidente.

— Madison está sendo punida com muita severidade — disse Alice, séria. Bem, ela seria, assim que Alice e Nick pensassem em algo apropriado. Ela deu uma olhada e viu Madison extasiada, ao chegar sua vez de soprar uma bolha gigante de sabão. Mas Madison estava num humor tão adorável que seria uma pena estragá-lo.

— Assim espero — disse Kate. Ela baixou o tom de voz. — Porque Chloe está *traumatizada*. Ela não está comendo, nem dormindo direito. Isso é uma coisa que irá marcá-la para o resto da vida.

— Kate, dê uma folga à pobre mulher — disse o marido de Kate. — Ela está atarefada neste momento.

As narinas de Kate fumegaram, como se a própria Alice tivesse pedido uma folga. — Sei que está ocupada, mas não estou certa se você tem noção da seriedade do assunto. Seu recado telefônico pareceu quase frívolo. O que Madison fez foi ultrajante.

— Desculpe! Receio que tenhamos de roubar Alice de você.

Eram Maggie e Nora, suas amigas do Comitê do Megamerengue, puxando Alice pelos cotovelos e gentilmente a afastando.

— Você não é uma das mães do Megamerengue, é, Kate? — perguntou Nora, por

cima do ombro. — Talvez queira se sentar.

Alice viu Kate saindo como um raio, falando furiosamente no ouvido do marido, agarrada ao braço dele.

— Não sei o que devo fazer — Alice admitiu para Nora e Maggie. — Estou apenas concordando quando as pessoas me fazem perguntas. — Isso não era como apitar o jogo de *netball*, quando sua mente entrava no piloto automático.

— Tudo bem — disse Maggie. — Tudo funcionará como um relógio, graças a você.

Ela abanou uma folha de papel diante do rosto de Alice, com a programação do dia e anotações feitas com sua própria letra, que ela não lembrava ter feito. Ela via que escrevera *Sigam a programação!!* em letras maiúsculas, sublinhadas duas vezes.

Uma expressão de desgosto surgiu no rosto de Maggie.

— Ai, Deus, seu *ex* está aqui. O que ele está fazendo aqui? Tentando parecer um pai participativo, eu imagino.

Ex. Diante da palavra “ex”, Alice imediatamente visualizou seu ex-namorado antes de Nick.

Richard Bourke. O paternalista que partiu seu coração. Mas quando ela se virou, era Nick que estava passando pela entrada da tenda, lindo, de camisa azul. Uma vez, ela lhe dissera que sempre deveria usar azul.

— Eu o convidei — ela disse a Maggie.

Maggie a observou.

— Ah. Bem, tudo bem.

— Aliás, estamos imaginando que uma de nós terá de ser mestre de cerimônias, não? — disse Nora.

— Podemos dizer que você não tem andado muito bem. É claro que nossa anãzinha residente, a Sra. H, adoraria colocar as mãos no microfone e levar o crédito pelo evento inteiro, se não a tivéssemos impedido.

— Microfone? — disse Alice, confusa.

Nora gesticulou para o microfone, num palco, no centro da tenda.

Meu bom Deus. A ideia era que *Alice* falasse diante de toda aquela gente.

— Ah, não, absolutamente não, quero dizer, absolutamente *sim*, uma de vocês pode fazer isso — disse ela.

— Sem problema — disse Nora. Seu rosto ficou neutro, conforme Nick se aproximou. — Oi, Nick.

— Oi, Nora, Maggie. Como vão vocês? — Pouco à vontade, Nick acenou com a cabeça para as duas mulheres. Aquilo fez Alice se sentir protetora do pobre Nick, por vê-lo no papel de ex-marido com a popularidade tão em baixa. Da mesma forma como ela fora a ex-mulher “vaca” com a irmã dele, na Noite de Talento.

— Feliz Dia das Mães — disse Nick a Alice, quando Nora e Maggie desapareceram em meio à multidão. — Você ganhou café da manhã na cama?

Alice assentiu.

— Panquecas. Acho que eles começaram a cozinhar às cinco da manhã. Ouvi barulho e batidas, e gritos. Você tinha de ver a cozinha agora. Mas tenho de dizer, as panquecas ficaram maravilhosas.

Acho que Madison será uma *chef* algum dia. Uma *chef* bem mandona, barulhenta e bagunceira.

— Lamento que eu não estivesse lá para supervisionar — disse Nick. — Seu primeiro Dia das Mães sem mim.

— Tomara que seja o último — disse Alice.

— Decididamente — disse Nick, com os olhos presos aos dela. — Acho que decididamente.

— Ora, ora, ora, o que temos aqui, Barb? Creio eu que são nossos ótimos alunos de salsa! — A mãe de Alice e o pai de Nick estavam ao lado deles. Roger os pegou pelos ombros, ao estilo de vendedor de carros, o aroma familiar de sua colônia pós-barba pairava em seus rostos como um lenço transparente, enquanto Barb estava ao lado, radiante de orgulho, como se Roger estivesse novamente realizando uma grande façanha.

— Como está você, querida? — Barb perguntou a Alice. — Claro que você está adorável, mas está tão pálida. E com olheiras. Deve ter alguma virose por aí, pois Elisabeth está *verde*.

— Libby está aqui? — perguntou Alice, surpresa.

— Ela está ali, com Frannie — disse Barb, apontando para um dos bancos da arquibancada, onde Elisabeth estava sentada com Ben. Ela realmente estava parecendo doente. Náusea. Isso só podia ser um bom sinal. Ao menos não estava assistindo à televisão.

Sentada ao lado de Ben estavam Frannie e o homem de cabelos brancos, que organizara a corrida de cadeiras de rodas, na Noite de Talento. Frannie estava sentada bem ereta, olhando ao redor, constrangida, mas, enquanto Alice observava, o homem disse algo em seu ouvido que a fez bater palmas e cair na gargalhada.

— Aquele é o *cavalheiro amigo* de Frannie — disse Barb, cuidadosamente. — Xavier. Não é adorável? Para ser honesta, eu sempre imaginei que Frannie fosse lésbica.

Alice ficou de boca aberta, vendo a mãe usar a palavra “lésbica” com tanta casualidade.

— Bem, não precisa ficar tão chocada — disse Barb. — Ela não teve um namorado durante os quarenta anos que a conheço.

— Ela é provavelmente exigente — disse Roger. — Precisava achar o sujeito certo. Como você.

— Ai, seu danado! — disse Barb, num tom de flerte, radiante de felicidade. — Tive sorte de achar você.

— O papai é que teve sorte de achá-la — disse Nick, subitamente sério. A mãe de Alice olhou para ele, surpresa, com o rosto vermelho de alegria. — Ora, mas isso é algo muito bacana de se dizer, Nick.

Maggie surgiu novamente, vestindo um avental cor-de-rosa, que dizia “Megamerengue do Dia das Mães” na frente, com a foto de uma imensa torta merengue de limão. Embaixo, dizia “*Dia das Mães, Sydney, 2008*”. Ela estava segurando outro para Alice.

— Os aventais ficaram bem bonitos, Alice! — disse ela, ao colocar o avental ao redor do pescoço de Alice e amarrá-lo em sua cintura.

Alice olhou em volta e viu fileiras de mulheres vestidas de avental rosa, perfilando a enorme mesa com as tigelas para a mistura.

— Parece que estamos prestes a começar — disse Maggie. — Por você, tudo bem?

— Com certeza — disse Alice, indiferente.

— Você fica aqui — disse Maggie. — Ao meu lado.

— Boa sorte, querida — disse Barb. — Espero que eles tenham cuidado com aquele forno. É muito fácil queimar o merengue, numa torta merengue de limão. Lembro que uma vez eu estava fazendo um, quando o chefe de seu pai vinha para o jantar. Fiquei terrivelmente chateada. Lembro que olhei o forno e pensei...

— Venha, Barbie — disse Roger, puxando-a pelo braço. — Você pode me contar o resto da história quando estivermos sentados.

Ele piscou para Alice e guiou a mãe, que ainda falava, rumo à plateia, e Alice sentiu grande afeição por ele. Ele amava Barb — do seu modo, mas ele a amava.

— Vou chamar as crianças para se sentarem — disse Nick e seguiu para a área infantil.

Alice foi ficar ao lado de Maggie, junto com as outras mulheres de avental rosa, tomando sua posição ao redor da mesa.

— Mas que evento — disse a mulher que estava em pé, ao lado de Alice. Ela tinha uma marca de nascença que parecia uma queimadura, na metade inferior de seu rosto. — Você é uma danada maravilhosa, Alice.

Sou uma danada maravilhosa, pensou Alice. Sua cabeça estava embaçada.

Nora estava ao microfone.

— Todas assumindo seus lugares, por favor? Vamos começar a cozinhar!

Alice procurou por Nick na plateia. Ele estava com Olivia em seu colo. As asinhas de fada que ela insistiu em usar estavam passando no rosto dele. Tom estava à esquerda de Nick, tirando fotos com sua câmera digital, e Madison estava à sua direita, parecendo profundamente interessada nos procedimentos. Nick disse algo e apontou para Alice, e as três crianças ficaram radiantes, acenando em sua direção.

Alice acenou de volta e, ao fazê-lo, Dominick e Jasper cruzaram olhares com ela. Eles estavam sentados apenas duas fileiras atrás de Nick e as crianças, e acenaram vigorosamente, obviamente pensando que Alice estava acenando para eles.

Ai, Deus. Agora ela via Libby e Ben acenando para ela, junto com Frannie, Xavier, Barb e Roger.

Alice tentou fazer com que seu sorriso e aceno parecessem impessoais, para cada um deles.

Nora estava falando novamente.

— Estou falando em nome de Alice Love, sendo sua anfitriã hoje. Como muitos de vocês sabem, Alice teve um acidente na academia, na semana passada, e ainda não está se sentindo cem por cento.

Sabem, ainda me lembro do dia em que Alice me disse que queria juntar cem mães para assar a maior torta merengue de limão do mundo. Eu achei que ela tinha pirado!

O público riu.

— Mas todos vocês conhecem Alice. Ela é como um *bull terrier* quando põe uma ideia na cabeça. — Eles riram, concordando. *Um bull terrier*? Como ela poderia ter mudado tanto em apenas dez anos?

Estava mais para labrador. Ansiosa para agradar e meio bobona.

— Porém, apenas alguns meses depois, sem surpresa, aqui estamos nós! Vamos dar uma salva de palmas para Alice!

Houve um aplauso entusiasmado. Alice assentia e dava um sorriso fingido.

— Estamos dedicando este dia a uma amiga muito querida e membro da comunidade escolar, que perdemos tragicamente, no ano passado — disse Nora. — Estamos usando sua receita de torta merengue de limão e temos certeza de que ela está conosco, em espírito, hoje. É claro que estou me referindo a Gina Boyle. Sentimos a sua falta, Gina. Um minuto de silêncio para Gina, por favor.

Alice viu as pessoas baixando a cabeça, em reverência, lembrando-se da mulher que aparentemente tivera um papel tão significativo em sua vida. Sua mente estava vaga. As panquecas daquela manhã pesavam em seu estômago. Depois de um tempo que pareceu bem mais longo que um minuto, Nora ergueu a cabeça.

— Senhoras — disse ela. — Peguem seus batedores de ovos.

Capítulo 31

As mulheres pegaram seus batedores solenemente, como se fossem músicos de uma orquestra.

— Batam os ovos, creme, açúcar, raspas e suco de limão até misturar bem — Nora lia.

Houve uma pausa, depois todas pousaram os batedores e começaram a selecionar os ingredientes.

Alice quebrou os ovos, um após outro, dentro da tigela. Ao seu redor, todas as mulheres faziam o mesmo. Havia risinhos e sussurros nervosos.

— Não vão deixar cair casca de ovo aí dentro! — gritou alguém da plateia, causando muito riso.

Após alguns minutos, o som das batidas preencheu a tenda.

Sob as instruções de Nora, depois que elas tinham terminado, ficaram enfileiradas para despejar a mistura num imenso tonel industrial amarelo.

Isso será um absoluto desastre, pensou Alice.

— Coloquem a farinha, a mistura de amêndoas, o glacê e a manteiga no processador, batendo até que pareça farinha de rosca — Nora lia. — Em vez de usar um processador de alimentos, usaremos um misturador de concreto. Não se preocupem, está limpo! Então, por favor, cada uma das mães coloque a mistura de seus ingredientes no misturador.

— Não posso acreditar que estejamos fazendo isso — Alice sussurrou para Maggie, enquanto as mães se perfilavam, com suas tigelas de ingredientes. — Isso é uma loucura.

Maggie riu.

— É tudo obra sua, Alice!

Um dos operários desnorteados operava o misturador de concreto, enquanto as mães separavam as gemas das claras.

— Acrescente a gema de ovo e bata — ordenou Nora.

Mais uma vez, as mulheres fizeram fila para acrescentar suas gemas. Alguns minutos depois, uma bola de massa amarela foi despejada do misturador de concreto, em cima da superfície enfarinhada do centro da mesa.

— Sovem até ficar uniforme.

As mulheres se juntaram ao redor da mesa sovando e puxando a massa. Esse doce não será comestível, pensou Alice, observando as mãos inexperientes sovando e puxando. Os *flashes* das câmeras piscavam.

— Agora, na verdade, deveríamos colocar a massa na geladeira, por meia hora, mas hoje o que importa é a quantidade em vez da qualidade — disse Nora. — Portanto, vamos passar diretamente à abertura da massa.

Os operários carregaram os rolos gigantes.

Alice observou como três mulheres em pé, de cada lado do rolo, segurando firmemente, começaram a empurrar para a frente, como se estivessem empurrando um carro enguiçado.

Havia risinhos e gritinhos da plateia, que dava sugestões, enquanto as mulheres

seguiram em diferentes direções, mas, incrivelmente, após alguns minutos, a massa começou a alisar. Estava dando certo. Estava, de fato, dando certo. Começava a surgir uma camada imensa de massa, do tamanho de uma cama de casal *king-size*.

— Agora vem a parte difícil — disse Nora. — Forrar a fôrma da torta.

Jamais conseguiremos, pensou Alice, enquanto as mulheres se reuniam ao redor da camada de massa e a erguiam no ar, com as palmas retas, como se estivessem carregando um tipo de quadro precioso. Cada mulher tinha exatamente a mesma expressão aterrorizada de concentração no rosto.

— Merda, merda, merda, merda — disse a mulher com a marca de nascença, quando a massa começou a ceder no meio. Outra mulher correu para salvá-la. Elas estavam pisando nos pés umas das outras, gritando ordens precisas, como “Cuidado ali!” e “Olha aquela parte!”.

Ninguém sorriu, nem riu, até que a delicada camada de massa estivesse seguramente colocada sobre a imensa fôrma. Elas conseguiram. Nenhum rasgo grande ou rachaduras. Foi um milagre.

— Viva! — gritou a multidão. E as mulheres compartilhavam o sorriso, enquanto usavam os polegares para empurrar a massa para as laterais da travessa. Depois elas a cobriram com folha após folha de papel-manteiga e colocaram pesos de cerâmica próprios para irem ao forno. Finalmente, os operários ergueram a travessa e a colocaram no forno.

— Vamos assar por dez minutos — Nora disse suavemente, como se não fosse surpreendente que elas já tivessem chegado tão longe. — E, enquanto isso, nossas espertas mães farão o merengue.

As senhoras voltaram às suas mesas e começaram a bater as claras em neve, gradualmente acrescentando o açúcar.

A tenda foi tomada pelo calor do forno. Alice sentia seu rosto ficando vermelho e as gotas de suor se formando na testa. O cheiro da massa assando preencheu o ar. Sua cabeça doía. Ela imaginou se não estaria ficando resfriada.

O cheiro da massa parecia fazê-la querer lembrar algo. Exceto por ser algo grandioso demais para ser lembrado. Era como a imensa camada de massa. Grande demais para uma pessoa.

— Você está bem? — O rosto de Maggie surgiu diante de Alice.

— Bem, estou bem.

A fôrma de massa foi retirada do forno, com uma salva de palmas. Estava dourada. O papel-manteiga e os pesos de cerâmica foram removidos e o tonel de recheio de limão foi despejado na massa. Em seguida, veio o merengue. As mulheres estavam radiantes de alívio. Elas dançavam ao redor da torta, como colegiais, virando suas misturas brancas de merengue sobre o recheio e usando colheres de pau para formar picos nevados.

Mais *flashes* de câmeras.

— Alice? — disse Nora, ao microfone. — Temos sua aprovação?

Alice se sentia como se o mundo tivesse sido embrulhado em algum tipo de gaze. Sua visão estava ligeiramente embaçada, sua boca parecia estar cheia de algodão. Era como se ela tivesse acabado de acordar e tentasse limpar a cabeça dos sonhos da noite anterior. Ela piscou e olhou para a torta.

— Será que alguém pode apenas alisar o merengue, ali naquele canto? — disse ela,

surpresa por sua voz ter saído bem normal. Uma mulher se apressou para obedecê-la.

Alice assentiu para Nora.

— E agora, senhoras e senhores, nós vamos *assar* — disse Nora.

O marido de Maggie deu um sinal, erguendo o polegar para o manobrista da empilhadeira. Os olhos de todos estavam fixos na magnífica torta, enquanto ela foi erguida pela empilhadeira e deslizada para dentro do forno. Houve outra rodada de aplausos.

— A quarta série gentilmente se ofereceu para nos entreter, enquanto a torta estiver assando — disse Nora. — Como muitos de vocês devem lembrar, nossa querida amiga Gina adorava Elvis. Sempre que estava cozinhando, ela punha Elvis para tocar. Ninguém conseguia fazê-la tocar mais nada. Portanto, a quarta série irá nos apresentar uma coletânea de Elvis. Gina, meu bem, isso é para você.

Houve uma explosão de riso e saudações, assim que trinta miniaturas do Elvis seguiram para o centro da tenda, fazendo pose. Eles estavam de óculos escuros e macacões brancos de cetim, completos, até com pedrinhas. Uma professora apertou o botão do som e as crianças começaram a dançar ao estilo de Elvis, com a música “Hound Dog”.

Não havia lugar para que as mães do Megamerengue sentassem, então todas se recostaram na mesa comprida. Algumas tiraram os aventais cor-de-rosa. As pernas de Alice doíam. Na verdade, tudo doía.

Ah, essa música é tão... familiar.

Sim, porque é Elvis. Elvis é familiar para todo mundo.

A música mudou para “Love Me Tender”.

O cheiro adocicado de limão da torta assando era esmagador. Era impossível pensar em qualquer outra coisa, exceto torta... merengue... de limão.

Esse cheiro é tão... familiar.

Sim, isso é porque é uma torta merengue de limão. Você sabe qual é o cheiro de uma torta merengue de limão.

Mas havia algo além disso. Aquilo significava alguma coisa.

Antes, o rosto de Alice dera a impressão de estar vermelho e quente. Agora estava frio, como se ela tivesse tido contato com o vento gelado.

Ai, Deus, ela não estava bem. Realmente não estava bem.

Ela olhou desesperadamente para o público, buscando a ajuda de alguém.

Ela viu Nick subitamente erguer Olivia de seu colo e levantar.

Viu Dominick ficando de pé, franzindo o rosto, preocupado.

Os dois estavam abrindo caminho por entre as pessoas, tentando chegar a ela.

Agora, a música era “Jailhouse Rock”.

O cheiro do merengue de limão estava ficando cada vez mais forte. Entrava diretamente em suas narinas, penetrando em seu cérebro, inundando-o de lembranças.

Oh, Deus, é claro, é claro, claro.

As pernas de Alice dobraram.

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Perdi o colapso de Alice, pois tinha saído para ir ao banheiro.

Eles haviam colocado uma fileira daqueles banheiros químicos azuis.

Eu estava sangrando.

Pensei: *Que adequado* que eu esteja perdendo meu último bebê num banheiro químico.

Ordinário e de fazer rir. Como minha vida.

Capítulo 32

Oi!

A mulher que abrira a porta estava sorrindo, encantada, limpando as mãos num avental florido, como se Alice fosse uma amiga muito querida.

Alice não queria ir. Ela não ficara muito animada quando essa “Gina” se mudara para a casa do outro lado da rua e aparecera no dia seguinte, batendo em sua porta, para convidar Alice para um “chá forte”. Para começar, não era Alice quem deveria fazer o convite, se era ela quem já morava ali? Isso a fez se sentir culpada, como se essa mulher já tivesse ganhado um ponto sobre ela, pela etiqueta. E só de olhar para Gina, ela podia ver que não se tratava de seu tipo de pessoa.

Espalhafatosa demais. Dentes demais. Maquiagem demais. Perfume demais. Tudo demais. Ela era uma daquelas mulheres que esgotavam a personalidade de Alice. E “chá forte”? O que havia de errado com um chá comum, no meio da tarde?

Isso seria terrível.

Olá, querida! Gina se abaixou para dizer olá a Madison.

Madison se agarrou à perna de Alice, aflita de vergonha, enfiando o rosto no meio de suas pernas. Alice detestava quando ela fazia isso. Sempre pensava se as pessoas achariam que a garota havia herdado as péssimas habilidades sociais da mãe.

Sou terrível com crianças, disse Gina. Terrível. Talvez seja por isso que estou tendo tantos problemas para engravidar.

Alice seguiu Gina pela casa, tentando soltar Madison, que ainda estava pendurada em sua perna. Por todo lado havia caixas esperando para serem abertas.

Eu devia tê-la convidado para ir à minha casa, disse Alice.

Tudo bem, sou eu quem está desesperada para fazer amigos, disse Gina. Vou tentar seduzi-la com minha torta merengue de limão. Ela se virou rapidamente, mexendo numa caixa. Não literalmente seduzi-la.

Ah, mas que pena, disse Alice. Depois, rapidamente, pateticamente, disse: Isso também é piada.

Gina riu e a conduziu até a cozinha. Estava morna e exalava o cheiro doce da torta merengue de limão. Elvis estava tocando no aparelho de som.

Pensei em falar chá forte, em vez de chá da tarde, disse Gina, para que pudéssemos tomar champanhe. Gostaria de tomar champanhe?

Ah, claro, disse Alice, embora ela normalmente não bebesse durante o dia.

Gina fez uma pequena dança, no mesmo lugar. Graças a Deus. Se você dissesse que não, eu não poderia beber sozinha e, você sabe, isso facilita um pouquinho quando se

está falando com gente nova. Ela estourou a rolha e arranjou duas taças. Mike e eu somos de Melbourne. Não conheço viva alma em Sydney. Por isso é que estou buscando amigos. E atualmente Mike está trabalhando longas horas. Eu fico solitária durante a semana.

Alice esticou a taça para ser servida.

Ela disse: Nick também começou a trabalhar longas horas.



— Alice?

— Alice?

Nick a segurava de um lado e Dominick, do outro. Suas pernas pareciam geleia.

— A cabeça — disse Alice.

— Está doendo? — perguntou Dominick.

Não, quero dizer que está voltando à minha cabeça, minha memória está voltando.

Era como se uma maldita parede tivesse explodido em seu cérebro, liberando uma torrente de lembranças.

— Pegue um pouco de água para ela — disse alguém.



Alice precisava de uma nova amiga. Quando Madison tinha cerca de um ano, Sophie rompera com Jack (que choque) e encontrara um novo círculo de amigas solteiras, lustrosas, com seus saltos finos, com noitadas que começavam depois das nove da noite, pegando táxis para bares elegantes na cidade. Ela e Alice se afastaram.

E Elisabeth estava distraída, triste, nunca ouvia realmente.

Então, a amizade com Gina rapidamente cresceu. Foi como se apaixonar. E Nick e Mike também se deram bem! Todos viajavam para acampar. Faziam jantares improvisados que seguiam noite adentro, enquanto as crianças dormiam nos sofás. Era maravilhoso.

As meninas gêmeas de Gina, Eloise e Rose, nasceram alguns meses antes de Olivia. Tinham olhos castanhos enormes, sardas no nariz e os cabelos esvoaçantes de Gina. Todas brincavam tão bem juntas.

Num ano, as duas famílias alugaram barcos juntas, no Rio Hawkesbury. Guiavam os barcos lado a lado. Remaram com os botes sob o luar e fizeram churrasco no convés superior. Olivia e as gêmeas pintaram as unhas dos pés de Alice e de Gina de cores diferentes. Numa manhã, Gina e Alice foram nadar, após o café, e ficaram boiando, admirando as unhas dos pés, enquanto Nick, Mike e as crianças brincavam de Marco Polo. Todos concordaram que foram as melhores férias que já tinham tido.



É claro que ela dissera a Gina que estava grávida de Olivia antes de dizer a Nick. Nick estava passando duas semanas no Reino Unido. Ele só ligara duas vezes. Duas vezes em duas semanas. Ele estava incrivelmente ocupado, dissera ele. Estava disperso. Mas eles haviam ganhado o negócio! Ele ganhou o bônus! Finalmente poderíamos pagar pela piscina!



*— Lá — ela disse a Nick.
— O que disse?
Ela estava tentando dizer: “Você nunca estava lá”.*



No ano do projeto Goodman, Nick nunca estava lá. Quando ele voltava para casa, tinha cheiro de escritório. Suor corporativo. Até mesmo quando falava com ela, estava pensando no escritório.

Olivia teve três infecções de ouvido em três meses.

Tom estava tendo crises horríveis de birra.

Da noite para o dia, Madison se tornou tão nervosa com a escola que passou a vomitar todas as manhãs. Isso não é normal, Nick. Precisamos fazer alguma coisa sobre isso. Não consigo dormir, de tão preocupada que estou.

Nick disse: é só uma fase. Não posso falar sobre isso agora, tenho um voo amanhã cedo.

Gina disse: eu encontrei um psicólogo de crianças que pode ajudá-la. Vamos falar com o diretor da escola a respeito disso? O que a professora dela diz? Posso tomar conta de Tom e Olivia para você, enquanto você passa um tempo especial com ela? Que preocupação para você.



Gina era o tipo de pessoa que se envolvia com coisas na escola. Era voluntária para tudo. Alice também se tornou esse tipo de pessoa. Ela gostava. Era boa nisso.



Mike e Gina estavam tendo problemas. Gina contava a Alice cada afirmação cruel,

cada gesto insensível. Mike disse a Nick que não estava feliz com sua vida. Alice e Nick deram uma festa de Natal, numa noite quente de verão. Mike ficou bêbado e beijou aquela horrenda da Jackie Holloway na lavanderia. Gina foi pegar champanhe e os encontrou.



Nick e Alice estavam na cama, numa noite, conversando no escuro.

Mike é meu amigo.

Você está dizendo que o aprova por ter beijado outra mulher em nossa lavanderia?

É claro que não, mas há dois lados de toda história. Vamos simplesmente ficar fora disso.

Não há dois lados! Isso é injustificável. Ele não devia tê-la beijado.

Bem, talvez se Gina parasse de tentar transformá-lo em algo que ele não é.

Ela não está fazendo isso! O que você quer dizer? Por ela estar incentivando-o a arranjar outro emprego? Mas é porque ele não está feliz lá!

Olhe. Faz algum sentido assumirmos o papel da briga deles, com você interpretando Gina e eu no papel de Mike?

Eles deram as costas um para o outro, cuidadosamente, para não se tocarem.



Não foram “cerejas”. Foi metade de uma travessa de frutas. Uma linda travessa de frutas que ela passara a manhã inteira arrumando para levar para a casa da mãe dele. Ela estava correndo de um lado para o outro, tentando arrumar as crianças e, em vez de ajudar, ele estava lendo o jornal e alegremente comendo a bandeja de frutas, como se Alice fosse sua empregada.



Depois que Mike saiu de casa, Gina queria perder peso. Então, Alice e Gina decidiram arranjar um personal trainer. Elas entraram para uma academia. Começaram a fazer aulas de step. O peso foi sumindo. Elas foram ficando cada vez mais em forma. Alice estava adorando. Ela diminuiu dois números de seu manequim. Não fazia ideia de que se exercitar podia ser tão divertido.

Gina saiu para um encontro com um cara que ela conhecera na internet. Alice ficou tomando conta das crianças. Nick estava trabalhando até tarde.

Quando Gina voltou para casa, toda radiante e risonha, Alice estava deitada no sofá, com calças de moletom, e sentiu inveja. Primeiros encontros. Que coisa maravilhosa de se experimentar novamente.

Naquela noite, quando Nick voltou para casa, ele disse: Você está ficando magra

demais.



Quando Nick soube que seu pai estava namorando a mãe de Alice, ele riu bem alto. Ela não faz o tipo dele. Ele gosta de mulheres do subúrbio, com seios falsos e bons acordos de divórcio. Mulheres que leem os livros certos e assistem às peças certas. Você está dizendo que minha mãe não é culta o suficiente para seu pai? Detesto o tipo de mulher com quem meu pai geralmente sai! Então, seu pai só está se divertindo com uma pobre mãe do Distrito de Hills? É impossível falar com você. É como se você quisesse que eu dissesse a coisa errada. Ótimo. Meu pai está se divertindo. É isso que quer que eu diga? Satisfeita?



Elisabeth tinha desaparecido. Sua irmã se transformara numa pessoa amarga e zangada, com uma risada dura e sarcástica. Nada de tão ruim jamais acontecera com ninguém como estava acontecendo com Elisabeth. Alice não sabia lhe dizer nada certo.

Uma vez, perguntou se ela tivera outro embrião implantado e Elisabeth torceu o lábio, de forma desprezível. O embrião é inseminado, não é implantado, rosnou ela. Como se fosse fácil assim.

Mas que diabos, como é que Alice deveria saber a terminologia correta? Se ela a convidasse para uma das festas de aniversário das crianças, Elisabeth suspirava de uma forma que dizia que isso seria algo tormentoso, mesmo assim ia e ficava com cara de mártir o tempo todo. Não se oferecia para ajudar, apenas ficava ali, com os lábios apertados. Não precisa vir como um favor, Alice tinha vontade de dizer.

Depois do quarto aborto espontâneo, ela tentou conversar com Elisabeth. Ofereceu-se para doar seus óvulos. Seus óvulos também são velhos, disse Elisabeth. Você realmente nem sabe o que está dizendo.



Quando Roger pediu a mãe de Alice em casamento, Nick ficou zangado.

Ora, mas isso é simplesmente fabuloso. Como minha mãe irá se sentir?

Como se, de alguma forma, isso fosse culpa de Alice. Como se a mãe dela tivesse forçado Roger a se casar.



Eles pararam de fazer sexo. Simplesmente pararam. Nem falavam a respeito disso.



— Vamos levá-la lá fora, para pegar ar fresco.

Ela estava ligeiramente consciente de estar sendo meio carregada, meio arrastada para fora da tenda. As pessoas estavam olhando, mas ela não conseguia focar em nada, além das lembranças que percorriam seu cérebro.



Quando ela sentiu as primeiras dores de parto de Madison, pensou consigo mesma: Devem estar brincando. Não podem esperar que eu ature isso. Mas era o que parecia. Sete horas depois, quando o bebê havia nascido, nem ela, nem Nick acreditavam que era uma menina. Os dois estavam ridiculamente convencidos de que era menino. É uma menina, eles ficavam falando um para o outro. A surpresa os deixou eufóricos. Ela era extraordinária. Como se nunca tivesse nascido uma garotinha antes.



Tom estava em posição invertida. Ela ficou gritando para a parteira de rosto meigo: É nas minhas costas, a dor é nas minhas costas. E o tempo todo prometia a si mesma que jamais passaria novamente por isso.



Olivia foi o pior parto de todos. Seu bebê está em situação delicada. Precisamos fazer uma cesariana emergencial, e subitamente o quarto se encheu de gente, e ela estava sendo levada de maca por um longo corredor, vendo as luzes do teto passando, imaginando o que teria feito para deixar o pobre bebezinho em situação delicada, antes mesmo de nascer. Quando acordou da anestesia, uma enfermeira disse: Você teve uma linda menininha.



Madison teve seu primeiro dentinho com oito meses. Ela ficava mexendo com um dedinho e franzindo o rosto.



Tom se recusava terminantemente a se sentar na cadeirinha alta para comer. Ele nunca se sentou nela.



Olivia não andou até ter um ano e meio.



O casaquinho vermelho florido, com capuz, de Madison.



O elefante azul imundo de Tom, que tinha de acompanhá-lo a todo lugar. Onde está o elefante? Você viu esse maldito elefante?



Olivia entrou correndo no pátio do colégio, no primeiro dia de aula, dando gritinhos de felicidade. Madison teve de ser arrancada dos braços de Alice.



Um dia, Alice entrou na cozinha e encontrou Tom cuidadosamente enfiando ervilhas congeladas nas narinas. Eu queria ver se as ervilhas saíam pelos globos oculares, ele disse ao médico.



Eles perderam Olivia na praia de Newport. O pânico fez Alice ficar com falta de ar. Você deveria estar de olho, Nick ficava falando. Como se essa fosse a questão. Que Alice tivesse cometido um erro. Não que Olivia tivesse sumido, mas que era culpa de Alice.



— Alice? Respire fundo.

Ela ignorava as vozes. Estava ocupada, lembrando.



Era um dia muito frio de agosto. Ela e Gina seguiam para casa em carros separados, voltando da academia. Normalmente iam juntas, mas Alice tinha levado Madison ao dentista. O dentista disse que não havia nada de errado com os dentes de Madison. Ele não sabia o que estava causando a dor em seu maxilar. Mandara Madison para a sala de espera e perguntara a Alice, baixinho: Poderia ser estresse?

Alice olhou para o relógio impacientemente, desesperada para chegar à academia. Ela não queria perder o começo da aula de step. Já perdera a aula do dia anterior porque Olivia tinha uma apresentação na escola. Estresse? Com o que Madison poderia se estressar? Ela era impossível. Provavelmente só queria se livrar da escola.

Enquanto elas seguiam para casa, Madison estava resmungando por ter de ficar na creche da academia enquanto Alice e Gina faziam a aula.

Sou grande demais para a creche. Só tem uma porção de bebês chorando.

Bem, você deveria ter ido para a escola hoje, em vez de inventar história de dor de dente.

Eu não inventei.

Estava um dia escuro e tempestuoso. Os raios iluminavam o céu. Começou a chover. Pingos pesados batiam no para-brisa, como pedrinhas.

Mãe. Eu não inventei.

Fique quieta. Estou tentando me concentrar na direção.

Alice detestava dirigir na chuva.

O vento uivava. As árvores balançavam como se estivessem representando algum tipo de dança fantasmagórica.

Elas pararam junto à Rua Rawson. As luzes de freio de Gina se acenderam.

Gina estava dirigindo o presente extravagante que dera a si mesma, em seu aniversário de quarenta anos. Era um Mini vermelho, com listras brancas nas laterais e placa personalizada.

Nada de carro de família. Esse faz eu me sentir jovem e maluca, disse Gina. Ela o dirigia com o teto conversível abaixado e Elvis tocando no máximo.

Alice olhava o Mini na chuva e sabia que Gina estaria cantando, entusiasmada, junto com Elvis.

Aquela árvore parece que vai cair, disse Madison.

Alice olhou para cima.

Era o liquidâmbar da esquina. Lindo, no outono. Estava balançando de um lado para o outro, fazendo um rangido horrendo.

Não vai cair.

Caiu.

Foi tão rápido, violento e inesperado. Como um amigo querido subitamente lhe dando um soco na cara. Como se um Deus cruel tivesse feito isso de propósito. Para ser malvado. Pegando a árvore e lançando-a sobre o Mini num ataque temperamental. O barulho foi tremendo. Uma explosão aterrorizante. Alice atolou o pé no freio. Seu braço

voou para o lado, para proteger o peito de Madison, como se fosse para salvá-la da árvore. Madison gritava: Mamãe! Mamãe!

Mamãe!

Depois, o silêncio, exceto pelo som da chuva. A chamada do noticiário das treze horas surgiu no rádio.

Um tronco gigantesco de árvore estava caído na rua, diante delas. O pequeno Mini de Gina parecia um carrinho de lata esmagado.

Uma mulher saiu correndo de sua casa. Ela parou quando viu a árvore, com as mãos sobre a boca.

Alice encostou do outro lado da rua. Ela ligou o pisca-alerta. Fique aqui, ela disse a Madison.

Ela abriu a porta do carro e correu. Ela ainda estava com o short e a camiseta da academia.

Escorregou e caiu com força, de joelhos, levantou e continuou correndo, sacudindo os braços no ar, tentando retroceder o tempo a apenas dois minutos antes.



— Arranjem um cobertor, ela está tremendo.



Nick não foi ao enterro. Ele não foi ao enterro. Ele não foi ao enterro. O diretor da escola estava no enterro. Sr. Gordon. Dominick. Ele disse: Lamento muito, Alice. Eu sei que vocês eram amigas muito próximas. E ele a abraçou. Ela chorou em sua camisa. Ele ficou perto dela, enquanto soltavam balões cor-de-rosa no céu cinzento.



Ela não sabia como viver sua vida sem Gina. Ela fazia parte de sua rotina diária. Academia. Café.

Levar as crianças às aulas de natação. As aulas com o pessoal. Tomar conta dos filhos uma da outra. Noites de filmes. Rir de coisas bobas. Claro que ela conhecia muitas outras mães da escola, mas não como Gina.

Toda a alegria se fora.

Tudo parecia sem sentido. Ela chorava a cada manhã, no chuveiro, com a testa grudada nos azulejos do banheiro, o xampu deslizando em seus olhos.

Ela brigava com Nick. Às vezes, arranjava brigas de propósito, pois isso era uma distração de seu pesar. Precisava se conter para não agredi-lo. Queria arranhar, morder, feri-lo.



Um dia, Nick disse: Acho melhor eu me mudar. Também acho. E ela pensou: assim que ele se for, vou ligar para Gina. Gina vai me ajudar.



A sordidez pareceu começar tão rapidamente, com tanta facilidade, como se eles sempre tivessem se detestado, e finalmente tivesse chegado a chance de parar de fingir, deixar claro como se sentiam, um em relação ao outro. Nick queria que as crianças ficassem com ele metade do tempo.

Isso era uma piada. Como ele poderia cuidar delas, sozinho, trabalhando tantas horas? Isso seria uma ruptura e tanto para elas. Na verdade, ele nem as queria. Só queria reduzir o valor da pensão que teria de pagar. Por sorte, ela lembrou que sua velha amiga de trabalho, Jane, se tornara advogada de vara de família. Jane cuidaria dele.



Quatro meses depois que Nick saiu de casa, Dominick a convidou para sair. Eles foram dar um passeio no Parque Nacional e foram surpreendidos pela chuva. Ele era calmo e gentil, sem afetação. Não conhecia os restaurantes certos. Gostava de cafés despretensiosos. Eles falavam bastante sobre a escola. Ele respeitava suas opiniões. Parecia muito mais real do que Nick.

Tinham feito amor pela primeira vez, no outro dia, na casa dele. As crianças estavam com a mãe dela.

(Na noite anterior ao dia em que ela bateu a cabeça!) Foi bonito.

Bom, tudo bem, foi meio estranho. (Por exemplo, ele pareceu pensar que deveria lambe os dedos dos pés dela. De onde ele tirou uma ideia dessas? Aquilo dava cócegas insuportáveis, e ela acidentalmente o chutou no nariz.) Ainda assim, tinha sido adorável ter um homem apreciando seu corpo novamente. Até os dedos dos pés.

Dominick era o tipo de homem certo para ela. Nick havia sido um erro. Como se pode escolher o homem certo quando se tem vinte e poucos anos, e sendo tola?



A tristeza começou a abrandar um pouquinho. Ainda estava ali, mas já não era um peso impossível em seu peito. Ela se mantinha bastante ocupada.



Numa manhã, ela parou no Dinos para tomar café e encontrou uma porção de mulheres reunidas, próximas de uma mulher que estava tendo algum tipo de ataque na calçada. Até o Dino estava lá.

Alice ia desviar os olhos — parecia que a pobre mulher pudesse estar mentalmente doente — quando ela viu, horrorizada, que era sua irmã. Era Elisabeth, e quando Dino contou o que havia acontecido, sua primeira sensação foi de vergonha. Como ela não viu que as coisas tinham ficado tão ruins? Enquanto explicava a Dino pelo que Elisabeth tinha passado, ela sentia uma raiva crescente por si mesma. Foi como se ela tivesse passado a aceitar os abortos de Elisabeth como parte da vida.

Ela levou Elisabeth até o carro e a deixou sentada no banco do passageiro, olhando para a frente, depois voltou e conseguiu acalmar a mãe da criança que Elisabeth aparentemente tentara sequestrar. (Era Judy Clarke. Judy tinha um filho na turma de Madison.) A caminho de casa, Elisabeth disse “Obrigada”, nada mais.

Bem, tudo tem limite. Esse ciclo interminável de abortos espontâneos tinha de parar. Eles simplesmente estavam dando cabeçadas na parede e Elisabeth estava perdendo a cabeça. Alice havia perdido sua melhor amiga e seu casamento tinha desmoronado, mas ela ainda estava tocando a vida. Alguém tinha de pôr algum juízo na cabeça de Elisabeth. Assim que chegou em casa, Alice entrou na internet para pesquisar sobre adoção. Na última quinta-feira, ela tinha feito uma fornada de bolinhos de banana e ligou para Ben, dizendo precisar de uma ajuda com o carro.

Ele disse que já estava indo.



— Será que devemos chamar um médico?

— Não — disse Alice, em voz alta, de olhos fechados. — Estou bem. Apenas me deem um minuto.

Agora ela estava se lembrando da semana passada. Foi como se ela tivesse ficado permanentemente bêbada. Ela estava morta de vergonha.



Na manhã da aula de step, ela tinha comido uma rosca com requeijão de café da manhã, na lanchonete da academia. Foi por isso que seu cérebro confuso tinha ficado pensando em queijo cremoso.

Sair carregada da academia daquele jeito. Como ela deixou de reconhecer a academia? A professora da aula de step? O marido de Maggie, na esteira? Kate Harper saindo do elevador?

O choque de descobrir que ela e Nick estavam se divorciando.

Falar com a assistente de Nick ao telefone. Aquela mulher horrível nunca gostara dela (Alice desconfiava que ela tinha uma queda por Nick) e, desde a separação, se tornara muito ríspida.

Dançando salsa na Noite de Talento. Aquela química que ela imaginou sentir. Meu bom Deus, ela devolvera o anel da vovó Love. Tinha decidido guardar aquele anel para Madison. Agora poderia ir para a nova esposa de Nick, se ele se casasse novamente. Era parte da herança de Madison.

Ele apostara vinte dólares que ela não ia querê-lo de volta depois que recuperasse a memória.

Devia estar rindo dela o tempo todo.

Ela beijara Nick. Isso a deixava enjoada. Ele estava usando a perda da memória para fazê-la concordar com os cinquenta por cento do acordo. Graças a Deus ela não havia assinado nada.

Pelo amor de Deus, eles tinham levado Madison para tomar sorvete e assistir às baleias, depois que ela cortou os cabelos de Chloe Harper. Que tal isso, como forma correta de educar uma delinquente?

Ela dissera à Sra. Bergen que mudara de lado quanto à questão do rezoneamento. Ora, apenas teria de dizer a ela que mudara novamente de lado. Ela não queria ficar morando na casa. Eram lembranças demais.

Tom deveria ser um dos Elvis dançarinos! Ela já tinha o macacão dele pronto. Ele propositadamente não a lembrou.

Nora não mencionou o nome dos patrocinadores no discurso!

Ela precisava verificar toda a papelada para o Livro dos Recordes. Tudo tinha que ser feito corretamente, ou não seria um recorde oficial. Maggie e Nora eram bem-intencionadas, mas realmente não sabiam o que estavam fazendo.

A mãe, em pé, ao seu lado, com a marca de nascença, era Anne Russell, mãe da pequena Kerrie, da turma de Tom. Elas ajudavam juntas, na biblioteca, no mesmo dia. Como ela poderia ter se esquecido de Anne Russell?

Como poderia ter se esquecido de qualquer uma dessas coisas?



Alice abriu os olhos.

Ela estava sentada na grama do pátio da escola.

Nick e Dominick estavam agachados, desconfortavelmente, diante dela.

— Você está bem? — perguntou Nick.

Alice olhou para ele. Ele se retraiu, como se ela o tivesse agredido.

— Você recuperou sua memória — disse ele. Não foi uma pergunta. Ele se levantou. Foi como se tivesse mudado de cara, com uma expressão fria e insípida. — Vou avisar às crianças que você está bem. — Ele se virou, depois olhou de volta para ela e disse: — Você me deve vinte pratas.

Alice se virou para Dominick.

Ele sorriu, a abraçou e disse: — Agora está tudo bem, querida.

Capítulo 33

Alice estava correndo com o celular na mão para não perder a ligação, quando tocasse.

Estava correndo pelo trajeto onde Luke costumava levá-la com Gina. Ela o dispensara. Não tinha como justificar o gasto de 150 dólares por uma sessão de *personal training*. Não se ela e Nick ainda estavam tentando resolver o acordo financeiro. Ela também desistiu da academia. Ultimamente, só gostava de correr e lembrar.

Desde que perdera a memória e a recuperara, ela estava obcecada em se lembrar de sua vida. Ela mantinha um diário e, sempre que ia correr, deixava que as lembranças flutuassem em sua mente. Ao chegar em casa, ela escrevia. Era difícil saber se ela havia recuperado integralmente a memória dos dez anos que perdera, ou se ainda havia brechas. Sabia que antes do acidente não se lembraria da década anterior com perfeição, mas continuava explorando sua mente, em busca de pedaços perdidos.

Hoje ela estava se lembrando de uma noite quando Tom era bebê. Todos lhe disseram que seu segundo filho dormiria maravilhosamente, depois dos problemas com Madison. Todos estavam errados. Tom gostava de “petiscos”. Ele não gostava de se alimentar apropriadamente, a cada três ou quatro horas. Preferia um petisco de hora em hora. *A cada hora*. Isso significava que Alice só dormia quarenta minutos de cada vez, antes de acordar novamente com seus gritos vindos da babá eletrônica.

E, embora Madison fosse pequena, ela ainda nunca tinha dormido uma noite inteira na vida.

Foi uma época em que Alice ficou obcecada pelo sono. Ela o desejava ardentemente. Na televisão, via propagandas de pílulas para dormir, ou de camas com gente dormindo, e aquilo a fazia querer cuspir de tanta inveja. Depois de amamentar Tom, ela seguia, meio que cambaleando, meio que correndo, de volta ao quarto, e mergulhava na cama. Seu sono era povoado de sonhos com o bebê: ela adormecera sobre ele e o sufocara; ela o deixara na mesa de trocar fraldas e ele havia rolado para o chão. E quando estava dormindo profundamente, num sono delicioso, o som do monitor a acordava. Era como estar desesperadamente sedenta e ter alguém lhe entregando um copo de água gelada e depois o tirando de sua boca quando você fosse dar um gole. Era melhor não ter água alguma.

Houve uma noite, em particular, em que Nick partiria cedo, pela manhã, para uma viagem importante de negócios. Ela acabara de deitar na cama, depois de convencer Madison a voltar a dormir — *Por que não posso brincar lá fora agora? Por que é o meio da noite?* — quando Tom começou a chorar. A cabeça dela girava, conforme ela se debruçou no berço, para pegá-lo. Ela sentiu uma onda de puro ódio daquela pessoa que se recusava a deixá-la dormir. *O que você espera de mim?* Ela apertou os braços ao redor do bebê. *Você... precisa... ficar... quieto.*

Ela o deitou novamente, com todo o cuidado. Tom estava enraivecido e gritava como se ela tivesse acabado de colocá-lo numa cama de facas. Alice voltou ao quarto, acendeu a luz e disse, firme, para Nick: — Você precisa me internar. Eu quis machucar o bebê.

Nick se sentou na cama, com os olhos embaçados e confusos.

— Você machucou o bebê?

Alice tremia inteira.

— Não. Tive *vontade*. Eu quis apertá-lo até ele parar de chorar.

— Está certo — disse Nick, calmamente, como se ela tivesse acabado de dizer algo perfeitamente normal. Ele se levantou e a pegou pela mão, levando-a de volta para a cama. — Você precisa dormir.

— Mas preciso amamentá-lo.

— Eu vou dar aquele leite que você guardou no *freezer*. Apenas vá dormir. Vou cancelar a viagem de amanhã. Durma.

— Mas...

— Durma. Apenas durma.

Foi a coisa mais erótica que ele disse para ela. Ele puxou as cobertas até seu queixo, desligou o monitor e saiu, apagando a luz e fechando a porta. O quarto ficou divinamente silencioso e escuro.

Ela dormiu.

Quando acordou, seus seios estavam petrificados, pingando, o quarto estava ensolarado e a casa, em silêncio. Ela olhou o relógio e viu que eram nove horas. Ele fizera mesmo. De fato, havia cancelado a viagem. Ela dormira por seis horas seguidas, de um sono glorioso. Sua visão estava mais nítida, seu cérebro, mais aguçado. Ela desceu e encontrou Nick dando café para Madison, enquanto Tom brincava na cozinha, em seu andador.

— Obrigada — disse Alice, quase delirando de gratidão e alívio.

— Sem problema — Nick sorriu.

Dava para ver o orgulho no rosto dele, pois ele a salvara. Ele consertara as coisas. Sempre adorou consertar as coisas para ela.

Portanto, não era estritamente verdadeiro que ele nunca estivesse presente, ou sempre colocasse o trabalho em primeiro lugar.

Quem sabe se ela tivesse pedido mais ajuda? Se desmoronasse com mais frequência, para que ele fosse o cavaleiro de armadura reluzente (mas isso seria sexista e meio errado, não?); se ela não tivesse se transformado na especialista em tudo o que estivesse relacionado com as crianças; se ela não tivesse sido tão intransigente quando ele vestia as crianças com roupas estranhas, que não combinavam. Ele não suportava quando ela o fazia se sentir um imbecil, então simplesmente parou de ajudar. Orgulho besta, o *dele*.

Orgulho besta o dela, em ser a melhor mãe, a mais profissional. *Posso não ter sido bem-sucedida no mundo, Nick, como aconteceu com a Elisabeth e todas essas mulheres carreiristas, mas me dei bem no meu mundo.*

Ela chegara à parte mais íngreme do trajeto, que sempre fazia Gina usar um vocabulário terrível.

Os músculos de suas panturrilhas queimavam.

Era bom lembrar que, para cada lembrança terrível de seu casamento, também havia uma boa lembrança. Ela queria ver claramente, entender que não era tudo preto, nem tudo branco. Tinha um milhão de cores. E, sim, no fim das contas, não havia dado certo, mas tudo bem. Somente porque um casamento terminou, não significa que não existiram momentos felizes.

Ela pensou naquele estranho período de tempo, logo depois que recuperou a

memória. Em princípio, imagens, palavras, emoções arrebatavam-na em ondas violentas. Ela mal conseguia respirar em meio ao caos. Então, depois de alguns dias, sua mente se acalmou, as lembranças foram se encaixando nos lugares certos, e ela sentiu um tipo de alívio. Sem sua memória, ela teria ficado nadando em águas turvas, meio cega: agora voltara a ter a claridade da visão. E isto era o que via: seu casamento acabara e ela estava apaixonada por Dominick. Era isso. Com Dominick sentia a ternura, o conforto tranquilizador de estar com um homem que estava caído por ela, querendo descobrir quem ela era. Com Nick, tudo o que sentia era amargura, fúria e mágoa. Ele era um homem que já decidira quem ela era, que podia listar todas as suas falhas, tendências irritantes e erros. Ela mal conseguia suportar ficar na mesma sala que ele. A ideia de que ela planejava voltar com ele era aterrorizante e chocante. Como se alguém a tivesse drogado, hipnotizado, enganado e traído.

Não era somente o fato de ter recuperado as lembranças da última década. Era o fato de ter de volta o seu verdadeiro eu, da forma como havia sido *moldado nos últimos dez anos*. Por mais sedutor que tivesse sido apagar a tristeza e a dor daqueles últimos anos, isso teria sido uma mentira.

A jovem Alice era uma tola. Uma tola inocente e meiga. A jovem Alice não tivera a experiência de dez anos de vida.

Mas mesmo tentando argumentar com ela, repreendê-la, sofrer por ela, a jovem Alice recusava-se a ir embora.

Durante os meses que vieram a seguir, ela continuava surgindo. Ela estaria pagando pelo combustível, no posto de gasolina, e se via pegando uma barra divinal de chocolate Lindt. Estaria conversando seriamente com Nick, sobre a complicada logística de alguma programação das crianças, e se via perguntando algo frívolo, sem ter nada que ver com a conversa, como o que ele havia comido no café da manhã. Estaria correndo para a academia, e se pegava ligando para Elisabeth para se encontrarem para um café, em vez de fazer ginástica. Estaria correndo de um compromisso para outro, e ouvia um sussurro em sua cabeça, dizendo: *Relaxe*.

Ela finalmente parou de resistir e pediu uma trégua. A jovem Alice podia ficar, contanto que não comesse chocolate demais.

Agora parecia que ela podia ajustar a lente da vida e enxergar a partir de duas perspectivas totalmente diferentes. A perspectiva de seu eu mais jovem. Seu eu mais jovem, tolo e inocente. E de seu eu mais velho, sábio, mais cínico e sensível.

E, eventualmente, a jovem Alice tinha razão.

Com Madison, por exemplo. Antes de perder a memória, Alice estava passando por uma fase ruim com Madison. Era muito dura com ela, sentia-se muito frustrada por seu comportamento e, na parte mais profunda e envergonhada de sua mente, ela culpava Madison pelo acidente de Gina. Se não tivesse de levá-la ao dentista, naquela manhã, Gina não teria parado naquela esquina, naquela hora.

Em vez disso, elas teriam parado para tomar café.

Madison era esperta o bastante para ter percebido o ressentimento de Alice. Ela já era uma criança que sentia tudo muito intensamente. Vira a amiga da mãe morrendo num acidente e depois a separação dos pais.

Não era de admirar que tivesse aquele comportamento. Elisabeth recomendou um psiquiatra de quem ouvira falar. Um Dr. Jeremy Hodges. Madison ia vê-lo duas vezes

por semana e parecia estar ajudando. Ao menos ela não atacara mais ninguém na escola e o marido de Kate Harper tinha sido transferido para algum lugar da Europa, então agora a família Harper estava fora da vida deles.

Alguém deu uma buzinaada amistosa e Alice ergueu os olhos e viu a Sra. Bergen passando em seu pequeno Honda azul. Era estranho, mas depois de recuperar a memória, Alice percebeu que perdera o interesse na questão do rezoneamento. A ideia de vender a casa para conseguir um bom lucro e se mudar para uma nova casa, sem as lembranças, já não parecia algo tão importante. Ela sabia que as lembranças ruins iriam com ela de qualquer jeito e não queria deixar as boas para trás.

Por outro lado, se os construtores ganhassem, bem, é a vida. As coisas mudam. Ah, sim, claro que as coisas mudam.

Ela chegou à esquina onde Gina morrera e se lembrou novamente daquele momento de terror e descrença. Seu pesar havia mudado desde que ela perdera e recobrou a memória. Estava mais simples, calmo, mais triste. Antes, de alguma forma, ela havia canalizado seu pesar em várias direções distintas: a fúria em relação a Nick (*ele deveria ter ficado do lado de Gina, quando ela rompeu com Mike*); a frieza em relação a Elisabeth (*ela nunca gostou, realmente, de Gina*) e a irritação com Madison (*Gina ainda poderia estar viva, se elas estivessem no mesmo carro*). Ouvir os fatos de sua vida — “Sua amiga morreu” —, sem as lembranças, havia desembaraçado seus sentimentos. Agora, ela apenas sentia falta dela.

O telefone tocou em sua mão. Ela parou para atender, sem olhar o nome no visor.

— Já sabe de alguma coisa? — perguntou Dominick.

— Não! — disse ela. — Pare de ocupar a linha.

— Desculpe — ele riu. — Eu a vejo à noite. Vou levar o frango, certo?

— Sim, sim! Agora me deixa!

Ele gostava de checar as coisas. E checar novamente. E pela terceira vez. Só para ter certeza. Isso poderia se tornar um hábito irritante, mas todos tinham hábitos irritantes. E ela nem pensaria em pedir a Nick que fizesse algo tão humilde como comprar um frango assado, durante um dia de semana! Nick era importante e ocupado demais. Quando Dominick chegava, depois de um dia de trabalho, ele era totalmente presente. Não como Nick, que às vezes agia como se Alice e as crianças não fossem reais, como se sua vida real fosse o escritório. Não era que Dominick também não tivesse um emprego estressante. Nick podia administrar uma empresa, mas Dominick administrava uma escola. E qual dos dois estava contribuindo mais para a comunidade?

Ela só queria parar de comparar Dominick com Nick, como se todas as razões que ela tivesse para amar Dominick fossem simplesmente por ele ser tão diferente de Nick. Às vezes, parecia que todo o *sentido* do relacionamento com Dominick fosse a comparação do relacionamento que ela tinha com Nick.

Outro dia, ela e Dominick tinham ido ao jogo de futebol de Tom, e Nick também estava lá. Ela estava tão atenta ao fato de que ele estava de olho neles, lá do outro lado do campo, que ria com mais força das piadas de Dominick. Para ser honesta, ela ficara até meio enjoada.

O mais terrível era que, mesmo quando Nick *não estava* lá, ela sempre o imaginava observando.

Olhe só nosso aconchego no sofá, assistindo à televisão, Nick. Ele está massageando

meus pés.

Você nunca fez isso. Olhe nós dois caminhando de mãos dadas, entrando nesse café. Sem estardalhaço para achar a mesa “perfeita” — apenas nos sentamos! Olhe, Nick, olhe!

Então, será que isso transformava seu relacionamento com Dominick em nada além de uma performance?

Ela desacelerou o andar, ofegante, e se lembrou de como sentara na cozinha, bebendo vinho com Nick, e o alívio feliz que sentira ao beijá-lo.

Imbecil. Que humilhação. Mas ele retribuía o beijo. Estava disposto a “tentar novamente”.

Ela não tinha absolutamente desejo algum de tentar novamente. Nenhum. Já passara por isso. Era hora de tocar a vida para a frente. Tomara a decisão certa. As crianças adoravam Dominick. Ele provavelmente passara mais tempo com elas do que elas jamais haviam passado com o pai.

E hoje em dia ela e Nick estavam tão civilizados e adultos! Finalmente tinham entrado num acordo quanto ao “tempo que cada um passaria com os filhos”, algo bom para ambos. Nick não ficaria com eles metade do tempo, mas os veria bem mais do que apenas nos fins de semana. Na verdade, ele estava tirando as tardes de sexta-feira de folga do trabalho para buscá-los na escola.

Recentemente, ela se pegava na expectativa de vê-lo quando ele vinha trazer as crianças. Seria um daqueles divórcios “amigáveis”.

Sim, um bom casamento (se fosse tirada a média de tudo), seguido por um bom divórcio. Segundo as crianças, Nick tinha uma namorada. Megan.

Alice não tinha certeza de como se sentia em relação a *Megan*.

O telefone tocou novamente.

Finalmente. Era ele. Ela se sentou na mureta de tijolinhos da casa de alguém.

— Diga-me — disse ela. — Anda logo, conta!

A princípio, ela não conseguia entendê-lo. Ele parecia estar assoando o nariz.

— O quê? O que você disse?

— É uma menininha — disse Ben, em voz alta. — Uma linda menininha.

Capítulo 34

O dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Nunca acreditei que teria um bebê, até ouvi-la chorar.

Desculpe admitir isso, Jeremy, pois sei que você deu o sangue tentando me impedir de virar um caso perdido.

Mas eu nunca acreditei nisso. Naquele dia, no banheiro químico, quando a maior torta merengue de limão do mundo estava sendo assada, eu fiquei convencida de que estava tendo meu último aborto espontâneo.

Então, o sangramento parou. Eram apenas “respingos”, como o mundo médico alegremente chama.

Uma gotinha de chuva. Uma gotinha de incômodo.

Mesmo quando o respingo finalmente parou, eu não acreditava que teria um bebê. Mesmo quando o ultrassom deu normal. Mesmo quando senti o bebê chutando e virando, mesmo quando ia às aulas de pré-natal, escolhi um berço, lavei as roupinhas do bebê, e mesmo quando me disseram, certo, agora faça força, eu ainda não acreditava que teria um bebê. Um bebê de verdade, não.

Até que ela chorou. E eu pensei: *Esse som parece de um bebê recém-nascido de verdade.*

E agora ela está aqui. A pequena Francesca Rose.

Ao longo de todos aqueles anos horríveis, eu quase nunca vi Ben chorar. Agora ele não consegue parar de chorar. Parece que ele tinha barris de lágrimas armazenadas para finalmente libertar. Eu o olho com ela no colo, enquanto ela dorme, e ele está com lágrimas escorrendo pelo rosto. Estamos dando banho, juntos, peço que ele me passe a toalha e descubro que ele está chorando novamente. E digo Ben, *por favor*, querido.

Eu não choro tanto. Estou me concentrando muito em fazer tudo certo. Ligo para Alice para fazer perguntas sobre amamentação. Como sei se ela está mamando o suficiente? Fico preocupada com o choro. O que é desta vez? Gases. Fico preocupada com o peso. A pele (parece um pouquinho ressecada).

Mas, às vezes, no meio da noite, quando ela mama bastante, segura firme e suga bem, subitamente a realidade dela, sua vivacidade, sua perfeição, tudo isso me atinge com tanta força, é como uma paulada, uma felicidade tão imensa, tão incrível que explode como fogos de artifício no meu cérebro.

Não sei como descrever. Talvez seja como a primeira experiência com heroína.

(Como vou convencê-la a simplesmente dizer não às drogas? Será que posso colocá-la em algum tipo de terapia preventiva? O que você acha, J.? Tanta coisa para me preocupar.) De qualquer forma, eu queria lhe contar que finalmente fizemos uma cerimônia pelos bebês perdidos, como você sugeriu. Levamos um buquê de rosas até a praia, num dia calmo e ensolarado de inverno, caminhamos pelas rochas, e as jogamos uma a uma, na água, por cada um dos pequenos astronautas perdidos. Fico contente que tenhamos feito isso. Eu não chorei. Mas enquanto olhava cada rosa flutuando, senti algo se desprender, como se eu tivesse alguma coisa amarrada em meu peito, por muito tempo. Quando caminhávamos de volta ao carro, eu me peguei respirando fundo, e o ar dava uma sensação boa.

(Nós também íamos ler um poema, mas eu achei que os ouvidos da Francesca poderiam ficar frios.

Ela ainda não pegou nenhum resfriado. Outro dia estava fungando um pouquinho, mas pareceu passar, o que foi um alívio. Estou pensando em dar um complexo multivitamínico para ela. Alice disse que não é necessário — de qualquer forma, estou desviando do assunto.) Eu também queria me desculpar por pensar que você fosse um pai convencido, com uma vida perfeita. Quando você me disse, em nossa última sessão, que você e sua esposa, na realidade, também estavam passando por um tratamento de fertilidade, e que a foto em sua mesa não era de seus filhos, mas de seus sobrinhos, senti muita vergonha dos meus pensamentos egocêntricos.

Então, aqui está o meu dever de casa, Jeremy. Sei que você nunca quis ler, mas achei que deveria mandar, de qualquer jeito. Talvez isso o ajude com outros pacientes. Ou talvez o ajude quando sua esposa estiver agindo que nem maluca, pois ela o fará, de vez

em quando.

As Inférteis vieram me visitar ontem, abarrotadas de presentes caros. Foi bem horrível. Sei exatamente o que estavam sentindo. Sei como estavam tentando se conter, prometendo a si mesmas que só ficariam vinte minutos e poderiam chorar no carro, mantendo as vozes leves e alegres, com seus pobres corpos cansados, inchados, cheias de carência, quando cada uma delas segurava o bebê.

Eu reclamei sobre a falta de sono (tivemos uma noite muito ruim) e sabia que estava exagerando, embora eu *soubesse* que não havia nada mais desdenhoso para uma Infértil do que ouvir uma nova mãe reclamando, como se aquilo fosse fazê-la se sentir melhor por não ter seu próprio bebê. É como dizer a um cego: “Ah, claro, você vê montanhas e o sol se pondo, mas também há os lixões e a poluição! Terrível”. Não sei por que fiz isso, mas agora entendo o desejo desesperado e desastrado de fazer as pessoas se sentirem melhor — mesmo quando você sabe perfeitamente que nada o fará. As Inférteis provavelmente vão me pichar no próximo almoço. Duvido que eu volte a vê-las — a distância entre nós é tão grande —, a menos que, eu acho, uma delas se junte a mim, aqui, deste lado.

Não sei se é presunção de minha parte, Jeremy, mas eu estava pensando se você e sua esposa talvez estivessem lutando com o problema quanto ao momento de desistir.

Se for o caso, eu quero dizer algo que não fará sentido algum.

Nós deveríamos ter desistido anos atrás. Agora está tão claro. Deveríamos ter “experimentado outras opções”. Deveríamos ter adotado. Abrimos mão de anos de nossas vidas e quase destruímos nosso casamento. Nosso final feliz poderia e deveria ter chegado muito antes. E, embora eu adore o fato de que Francesca tenha os olhos de Ben, agora também vejo que sua ligação biológica conosco é irrelevante. Ela é sua própria pessoa. Ela é Francesca. Se não fôssemos seus pais “naturais”, ainda a amaríamos do mesmo jeito. Quero dizer, pelo amor de Deus, dei o nome de Francesca em homenagem à sua bisavó, que não tinha qualquer ligação genética conosco, nem fazia parte de nossas vidas, até que eu tivesse oito anos. Eu não poderia amar Frannie mais do que amo.

É isso.

Porém, para ser completamente honesta, tenho de me contradizer.

Porque se sua esposa me perguntar se eu passaria por tudo aquilo novamente, isto é o que eu responderia.

Sim. Absolutamente, sim. É claro que sim. Sem questionamento. Eu passaria por tudo aquilo outra vez, cada agulha, cada perda, cada hormônio tempestuoso, cada segundo de partir o coração, só para estar aqui agora, com minha linda filha dormindo ao meu lado.

P.S.: Estou mandando uma boneca estranha e horrível. Talvez ela ajude. Boa sorte, Jeremy. Acho que você será um ótimo pai. Independentemente do tempo que levar e da forma que vocês escolherem para chegar lá.

Capítulo 35

Grandes reflexões de uma bisavó!

Ela GANHOU O PRIMEIRO LUGAR!

Hoje foi a competição de oratória de Madison. Como mencionei em minhas mensagens anteriores, ela estava competindo com crianças de outras escolas de ensino fundamental, portanto era algo bem importante.

Ela fez um discurso extremamente informativo e divertido sobre recordes mundiais. (Você sabia que o recorde mundial para o número de cascavéis vivas presas ao mesmo tempo pela boca é... oito?)

Estávamos todos muito nervosos antes. Meu querido Xavier estava pálido e transpirando, e Alice estrilava com todos. Quando anunciaram o nome de Madison, nós fomos às alturas. Olivia dançou no corredor. Roger deu um salto e ficou de pé, batendo o cotovelo no olho de uma pobre mulher. (Algo bem constrangedor.) Barb caiu em prantos.

Elisabeth e Ben estavam lá, com a pequena Francesca Rose, que fica mais bonita a cada dia. Tom a mantinha distraída, sacudindo as chaves de Ben. Ele é bom com bebês, pois os acha cientificamente interessantes.

Alice e Dominick pareciam bem felizes juntos. (Alice está bem mais tranquila desde o acidente. Ela perdeu aquela aparência desolada.

Talvez todos nós precisemos de uma boa pancada na cabeça de vez em quando, não?) Estão dizendo que eles vão morar juntos.

Hummm. Tenho certeza de que vocês sabem minha visão quanto a isso! Ouvi dizer que Nick também tem uma nova namorada, embora ela não estivesse lá, ainda bem. Nick se manteve ocupado com a mãe e as irmãs. Creio que o termo moderno para essas mulheres seja “jogo duro”.

Todos me dizem que não há chance de reconciliação entre Alice e Nick. “Sem chance”, todos eles falam, como se eu fosse uma velha iludida. No entanto...

Xavier e eu por acaso estávamos sentados ao lado de Nick, diretamente atrás de Alice e Dominick. Quando anunciaram que Madison era a vencedora, Alice nem olhou para Dominick. Ela se virou para trás e olhou para Nick. Esticou a mão para ele, de um jeito quase involuntário. Ele pegou. Só nas pontas dos dedos. Apenas por uma fração de segundo. Eu vi a expressão nos rostos deles. É tudo o que estou dizendo.

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse...

Eu também vi e acho que você é uma jovem muito sábia. Pronta para ir dormir?

Epílogo

Ela estava boiando de braços abertos, com a água batendo em seu corpo, sentindo o cheiro de sal e coco. Tinha um gosto agradável na boca, de café da manhã... *Bacon e café, talvez croissants.*

Ela ergueu o queixo e o sol da manhã refletia tão intensamente na água que foi preciso apertar os olhos para enxergar os pés à sua frente. As unhas dos pés estavam pintadas cada uma de uma cor.

Vermelho. Dourado. Roxo. Gozado. O esmalte não tinha sido passado direito, estava borrado.

Alguém boiava ao seu lado. Alguém de quem ela gostava muito, que a fazia rir, e que estava com as unhas dos pés pintadas do mesmo jeito. A outra pessoa remexeu os dedos dos pés multicoloridos para ela, de um jeito amistoso, o que a deixou contente. Em algum lugar distante, uma voz masculina gritou: — Marco?

E um coro de vozes de criança respondeu: — Polo!

O homem gritou novamente: — Marco, Marco, Marco?

E as vozes responderam: — Polo, Polo, Polo!

Uma criança riu; uma risadinha gostosa, como um som de borbulhas de sabão.

Estamos no Rio Hawkesbury. São nossas férias mágicas morando no barco.

Alice ergueu a cabeça da água e olhou para Gina. Ela estava de olhos fechados, seus cabelos longos e cacheados flutuavam ao redor de sua cabeça, como algas marinhas.

— Gina! Você não está morta, está?

Gina abriu um olho e disse: — Pareço estar morta?

Alice foi tomada por um profundo alívio.

— Vamos tomar champanhe para comemorar!

— Ah, definitivamente — disse Gina, sonolenta. — Definitivamente.

Alguém vinha nadando em direção a elas. Subindo e descendo o peito, num estilo desajeitado. Os ombros morenos entravam e saíam da água. Era Dominick. Os cabelos colados à cabeça. Gotas de água acumuladas nos cílios.

— Oi, garotas — disse ele, remexendo a água perto delas.

Gina continuou quieta.

Alice se sentiu constrangida na frente de Gina. Por algum motivo, isso era errado. Não era certo Dominick estar ali.

Gina virou de bruços e saiu nadando.

— Não, não, volte aqui! — Alice gritou.

— Ela se foi — disse Dominick, triste.

— Você não deveria estar aqui — disse Alice para Dominick. Ela jogou água nele e ele pareceu magoado. — Essas não são suas férias.

O despertador do rádio disparou. Uma música alta dos anos oitenta quebrou o silêncio da manhã.

Houve uma movimentação e a colcha deslizou dos ombros dela.

— Desculpe. — O rádio foi desligado.

Ela se virou e puxou a colcha novamente.

Um sonho com Gina. Não sonhava com ela fazia tanto tempo. Ela adorava esses sonhos que davam uma sensação tão real, era quase como vê-la novamente, passar outro dia com ela. Exceto pelo fato de que Dominick não deveria aparecer daquele jeito. Parecia uma traição a Nick deixar que Dominick entrasse em suas lembranças das férias no barco. Nick adorou aquelas férias. Ela podia vê-lo em pé, no deque, fingindo ser um pirata.

— Ha, ha, ha!

Ele agarrava Tom pela cintura e dizia: — Hora de passear no deque, meu garoto! — E o jogava para o alto, no ar. Ela via o olhar eufórico de Tom, seu corpinho moreno de menino suspenso no ar, em contraste com o céu azul.

Tom.

Ela abriu os olhos.

Será que Tom tinha voltado para casa, ontem à noite?

Ele prometera estar em casa antes de meia-noite e eles foram deitar cedo. Ela tivera a intenção de levantar e verificar, mas, por alguma razão, adormecera profundamente.

Será que ela tinha a lembrança das chaves dele na porta? O barulho do carro pela entrada da garagem, a música sendo desligada, o barulho explosivo de garotos adolescentes tentando ser silenciosos. Pés grandes subindo a escada.

Ou teria sido em outra noite?

Talvez fosse melhor ela verificar, mas era tão cedo e ela estava com sono e era domingo. Seu dia de dormir até mais tarde. Ela ia se levantar, abrir a porta do quarto e ele estaria ali, esparramado na cama, ainda vestido. O quarto abafado com cheiro de colônia pós-barba e meias sujas. Então, ela ficaria totalmente desperta, sem chances de voltar a dormir. Teria de passar as duas horas seguintes sentada na cozinha, esperando que alguém acordasse.

E era Dia das Mães! Eles deveriam trazer café e presentes para ela, na cama. Se lembrassem. No ano passado, eles esqueceram totalmente. Eram adolescentes, cheios de tragédias e êxtases de suas próprias vidas.

Mas e se Tom não tivesse voltado para casa? E ela não desse queixa de seu desaparecimento até as dez da manhã? “Eu estava dormindo”, ela teria de dizer aos policiais, quando eles perguntassem por que ela havia demorado tanto para relatar que seu filho de dezoito anos havia desaparecido. Os policiais trocariam olhares. Mãe ruim e preguiçosa. Mãe ruim e preguiçosa que merece ter um filho morto no Dia das Mães.

Ela afastou as cobertas.

— Tom voltou para casa — disse uma voz sonolenta ao seu lado. — Eu já fui olhar.

Ela puxou novamente as cobertas.

Tom sempre voltaria para casa. Ele era responsável. Fazia o que dizia que ia fazer. Ele não gostava que lhe fizessem muitas perguntas sobre sua vida (que não passassem de três seguidas, essa era sua regra), mas era um bom garoto. Estava estudando firme para terminar o ensino médio.

Jogando seu futebol e saindo com os amigos, trazendo belas garotas para casa, com rostos ávidos, que pareciam pensar que, se fizessem uma média com Alice, teriam chance. (Como estavam erradas!

Se Alice demonstrasse muito interesse por uma garota, ela nunca mais seria vista.) Foi Olivia quem não voltou para casa numa noite.

Ela não conseguia parar de se surpreender com a transformação de Olivia, passando da garotinha meiga e angelical para a rabugenta, furiosa e reticente adolescente. Ela tingiu os lindos cachos louros de preto e passou a usar os cabelos escorridos; portanto, parecia a Mortícia, da *Família Addams*. — Quem? — perguntara Olivia, zangada. Não dava para falar com ela. Qualquer coisa que se dissesse provavelmente a ofenderia. As batidas da porta de seu quarto reverberavam pela casa, regularmente.

“Odeio a minha vida!”, gritava ela, e Alice fazia buscas sobre suicídio adolescente na internet e de repente a escutava, às gargalhadas, com as amigas, ao telefone. Drogas. Gravidez na adolescência.

Tatuagens. Tudo parecia possível com Olivia. Alice estava bem certa de que precisaria de uma intensa terapia quando Olivia fizesse seu exame de ensino médio, dentro de dois anos. Para si própria.

É só uma fase, Madison lhe dizia. Deixa rolar, mãe.

Madison já ultrapassara toda a angústia adolescente quando chegara aos catorze anos. Agora ela era uma alegria. Tão linda que deixava Alice ofegante de manhã, quando a via descer para o café da manhã, com os cabelos despenteados, a pele translúcida. Estudava Economia na universidade e tinha um namorado caído por ela, o Pete, que Alice começava a ver como um filho a mais (o que era uma pena, pois ela tinha uma terrível impressão de que Madison partiria seu coração, num futuro próximo). Tudo passara tão rápido. Num minuto, eles estavam dirigindo o carro do hospital para casa, com um bebê miudinho, enrugadinho e magrinho. No outro, ela tinha pernões, maçãs do rosto saltadas e era cheia de opiniões.

— Passa tão rápido — ela disse a Elisabeth, mas Elisabeth não acreditou nela. De qualquer forma, agora era ela a especialista em assuntos de maternidade. Mesmo ainda não tendo filhos adolescentes, ela sabia mais. Alice queria dizer: *Espere só até que sua linda e pequenina Francesca comece a dormir até meio-dia, vagando pela casa e tendo um ataque de fúria quando você sugerir que ela mude de roupa, antes que seja novamente a hora de ir para a cama.*

Mas Elisabeth estava ocupada demais para ouvir. Ocupadíssima.

Ela e Ben acabaram adotando três menininhos do Vietnã, depois que Francesca nasceu.

Dois eram irmãos. O caçula tinha sérios problemas de asma e estava constantemente entrando e saindo do hospital. Um estava fazendo terapia com um fonoaudiólogo, para gagueira. Francesca fazia natação, o que exigia aulas bem cedo, pela manhã. Elisabeth estava envolvida com a comunidade de expatriados vietnamitas, um grupo de apoio para pais adotivos e, é claro, era a tesoureira da Associação de Pais e Amigos da Escola. Ela também voltara a remar e estava magra como um palito.

Ela e Ben também tinham dois cachorros, um gato, três porquinhos-da-índia e um aquário. Aquela casinha silenciosa que Alice visitara, todos aqueles anos atrás, quando Elisabeth se recusava a sair da cama, agora era um verdadeiro pandemônio. Alice ficava com dor de cabeça depois de cinco minutos.

Por sorte, todos viriam aqui hoje, para o almoço do Dia das Mães, em vez de irem à casa de doidos de Elisabeth. E Madison, a menina preciosa, iria cozinhar.

Durma, Alice, em algumas horas a casa estará cheia de gente.

A mamãe e Roger chegariam cedo. Eles estavam desesperados para mostrar as

fotografias das suas férias recentes, quando foram à Convenção de Dança Latina, em Las Vegas. Como Frannie disse um ano antes de morrer: “Eles criaram uma vida inteira ao redor da salsa”. Xavier acrescentara: “Ao contrário de nós. Nós criamos uma vida inteira ao redor do sexo”. Frannie ficou sem falar com ele uma semana, de tão humilhada que se sentiu ao ouvi-lo falar daquele jeito, na frente dos netos.

Frannie morrera em paz e inesperadamente, enquanto dormia, um ano atrás. Ela passara os últimos anos de sua vida defendendo a legislação a favor da eutanásia, discutindo e fazendo as pazes com Xavier, e escrevendo em seu *blog*. Centenas de leitores do *blog*, de todos os cantos do mundo, mandaram flores e cartões quando ela morreu.

Xavier viria hoje. Ele parecia ter ficado bem frágil depois da morte de Frannie. Ficava sentado numa cadeira confortável, em algum lugar, sob o sol, sem falar muito, e acabava dando umas cochiladas.

Alice passava dias e semanas sem pensar muito em Frannie, mas, em reuniões de família como esta de hoje, ela sabia que haveria ao menos um momento em que sua ausência a atingiria como um chute no estômago.

Ah, Frannie, teríamos gostado que você passasse mais alguns anos conosco.

Durma. Ande logo e durma.

Ela dormiu e sonhou novamente com Gina.

Gina, Mike, Nick e Alice estavam sentados ao redor da mesa de jantar, depois de uma longa noite de comida e bebida.

— Eu me pergunto o que estaremos fazendo em dez anos — disse Gina.

— Estaremos mais grisalhos, mais gordos e enrugados — disse Nick, que estava ligeiramente bêbado. — Mas tomara que nós quatro ainda sejamos amigos, sentados ao redor de uma mesa, assim, conversando sobre nossas lembranças.

— Óóóó... — disse Gina, erguendo seu copo. — Você é tão doce, Nick.

— De preferência, num iate — disse Mike.

Era um sonho, ou uma lembrança?

— Alice — disse uma voz, em seu ouvido.

Alice abriu os olhos.

O rosto de Nick estava marcado pelos lençóis.

— Você estava sonhando com Gina?

— Eu disse o nome dela?

— Sim, e o de Mike.

Ainda bem que ela não dissera o nome de Dominick. Ele ainda ficava meio estranho em relação a Dominick. Será que Nick às vezes sonhava com aquela tal de Megan? Ela o olhou, desconfiada.

— O quê? — perguntou ele.

— Nada.

— Feliz Dia das Mães.

— Obrigada.

Ele disse: — Trarei um café pra gente, num minuto.

— Está bem.

Nick fechou os olhos e imediatamente voltou a dormir.

Alice colocou as mãos atrás da cabeça e pensou em seu sonho. Dominick havia

surgido porque ela o vira no supermercado, ontem. Ele estava estudando uma embalagem de fio dental, como se sua vida dependesse daquilo. Ela teve a sensação de que ele a vira primeiro e não estava a fim de um daqueles papos entusiásticos do tipo “vamos fingir que isso não é estranho”, então ela disparou para outro corredor.

Era tão esquisito pensar que ela havia seriamente considerado passar o resto de sua vida com ele.

(Agora ele estava casado com uma das outras mães da escola; provavelmente pensava a mesma coisa dela.)

Ultimamente, Madison andava fazendo uma porção de perguntas sobre o ano em que eles ficaram separados.

— Se você não tivesse perdido a memória durante aquele tempo, acha que teria voltado com o papai? — perguntara ela, ainda ontem.

Alice ficava morta de culpa ao pensar o que eles fizeram as crianças passar durante aquele ano.

Ela e Nick eram tão *jovens*, davam tanta importância aos próprios sentimentos.

— Acha que nós causamos danos a vocês? — ela perguntou a Madison, ansiosa.

— Não precisa ficar histérica, mãe. — Madison suspirou, com ar de sabedoria.

Será que eles teriam reatado, se ela não tivesse perdido a memória?

Sim. Não. Provavelmente, não.

Ela se lembrou daquela tarde quente, alguns meses depois que Francesca nasceu. Nick deu uma passada lá, para devolver uma mochila que Tom deixara em seu carro. As crianças estavam nos fundos, na piscina, e Alice, Dominick e Nick estavam no gramado da frente, recordando os verões de infância, quando brincavam com os irrigadores de grama, antes das restrições da água. Alice e Dominick estavam em pé, juntos, e Nick estava ligeiramente separado.

A conversa levou Alice e Nick a contarem para Dominick como eles haviam pintado a varanda da frente, num calor de quarenta graus. Tinha sido um desastre. A tinta secou rápido demais e começou a rachar e descascar.

— Você estava de péssimo humor naquele dia — Nick disse a Alice. — Batendo os pés, botando a culpa em mim. — Ele a imitou batendo os pés.

Alice deu um empurrão nele.

— Você também estava de mau humor.

— Eu virei um balde d’água em você, para acalmá-la.

— Depois eu joguei a lata de tinta em você, e você ficou *maluco*. Saiu correndo atrás de mim.

Parecia o Frankenstein.

Eles riram com a lembrança. Não conseguiam parar de rir. A cada vez que seus olhares se cruzavam, eles riam com mais força.

Dominick sorriu, inquieto.

— Acho que teria de estar ali para ver.

Isso os fez rir mais.

Quando eles finalmente pararam e limparam as lágrimas dos olhos, as sombras no gramado estavam mais longas e Alice viu que ela estava em pé ao lado de Nick, e Dominick estava separado, como se ela e Nick fossem o casal, e Dominick fosse o visitante. Ela olhou para Dominick e os olhos dele estavam tristes. Todos eles souberam.

Talvez já soubessem, ao longo dos últimos meses.

Três semanas depois, Nick voltou para casa.

O engraçado era que Nick nem se lembrava daquele momento no gramado. Ele achou que ela tinha imaginado aquilo. Para ele, o momento significativo foi na competição de oratória de Madison.

— Você se virou para trás e me olhou e eu pensei, sim, ela me quer de volta.

Alice nem se lembrava disso.

— Em que você está pensando?

Alice piscou. Nick estava em pé, na frente da cama, olhando-a.

— Seu rosto ficou tão sério.

— Panquecas — disse Alice. — Espero que sejam panquecas boas pra valer.

— Ah, bem, serão. Madison está cozinhando.

Ela o viu puxando as cortinas e olhando o dia, lá fora. Ele ergueu a janela e respirou satisfeito. O clima obviamente tivera sua aprovação. Depois ele entrou no banheiro da suíte, tirando a camiseta, coçando a barriga e bocejando.

Alice fechou os olhos e se lembrou daqueles primeiros meses, logo depois que Nick voltou.

Às vezes, era superfácil ser feliz novamente. Outras vezes, eles viam que precisavam “tentar”, e a tentativa parecia tola e sem sentido, e Alice acordava no meio da noite, pensando em todas as vezes em que Nick a magoara, e ficava imaginando por que ela não tinha ficado com Dominick. Mas também havia outros momentos — momentos inesperados e quietos, quando eles olhavam um para o outro, e todos os anos de tristeza e alegria, épocas ruins e boas pareciam se fundir num sentimento bem mais forte e complexo e real do que qualquer um daqueles sentimentos ingênuos que ela tinha por Dominick, ou mesmo o amor que ela sentira por Nick naqueles primeiros anos.

Ela sempre pensara que aquela época feliz, do começo do relacionamento com Nick, era o máximo, o sentimento que eles sempre estariam tentando reviver, tentando voltar àquilo, mas agora percebia que isso estava errado. Isso era como comparar água gasosa com champanhe francês. O amor do começo é excitante, empolgante. É leve e borbulhante. Qualquer um pode amar assim. Mas o amor depois de três filhos, depois de uma separação e quase divórcio, depois de magoar um ao outro e perdoar um ao outro, aborrecer um ao outro e surpreender um ao outro, de ter visto o melhor e o pior de cada um — bem, esse tipo de amor é inefável. Ele merece sua própria palavra.

E é bem possível que ela alcançasse esse sentimento com Dominick um dia. Nunca foi o fato de Dominick estar errado e Nick estar certo. Ela poderia ter tido uma vida perfeitamente feliz com Dominick.

Mas Nick era Nick. Ele chegou primeiro e era o pai de seus filhos. Ele sabia o que ela queria dizer, quando ela falava: “Ai, meu Zeus”. Eles tinham compartilhado lembranças demais. Era simples e complicado assim.

Quando Olivia começou o ensino médio, Alice passou a trabalhar por conta própria como consultora de angariação de fundos para eventos. Trabalhar pareceu dar uma nova perspectiva ao seu relacionamento com Nick. Às vezes, eles saíam para jantar, depois que os dois tinham trabalhado, e ela sentia uma atração totalmente nova por ele. Dois profissionais flertando na mesa. Havia o *frisson* de um caso. Era muito bom saber que o relacionamento deles podia continuar mudando.

Subitamente, Nick parou ao lado da cama, olhando-a, com a mão no peito.

— O quê? — Alice sentou. — Dor no peito? Está com dor no peito?

Ela era paranoica com dor no peito.

Ele tirou a mão e sorriu.

— Desculpe. Não. Eu só estava pensando.

— Deus — disse ela, irritada, deitando novamente. — Quase sou *eu* que morro do coração.

Ele se ajoelhou na cama, ao lado dela. Ela abanou a mão para afastá-lo: — Não escovei os dentes.

— Ah, pelo amor de Deus — disse ele. — Estou tentando dizer algo profundo.

— Prefiro que você seja profundo quando estou com dentes limpos.

— Eu só estava pensando — disse ele — em como sou grato por você ter batido a cabeça naquele dia. Todos os dias eu faço uma oração agradecendo a Deus por ter criado o exercício aeróbico de *step*.

Ela sorriu.

— Isso é muito profundo. Muito romântico.

— Obrigado. Eu me esforço.

Ele baixou a cabeça e ela foi dar um beijo amistoso (ela não tinha escovado os dentes; estava impaciente por seu café), mas o beijo ficou inesperadamente adorável e ela teve aquela sensação lacrimosa de cócegas no fundo dos olhos, enquanto uma vida inteira de beijos preenchia sua cabeça; desde o primeiro beijo de namorado novinho em folha até o “Pode beijar a noiva”, passando por aquele beijo com a barba por fazer, com os olhos vermelhos, depois que Madison nasceu, até o lindo e ardente beijo depois que ela rompeu com Dominick e disse a Nick (em pé, no estacionamento do McDonald’s, com as crianças discutindo no banco traseiro do carro): “Será que você pode, por favor, voltar pra casa agora?”.

A porta do quarto se abriu e Nick pulou de volta para seu lado da cama, sorrindo. Madison estava equilibrando uma bandeja arrumada para o café da manhã, Tom estava segurando um imenso buquê de girassóis e Olivia tinha um presente.

— Feliz Dia das Mães pra você — eles cantaram com a melodia de “Parabéns a você”.

— Estamos tentando nos redimir pelo ano passado — explicou Madison, enquanto colocava a bandeja no colo de Alice.

— Eu espero que sim — disse Alice. Ela pegou o garfo, deu uma garfada na panqueca e fechou os olhos.

— Hummmmm.

Eles pensaram que ela estivesse saboreando o paladar (mirtilo, canela, creme — excelente), mas na verdade ela estava saboreando a manhã inteira, tentando captá-la, prendê-la, guardá-la, antes que todos esses momentos preciosos também se tornassem outra lembrança.



Agradecimentos

Um agradecimento especial às minhas adoráveis irmãs, Jaclyn e Nicola Moriarty, por lerem e comentarem meus primeiros rascunhos.

Obrigada à minha prima, Penelope Lowe, pelos conselhos sobre questões médicas, e à minha amiga Rachel Gordon, por pacientemente responder a questões sobre a vida de mãe de crianças em idade escolar.

Agradeço às minhas maravilhosas editoras ao redor do mundo: Cate Paterson e Julia Stiles, na Austrália, Melanie Blank-Schroeder, na Alemanha, e Lydia Newhouse, no Reino Unido. Vocês todas ajudaram a fazer de *As lembranças de Alice* um livro melhor.

